

Idalina de Almeida Ferreira

**PARA O ESTUDO SEMÂNTICO DOS ADJETIVOS ADVERBIAIS
TEMPORAIS E ASPETUAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU**

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras
da Universidade do Porto para obtenção do
grau de Doutor em Linguística.
Sob a orientação da Professora Doutora
Fátima Oliveira.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2012

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	5
DEFINIÇÕES DE ADEJTIVOS; RELAÇÕES DE AJDETIVOS COM OUTRAS CATEGORIAS GRAMATICAI E CLASSIFICAÇÕES DE ADJETIVOS	5
1. DEFINIÇÕES DE ADJETIVOS	5
2. RELAÇÕES DOS ADJETIVOS COM OUTRAS CATEGORIAS GRAMATICAI	7
2.1. Relações adjetivo / nome	7
2.2. Relações adjetivo / verbo	8
2.3. Relações adjetivo / advérbio	9
3. DA CLASSIFICAÇÃO TRADICIONAL ÀS ABORDAGENS SEMÂNTICAS	11
3.1. Classificação tradicional de adjetivos: Cunha & Cintra (1984)	12
3.2. Demonte (1999)	15
3.2.1. Adjetivos numerais (Eduren & Fábregas, 2006)	17
3.2.2. Adjetivos intensificadores (Marengo, 1995; Romero, 2005)	18
3.3. Huddleston (1984)	20
3.4. Abordagens semânticas de adjetivos	22
3.4.1. Kamp (1975)	23
3.4.2. Keenan & Faltz (1980)	23
3.4.3. Chierchia & McConnel-Ginet (1990)	29
3.4.4. Partee (1995, 2001, 2005)	34
3.5. Outras classificações semânticas	38
3.5.1. Adjetivos massivos / adjetivos contáveis (Rothstein, 1999, 2004)	38
3.5.2. Adjetivos escalares – escala aberta / escala fechada (Kennedy & Levin, 2008)	41
4. SÍNTESE	44
CAPÍTULO 2	46
TEMPO E ASPETO	46
1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TEMPO E O ASPETO	46
1.1. O Tempo	47
1.1.1. Presente do Indicativo	51

1.1.2. Pretérito Perfeito Simples	52
1.1.3. Futuro	53
1.1.4. Tempos dêiticos e anafóricos	53
1.1.5. Localização temporal e adverbiais de tempo	54
1.1.6. Localização temporal e adjetivos	55
1.2. O Aspeto	57
1.2.1. Classes aspetuais	59
1.2.1.1. Estados	61
1.2.1.2. Distinção estados / eventos	61
1.2.1.3. Eventos	63
1.2.2. Aspeto e adjetivos	65
1.2.2.1. Predicados <i>stage level</i> / <i>individual level</i>	65
1.2.3. Classes aspetuais e adjetivos	69
1.2.3.1 Dinamismo / Estatividade	69
1.2.3.2. Telicidade / Atelicidade	70
3. SÍNTESE	70
CAPÍTULO 3	73
ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS	73
1. INTRODUÇÃO	73
2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS	77
2.1. Adjetivos adverbiais temporais em posição atributiva	78
2.2. Adjetivos adverbiais temporais em posição predicativa	80
2.3. Adjetivos adverbiais temporais e graduabilidade	81
2.4. Adjetivos adverbiais temporais e modificação intersectiva	84
2.5 Adjetivos adverbiais temporais e modificação restritiva	84
3. ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS E O TEMPO	84

3.1. Conceções de adjetivos temporais	85
3.1.1. Gross (1996)	85
3.1.2. Borillo (2001)	86
3.1.3. Fiorin (2003)	86
3.1.4. Balogh (2006)	87
3.2. Distinção adjetivos temporais / adjetivos de idade	88
3.3. Adjetivos dêiticos / adjetivos anafóricos	90
3.3.1. Adjetivos dêiticos	91
3.3.1.1. Adjetivos que exprimem anterioridade relativamente ao momento de enunciação	91
3.3.1.1.1. <i>passado</i>	92
3.3.1.1.2. <i>recente</i>	94
3.3.1.1.3. <i>distante</i>	97
3.3.1.1.4. <i>longínquo</i>	99
3.3.1.1.5. <i>recuado</i>	100
3.3.1.1.6. <i>último</i>	101
3.3.1.1.7. <i>antigo</i>	103
3.3.1.1.8. <i>novo</i>	104
3.3.2. Síntese	106
3.3.3. Adjetivos que exprimem simultaneidade / sobreposição relativamente ao momento de enunciação	108
3.3.3.1. <i>atual</i>	108
3.3.3.2. <i>presente</i>	110

3.3.3.3. <i>corrente</i>	112
3.3.3.4. <i>moderno</i>	112
3.3.5. Síntese	113
3.3.6. Adjetivos que exprimem posterioridade com o momento de enunciação	115
3.3.6.1. <i>próximo</i>	116
3.3.6.2. <i>iminente</i>	120
3.3.6.3. <i>vindouro</i>	121
3.3.6.4. <i>futuro</i>	122
3.3.7. Síntese	123
3.3.8. Conclusões	124
3.3.9. Adjetivos anafóricos	126
3.3.9.1. Adjetivos anafóricos não graduáveis	126
3.3.9.2. Adjetivos anafóricos graduáveis	130
3.4. Síntese	133
3.5 Adjetivos dêiticos e anafóricos	135
4. CONCLUSÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS	137
4.1. Divisão de adjetivos	137
4.2. Adjetivos em função atributiva	138
4.3. Adjetivos em função predicativa	139
4.4. Graduabilidade	141
4.5. Influência dos determinantes na interpretação	143
4.6. Tipos de nomes modificados	146

4.7. Modificação intersectiva / restritiva	150
4.8. Localização temporal	152
CAPÍTULO 4	155
ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS	155
1. INTRODUÇÃO	155
2. ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS / ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS	157
3. ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS QUE EXPRIMEM DURAÇÃO	158
3.1. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua	158
3.1.1. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua não delimitada	160
3.1.2. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua delimitável	162
3.1.2.1. O caso de <i>longo</i> – entre o não delimitado e o delimitável	170
3.1.3. Adjetivos de duração contínua delimitada	172
3.2. Semelhanças e divergências entre os adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua	173
3.3. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua	174
3.3.1. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua que exprimem iteratividade	175
3.3.2. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua que exprimem habitualidade	177
3.3.3. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua que exprimem frequência	178
3.3.3.1. Stump (1981)	179
3.3.3.2. Schäfer (2007)	180

3.3.4. Pontos de contacto e divergências entre os adjetivos de duração descontínua	182
3.4. Entre a medida da duração e a contagem de situações – o caso dos adjetivos denominais que referem períodos de tempo	183
4. ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS QUE NÃO EXPRIMEM DURAÇÃO	187
5. PREDICAÇÕES DE INDIVÍDUO E DE ESTÁDIO	190
5.1. Predicações adjetivais de indivíduo e de estágio	191
5.1.1 A questão da faseabilidade	197
5.1.2. A questão da telicidade	204
5.1.3. O caso de <i>longo</i> novamente	206
5.1.4. O caso dos adjetivos aspetuais denominais novamente	209
5.2. Presença de adverbiais nas predicções com adjetivos aspetuais	210
5.2.1. Adverbiais de localização temporal	211
5.2.2. Adverbiais de contagem	212
5.2.3. Adverbiais de medição	215
5.2.4. <i>longo</i> novamente	217
5.2.5. Relação dos adjetivos aspetuais com advérbios terminados em <i>–mente</i>	218
5.3. Adjetivos massivos / contáveis	223
6. CONCLUSÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS	225
CAPÍTULO 5	227
CONCLUSÕES	227
1. Classificações de adjetivos adverbiais	227
2. Caracterização de adjetivos adverbiais temporais	229
3. Caracterização de adjetivos adverbiais aspetuais	233

4. Caracterização de adjetivos adverbiais temporo-aspetuais	240
5. Perspetivas para investigação futura	242
BIBLIOGRAFIA	244

AGRADECIMENTOS

É minha obrigação que, antes de apresentar este trabalho, manifeste a minha gratidão às pessoas que me ajudaram a concretizá-lo.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Fátima Oliveira pelo que me tem ensinado desinteressada e abnegadamente ao longo dos anos, pelo incentivo para o trabalho, pela paciência e pelo tempo dispendidos comigo, pela amizade.

Não esqueço os meus colegas e amigos do grupo de Semântica do CLUP com quem, em trabalhos de investigação, em reuniões de trabalho ou em outros projetos, colaborei e que sempre me têm dado apoio. Ao António Leal, à Fátima Silva, ao Joaquim Barbosa, ao Luís Filipe Cunha, à Purificação Silvano, à Sónia Valente Rodrigues, muito obrigada.

Não posso esquecer também o Jorge, meu informante permanente.

O meu agradecimento vai ainda para o Centro de Linguística da Universidade do Porto, instituição que me acolheu e que muito tem contribuído para o meu enriquecimento no domínio da Linguística.

Cabe aqui ainda um agradecimento às bibliotecárias do CLUP, em especial à Dra. Deolinda, sempre prontas a satisfazer as minhas solicitações.

RESUMO

Tradicionalmente, os adjetivos dividem-se em dois grandes grupos: os qualificativos e os relacionais. Na literatura, é abundante a informação sobre esses adjetivos. No entanto, existem outros, aos quais não se tem dado tanta atenção, que não atribuem propriedades aos nomes, não qualificam, não são classificadores nem exercem funções temáticas. Estes adjetivos, que constituem um grupo numeroso em português, são designados por Demonte (1999) adjetivos adverbiais, cabendo-lhes a função de modificar os aspetos concetuais, espaciais, temporais e aspetuais dos nomes.

Neste trabalho, o principal objetivo é descrever e caracterizar duas subclasses desses adjetivos: os adjetivos adverbiais temporais e os aspetuais. Os primeiros têm como função localizar temporalmente as situações em que estão envolvidos e os segundos, avaliar a duração das eventualidades.

Como estes adjetivos não constituem classes homogêneas, dividimo-los em grupos – os temporais, de acordo com a posição que ocupam no eixo temporal e com a sua função dêitica ou anafórica; os aspetuais, de acordo com a sua duração e frequência -, tendo-se verificado que há adjetivos que podem pertencer simultaneamente aos dois grupos, pois, embora localizando as situações, também indicam a sua duração.

Devido a tratar-se de um trabalho de caráter semântico, analisámos as propriedades semânticas que definem estes adjetivos. Assim, no caso dos adjetivos temporais, abordámos a modificação que estes adjetivos operam, nomeadamente nos domínios da restrição e da intersectividade; relativamente aos aspetuais, observámos o seu comportamento sobretudo no que diz respeito às suas propriedades como predicado estativo e às possíveis combinações com adverbiais temporais.

ABSTRACT

Traditionally, the adjectives are divided into two large groups: the qualificative and the relational. In the literature, the information about these adjectives abounds. However, there are others, which have not been the focus of so much attention, that do not ascribe properties to nouns, do not qualify, do not classify or have thematic roles. These adjectives, which constitute an extensive group in Portuguese, are named by Demonte (1999) adverbial adjectives and they are described as having the function of modifying conceptual, spatial, temporal and aspectual features of nouns.

In this work, our main objective is to describe and characterise two subclasses of these adjectives: the temporal and aspectual adverbial adjectives. The function of the former is to locate temporally the situations in which they are involved and of the latter is to evaluate the duration of the situations.

Since these adjectives do not constitute homogeneous classes, we divided them into groups – the temporal, according to the position that they occupy on the temporal axis and to their deictic or anaphoric function; the aspectual, according to their duration and frequency. Nonetheless, we observed that there are adjectives that can simultaneously be part of the two groups, because, although they locate situations, they also indicate their duration.

Due to the semantic nature of this work, we analysed the semantic properties that define these adjectives. Therefore, in the case of temporal adjectives, we investigated the modification that these adjectives operate, namely, in the domains of restriction and intersectivity. As far as aspectual adjectives are concerned, we looked into their behaviour mainly with respect to their features as stative predicates and to possible combinations with temporal adverbials.

INTRODUÇÃO

Os adjetivos qualificativos e os relacionais têm sido objeto de estudo sistemático nos domínios sintático e léxico-sintático, sendo muito mais escasso relativamente àqueles que Demonte (1999) classifica como adverbiais. Com efeito, esta autora apresenta uma tipologia que inclui os adjetivos designados como adverbiais que, por sua vez, são subdivididos em intensionais (modais e marcadores da intensão ou referência), circunstanciais (temporais, espaciais e de modo) e aspetuais. Esta proposta de Demonte (1999) pareceu-nos motivadora, mas, dada a sua abrangência e pouco aprofundamento, selecionámos para objeto de investigação os adjetivos temporais e os aspetuais. Na sequência deste estudo, tentámos aprofundar a semântica destes adjetivos sobretudo no que diz respeito ao tempo e ao aspeto, pois consideramos que os raros e dispersos trabalhos que existem não articulam estas duas categorias linguísticas, sendo, por isso, necessário e fundamental o seu estudo para a compreensão dos adjetivos adverbiais.

Este trabalho tem, pois, como principal objetivo investigar as propriedades semânticas que caracterizam os adjetivos adverbiais circunstanciais temporais e os adjetivos adverbiais aspetuais, conforme as designações propostas por Demonte (1999). Essas propriedades, relacionadas com o tempo e com o aspeto, permitir-nos-ão fazer ainda subdivisões que mostrarão, de forma mais precisa, as diferenças que ocorrem entre adjetivos do mesmo grupo e que nos permitirão também compreender os motivos pelos quais estes adjetivos não se enquadram nas classes tradicionais de adjetivos.

Para alcançar este objetivo, a investigação articula-se em várias fases que se complementam: num primeiro momento, descreve-se não só as relações de aproximação que os adjetivos mantêm com outras classes gramaticais, mas também as que os diferenciam e que permitem afirmar-se como uma classe autónoma; em seguida, após se ter feito uma caracterização breve da tipologia clássica de adjetivos qualificativos e relacionais, apresentaremos várias tipologias de adjetivos, desde a tradicional às de cariz marcadamente semântico, destacando-se nestas a emergência de uma terceira classe – adverbiais, numa perspetiva léxico-sintática (Demonte, 1999); não predicativos e intensionais, numa perspetiva puramente semântica (Chierchia, 1995, Demonte 1999).

A par da apresentação das classes de adjetivos, descrevem-se e discutem-se algumas das suas características sintático-semânticas quer em posição atributiva (questões de restrição/não restrição, de intersectividade/subsectividade) quer em posição predicativa

(predicados de indivíduo/estádio). Pela própria natureza dos adjetivos considerámos que o tratamento deveria ser semântico e, nesse ponto de vista, faremos um tratamento integrado de um conjunto razoável dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais propondo uma classificação geral destes adjetivos que, por sua vez, se reorganizam em subclasses.

Na tradição gramatical, os adjetivos pertencem a duas classes – os qualificativos e os relacionais – assentando basicamente esta divisão em critérios de ordem sintática e semântica. Eis as suas principais diferenças:

Tipicamente, os adjetivos qualificativos participam em construções predicativas, aceitam modificadores de grau e, em posição atributiva, antepõem-se e pospõem-se ao nome que modificam. Os adjetivos relacionais, pelo contrário, só ocupam, em princípio, a posição atributiva, não admitem participar em construções comparativas nem aceitam ser modificados pelo advérbio *muito* e colocam-se obrigatoriamente à esquerda do nome. A eventual possibilidade de participarem em construções de grau significa que se recategorizaram como qualificativos. Embora alguns adjetivos qualificativos possam ser denominais, os relacionais são tipicamente denominais. Estas propriedades estão presentes nas frases abaixo, sendo (1), (2) e (3) exemplos de adjetivos qualificativos, (1'), (2') e (3') exemplos de relacionais, mostrando (3'') a recategorização de um adjetivo relacional em qualificativo:

- (1) Os alunos são simpáticos.
- (1') *O código é laboral.
- (2) senhora elegante/elegante senhora
- (2') código administrativo/ *administrativo código
- (3) um miúdo muito esperto
- (3') *um consultório muito médico
- (3'') um modo muito português de estar na vida

Sob o ponto de vista semântico, quer os adjetivos qualificativos quer os relacionais atribuem propriedades aos nomes. No entanto, diferem entre si pelo facto de os qualificativos atribuírem apenas uma propriedade e os relacionais atribuírem várias, mais complexas e diversificadas.

Porém, estas duas tipologias são insuficientes para dar conta de todos os adjetivos de que dispomos na língua, pela simples circunstância de existirem formas adjetivais que não se enquadram nem na classe dos qualificativos nem da dos relacionais. Observemos mais alguns exemplos:

- (4) O António é um verdadeiro amigo.
- (5) A Maria teme uma possível subida da gasolina.
- (6) Na AR tem havido duros debates.
- (7) O Pedro vai nas próximas férias à Grécia.
- (8) O PR tem encontros periódicos com o PM.

Como se pode observar, os adjetivos que se encontram nestas frases revelam algumas características específicas dos qualificativos, como a da possibilidade de alguns participarem em construções predicativas, por exemplo, mas, por outro lado, não atribuem qualidades ou propriedades aos nomes. De facto, não se pode defender que, em “verdadeiro amigo”, o adjetivo atribua uma qualidade ao indivíduo denominado “António”, mas, antes, ao conceito de amizade; também em “possível subida da gasolina”, não se poderá afirmar que o adjetivo *possível* seja uma propriedade da “subida da gasolina”. Igual observação se poderá fazer a propósito dos outros exemplos. Por isso, vários autores sustentam que existe um terceiro tipo de adjetivos, adverbiais, (cf. Demonte (1999)) que, conforme o nome ao qual se associam ou conforme o seu significado intrínseco, tomam diferentes designações de acordo com as suas funções. Nos exemplos acima, (4) e (5) são modais, (6), (7) e (8) são circunstanciais (de modo (6), temporal (7) e aspetual (8), (cf. Demonte, 1999)¹.

Neste trabalho, a nossa atenção incide especialmente sobre os adjetivos adverbiais temporais e aspetuais. Sobre os primeiros, temos interesse em avaliar o seu comportamento na sua função de introdutores de tempo dêitico e anafórico e as circunstâncias em que essas funções interagem com as características de qualquer adjetivo. Sobre os adjetivos aspetuais, procuramos analisar a duração das situações nas quais estes adjetivos estão envolvidos e os tipos de repetição de eventualidades que eles exprimem. Devido à heterogeneidade da classe dos adjetivos que nos propomos estudar e ainda à dificuldade de, muitas vezes, distinguir um adjetivo temporal de um adjetivo

¹ Para o português, Brito (2003, pp. 377/378) divide os adjetivos que não são qualificativos nem relacionais em: modificadores do significado ou intensão dos nomes, negativos e conjeturais, modais e temporais-aspetuais.

aspetual, procuramos fazer essa distinção e consideramos a emergência de uma nova classe – a dos adjetivos temporo-aspetuais.

Este trabalho compõe-se de cinco capítulos. O primeiro capítulo destina-se a fazer a caracterização da classe gramatical “adjetivo” e a apresentar várias tipologias classificatórias. Como pretendemos que este estudo constitua uma abordagem semântica dos adjetivos, desenvolvemos de preferência esta vertente, tendo em atenção sobretudo as propostas dos autores selecionados relativamente a questões de restrição e de intersectividade.

Como o trabalho tem como objetivo o estudo dos adjetivos temporais e aspetuais, no segundo capítulo fazemos uma revisão da literatura sobre o tempo e o aspeto, de forma a podermos enquadrar o nosso estudo nas concepções dos autores que aí são referenciados.

O terceiro capítulo é dedicado aos adjetivos temporais e às suas funções enquanto localizadores temporais das situações em que estão integrados. Propomos também, seguindo divisões já efetuadas por Borillo (2001) e por Fiorin (2003), a nossa divisão dos adjetivos.

No quarto capítulo, defendemos uma divisão dos adjetivos aspetuais segundo a forma como exprimem a duração e a repetição das situações em que estão envolvidos, apresentando as características que necessariamente os distinguem.

Finalmente, no quinto capítulo, apresentamos as conclusões da nossa investigação.

Optámos por utilizar para a maior parte deste trabalho exemplos manipulados e consulta a informantes. Recorremos também ao CETEMPúblico, ao Corpus Vercial e a dicionários do português e do francês, devidamente referenciados na Bibliografia.

CAPÍTULO 1

DEFINIÇÕES DE ADJETIVOS, RELAÇÕES DOS ADJETIVOS COM OUTRAS CATEGORIAS GRAMATICAIS E CLASSIFICAÇÃO DE ADJETIVOS

1. DEFINIÇÕES DE ADJETIVOS

Durante séculos, os adjetivos não constituíram uma classe autónoma. Para os filósofos gregos, estavam ligados aos verbos, sendo, posteriormente, associados aos nomes. Jerónimo Soares Barboza, na *Grammatica Philosophica* (1822) dedica-lhes bastante atenção e, embora os considere “nomes adjectivos”, isto é, como tendo “uma parte nominativa”, defende que são distintos dos nomes, pois estes propõem as ideias principais e os adjetivos as ideias acessórias, são “objectos dos nossos discursos para se combinarem e compararem” (p. 74). Sempre que se refere aos adjetivos, é uma caracterização semântica que propõe: “Todo o nome que se ajunta a um substantivo para o modificar, ou determinando-o, ou explicando-o, ou restringindo-o, é para mim um adjectivo, quer seja declinável quer indeclinável. Esta é a ideia que leva consigo todo o nome adjectivo, isto é, a de uma ideia accessoria que modifica outra.” (p. 76).

O carácter modificador do adjetivo é também tido em consideração, muito mais tarde, noutra gramática do português, a de Cunha & Cintra (1984): “O adjectivo é essencialmente um modificador do substantivo”. (p. 247). A esta definição os autores acrescentam funções dos adjetivos que são marcadamente semânticas: caracterizar os seres e estabelecer relações com o substantivo. É de sublinhar que Cunha & Cintra (1984) ainda utilizam as designações “nome substantivo” e “nome adjectivo” para distinguir nome de adjectivo em situações como as seguintes:

- (1) Uma preta velha vendia laranjas.
- (2) Uma velha preta vendia laranjas.

Cunha & Cintra (1984, p. 248)

Em (1), “preta” é a palavra-núcleo, por isso é nome substantivo; em (2), a palavra-núcleo é “velha”, portanto “preta” é nome adjetivo. Consideramos, contrariamente aos autores, que, nesta última aceção, a interpretação de “preta” poderá ser ambígua.

Atualmente, a definição que subsiste é a de modificador do nome, embora, por vezes, a noção de modificador não esteja bem explicitada, pois ora é utilizada como modificador sintático ou adjunto ora como modificador semântico. Bosque (2010), por exemplo, refere o carácter modificador do adjetivo no sentido em que traz ao sintagma nominal novas informações. Mas refere também que o modificador não é requerido pelo sintagma nominal, podendo ser omitido sem que esse sintagma perca a sua gramaticalidade²; logo, trata-se de uma caracterização sintática da modificação.

De acordo com McNally (2012, p. 1), “The term modifier (and modification, the function a modifier carries out) is difficult to define in intuitive terms. A first informal approximation might be, for example, to say that a modifier adds additional, non-essential descriptive content to that contributed by the expression that it combines with; in this respect, a modifier would contrast with an argument, which would provide descriptive content that is some how required by the expression it combines with”.

Na definição de adjetivo, Demonte (1999) procura a conciliação entre sintaxe e semântica. Afirma que, sintaticamente, se trata de uma categoria que, aplicada a um nome, concorda com ele em género e em número e que pode, em posição predicativa, exercer a função de predicativo do sujeito ou de predicativo do objeto direto e que, semanticamente, o adjetivo não tem capacidade de, por si só, funcionar como expressão referencial, estando, por isso, impossibilitado de exercer as funções sintáticas de sujeito e de objeto direto. Embora não tendo esse potencial referencial, o adjetivo possui uma característica semântica relevante: atribui aos nomes que modifica uma propriedade ou um conjunto de propriedades, conforme a subclasse a que pertença.

² Bosque (2010) acrescenta que nem sempre o modificador pode ser apagado, sobretudo em expressões indefinidas com nomes não contáveis, como em “A Ana tinha um ar triste” /* “A Ana tinha um ar”.

2. RELAÇÕES DOS ADJETIVOS COM OUTRAS CATEGORIAS GRAMATICAIIS

Se, durante tanto tempo, os adjetivos não foram uma categoria gramatical independente das outras, vários motivos concorreram para isso. De facto, afinidades morfológicas, fonológicas, sintáticas e semânticas que possuem em comum com outras classes de palavras contribuíram para que estivessem integrados nelas. A seguir, apresentamos algumas dessas afinidades e também algumas características que os distinguem.

2.1. Relações adjetivo/nome

Como os nomes e os adjetivos apresentam algumas semelhanças morfológicas, nomeadamente o contraste de género e de número e afixos de derivação, verifica-se, por vezes, que, no que diz respeito à distinção adjetivo/nome, se confundem estas duas classes gramaticais, como já pudemos observar nos exemplos (1) e (2) de Cunha & Cintra (1984) apresentados atrás. Demonte (1999) expõe duas particularidades dos adjetivos que os diferenciam dos nomes, que estão patentes nos exemplos seguintes do português:

- (3) O teu casaco é da mesma cor/lã que o meu.
- (4) * O teu casaco é da mesma bonito que o meu.
- (5) O João tem uma namorada muito jeitosa.
- (6) * O João tem uma muito namorada.

Estes exemplos mostram que a proposta de Demonte (1999) tem como objetivo explicitar que os nomes possuem um conjunto de condições que os capacitam para a identificação de um indivíduo ou de uma classe de indivíduos, condições a que os adjetivos não têm acesso. Esta particularidade pode ser observada nos exemplos (3) e (4) com a utilização de uma palavra denotadora de identidade como “mesmo”: os nomes aceitam-na, os adjetivos rejeitam-na. De facto, os nomes podem denotar indivíduos e, nessa medida, pertencem a classes; os adjetivos são predicados. É por isso que adjetivos como “pobre”, “rico” “inteligente”, quando podem ser elementos de uma classe, é-lhes

permitido recategorizarem-se como nomes; porém, essa mudança de categoria só é possível ser realizada através dos determinantes. Os exemplos (5) e (6) têm o objetivo de mostrar a boa aceitabilidade da graduação dos adjetivos em contraste com os nomes dado que aquilo que efetivamente se gradua são as características dos indivíduos e não os indivíduos.

2.2. Relações adjetivo/verbo

Referimos atrás que na perspectiva da filosofia tradicional grega, o verbo estava ligado ao nome. Aristóteles concebia a estrutura lógico-semântica das proposições em termos de dez categorias e, segundo o seu ponto de vista, a categoria “substância” era primordial, sendo as outras consideradas acessórias. Assim, numa proposição, o sujeito era sempre um substantivo e os restantes elementos da predicação, que constituíam o *rhēma*, eram o verbo, o adjetivo ou outro substantivo. Nesta função remática, não se fazia distinção entre verbos e adjetivos.

Hoje, considera-se que adjetivos e verbos pertencem a categorias gramaticais diferentes; surgem, no entanto, por vezes, dúvidas na sua distinção devido a afinidades de carácter morfológico entre os participios e os adjetivos, como a própria forma, os contrastes de género e de número, e a variação em grau. Vejamos algumas diferenças que nos permitem distingui-los nos níveis morfológico, sintático e semântico³.

Morfologicamente, os participios não admitem prefixos de negação (*imbebido, *incomido), a não ser que os herdem dos verbos dos quais derivam; se os admitirem, trata-se então de adjetivos com forma participial, mas que não derivam de verbos. É o caso de *inesperado* que não é formado a partir de um verbo, porque não existe o verbo “inesperar”⁴. Outra diferença de carácter morfológico é a impossibilidade de se formarem advérbios terminados em *-mente* a partir de participios (“*bebidamente”, “*comidamente”). A existência de formas como “abreviadamente” ou “complicadamente” indica que os advérbios se formaram a partir de adjetivos, embora “abreviado” e “complicado” também se utilizem como participios.

³ Estas diferenças são baseadas no estudo de Bosque (2002) para verbos transitivos. Há algumas exceções, apontadas por este autor, mas, como não é objetivo deste trabalho o estudo dos participios, não aprofundamos aqui esta questão.

⁴ Veja-se também Duarte & Oliveira (2010) sobre a formação dos participios com o prefixo *-in*. Segundo as autoras, em português, contrariamente ao inglês, só os participios estativos permitem este prefixo (inato/*inascido, incompleto/*incompletado, por exemplo).

No plano sintático, os participípios não podem ser modificadores pré-nominais (“*o traduzido livro”). A colocação do participípio anteposto ao nome constitui, aliás, um bom critério de distinção entre adjetivo e verbo.

Sob o ponto de vista semântico, adjetivo e participípio fornecem informações aspetuais diferentes. Em Bosque (1999), lê-se que “los adjetivos denotan propiedades individuales (como *alto*) o episódicas (como *seco*) (...) Los participios denotan también propiedades episódicas, pero además designan estádios perfectivos (...) “el adjetivo muestra una propiedad del objeto (...) mientras que el participio denota el estadio del objeto que manifiesta el resultado de cierta acción que se ha ejercido sobre él o de algún proceso que ha experimentado” (p. 277). Assim, o participípio poderá designar um estado resultante de um evento, como se poderá observar em “um autocarro retirado da circulação”, sendo “retirado” um participípio, e manifestará uma propriedade em “um lugar retirado do mundo”, sendo, neste caso, um adjetivo.

Tendo aplicado a proposta de Embick (2004) para o português, Duarte & Oliveira (2010) apresentam uma tipologia tripartida de participípios: os eventivos, os resultativos e os estativos. Os participípios das três primeiras frases ilustram estes três tipos, constituindo (10) um exemplo da proposta de Bosque (1999) para os adjetivos:

- (7) O autocarro foi retirado da circulação pela administração da STCP.
(participípio eventivo/passiva)
- (8) O autocarro ficou retirado da circulação (depois de ter sofrido várias avarias). (participípio resultativo)
- (9) O autocarro encontra-se retirado da circulação (por imposição dos técnicos da STCP). (participípio estativo).
- (10) O monge vive num lugar retirado do mundo (por imposição dos estatutos da Ordem). (adjetivo/estativo)

2.3. Relações adjetivo/advérbio

Como veremos mais adiante, Demonte (1999) introduz uma nova classe de adjetivos designada adjetivos adverbiais e a justificação avançada pela autora para a escolha desta designação está relacionada com a possibilidade de certos adjetivos que, não atribuindo propriedades aos nomes, terem uma interpretação adverbial e poderem, por isso, se, transformado o sintagma em que ocorrem em frase, ser substituídos por advérbios.

Note-se, porém, que não se trata, nesta classificação de Demonte (1999), da função adverbial de certos adjetivos como *rápido*, presente em (11)⁵.

(11) O Rui saiu, mas chegou rápido/rapidamente.⁶

Embora mais raramente, também um advérbio pode exercer a função de adjetivo, como ilustra o exemplo (12):

(12) A Ana é uma menina bem.

Para além desta alternância de funções, adjetivos e advérbios têm outros pontos em comum. Apesar de estas duas classes diferirem no que diz respeito à sua morfologia, existe um número considerável de advérbios formados a partir de adjetivos, que são todos aqueles que terminam em *-mente*. No domínio sintático, é facultada a ambas as classes a possibilidade de exercerem a função sintática de predicativo do sujeito e de serem modificadores, embora em certas predicções o advérbio seja um complemento e em certos sintagmas nominais o adjetivo seja um elemento obrigatório⁷.

Esta função modificadora manifesta-se, no entanto, de maneira diferente nestas duas classes gramaticais. Enquanto o adjetivo modifica nomes (“floresta tropical”), o advérbio modifica adjetivos (“O filme era muito bom”), verbos (“A Ema dança bem”), advérbios (“O deputado fala muito bem”), quantificadores (“Os alunos portam-se bem, exceto dois rapazes”), sintagmas preposicionais (“O João alimenta-se exclusivamente de vegetais”), frases (“Portugal não ganhará o Euro, provavelmente”) e nunca modifica nomes.

Outros aspetos de carácter aspetual e temporal destas duas classes de palavras serão abordados num capítulo posterior.

⁵ Foltran (2010) designa-os “adjetivos adverbiais”; para Bosque (2002) são “advérbios adjetivais”.

⁶ Nem todos os adjetivos com funções adverbiais permitem a substituição por um advérbio. É o caso de “A Maria fala baixo” cujo adjetivo não possui contrapartida adverbial (*“baixamente”) ou então como na frase “A Maria fala alto” cuja interpretação difere de “A Maria fala altamente”. Estes problemas são tratados em Foltran (2010).

⁷ Em “porta-se bem”, o advérbio é um complemento assim como em “O João está apto para entrar na universidade”, o predicado adjetival desempenha a função de predicativo do sujeito.

3. DA CLASSIFICAÇÃO TRADICIONAL ÀS ABORDAGENS SEMÂNTICAS

Os adjetivos, devido às complexas propriedades que manifestam, têm constituído um vasto domínio de estudo, sobretudo no que diz respeito à sua distribuição em classes e às suas funções e interpretação. Essas particularidades têm dado origem a diferentes perspectivas de abordagem, predominando, contudo, as que se inscrevem nos domínios da sintaxe e da semântica.

Neste capítulo, seguem-se algumas propostas de classificação de adjetivos. Começamos com a classificação de Cunha & Cintra (1984), porque, embora não faça parte das habituais abordagens semânticas, os autores usam alguns critérios de natureza semântica, numa gramática considerada tradicional, para provarem as diferenças entre qualificativos e relacionais e que nos servirão de contraponto às abordagens semânticas que se seguirão. Apresentamos, imediatamente a seguir, a proposta de Demonte (1999), que consiste na divisão dos adjetivos de acordo com o seu significado intrínseco e cuja novidade reside no facto de acrescentar às duas classes tradicionais (qualificativos e relacionais) uma nova classe - a dos adjetivos adverbiais. Incluímos nesse parágrafo os adjetivos numerais porque, apesar de Demonte (1999) não os referir, consideramos que eles podem integrar-se, pelo menos em certos contextos, na classe dos adverbiais temporais, objeto de estudo deste trabalho. Integramos ainda no mesmo parágrafo outra abordagem muito divulgada na literatura francesa (Marengo, 1995; Romero, 2005) por a nova classe adjetival proposta por esses autores – a dos adjetivos intensivos – se encontrar disseminada pelas três classes propostas por Demonte (1999). Embora não pretendamos analisar nem comentar classificações de carácter sintático, apresentamos também a de Huddleston (1984), pois este autor assim a considera, permitindo-nos confrontá-la com as de cariz semântico. Além disso, problemas sintáticos de posição dos adjetivos na frase e no sintagma estão intimamente ligados com a semântica desta classe de palavras. Como este trabalho aborda essencialmente aspetos semânticos, apresentaremos classificações de carácter semântico (Kamp, 1975; Keenan & Faltz, 1980; Chierchia, 1990; Partee, 2001/2003/2007). Para além destas classificações, apresentaremos ainda outras, marginais a estas, que complementam as já existentes, procurando estabelecer possíveis relações entre todas elas.

3.1. Classificação tradicional de adjetivos: Cunha & Cintra (1984)

Tradicionalmente os adjetivos dividem-se em duas grandes classes: os qualificativos, que denotam qualidades ou propriedades, e os relacionais, que, pelo facto de serem denominais, não denotam qualidades ou propriedades, mas expressam relações⁸: “de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc.”(Cunha & Cintra, 1984, p. 247). Numa Observação, estes autores esclarecem que “OS ADJETIVOS DE RELAÇÃO, derivados de substantivos, são de natureza classificatória⁹, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.” (pp. 247-248). Como se pode verificar, nesta nota, os autores utilizam critérios semânticos para mostrarem as diferenças entre qualificativos e relacionais¹⁰. As duas características citadas por Cunha & Cintra (1984) que distinguem os relacionais dos qualificativos estão patentes nas frases abaixo:

- (13) a. A Maria usou um maravilhoso vestido na festa.
b. A Maria usou um vestido maravilhoso na festa.
- (14) A Maria é uma mulher muito elegante.
- (15) a. A festa das crianças realizou-se no parque municipal.
b. *A festa das crianças realizou-se no municipal parque.
- (16) a. O João é contra a energia nuclear.
b. * O João é contra a energia muito nuclear.

Os exemplos mostram que, em português, os adjetivos qualificativos podem antepor-se ou pospor-se ao nome que modificam e que podem ser modificados por um advérbio de intensidade enquanto os adjetivos relacionais não permitem tais

⁸ Mélis-Puchulu (1991) considera que “todos os adjetivos denominais são semanticamente adjetivos de relação, isto é, adjetivos que instauram uma relação entre o sentido do seu nome retor e o do seu nome de base”. (tradução nossa)

⁹ A natureza classificatória dos adjetivos relacionais considerada aqui por Cunha & Cintra (1984) difere da designação “classificador” utilizada por outros autores, como Bosque & Picallo (1996), por exemplo. Neste caso, a “natureza classificatória” a que se referem está relacionada com o carácter restritivo do adjetivo relacional.

¹⁰ Casteleiro (1981) admite estes dois tipos de adjetivos, mas considera que aquilo que os distingue é de natureza sintática.

ocorrências¹¹. Também do ponto de vista estritamente semântico, poder-se-á referir que os qualificativos atribuem apenas uma propriedade ao nome ao qual se aplicam e os relacionais atribuem mais do que uma propriedade, na medida em que se deve ter em consideração não só o próprio adjetivo, mas ainda o nome do qual provém (cf. Demonte, 1999).

Outras diferenças subsistem entre qualificativos e relacionais. Apresentaremos mais uma das que ocorrem entre eles por meio das seguintes frases:

- (17) a. Foi inaugurado um auditório municipal luxuoso.
- b. Foi inaugurado um luxuoso auditório municipal.
- c. *Foi inaugurado um auditório luxuoso municipal.

Os exemplos evidenciam a necessidade de os relacionais permanecerem em estreita adjacência ao nome, colocando-se à sua direita e que, sempre que o sintagma contenha também adjetivos qualificativos, estes devem obrigatoriamente ocupar a posição à direita dos relacionais ou à esquerda do nome.

A classe dos qualificativos é considerada a mais numerosa e variada, sendo constituída por vários grupos¹² que apresentam características sintáticas muito semelhantes; porém, não é homogênea, visto que os adjetivos de cor, de forma e aqueles que são formados a partir de verbos resultativos apresentam características sintáticas e semânticas diferentes da maioria.

A classe dos relacionais também não é homogênea. Bosque e Picallo (1996) encontram diferenças substanciais entre eles, propondo a sua divisão em argumentais ou temáticos e classificadores. Os temáticos serão todos aqueles que desempenham funções

¹¹ Tradicionalmente, considera-se que a distinção qualificativo/relacional mais significativa assenta na oposição predicativo/não predicativo. Assim, um adjetivo qualificativo seria predicativo (“Este jardim é maravilhoso.”) e um adjetivo relacional seria não predicativo (“? O jardim é público.”). No entanto, o adjetivo relacional pode também, em determinados contextos, ser predicativo. Por exemplo, se a expressão nominal em que ocorre for precedida de demonstrativo (“Este jardim é público.”) e que, implícita ou explicitamente, traduza uma oposição entre duas ou mais entidades.

¹² Dixon (1977) estabelece classes de adjetivos qualificativos: dimensão, velocidade, propriedade física, cor, idade, valoração e propensão ou capacidade humana. Em Dixon (2006), este autor divide os adjetivos em quatro tipos semânticos nucleares: de dimensão, de idade, valorativos e de cor. Refere ainda tipos semânticos periféricos como os de propriedade física, os de propensão humana e os de velocidade. Acrescenta que algumas línguas possuem também adjetivos que exprimem dificuldade, semelhança, qualificação, posição e número. Convém referir que, entre estes últimos, se incluem muitos dos adjetivos adverbiais propostos por Demonte (1999).

temáticas¹³, modificando, portanto, nomes com estrutura argumental, e os classificadores, que, tal como a sua designação indica, classificam ou designam um tipo dentro de uma determinada classe. (18) e (19) são exemplos de frases em que estão presentes um adjetivo temático e um adjetivo classificador, respetivamente.

(18) A decisão ministerial não agradou aos professores.

(19) Os professores andam com problemas neurológicos.

Em (18), o adjetivo exercerá o papel semântico de agente, desempenhando, portanto, uma função temática enquanto o adjetivo presente em (19) se aplica a um nome que pode ser modificado por outros adjetivos que se incluem em classes, como “psiquiátricos”, “cardíacos”, etc. No entanto, Bosque (2010) adverte que os classificadores nem sempre são relacionais¹⁴, havendo alguns que se integram na classe dos qualificativos. A semelhança com os relacionais deve-se ao facto de só se poderem colocar em posposição ao nome que modificam e por não serem graduáveis. Sendo assim, e utilizando o exemplo de Bosque (2010), em “pedras preciosas”, o adjetivo é classificador, porque designa uma variedade de pedras e em “preciosas pedras”, o adjetivo deixa de ser classificador já que, devido à mudança de posição, adquire uma interpretação diferente e, consequentemente, sofre um processo de recategorização, tal como consta na já citada nota apresentada por Cunha & Cintra (1984). Um outro exemplo de adjetivo classificador não relacional é o seguinte:

(20) O Jorge gosta muito de vinho tinto de Amarante.

Ao contrário do exemplo retirado de Bosque (2010), o adjetivo “tinto” não é deslocável, tendo, por consequência, sempre a mesma interpretação.

A classificação binária qualificativo/relacional é ainda insuficiente para dar conta das mais variadas características do elevado número de adjetivos existentes no português. Se tomarmos como exemplo o adjetivo “diário” em “banho diário”, constatamos que ele evidencia todas as características dos relacionais, como a posição fixa, a

¹³ Demonte (1999) distingue três tipos de adjetivos relacionais: aqueles que correspondem a funções gramaticais de complemento; aqueles que correspondem a uma função temática de adjunto; aqueles com significado de parte/todo, continente/conteúdo; fundo/forma, integrado no nome.

¹⁴ Rio-Torto (2006) apresenta, relativamente aos adjetivos classificadores, uma perspetiva semelhante à de Bosque.

impossibilidade de ser modificado por um intensificador, por ser denominal, mas, semanticamente, distancia-se deles pelo facto de poder indicar a repetição de um evento (“o banho que se toma todos os dias”). Logo, segundo Demonte (1999), deverá integrar-se noutra classe, a que nos referiremos a seguir.

3.2. Demonte (1999)

Tendo em conta o seu significado intrínseco, Demonte (1999) acrescenta às duas classes tradicionais já referidas uma terceira - a dos adjetivos adverbiais - que não qualifica os nomes nem os descreve. A designação “adverbiais” deve-se à possibilidade de, numa frase, estes adjetivos serem parafraseáveis por advérbios. O exemplo a seguir ilustra uma situação desse tipo:

- (21) a. A seleção teme uma nova derrota no campeonato da Europa.
- b. A seleção teme ser novamente derrotada no campeonato da Europa.

Note-se que a substituição de um adjetivo deste tipo pelo advérbio correspondente é sempre possível, mas pode, no entanto, provocar alteração no significado da frase como o exemplo a seguir torna evidente:

- (22) a. Compro o meu jornal habitual na livraria S. Jorge.
- b. # Compro o meu jornal habitualmente na livraria S. Jorge.

Em (22) b., o advérbio utilizado não corresponde ao adjetivo visto que não está relacionado com o nome “jornal”, mas com a situação de “comprar o jornal”. No capítulo dedicado aos adjetivos temporais, retomaremos esta questão.

Também estes adjetivos são suscetíveis, ainda segundo Demonte (1999), de serem divididos em grupos, contrariando, assim, a ideia de que eles possam ser inclassificáveis¹⁵. Deste modo, a autora distingue entre os adverbiais os modais, os

¹⁵ A designação “inclassificáveis” deve-se a Schnedecker (2002). Para Feuillet (1991) pertencem a um “terceiro tipo” (situacionais de lugar, situacionais de tempo e situacionais de existência).

marcadores da intensão ou referência¹⁶, os circunstanciais e os aspetuais de que se mostram exemplos, respetivamente.

- (23) Não se prevê uma possível melhoria nas condições de vida dos portugueses.
- (24) As medidas para combater a crise estão a ser uma autêntica desilusão para muitos portugueses.
- (25) Não há boas perspectivas para os jovens nos próximos anos.
- (26) Os frequentes aumentos de impostos agravam a situação das famílias.

Os adjetivos modais e os marcadores da intensão são muito restritivos no que se refere à posição: nuns casos, como “mero” e “alegado”, entre outros, a anteposição ao nome que modificam é a única que lhes é possível ocupar¹⁷; noutros casos, como os dos marcadores de intensão, também a posição à esquerda do nome é obrigatória, existindo contudo formas homónimas desses adjetivos que, colocados à direita do nome, se classificam como qualificativos.¹⁸ Segundo Demonte (1999), no que diz respeito aos circunstanciais de modo e espaciais e ainda aos aspetuais, a posição será arbitrária.

Referimos acima que os adjetivos adverbiais são adjetivos com formas homónimas dos qualificativos. A distinção entre eles reside no tipo de nomes que modificam. Nos exemplos a seguir, pode observar-se a recategorização de qualificativos (versões a.) em adverbiais intensionais e circunstanciais (versões b.) quando o nome modificado é uma nominalização, um nome de evento ou de objeto (no caso dos temporais).

(27) a. O texto está curto.

¹⁶ Para Demonte (1999), os adjetivos adverbiais marcadores da intensão ou referência são aqueles que se referem “a la manera como el concepto se aplica al referente” (p. 207). Estes adjetivos dividem-se em dois grupos consoante “orientan la interpretación hacia la unicidad, singularidad y compacidad del referente” (p. 207) como “único” e “determinado”, por exemplo, ou “orientan en cambio la interpretación hacia la exhaustividad de la referencia” (p. 207) como, por exemplo, “verdadero” e “simples”.

¹⁷ Certos adjetivos intensionais podem ocorrer pospostos ao nome, se houver coordenação de adjetivos do mesmo tipo:

- a. Des vrais coupables/*des coupables vrais
- a’ Des vrais ou faux coupables/des coupables vrais ou faux
- b. Les anciens sénateurs/*les sénateurs anciens
- b’. les anciens ou actuels sénateurs/les sénateurs anciens ou actuels

(Abeillé & Godard, 1999)

¹⁸ Adjetivos intensionais e adverbiais podem, contudo, aparecer pospostos, sem verem a sua classificação alterada, caso estejam coordenados (cf. Miguel, 2004):

- a. Os antigos ministros/os ministros antigos e os atuais

No Capítulo 3, retomaremos esta questão.

- b. A reunião foi curta.
- (28) a. Hoje fui visitar uma igreja antiga.
 - b. Hoje fui visitar uma antiga igreja.
- (29) a. O TGV é um comboio rápido.
 - b. A viagem foi rápida.
- (30) a. A noite estava morna.
 - b. O debate transmitido pela televisão esteve morno.
- (31) a. O Rui é inteligente.
 - b. O Rui toma sempre atitudes inteligentes.

Tendo em conta as versões b., constata-se que adjetivos que tipicamente são considerados qualificativos de dimensão e de velocidade, (27 a.) e (29 a.), respetivamente, se recategorizaram em adjetivos adverbiais aspetuais e um adjetivo de idade como *antigo* (cf. (28) a.) pode ser interpretado como temporal; (30 b.), mostra a recategorização de qualificativo de propriedade física em adverbial de modo e em (31 b.) observa-se o uso de um qualificativo de atitudes e propensões humanas como intensional.

Neste trabalho, utilizaremos a classificação proposta por Demonte (1999), embora, sempre que se torne necessário, recorramos às outras classificações.

3.2.1. Adjetivos numerais (Eduren & Fábregas, 2006)

Pelas suas características, não podem ser integrados nem na classe dos qualificativos nem na dos relacionais os tradicionalmente chamados numerais ordinais. O *Dicionário Terminológico* (2008) considera-os uma classe distinta da dos qualificativos e da dos relacionais por possuírem apenas a função de exprimir ordem ou sucessão. Contudo, Eguren e Fábregas (2006) consideram que estes adjetivos se comportam como os relacionais, quando pospostos ao nome, pois apresentam todas as peculiaridades destes, tendo, nesse caso, a função de cardinalidade, exatamente semelhante à dos numerais cardinais em posposição, já que, tal como esses cardinais, atribuem um número ao nome; antepostos, seriam, utilizando a terminologia de Demonte (1999), circunstanciais (temporo-espaciais), revelando as mesmas características destes e indicando, desta vez, a posição que a entidade denotada pelo nome ocupa dentro de uma série ordenada de entidades. Estas características são evidentes nos exemplos a seguir:

- (32) a. No Artigo Segundo (dois) da Constituição está consagrado o estado de direito democrático.
- b. * No Artigo muito Segundo da Constituição está consagrado o estado de direito democrático.
- c. No Segundo (*dois) Artigo da Constituição está consagrado o estado de direito democrático.

Os exemplos mostram que, de facto, em posposição, os adjetivos numerais apresentam o mesmo comportamento dos relacionais e que, antepostos, não podem ser substituídos por um numeral cardinal. Contudo, a dicotomia atribuição de número/identificação de posição numa escala ordenada apresentada pelos autores citados é, por vezes, muito subtil e pouco visível em frases do português como mostra o exemplo seguinte:

- (33) a. Camões começou a narrar a História de Portugal no Canto Terceiro.
- b. Camões começou a narrar a História de Portugal no Terceiro Canto.

Atendendo à possibilidade de os adjetivos numerais poderem estabelecer uma relação temporal com o momento de enunciação, incluímo-los, neste trabalho, no grupo dos adverbiais temporais¹⁹.

3.2.2. Adjetivos intensificadores (Marengo, 1995; Romero, 2005)

Dando exemplos de adjetivos como *enorme* em “enorme desejo” e *terrível* em “calor terrível”, Romero (2005) contesta a sua classificação quer como qualificativos quer como classificadores, defendendo que a sua função é a de situar a ocorrência no cimo da escala que define o nome. Trata-se então de adjetivos intensivos que põem em evidência a noção de grau, constituindo, por isso, na sua opinião, um caso particular de quantificação. No entanto, apesar de os exemplos apresentados pertencerem tipicamente ao grupo dos qualificativos, também muitos do grupo dos adverbiais podem, em dadas

¹⁹ Exemplo de um adjetivo numeral exprimindo sucessividade e, podendo, simultaneamente, localizar temporalmente é *segunda* em “Segunda Guerra Mundial”, se houver, por parte do falante, conhecimento enciclopédico que lhe permita fazer a localização temporal da situação.

circunstâncias, tornarem-se intensivos. É o caso, por exemplo, de *verdadeiras* em “verdadeiras férias” que, nesta expressão, não qualifica o nome (como em “férias calmas”, por exemplo) nem indica um tipo preciso de férias. Giry-Schneider (2005) considera que estes adjetivos intensivos pertencem ao já mencionado “terceiro tipo”, refutando, por isso, a inclusão do adjetivo *verdadeiro* no grupo dos intensificadores, pois, tal como outros designados por Demonte (1999) como marcadores do significado ou intensão dos nomes, não marca nem a quantidade nem a afetividade; e, contrariamente aos intensivos quantificadores, é compatível com todo o tipo de nomes; e, ainda, contrariamente aos afetivos, não permite uma construção exclamativa (*“Que verdadeiras férias!”). Segundo Giry-Schneider (2005), a classificação de um adjetivo como intensivo dependerá, portanto, de condições sintáticas e do tipo de nome modificado. Contrariamente a esta autora, Marengo (1995) havia já defendido que o adjetivo *verdadeiro* pode ser intensivo, mas considera também que os adjetivos intensivos modificam nomes que denotam propriedades intensificáveis, isto é, nomes de qualidade, nomes de estado e nomes de afeto, que, combinados com os adjetivos intensivos, constituem a zona central. Das zonas periféricas farão parte adjetivos que não denotam propriedades, considerando este autor que os adjetivos intensivos puros (centrais – “uma grande coragem” e periféricos – “um perfeito imbecil”, “uma força hercúlea”), os adjetivos de quantificação de traços (“um grande artista”) e os de *repérage ensembliste*, isto é, todos aqueles que, como em “a razão principal”, situam o referente relativamente a outros membros do mesmo conjunto e, que, por isso, devem ser integrados num grupo mais vasto – o dos adjetivos referenciais, que correspondem, *grosso modo*, aos adjetivos adverbiais (cf. Demonte, 1999).

Consequentemente, permitimo-nos concluir que neste grupo dos adjetivos referenciais cabem adjetivos que, tradicionalmente, pertencem às subclasses dos qualificativos e dos relacionais e ainda os adjetivos adverbiais referidos por Demonte (1999).

3.3. Huddleston (1984)

Sob o ponto de vista sintático, em português, os adjetivos ou modificam o nome junto do qual se colocam (cf. (34 a. e b.)) ou são predicativos (cf. (35)):

(34) a. Hoje está um dia lindo de outono.

b. Hoje está um lindo dia de outono.

(35) Neste outono, os dias têm estado lindos.

No entanto, nem todos os adjetivos se comportam como os dos exemplos acima. Há um número bastante razoável que só se usa atributivamente. Dá conta deste facto o seguinte exemplo:

(36) a. O advogado é o alegado assassino da sua cliente milionária.

b. *O assassino é alegado.

Embora considerada de ordem sintática, a posição dos adjetivos tem consequências semânticas relevantes, como veremos a propósito de alguns adjetivos adverbiais, pois a mudança de posição pode alterar o significado dos adjetivos. Devido a isso, incluímos neste trabalho a proposta de Huddleston (1984) e ainda porque, embora este autor a considere pertencendo ao domínio sintático, ela é também baseada em critérios semânticos.

Tendo em conta funções sintáticas, contextos de ocorrência relativamente ao nome modificado e ainda a possibilidade de serem modificados quer com advérbios de grau quer com sufixos (no caso do português, o superlativo sintético), Huddleston (1984) divide os adjetivos em duas classes: centrais e não centrais. Da primeira fazem parte os adjetivos predicativos, os atributivos, os pospositivos (para o inglês) e os graduáveis, que serão os adjetivos prototípicos. À classe dos não centrais pertencem alguns que não são graduáveis, outros que não podem ser usados atributivamente, outros que só podem ser usados atributivamente e que, simultaneamente, não são graduáveis, e outros ainda que só são usados em posposição ao nome (mais uma vez, no inglês) e que também não são graduáveis. Os exemplos para o inglês do autor citado ilustram estes tipos de adjetivos:

- (37) *careless/He was careless.* – central, predicativo
- (38) *intelligent/a very intelligent woman* – central, atributivo
- (39) *tiresome/something rather tiresome* – central, pospositivo
- (40) *big/bigger* – central, graduável
- (41) *philatelic/*more philatelic* – não central, não graduável
- (42) *he's afraid/*an afraid man* – não central, não atributivo
- (43) *an atomic scientist/*the scientist is atomic*²⁰ – não central, não graduável, só atributivo
- (44) *the bishop designate/*the designate bishop* – não central, só pospositivo

Adaptado de Huddleston (1984, p. 30)

Desta divisão deduz-se que os adjetivos centrais são os tradicionais qualificativos e que nos não centrais estão incluídos os tradicionais relacionais, por serem não graduáveis, e todos aqueles denominados por “o terceiro tipo” ou “inclassificáveis”. No entanto, Huddleston (1984) observa que a propriedade da graduabilidade pertence ao domínio semântico, dado que um adjetivo graduável denota uma propriedade escalar. Com esta observação, o seu autor mostra, ainda que implicitamente, que existem sempre algumas imposições dos outros domínios linguísticos sobre uma classificação baseada num só domínio. Ao apresentar os adjetivos não graduáveis, Huddleston (1984) avança de imediato para outra característica de alguns relacionais mostrando, através de um exemplo, a possibilidade de recategorização de um relacional em qualificativo (*the British Parliament/he's very british*).

A observação de Huddleston (1984), também partilhada por Demonte (1999), segundo a qual os adjetivos são recategorizáveis, é muito pertinente, pois, dependendo do nome com o qual ocorrem, ou do contexto, podem dar origem a alteração na sua classificação.

O quadro a seguir apresenta as principais classificações apresentadas até aqui, mostrando as suas inter-relações.

²⁰ Mesmo em inglês há adjetivos relacionais que são predicativos:
(i) *an atomic bomb/the bomb is atomic.*

Tabela 1: Classificação de adjetivos

Gramática tradicional	Huddleston (1984)	Demonte (1999)
<p>Crítérios léxico-semânticos e critério sintático (posição do adjetivo de relação)</p> <p>Adjetivos “qualificativos”²¹ (inclui os adverbiais modais, intensionais, circunstanciais e aspetuais)</p>	<p>Crítérios sintáticos (posição relativamente ao nome; função atributiva/predicativa; graduabilidade)</p> <p>Adjetivos centrais: -graduáveis (qualificativos) -atributivos (qualificativos) -predicativos (qualificativos) -pospostos ao nome (qualificativos)</p>	<p>Crítérios léxico-sintáticos e semânticos</p> <p>Adjetivos qualificativos</p>
Adjetivos de relação	<p>Adjetivos não centrais -não graduáveis (relacionais)</p>	Adjetivos relacionais
	<p>-não atributivos (para o inglês) -só pospositivos (para o inglês) - só atributivos (adverbiais intensionais)</p>	<p>Adjetivos adverbiais: - modais - marcadores da intensão ou referência - circunstanciais (modo, tempo, lugar) - aspetuais</p>

3.4. Abordagens semânticas de adjetivos

Neste ponto, trataremos de abordagens estritamente semânticas, como as propostas por Kamp (1975), Keenan & Faltz (1980), Chierchia & McConnell-Ginet (1990) e Partee (1995, 2001, 2003, 2007). Demonte (1999) estabelece, como já referimos, três classes segundo o significado intrínseco dos adjetivos, mas, paralelamente, apresenta uma outra divisão segundo as relações que os adjetivos estabelecem com os nomes aos quais se aplicam, seguindo muito de perto os autores citados. Daí que, nesta secção,

²¹ A aplicação de aspas em qualificativos deve-se ao facto de os autores da gramática consultada (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*) ignorarem essa designação (v. p. 247 e segs.)

façamos frequentemente a ligação das propostas desta autora para o espanhol com as teorias defendidas por aqueles.

3.4.1. Kamp (1975)

Kamp divide os adjetivos em três categorias: os adjetivos predicativos, os adjetivos afirmativos e os adjetivos privativos.

Os adjetivos predicativos e os nomes aos quais se aplicam denotam conjuntos. Assim, o sintagma “casa amarela” é o conjunto intersecção do conjunto “casas” e do conjunto “objetos amarelos”, pois permite a implicação “isto é uma casa” e “isto é um objeto amarelo”.

Os adjetivos afirmativos também denotam conjuntos, mas não permitem a implicação anterior. No sintagma “casa baixa”, há a implicação de que “isto é uma casa” e pertence ao conjunto das casas, mas não há a implicação de que “isto” pertença ao conjunto dos objetos baixos. Por isso, não há intersecção, mas inclusão. No conjunto das casas está incluído um conjunto, que é o das casas baixas.²²

Os adjetivos privativos não denotam conjuntos, mas propriedades. O adjetivo é uma função de propriedade para propriedade. Num sintagma como “antiga escola”, a propriedade de “ser escola” passou para a propriedade “ser antiga escola”.

3.4.2. Keenan & Faltz (1980)

Estes autores classificam os adjetivos com base em características como a restrição, a intersectividade e a transparência.

Os adjetivos restritivos permitem a implicação de “x é NA” para “x é N”. Exemplificando:

- (45) a. A Montana é uma cadela muito meiga.
b. \leftrightarrow A Montana é uma cadela.

É evidente que nem todos os adjetivos permitem esta implicação: uns porque asserem a falsidade da entidade denotada pelo nome como em “falso médico”, na

²² Os adjetivos predicativos e afirmativos, porque denotam conjuntos, podem ser, como é óbvio, representados por meio de configurações conjuntistas como as da matemática. Mais adiante, ao abordarmos as propostas de Partee (1995, 2001, 2003, 2007), apresentaremos essas configurações.

medida em que $NA \rightarrow \neg N$; e outros porque, da sua aplicação ao nome, não se pode obter a confirmação da verdade ou da falsidade da entidade denotada pelo nome como em “presumível assassino”, porque $NA \rightarrow N/\neg N$. Assim, segundo a interpretação que Mória (1992) faz da classificação proposta por Keenan & Faltz (1980), estes adjetivos não restritivos como *falso* serão antirrestritivos e adjetivos como *presumível* serão potencialmente restritivos.

De acordo com esta classificação para o inglês, se tivermos em conta as características sintáticas e semânticas dos adjetivos qualificativos e dos relacionais, poderemos afirmar que todos eles são restritivos e que os adjetivos adverbiais modais são não restritivos (antirrestritivos e potencialmente restritivos).

Sempre que se modifica a extensão de um nome por meio de um adjetivo, de uma oração relativa ou de um sintagma preposicional, forma-se um grupo nominal sintática e semanticamente diferente daquele constituído apenas por nome ou por determinante/nome. A esta operação, cuja função é a redução do significado inicial, dá-se o nome de restrição. No caso de a modificação incidir sobre a intensão de um nome, destacando um dos seus traços, o fenómeno da restrição processa-se de forma diferente: o grupo nominal resultante tem o mesmo significado que teria sem essa modificação. Trata-se então de uma operação de não restrição.²³ Os exemplos seguintes servem para ilustrar a função da restrição/não restrição exercida pelo adjetivo *simpáticos*.

- (46) a. Os alunos simpáticos homenagearam o professor.
- b. Os simpáticos alunos homenagearam o professor.

No exemplo (46 a.), o adjetivo *simpáticos* força o sintagma nominal a uma leitura na qual não existe a denotação de toda a classe dos “alunos”, mas apenas uma parte dessa classe, isto é, de um subconjunto constituído apenas pelos “alunos simpáticos”. Já em (46 b.), é toda a classe dos “alunos” que é tomada em consideração, não trazendo o adjetivo, por conseguinte, em termos de extensão, informação relevante ao sintagma no qual está integrado.

²³ Em Quirk *et al.* (1985), concebe-se a restrição de uma forma diferente da adotada neste trabalho. Segundo estes autores, são restritivos adjetivos adverbiais marcadores da intensão (cf. Demonte, 1999) como *principal*, *exato*, *determinado*, etc.

Convém ter presente que esta distinção está associada em português à posição do adjetivo relativamente ao nome: posposto será restritivo, anteposto será não restritivo. Os adjetivos relacionais e os classificadores são inerentemente restritivos, já que se pospõem sempre ao nome e os qualificativos podem ser, consoante a posição que ocupam, restritivos e não restritivos. Porém, nem todos os adjetivos desta subclasse evidenciam essa capacidade de transição de uma categoria para outra, pois há qualificativos que são apenas restritivos já que ocupam uma posição fixa à direita do nome. Contudo, tratando-se de uma qualidade inerente da entidade à qual se aplicam, podem antepor-se e, assim, desempenharem uma função não restritiva. Os exemplos a seguir mostram adjetivos qualificativos de cor restritivos e não restritivos (cf. (47) e (48)), respetivamente, e só restritivos (cf. (49)).

(47) As paredes brancas transmitem uma sensação de frescura.

(48) A branca neve caía do azul cinzento do céu.

(49) a. Gosto muito de rosas brancas.

b. *Gosto muito de brancas rosas.

Coloca-se aqui um problema levantado já por Fonseca (1994) no que diz respeito aos adjetivos que denotam qualidades inerentes, os chamados “epítetos de natureza” (cf. Cunha & Cintra, 1984), pois estes adjetivos, quer antepostos quer pospostos, serão sempre não restritivos. É o caso do adjetivo *branca* aplicado a “neve” (exemplo (48)) mas também *escura* em “noite escura” ou *ladina* em “raposa ladina”, por exemplo. Para este autor, a função restritiva só poderá ser desempenhada por adjetivos em posposição.

Contudo, um exemplo significativo de como um adjetivo anteposto poderá ser restritivo verifica-se em certas expressões nominais que têm adjetivos numerais, como o que se segue:

(50) O primeiro atleta da lista de convocados para o jogo faltou ao treino.

(51) O primeiro atleta a ser convocado para o jogo foi o Diogo.

Em (50), o adjetivo *primeiro* é indissociável do sintagma preposicional “da lista” e, por isso, embora anteposto ao nome “atleta”, é restritivo. Situação diferente é a que acontece em (51), pois o adjetivo está apenas associado ao nome “atleta”, exercendo, neste caso, a função não restritiva.

Também Demonte (2008, p. 73), contrariamente a Fonseca (2004), defende que mesmo não denotando qualidades inerentes do nome que modificam, os adjetivos pospostos podem, em determinados contextos, apresentar uma leitura ambígua entre restrição e não restrição. A autora ilustra a sua proposta com os seguintes exemplos:

- (52) a. Los pretenciosos amigos de Laura llegaron tarde.
b. Los amigos pretenciosos de Laura llegaron tarde.

Em (52 a.), o adjetivo *pretenciosos* apresenta claramente uma leitura não restritiva, mas em (52 b.), verifica-se ambiguidade entre uma leitura restritiva (só uma parte dos amigos de Laura são pretenciosos) e uma leitura não restritiva (todos os amigos de Laura são pretenciosos, exatamente como em (52 a.)), devendo-se este último fenómeno, segundo aquela autora, a razões semânticas e pragmáticas. Note-se que a presença de um sintagma preposicional, como o “de Laura”, que restringe o nome “amigos”, não é alheia a esta situação sempre que o nome modificado é de tipo relacional como o da frase acima.

Demonte (2008) defende ainda que mesmo antepostos ao nome, os adjetivos podem ser restritivos:

- (53) a. Odio los vinos malos.
b. Odio los malos vinos.
(Demonte, 2008, p.74)

Em casos como este, a autora considera que o adjetivo, quer posposto ao nome quer anteposto, assume uma interpretação restritiva. A função restritiva com o adjetivo em posição pré-nominal, designada pela autora como interpretação de foco, é obtida mediante condições prosódicas e sintáticas²⁴, que nos dispensamos de apresentar aqui.

Parece, pois, que, excetuando estes casos específicos, há uma ligação forte entre a interpretação de um sintagma nominal modificado por um adjetivo e a posição que este ocupa relativamente ao nome. Noailly (1999), após apresentar as circunstâncias nas quais adjetivos qualificativos e relacionais pospostos são restritivos, expõe as suas dúvidas relativamente a alguns adjetivos que, antepostos, têm valor distintivo. No

²⁴ A interpretação de foco é estudada também por Truswell (2005), embora considerando que essa função é desempenhada pelos adjetivos não restritivos.

entanto, adverte que será recomendável seguir o princípio da ligação da função restritiva à posição que ocupam.

Convém salientar que este conceito de restrição/não restrição apresentado se afasta um pouco da já referida proposta de Keenan & Faltz (1980) para o inglês, pois estes autores consideram que um adjetivo tem uma função restritiva se obedecer à seguinte condição:

$$NA \quad N \rightarrow$$

Observando de novo o exemplo (46), verifica-se que, segundo Keenan & Faltz (1980), se essas frases forem verdadeiras, a frase “Os alunos homenagearam o professor” é também verdadeira. Ora, não é exatamente este conceito de restrição proposto por vários autores, nomeadamente os referidos anteriormente (Demonte, 1999; Noailly, 1999; Fonseca, 2004). Por outro lado, um adjetivo não restritivo, como se encontra em (49 b.), caberia também na classe dos restritivos apresentada por Keenan & Faltz (1980)²⁵.

No que diz respeito aos adjetivos adverbiais, algumas considerações se impõe fazer: os adverbiais modais são considerados não restritivos por diversos autores, visto que se encontram antepostos ao nome. No entanto, os exemplos seguintes mostram que, apesar de antepostos, nenhum dos adjetivos destacados constitui um traço da intensão do nome.

(54) O presumível assassino foi detido às 10h.

(55) Foi descoberto um falso médico no hospital.

Nestes casos, a proposta de Keenan & Faltz (1980) já apresentada, revela-se adequada, pois, embora considerando pertencerem à classe dos não restritivos, um adjetivo modal como *presumível* será potencialmente restritivo, já que do indivíduo denotado pelo nome “assassino” não há a certeza se de facto é assassino: pode sê-lo ou não. Quanto ao adjetivo marcador da intensão *falso*, aqueles autores classificam-no como antirrestritivo porque, anteposto, não atribui uma qualidade ao nome, indica que o

²⁵ Temos consciência de que a proposta destes autores é destinada ao inglês, pois nesta língua os adjetivos colocam-se tipicamente à esquerda do nome. Por isso mesmo, a regra nem sempre se aplica ao português, língua que permite as duas posições dos adjetivos. No inglês, a distinção restrição/não restrição é fundamentalmente baseada em critérios fonológicos ou então por outros meios linguísticos como, por exemplo, as orações relativas.

indivíduo não possui as características que o identifiquem como pertencendo à classe dos médicos.

Em todos os exemplos apresentados, pode notar-se que as expressões têm sido introduzidas por determinantes definidos, pois, segundo Demonte (1999), a oposição restrição/não restrição não se verifica com indefinidos. Segundo a autora, (p. 148) “las frases nominales definidas tendem a designar objetos cuya existencia se presupone, a tener por tanto una lectura referencial y específica (si bien pueden también tener lectura inespecífica en determinadas condiciones). Las frases indefinidas, por su propia naturaleza semántica, proponen en cambio a ser ligadas por operadores cuasicuantificacionales o modales, lo que da como resultado la acepción de objeto nuevo, no conocido, inespecífico, que generalmente se asocia a ellas (si bien también pueden referirse en ocasiones a entidades específicas).” Demonte (1999, p. 148) ilustra a situação com sintagmas indefinidos por meio deste exemplo:

- (56) a. Unos turistas desaprensivos arrancaron la valla que rodeaba las flores.
- b. Unos desaprensivos turistas arrancaron la valla que rodeaba las flores.

Esta autora sustenta que nas frases em apreço não há oposição restrição/não restrição, embora a interpretação não seja rigorosamente a mesma em ambas. Fundamenta a sua proposta no facto de, quer a anteposição quer a posposição do adjetivo, não implicar que a entidade denotada pelo nome seja conhecida, adiantando que nas duas versões do exemplo os adjetivos denotam o mesmo número de entidades. Se, pelo contrário, o determinante fosse definido, “los turistas desaprensivos” seria um subconjunto dos “turistas” e em “los desaprensivos turistas”, a anteposição só singularizaria um pouco mais os referentes do nome.

Voltando a Keenan & Faltz (1980), é defendido por estes autores que os adjetivos restritivos possuem o traço de intersectividade; nuns casos, são +intersectivos, noutros – intersectivos. Se responderem afirmativamente à fórmula $NA \rightarrow N$ e $NA \rightarrow A$, como em “jogador português”, apresentam o traço positivo de intersectividade; se, pelo contrário, como em “jogador inteligente”, não houver essa implicação, ($NA \rightarrow N$, mas $\neg NA \rightarrow A$) então o traço de intersectividade saliente é negativo.

Relativamente à propriedade da transparência, estes autores propõem que, para um adjetivo ser transparente, deve obedecer à seguinte implicação, observável através do exemplo seguinte:

- (57) a. O André é um professor magro²⁶.
b. Todos os professores são desportistas e todos os desportistas são professores.
c. \leftrightarrow O André é um desportista magro.

Se num dado universo de professores todos forem desportistas, o indivíduo denotado com o nome “André” também será desportista. Partindo do princípio que os desportistas e os professores são os mesmos indivíduos, então poderemos afirmar que um professor magro é um desportista magro, dado que é possível estabelecer uma medida padrão de magreza para os desportistas. Daí que o adjetivo *magro* possua o traço +transparente. Pelo contrário, um adjetivo como *competente* será não transparente, pois, mesmo que o grupo dos professores e desportistas seja o mesmo, isso não significa que o indivíduo seja um desportista competente. Quer Keenan & Faltz (1980) quer Kamp (1975) referem que os adjetivos transparentes são uma subclasse dos restritivos.

3.4.3. Chierchia & McConnell-Ginet (1990)

Considerando que, na posição predicativa, podem ocorrer adjetivos predicativos e afirmativos, estes autores, substituem-nos pelas designações de intersectivos e subsectivos e acrescentam uma terceira classe – a dos não predicativos.

Os intersectivos são todos aqueles que resultam da intersecção do conjunto de indivíduos denotados pelo nome e do conjunto de indivíduos denotados pelo adjetivo, de tal modo que a implicação existente nessa operação é a seguinte:

$$NA \rightarrow N \text{ e } NA \rightarrow A$$

²⁶ Mória (1992) defende que a propriedade da transparência em adjetivos como *magro* pode ser controversa. Na sua opinião, este adjetivo pode ter outras leituras, sendo, neste caso, intersectivo.

Os adjetivos subsectivos não permitem tal implicação já que

$$NA \rightarrow N, \text{ mas } \neg NA \rightarrow A$$

Na terceira classe, a dos não predicativos, estão incluídos os adjetivos intensionais, que denotam funções de propriedades para propriedades, sendo a implicação, devido ao carácter não conjuntista destes adjetivos, de tipo diferente, exatamente semelhante aos privativos (cf. Kamp, 1975):

$$\neg AN \rightarrow A, \neg AN \rightarrow N, \text{ mas é possível } AN \rightarrow N \text{ (no passado).}$$

Vejamos o significado destas fórmulas traduzidas em frases:

- (58) a. O Carlos Lopes é um antigo atleta.
b. *O Carlos Lopes é antigo.
c. *O Carlos Lopes é um atleta.
d. O Carlos Lopes foi um atleta.

Como se pode observar, esta proposta difere da de Huddleston (1984), não só por a basear em critérios semânticos, mas também porque os adjetivos não predicativos não correspondem na sua totalidade aos adjetivos não centrais apresentados por aquele autor.

Embora a proposta de Chierchia & McConnell-Ginet (1990) seja de carácter semântico como a de Keenan & Faltz (1980), difere da destes autores, na medida em que o grupo dos adjetivos intersectivos engloba os adjetivos transparentes, que podem ser medíveis, e os não transparentes, que variam com o contexto.

Para Demonte (1999), um adjetivo é intersectivo quando “la propiedad asignada por el adjetivo pueda aplicarse al nombre en sentido absoluto (a las classes de objetos presupuestas por tal nombre)” (p. 144) e é subsectivo quando se aplica “sólo al nombre común modificado” (p. 144). Adjetivos como *cuadrúpede* e *pequeno*, aplicados aos nomes “animal” e “elefante”, ilustram as definições destes adjetivos.

(59) O elefante é um animal quadrúpede.

(60) O Dumbo é um elefante pequeno.

Aquela autora defende que adjetivos de medida (como *pequeno*), visto que estabelecem, de forma objetiva ou subjetiva, uma comparação entre uma dimensão de uma entidade e a dimensão média da classe à qual pertence essa entidade, e os de avaliação intelectual (como *inteligente*) são subsectivos. Para fazer a distinção entre um adjetivo intersectivo e um adjetivo subsectivo, Demonte (1999) apresenta dois testes por meio dos quais pretende provar que um adjetivo intersectivo não admite a paráfrase “Adjetivo como Nome” nem admite a negação da propriedade atribuída à entidade denotada pelo nome e que, pelo contrário, os adjetivos subsectivos as admitem. Veja-se a aplicação dos testes aos exemplos (61) e (62):

(61) a. *Este elefante é quadrúpede como animal.

b. * Este elefante, que não é quadrúpede, é um animal quadrúpede.

(62) a. O Dumbo é pequeno como elefante.

b. O Dumbo, que não é pequeno, é pequeno como elefante.

Observem-se, no entanto, os seguintes exemplos:

(63) Liv e Greta são suecas baixas.

(64) O João é um advogado alto.

Aplicados os testes, verifica-se que em (63) há modificação subsectiva e que em (64), há modificação intersectiva. O adjetivo *alto* é utilizado por Bosque (2010) para exemplificar a intersectividade em “advogado alto”. Ora, um problema se levanta. Contrariamente à classe das suecas, não é do conhecimento comum que a classe dos

advogados seja predominantemente alta, pondo, assim, em causa as propostas de Demonte (1999): em primeiro lugar, pela sua definição de adjetivo intersectivo; em segundo lugar, pela afirmação de que os adjetivos de medida são subsectivos. Parece, pois, que esta indefinição na classificação se deve à natureza do nome modificado e não ao modificador e que, em determinadas circunstâncias, esta divisão é neutralizada.²⁷ Idêntica observação pode ser feita relativamente aos adjetivos de cor que, segundo Demonte (1999), são intersectivos:

(65) As flores que tenho no jardim são rosas vermelhas.

De facto, embora obedecendo ao teste da intersectividade, a propriedade “ser vermelhas” não é uma propriedade inerente a toda a classe das rosas.²⁸

Vidal (2004), a exemplo de Keenan & Faltz (1980) e de Chierchia & Ginet (1990), faz a distinção entre intersectivos e subsectivos, recorrendo a um exercício de implicação. Um adjetivo é intersectivo se, a partir de um nome modificado, se pode inferir a verdade da expressão sem a modificação e a verdade do predicado atribuído à entidade. Assim, a frase a seguir,

(66) Liv e Greta são mulheres loiras.

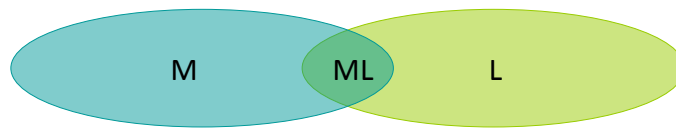
implicaria que “Liv e Greta são mulheres” é uma asserção verdadeira e que “Liv e Greta são loiras” é também uma asserção verdadeira. Assim,

Liv e Greta são mulheres loiras → Liv e Greta são mulheres → Liv e Greta são loiras

²⁷ Larson (1998) chama a atenção para a ambiguidade que se pode gerar em adjetivos colocados em inglês em posposição ao nome. De facto, em português, em “um advogado bom”, podemos ter as duas leituras: bom como advogado (leitura subsectiva) e bom como ser humano (leitura intersectiva). Em anteposição ao nome, a ambiguidade não existe (leitura subsectiva).

²⁸ Keenan & Faltz (1980) fazem esta distinção separando os adjetivos qualificativos em transparentes e não transparentes.

Em termos conjuntistas, a intersecção representar-se-ia por meio do seguinte diagrama:



O conjunto M representa a classe das mulheres, o conjunto L a classe dos seres loiros e a parte sombreada representa o conjunto intersecção de mulheres e de seres loiros. Segundo a teoria de conjuntos,

$$ML = M \cap L$$

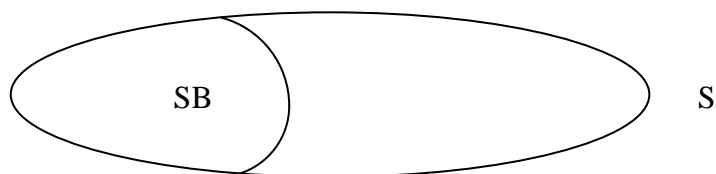
Por outro lado, atente-se novamente no exemplo (63) renumerado como (67).

(67) Liv e Greta são suecas baixas.

Já vimos que, nesta frase, não é possível a modificação intersectiva. O conhecimento do mundo diz-nos que, genericamente, as suecas são altas. Por conseguinte, em “suecas baixas”, é estabelecida uma comparação relativamente à altura padrão das suecas, que, mesmo baixas, serão certamente mais altas que as mulheres de outras regiões. Consequentemente, o adjetivo subsectivo não permite as mesmas derivações que um adjetivo intersectivo.

Liv e Greta são suecas baixas \rightarrow Liv e Greta são suecas \rightarrow \neg Liv e Greta são baixas

O diagrama seguinte reflete a modificação operada pelo adjetivo *baixas* em “suecas baixas”.



O conjunto agora formado pelas entidades “suecas baixas” (SB) já não é o resultado de uma operação de intersecção, mas de inclusão. As suecas baixas formam um grupo no interior do conjunto das suecas. Esse grupo pode ser interpretado simbolicamente da seguinte forma:

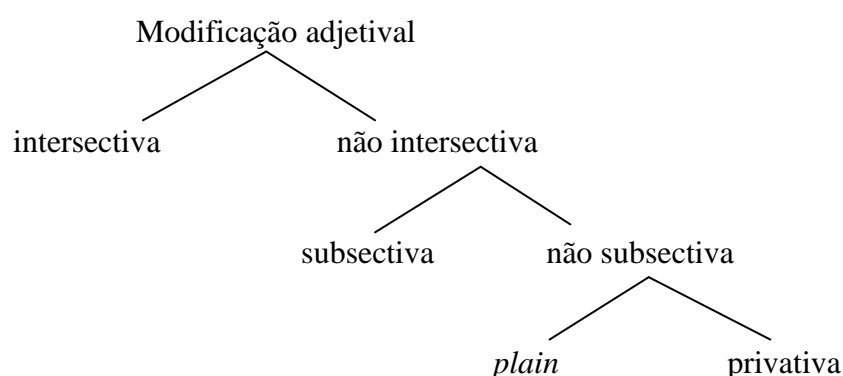
$$SB \subseteq S$$

Pelo que atrás ficou exposto, os adjetivos qualificativos são, conforme as suas propriedades lexicais e ainda conforme o nome que modificam, intersectivos e subsectivos, os adjetivos relacionais são intersectivos²⁹.

Como classificar esta modificação em adjetivos adverbiais modais?

3.4.4. (Partee, 1995, 2001, 2003, 2005, 2007)

Partee (2003) propõe uma classificação como a que o esquema a seguir mostra:



Observemos de novo os exemplos (54) e (55) renumerados como (68) e (69):

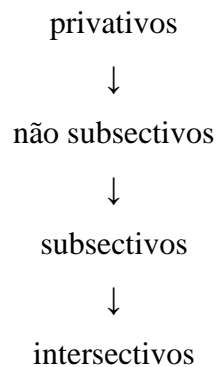
²⁹ McNally & Boleda (2004) consideram que os adjetivos relacionais podem ser classificados como intersectivos se forem considerados *Kind level*.

(68) O presumível assassino foi detido às 10 horas.

(69) Foi descoberto um falso médico no hospital.

Da mesma forma que Keenan & Faltz (1980) consideram que os adjetivos *presumível* e *falso* não se enquadram diretamente nas classes dos restritivos e dos não restritivos, também Partee (2003), e utilizando os mesmos argumentos, classifica-os como não intersectivos não subsectivos (*plain* ou privativos). Não existe implicação numa frase com um adjetivo de tipo *plain*, como *presumível*, e com um adjetivo de tipo privativo, como *falso*, existe implicação da negação da propriedade do nome.³⁰

A modificação adjetiva obedeceria a uma hierarquia em cuja base se encontrariam os adjetivos intersectivos e no topo os privativos.

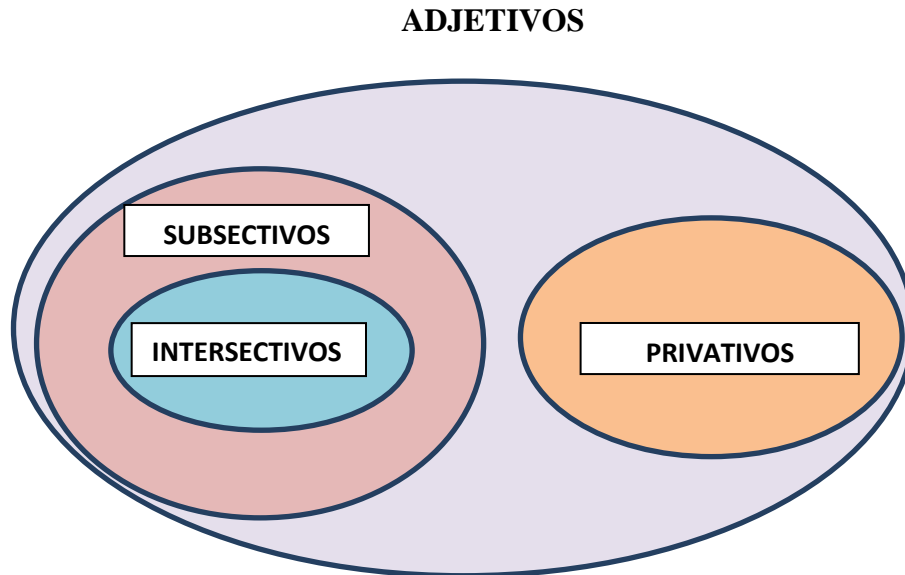


Contudo, em trabalhos posteriores, Partee (2007, p. 4) afirma que “Although I believe it has been customary to treat these four classes as forming a kind of a scale, with the intersective adjectives at one end and the privative adjectives at the other, the meaning postulates do not actually conform to such a linear scale. With respect to the meaning postulates, one can make a three-class scale, from intersective (the most restricted) to subsective to unrestricted (not-necessarily-subsective). The intersective adjectives are a subset of the subsective adjectives, which are in turn a subset of the unrestricted set, i.e. of the set of all adjectives. The privative adjectives are also a subset of the unrestricted set, but one which is disjoint from the set of subsective adjectives.”

O esquema abaixo representa esta perspetiva da autora relativamente a estes adjetivos. Os símbolos lógico-matemáticos indicam que o conjunto de adjetivos

³⁰ Escandell Vidal (2004) coloca estes adjetivos num grupo à parte, independente dos intersectivos e dos subsectivos, adotando a designação de Partee (2003) para os privativos e substituindo *plain* por evasivos.

intersectivos está contido no conjunto de adjetivos subsectivos e que ambos estão contidos no conjunto de adjetivos. O conjunto de adjetivos privativos está contido no conjunto de adjetivos, mas o conjunto intersecção do conjunto de adjetivos privativos com o conjunto de adjetivos subsectivos é um conjunto vazio.



$$AI \subset AS \subset A$$

$$AP \subset A$$

$$AP \cap AS = \{ \}$$

Noutros trabalhos, Partee (2001; 2005, p. 4) coloca em dúvida se a modificação privativa é de facto privativa ou se é simplesmente subsectiva. A fundamentação para esta hipótese reside na interpretação do adjetivo *falso*³¹.

- (70) a. A fake gun is not a gun.
 b. Is that gun real or fake?

³¹ No entanto, McNally & Boleda (2004, p. 180) referem que “Olivier Bonami observes (p.c.), Partee (2001) says that privative adjectives are subsective; however, her semantic analysis is intersective insofar as she treats them as simple properties, once the domain of objects is extended to include fake objects.”

Com estas duas frases, Partee (2001, 2005) pretende demonstrar que em inglês há uma tensão entre a aparente verdade de (70 a.) e a boa formação e a interpretação clara de (70 b.), de onde se pode concluir que esta autora considera, portanto, que há armas falsas e armas verdadeiras, opinião que está em contradição com Demonte (1999), na medida em que Partee (2001, 2005) sugere que os adjetivos adverbiais intensionais são-no sempre, independentemente da posição relativamente ao nome. De facto, Demonte (1999) classifica o adjetivo *falso* segundo a posição que ocupa relativamente ao nome. Para esta autora, “uma questão falsa” tem uma leitura diferente de “uma falsa questão”. Na primeira aceção, o adjetivo seria qualificativo; na segunda, intensional. No entanto, poder-se-ia afirmar, seguindo Partee (2001), que as duas leituras não divergem de forma significativa, pois a frase admite mesmo a réplica “A questão pode ser uma falsa questão, mas é sempre uma questão”.

Este problema é também estudado por Salles, M. (2001) que considera que um adjetivo como *falso* parece pertencer à classe dos qualificativos e à classe dos intensionais, tratando-se, em determinadas circunstâncias, de um caso intermédio. Posposto é qualificativo, mas anteposto admite três interpretações: falta de realidade (“falsa modéstia”), falta de fundamento (“falsa notícia”) e objeto não conforme ao que deve ser (“falso movimento”). Nas duas últimas categorias, o adjetivo não responde a nenhuma das características sintáticas dos qualificativos, mas na primeira categoria há flutuações: a fronteira entre a falta de realidade e a falsificação é muito ténue. Uma moeda falsa é simultaneamente uma falsa moeda. Para além disso, algumas características sintáticas dos qualificativos podem estar presentes como a função predicativa, a impossibilidade de anáfora com apagamento do nome e ainda a manutenção do significado do adjetivo.

A seguir, apresenta-se um quadro com as classificações semânticas propostas pelos autores referenciados.

Tabela 2: Classificações semânticas de adjetivos

Kamp (1975)	Keenan & Faltz (1980)	Chierchia & McConnell-Ginet (1990)	Partee (2001)
predicativos	intersectivos	intersectivos	intersectivos
afirmativos	não intersectivos	subsectivos	não intersectivos subsectivos
privativos		não predicativos	não intersectivos não subsectivos
	+/-transparentes		
	+/-restritivos		

3.5. Outras classificações semânticas

A seguir, apresentam-se duas classificações semânticas de adjetivos, marginais às anteriores, pois não têm em consideração os mesmos parâmetros de análise. Contudo, consideramo-las relevantes para o estudo dos adjetivos.

3.5.1. Adjetivos massivos/Adjetivos contáveis (Rothstein, 1999, 2004)

Partindo da dicotomia massivo/contável observável nos domínios nominal e verbal, Rothstein (1999, 2004) propõe que os adjetivos são massivos, apresentando provas decorrentes da sua investigação. Das provas apresentadas por esta autora, selecionámos duas: uma delas é a impossibilidade da ocorrência de adverbiais do tipo “n vezes” em predicados adjetivais e a outra é a impossibilidade de localização temporal dessas predicções. Vejam-se os seguintes exemplos de Rothstein (1999):

(71) a. I made Mary know the answer three times.

b. I made Mary angry/clever (in class) three times.

(72) a. Yesterday, the witch made John know the answer last night and

forget it this morning.

b. *Yesterday, the witch made John clever last night and stupid this morning.

(Rothstein, 1999, pp. 364-365)

Esta autora defende que a leitura do exemplo (71 a.) é ambígua na medida em que a localização temporal tanto pode ser relativa a “made” como a “know”, mas em (71 b.), com um predicado adjetival, a ambiguidade não existe, na medida em que a localização temporal é atribuída ao verbo. Os exemplos (72 a.) e (72 b.) mostrariam, mais uma vez, o caráter contável no domínio verbal e o caráter massivo no domínio adjetival.

No entanto, trabalhos mais recentes (Cunha *et al.*, 2010) demonstram que, em português, também no domínio adjetival se encontram adjetivos contáveis, uma vez que, em construções predicativas³², existem alguns que respondem afirmativamente aos testes propostos por Rothstein (1999), mostrando assim que são contáveis, independentemente de ocorrerem com o verbo “ser” ou com o verbo “estar”. Por outro lado, há de facto, adjetivos massivos, pois, quer com “ser” quer com “estar”, reagem negativamente aos testes. Aqueles autores afirmam ainda haver adjetivos que são indeterminados no que diz respeito à oposição massivo/contáveis.

O Quadro 3 exemplifica os três tipos de adjetivos.³³

³² A propriedade massivo/contável não se aplica aos adjetivos em posição atributiva porque, de acordo com Kleiber (1994), essa propriedade pertence ao nome modificado, como mostram os exemplos:

- (i) Bebi café amargo.
- (ii) Comi um pastel amargo.

Embora nas duas frases esteja presente o mesmo adjetivo, em (i), a expressão é não contável e em (ii) é contável porque “café” é não contável e “pastel” é contável.

³³ Nem todas as subclasses de adjetivos qualificativos consideradas (cf. Dixon, 1977) evidenciam um comportamento uniforme no que diz respeito à distinção massivo/contável, pois há um conjunto de subclasses cujos elementos não apresentam completa sistematicidade relativamente a esta questão.

Tabela 3: Adjetivos contáveis e massivos

Adjetivos	Combinação com <i>ser</i> e com adverbial de contagem/localização temporal	Combinação com <i>estar</i> e com adverbial de contagem/localização temporal
Contáveis	<i>Ser feliz três vezes/na semana passada</i>	<i>Estar feliz três vezes/na semana passada</i>
Massivos	<i>*Ser velho três vezes/na semana passada</i>	<i>*Estar velho três vezes/na semana passada</i>
Indeterminados	<i>*Ser doente três vezes/na semana passada</i>	<i>Estar doente três vezes/na semana passada</i>

A partir destes exemplos, observa-se que a propriedade ser contável ou ser massivo é imediatamente integrada na predicação, não desempenhando o verbo copulativo um papel de especial relevância a este nível. No entanto, nos adjetivos considerados “não determinados” é o verbo copulativo que, indiretamente, vai estabelecer o caráter contável ou massivo da predicação em causa. Assim, *ser* remete para a caracterização de um indivíduo como um todo, propiciando a ocorrência de predicados de indivíduo, conferindo à predicação em que participa uma interpretação tipicamente massiva; *estar* descreve porções temporalmente delimitadas de um dado indivíduo, que são, por princípio, episódicas, conferindo à predicação em que participa uma interpretação tipicamente contável.

Note-se que a distinção massivo/contável não poderá ser confundida com a oposição predicado de indivíduo/predicado de estádio: “ser feliz três vezes” constitui um predicado de indivíduo contável e “*estar alto três vezes” constitui um predicado de estádio massivo.

3.5.2. Adjetivos escalares - escala aberta/escala fechada (Kennedy & Levin, 2008)

Uma das características semânticas prototípicas dos adjetivos é a graduabilidade. Os adjetivos graduáveis manifestam propriedades avaliáveis segundo padrões médios de comparação, sendo para o efeito utilizados adverbiais de quantificação como “muito”, “pouco”, “bastante”, etc.³⁴ Segundo Bosque (2010), e usando o seu exemplo, o adjetivo *caro* pode não significar que custa muito dinheiro, já que não existe nenhuma contradição em “Este objeto custa muito dinheiro, mas não é caro”.

Adjetivos como o do exemplo referido denotam funções desde objetos para representações abstratas de medição ou graus numa escala, sendo a escala concebida como um conjunto de pontos ordenados numa determinada dimensão (cf. Kennedy & Levin, 2008). A escala é formada por graus, que correspondem a intervalos, e pode ser aberta ou fechada. Na escala aberta não há um grau que corresponda ao limite máximo da escala, seja esse limite o superior ou o inferior.

Uma maneira de identificar o tipo de escala que um adjetivo projeta é, segundo os mesmos autores, a compatibilidade do adjetivo com os *proportional modifiers* (“completamente”, “parcialmente”, “meio”). Um adjetivo qualificativo como *caro* não é compatível com estes modificadores (*completamente caro), sendo, por isso, um adjetivo de escala aberta, visto que, como já se referiu atrás, a escala na qual está integrado não comporta um limite. Pelo contrário, um adjetivo qualificativo como *seco* apresenta o grau máximo da propriedade que denota, sendo, por conseguinte, um adjetivo de escala fechada. Nesta medida, Bosque (2010) considera que os adjetivos de escala fechada apresentam um caráter episódico³⁵ e são estados provenientes de processos. Aliás, ainda segundo este autor, a completude a que aludem os advérbios como “completamente” equivale à delimitação, isto é, à telicidade que caracteriza determinados tipos de eventos.

Como já tem sido referido neste trabalho, os adjetivos qualificativos são graduáveis, embora já tenham sido apresentadas exceções de alguns adjetivos desta classe que não

³⁴ Embora na literatura se distinga adverbiais de intensificação/quantificação de adverbiais de grau, não faremos essa distinção ao longo deste trabalho.

³⁵ Bosque (2010) refere que a inferência que se obtém com a introdução de um advérbio como “completamente” também é natural com adjetivos que denotam propriedades estáveis como no exemplo:

(i) O João é (completamente) sincero.

admitem adverbiais de grau. No entanto, permitem, em certas circunstâncias, a modificação por intermédio de um advérbio como os exemplos mostram:

(73) O céu está hoje muito/bastante/? pouco cinzento.

(74) A lua está hoje totalmente redonda.

(75) O bolo está completamente redondo.

Em princípio, as cores não são graduáveis, mas, devido às diversas tonalidades que cada cor pode apresentar, é compreensível que, em determinados contextos, se admita a graduação. Note-se, porém, que nem todos os advérbios utilizados para caracterizar este processo são permitidos. Por outro lado, embora *cinzento* admita o advérbio “completamente”, não é possível classificá-lo como adjetivo de escala fechada, porque “a interpretação relevante do advérbio é aquela que remete para o atingir de um grau máximo, e que não deve ser confundida com leituras em que está em causa não esse grau máximo, mas a afetação da totalidade da(s) entidade(s) a que se aplica a propriedade ou ainda porque corresponde a uma forma de quantificação” (cf. Leal *et al*, 2011), como é o caso patente em (73).

Situação idêntica acontece em (74) com o adjetivo *redonda*, que também permite a graduação, mas o advérbio “completamente” aplicado a este adjetivo, embora parecendo ser a prova de que se trata de um adjetivo de escala fechada não é o verdadeiramente, na medida em que é uma propriedade da lua ser redonda, ainda que essa forma não seja visível todos os dias. Já em (75), se considerarmos que na predicação está presente um estado resultante, então estaremos perante um adjetivo de escala fechada.

Poder-se-á associar os adjetivos graduáveis de escala aberta com os adjetivos intersectivos e os de escala fechada com os subsectivos (cf. Kennedy & McNally, 2005; Demonte, 2008). De acordo com o teste de Kennedy & McNally (2005), os adjetivos de escala aberta não admitem o modificador “completamente” enquanto os adjetivos de escala fechada permitem esse advérbio, conforme vimos atrás. Demonte (2008) apresenta uma proposta segundo a qual os adjetivos subsectivos ou relativos do espanhol, de escala aberta, não aceitam “completamente”, mas aceitam “muito”.

Eis os seus exemplos:

(76) muy/*completamente {inteligente, ágil, triste, tranquilo,³⁶ orgulloso}

Outro facto digno de nota e apontado por Demonte (2008) diz respeito à relação entre a posição que estes adjetivos ocupam no sintagma nominal e a rejeição ou a aceitação do *proportional modifier* “completamente”: antepostos ao nome, os adjetivos subsectivos ou relativos modificados com “muito” constituem sintagmas gramaticais e em situação pós-nominal, os sintagmas são anómalos; pelo contrário, os adjetivos intersectivos modificados com “completamente” soam estranhos em posição pré-nominal (é óbvio que se o advérbio for removido, o sintagma nominal é gramatical) e em posição pós-nominal são gramaticais. Observemos os exemplos (77 a.) e (77 b.) com adjetivos subsectivos e os exemplos (78 a.) e (78 b.) com adjetivos intersectivos:

(77) a. Los muy ágiles atletas llegaron a la meta.

b. ? Los atletas muy ágiles llegaron a la meta.

(78) a. *El completamente seco paisaje da mucha tristeza.

b. El paisaje completamente seco da mucha tristeza.

(Demonte, 2008, pp. 86-87)

A autora conclui que tal comportamento contrastivo reflete as diferentes relações que um adjetivo pode estabelecer com o nome segundo a posição que ocupa e avança com a hipótese de o advérbio “completamente” reforçar o carácter restritivo do adjetivo em posposição e impedir que esse adjetivo seja um modificador não restritivo. A explicação para esse facto será a de que os adjetivos intersectivos modificados por advérbios *degree* tornam-se predicados *stage-level* e estes predicados não são possíveis em anteposição.

³⁶ A autora adverte que o adjetivo *tranquilo* pode admitir “completamente” quando é usado como predicado *stage-level*: “O João está completamente tranquilo/*O João é completamente tranquilo” (tradução nossa do exemplo de Demonte, 2008).

4. SÍNTESE

Neste capítulo, apresentámos, num primeiro momento, concepções sintático-semânticas dos adjetivos desde a Antiguidade até à atualidade e a sua progressiva autonomia relativamente à classe dos verbos e dos nomes realizada através dos tempos. Dessas ligações aos verbos e aos nomes subsistem ainda algumas semelhanças, que foram expostas, tendo sido apresentadas também algumas particularidades que os distinguem. Como este trabalho aborda os adjetivos adverbiais, mostrámos os contextos nos quais os advérbios se aproximam e também se afastam dos adjetivos.

Pelo que pudemos averiguar, concluímos que existe grande divergência entre as variadas classificações dos adjetivos, pois estas são baseadas em diferentes níveis de análise: ou sintáticos ou semânticos ou léxico-sintáticos. Por isso, apresentámos várias classificações, tendo em conta esses níveis, privilegiando, contudo, dado o carácter deste trabalho, as abordagens semânticas, que se debruçam, primordialmente, sobre o fenómeno da intersectividade. Verificámos, porém, que todas elas se entrecruzam, sendo, por conseguinte, sempre possível estabelecer relações entre todas essas classificações.

Outro aspeto relevante a considerar, facilmente observável, e referido neste trabalho através de propostas de Cunha & Cintra (1984), Huddleston (1984) e de Demonte (1999), é a possibilidade que certas formas adjetivais demonstram ter de transitarem de uma classe para outra.

O Quadro 4 mostra exemplos que sistematizam essas ocorrências.

Tabela 4: Recategorização de adjetivos

Matilde tinha uma saia verde. (qualificativo)	O vinho verde está a rarear. (classificador)
A saia está curta. (qualificativo)	A reunião foi curta. (adverbial/referencial)
Está uma temperatura amena. (qualificativo)	A conversa foi amena. (adverbial de modo)
Um padre falso enganou os fiéis. (qualificativo)	Um falso padre enganou os fiéis. (adverbial modal/referencial)
A Eva é uma mulher simples. (qualificativo)	A Eva levava um simples vestido. (adverbial intencional/referencial)
O leite-creme ficou sólido. (qualificativo)	O Rui possui uma sólida fortuna. (intensivo)
A crise económica é grave. (relacional)	O Ivo é muito económico. (qualificativo)
As pirâmides egípcias são da época faraónica. (relacional)	O novo edifício é faraónico. (intensivo)

Por fim, apresentámos duas classificações que, na nossa opinião, representam, mais do que tipos de adjetivos, funções ou propriedades desta classe de palavras e que atravessam quase todas as subclasses. Uma delas está relacionada com a possibilidade de adjetivos, em posição predicativa, serem massivos, contáveis ou indeterminados quanto a este parâmetro. De facto, é por meio das propriedades exibidas por certos adjetivos em posição predicativa que se estabelece a distinção entre massivos/contáveis (cf. Cunha *et al.*, 2011). Com determinados adjetivos, os verbos *ser* e *estar* não desempenham nenhum papel relevante, são os próprios adjetivos que impõem a sua categorização; por outro lado, verifica-se a emergência de uma nova classe “indeterminada” quanto a essa oposição e na qual esses verbos assumem particular importância.

A graduabilidade é outra propriedade que se manifesta de forma diferente entre os adjetivos que a possuem. De acordo com Kennedy & Levin (2008), a graduabilidade está associada à escalaridade, isto é, à possibilidade de as funções dos adjetivos graduáveis se colocarem numa escala, dividida em graus em que cada grau corresponde a um intervalo. Essa escala pode ser fechada, se comportar um limite, ou aberta, se não possuir limite. Estas propriedades são observáveis em adjetivos como *seco*, de escala fechada, e *caro*, de escala aberta. Segundo Kennedy & McNally (2005), corroborados por Demonte (2008), adjetivos de escala fechada serão os adjetivos intersectivos e os de escala aberta serão os subsectivos.

CAPÍTULO 2

TEMPO E ASPETO

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TEMPO E O ASPETO

Neste capítulo, faremos uma apresentação, embora não exaustiva, das principais características que definem o tempo e o aspeto para, a partir daí, podermos ter uma base adequada para o tratamento dos adjetivos temporais e aspetuais. Consideramos que não é tarefa fácil fazer a distinção entre estas duas categorias, pois, apesar das divergências entre elas, também há convergências, devido ao facto de ambas usarem os mesmos elementos linguísticos para localizarem temporalmente as predicções ou para as delimitarem. A título exemplificativo, observem-se as seguintes frases:

- (1) O António toca na Banda.
- (2) O António jogava basquetebol no Nun'Álvares.
- (3) O António estudou em casa do Pedro no domingo.
- (4) O António foi a casa do Pedro no domingo.

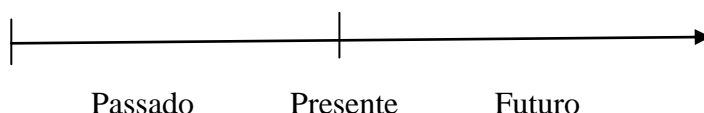
Nas frases (1) e (2), graças à intervenção dos tempos gramaticais, é possível determinar a localização temporal das situações e simultaneamente delimitá-las aspetualmente. No primeiro caso, trata-se de um estado habitual, pois o Presente do Indicativo permite uma leitura de repetição de eventos, transformando-os num estado habitual. No segundo exemplo, há também a informação da repetição de eventos, pelo menos durante um certo período de tempo, ocorridos anteriormente ao momento de enunciação. Note-se que o Imperfeito, mesmo localizando as situações no passado, indica que, também no passado, os eventos repetidos se podem transformar em estados habituais. Já os exemplos (3) e (4) são diferentes dos anteriores, pois se, por um lado, a informação temporal é idêntica, porque o ponto do evento em ambos os casos é anterior ao momento de enunciação, já a informação aspetual diverge, apesar de conservar o

mesmo adverbial (“no domingo”): em (3), trata-se de uma delimitação aspetual e em (4), trata-se de uma localização temporal.

No domínio adjetival torna-se, por vezes, difícil distinguir aquilo que é do domínio temporal daquilo que pertence ao domínio aspetual, pois a fronteira entre estas duas categorias é muito movediça. No entanto, tentaremos fazer essa distinção.

1.1. O Tempo

A função principal do tempo, enquanto categoria gramatical que opera sobre as predicacões, é a de localizar as situações, que podem ser identificadas num eixo temporal dividido em intervalos. Esse eixo, representado por meio de um vetor como o que se segue abaixo, é orientado do passado para o futuro.



A conceção da existência de uma semântica de intervalos por oposição a uma semântica de instantes deve-se a Bennett & Partee (1978), que contrariam as propostas da lógica temporal de Prior (1968) e de outros, por estas, ao estabelecerem apenas dois operadores, o Passado e o Futuro, serem insuficientes para localizar todas as situações. Aqueles autores propõem que os intervalos gozam da propriedade de transitividade, estando sujeitos a divisões até ao infinito segundo uma determinada ordem, exatamente como os números reais, e que possuem ainda propriedades topológicas, conforme a duração da situação: abertos, fechados, com início desconhecido e final marcado e vice-versa. Como os intervalos são divisíveis, cada uma das unidades resultantes da divisão é transitiva, como consequência direta da propriedade da precedência; é assimétrica, isto é, se uma unidade precede outra, não a pode seguir, e também não pode preceder-se a si própria. Estas três propriedades provam o carácter direcional, irreflexível e uniforme do Tempo. Em determinados contextos, os intervalos onde as situações ocorrem estabelecem entre si relações de inclusão, de sobreposição, de disjunção ou de precedência.

Kamp & Reyle (1993) contestam a semântica baseada em intervalos, pois numa predicação estativa, como, por exemplo, “O João está feliz”, a situação “estar feliz” deveria ser verdadeira em todo o intervalo. Refutam também a semântica baseada em instantes, alegando que numa predicação como, por exemplo, “O João esteve a tomar banho”, a situação não se pode medir em um instante, mas num intervalo. Propõem então uma semântica de eventos na qual incluem estados, não deixando, no entanto, de considerar os intervalos.

Como o tempo de uma situação não pode ser expresso de forma absoluta, mas sempre em relação com outro tempo, no processo de localização temporal o ponto de referência, o ponto do evento e o ponto da fala (cf. Reichenbach, 1947) são cruciais no processo de localização de uma situação. Para este autor, o Tempo é também idealizado como um eixo no qual não estão representados nem o Passado nem o Presente nem o Futuro, mas o ponto do evento, o ponto da enunciação e o ponto de referência, que representa o “ponto de vista” temporal.

O ponto do evento (EP) diz respeito ao intervalo durante o qual ocorre a situação descrita na enunciação; o ponto da enunciação (SP) coincide com o momento em que se descreve a situação; o ponto de referência (RP) é um ponto a partir do qual se localiza a situação. Para melhor se compreender os pontos idealizados por Reichenbach (1947), observem-se os seguintes exemplos:

- (5) Ontem o Pedro teve teste de matemática.
- (6) Neste momento está a jogar *play-station*.
- (7) Amanhã vai ter teste de história.

Em (5), o ponto do evento está situado num intervalo de tempo anterior ao ponto da fala; em (6), o ponto do evento é simultâneo com o ponto da fala; em (7), o ponto do evento localiza-se num intervalo posterior ao tempo da fala. Em todos estes casos, o ponto de referência coincide com o ponto do evento. A combinação destes três pontos dá origem a nove tempos gramaticais, simples e compostos.

O quadro a seguir apresenta as combinações de tempos segundo o sistema temporal de Reichenbach (1947).

Tabela 1: Sistema Temporal de Reichenbach (1947)

E-R-S <i>Anterior Past</i> (Mais-Que-Perfeito) ³⁷	E-S,R <i>Anterior Present</i> (Pretérito Perfeito Composto)	S-R-E <i>Anterior Future</i> (Futuro Composto)
E,R-S <i>Simple Past</i> (Pretérito Perfeito Simples)	S,R,E <i>Simple Present</i> (Presente)	S,R-E <i>Anterior Future</i> (Futuro Composto)
R-E-S <i>Posterior Past</i>	S,R-E <i>Posterior Present</i> (Futuro Simples)	E-S-R <i>Anterior Future</i> (Futuro Composto)
R-S,E <i>Posterior Past</i> (Condicional)		S-R,E <i>Simple Future</i> (Futuro Simples)
R-S-E <i>Posterior Past</i>		S-R-E <i>Posterior Future</i>

O quadro mostra que neste sistema existem:

- três combinações diferentes para o mesmo tempo gramatical (*Posterior Past*);
- igual número de combinações diferentes para o *Anterior Future*;
- tempos gramaticais que não são abrangidos pelas combinações.

Há, no entanto, outros contextos nos quais o ponto de referência se distingue do ponto de evento. Em (8), há duas situações que se localizam em intervalos de tempo diferentes. Assim, na primeira situação, “o treino terminar”, o ponto de evento e o ponto de referência são coincidentes, sendo o ponto da fala posterior a esses dois pontos; mas na segunda situação, “o Pedro ir para o balneário”, o ponto do evento é anterior ao ponto da fala e ao ponto de referência e este, por sua vez, é coincidente com o ponto do evento da primeira situação.

(8) Quando o treino terminou, o Pedro já tinha ido para o balneário.

Por vezes, estes pontos são ainda insuficientes para localizar temporalmente uma situação, tornando-se necessário recorrer a um outro ponto - o ponto de perspectiva temporal (Kamp & Reyle, 1993) -, que coincide com o intervalo de tempo a partir do qual se perspectiva a situação. Para estes autores, este ponto é fundamental dado que o

³⁷ O hífen entre as letras que simbolizam os pontos significa anterioridade e a vírgula significa relação de simultaneidade.

ponto de referência proposto por Reichenbach (1947) incluía não só a informação sobre a sua localização, algures entre o ponto do evento e o ponto da fala, mas também sobre a perspetiva temporal. Ora, considerando que se trata de dois pontos diferentes, Kamp & Reyle (1993) fazem a sua distinção argumentando que o ponto de referência é útil, sobretudo em textos mais longos, para explicar a progressão narrativa, enquanto o ponto de perspetiva temporal indica o ponto a partir do qual a situação é temporalmente observada. Em certas situações, como as dos exemplos (5) a (7), o ponto de perspetiva temporal e o ponto da fala correspondem-se; contudo, em (5), o ponto do evento é anterior ao ponto de perspetiva temporal; em (6), os pontos sobrepõem-se e em (7), o ponto do evento é posterior ao ponto de perspetiva temporal. Já em (8), é o intervalo de tempo descrito na oração temporal que fornece o ponto de perspetiva temporal, que é posterior à situação descrita na oração subordinante. Frases como esta tomam como ponto de perspetiva temporal um intervalo no passado, localizando a outra situação como anterior a esta, funcionando o ponto de referência como localizador do evento anterior, permitindo assim a progressão temporal. No caso da frase em apreciação (8), estes dois pontos coincidem, mas nem sempre isso acontece. Para ilustrar uma situação diferente, observe-se o exemplo seguinte:

(9) O Pedro avisou os pais que ia ao treino e que jantaria no restaurante do parque de jogos.

Nesta frase, a situação “O Pedro avisar os pais” é o intervalo a partir do qual vão ser localizadas as outras duas situações, que, neste caso, são posteriores a essa. Por isso, esse intervalo fornece o ponto de perspetiva temporal que só coincide com o ponto de referência relativamente à situação “ir ao treino” e esta, por sua vez, é que fornece o ponto de referência para a situação seguinte “jantar no restaurante do parque de jogos”.

Através dos exemplos apresentados, podemos constatar que, para determinar estes pontos ou intervalos, as línguas servem-se dos tempos gramaticais e das orações temporais. Os adverbiais constituem também uma categoria gramatical de grande relevância para a determinação desses intervalos.

Como referimos, os tempos gramaticais e os adverbiais têm uma função crucial na localização temporal e na delimitação aspetual. Como os adjetivos que vamos estudar têm uma função localizadora muito semelhante à dos tempos gramaticais, apresentamos de seguida as características de três tempos gramaticais do Indicativo do português - o

Pretérito Perfeito Simples, o Presente e o Futuro -, pois, quer adjetivos quer verbos, estabelecem relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade com o ponto da fala ou com outros pontos. Embora o sistema gramatical do português tenha mais formas verbais para expressar estas relações, seleccionámos apenas estas três formas que julgamos serem suficientes para mostrar a semelhança entre verbos e adjetivos no que diz respeito à localização temporal.

1.1.1. Presente do Indicativo

As funções atribuídas ao Presente do Indicativo em português são variadas. Os exemplos a seguir dão conta das suas diversas possibilidades:

- (10) O João está doente.
- (11) Os pardais pousam nos fios da eletricidade³⁸.
- (12) A Maria casa no próximo domingo.
- (13) Em 1494, Portugal e Espanha assinam o Tratado de Tordesilhas.
- (14) Ronaldo entra na grande área, remata e golo.
- (15) Enquanto faço as compras, tu vais ao dentista e depois vamos juntos para casa.
- (16) Pões o tacho ao lume com o chocolate e a manteiga, bates os ovos...

Em português, o Presente do Indicativo exprimindo sobreposição com o ponto da fala ocorre em frases estativas (cf. (10)) e em frases habituais (cf. (11)). Para descrever situações simultâneas com o ponto da fala em predicções não estativas, utiliza-se o Progressivo. O Presente pode ainda projetar a frase no futuro, localizando a situação num intervalo posterior ao ponto da fala, desde que haja um localizador temporal como em (12). A frase do exemplo (13) mostra um uso do Presente, desta vez localizando, com a ajuda de uma data, a situação no passado num intervalo anterior ao ponto da fala, sendo este tempo designado como Presente histórico. A situação descrita em (14) corresponde a um enunciado de relato, como, por exemplo, o relato radiofónico ou televisivo de um jogo, podendo ser utilizados, nestas circunstâncias, verbos de evento. Em (15), trata-se do estabelecimento de um plano: a primeira situação serve de ponto de

³⁸ Para uma distinção entre tipos de frases genéricas, ver Oliveira & Cunha (2010).

referência para as outras duas situações; a segunda está incluída na primeira enquanto a terceira é posterior às duas anteriores. A frase do exemplo (16) faz parte de um texto instrucional. Estas duas últimas frases, como estabelecem planos, podem também ser lidas como projetando as situações para o futuro.

No sistema de Reichenbach (1947), ao Presente corresponderá a forma S, R, E; como se pôde observar, para o português são necessárias mais formas que contemplem todos os seus usos.

1.1.2. Pretérito Perfeito Simples

O Pretérito Perfeito Simples exprime anterioridade relativamente ao momento de enunciação. Apesar disso, pode, em certos casos, nomeadamente quando está ligado a um tempo posterior, exprimir posterioridade como se pode observar no exemplo seguinte:

(17) Quando a Maria voltar da viagem daqui a um mês, já o Rui concluiu o curso há uma semana.

(Oliveira, 2003, p. 156)

É muito comum a referência ao carácter de perfectividade deste tempo. De facto, é um tempo terminativo, mas nem sempre é perfectivo. Vejam-se alguns exemplos.

(18) A Maria viveu em França.

(19) Ela trabalhou num supermercado.

(20) A Carla fez um bolo de chocolate.

Aspetualmente, as três frases têm interpretações diferentes. A primeira situação é estativa, a segunda é um processo e a terceira é um processo culminado. Devido à sua natureza aspetual, um estado (cf. (18)) pode ser terminativo, mas não perfectivo; (19) descreve uma situação terminativa, mas como se trata de um processo, também não é perfectivo; (20) é um processo culminado e, por isso, como conduz a um estado resultante (“O bolo de chocolate está feito”), pode ser, na linha de Kamp & Reyle (1993), perfectivo.

1.1.3. Futuro

“O Futuro Simples raramente expressa tempo posterior ao tempo da enunciação” (Oliveira, 2003, p. 158). De facto, vimos atrás que uma forma de fazer referência a um tempo posterior ao tempo da enunciação passa pela utilização do Presente do Indicativo desde que na frase exista um adverbial localizador de tempo (cf. (12)) ou do Presente do verbo “ir” associado ao Infinitivo do verbo não estativo que se queira conjugar, como em “A Maria vai casar no domingo”.

O Futuro, como forma verbal, é usado apenas em contextos formais ilustrados nos exemplos (21) e (22):

(21) O bispo do Porto celebrará a missa em honra do padroeiro.

(22) O concerto do Springsteen realizar-se-á no Pavilhão Atlântico.

Ainda segundo Oliveira (1994), o Futuro deveria exprimir posterioridade, mas o que se verifica na maior parte das situações, é que este tempo não faz uma localização temporal; é o valor modal que sobressai, exprimindo possibilidade ou probabilidade. Observe-se a diferença entre o valor temporal do Futuro em (23) e o valor modal em (24):

(23) O Toni atuará no domingo no Olympia.

(24) O Toni estará a atuar neste momento no Olympia.

1.1.4. Tempos dêiticos e anafóricos

Ao estabelecer três pontos no eixo temporal, Reichenbach (1947) caracteriza as situações de forma relacional. Essa relação manifesta-se ou diretamente através de meios extralinguísticos relacionados com o contexto (expressões que remetem para os intervenientes da situação, para localizações espaciais e localizações temporais) ou diretamente através de meios linguísticos (tempos verbais e adverbiais).

Numa frase como a de (25) está presente uma relação do primeiro tipo, relação dêitica, pois estabelece-se uma ligação direta com o momento de enunciação. Note-se que o momento de enunciação, isto é, o ponto da fala, não é um elemento linguístico. Pelo contrário, na frase (26), a relação é do segundo tipo, tem carácter anafórico, dado

que a localização temporal de uma situação é estabelecida tendo em consideração a localização da outra e essa ligação é mediada por um elemento linguístico – uma oração subordinada adverbial temporal:

(25) Ontem, assaltantes arrombaram a caixa Multibanco da minha rua.

(26) Quando a Polícia chegou ao local, eles já tinham arrombado outra caixa noutro local.

1.1.5. Localização temporal e adverbiais de tempo

Os adverbiais desempenham um papel relevante na localização temporal de uma situação, dado que, em certos contextos, é a expressão adverbial que, por si só, faz essa localização. Veja-se o seguinte exemplo:

(27) O Euro começa no dia 8 de junho de 2012.

Neste caso, é o grupo preposicional “no dia 8 de junho de 2012” que faz a localização temporal da situação e não o verbo.

Contudo, os adverbiais não têm todos as mesmas funções. O adverbial presente em (27), faz a localização de forma absoluta porque se trata de uma data precisa. Essa localização pode, por vezes, ser relativa ao momento da enunciação ou a outra referência já estabelecida por meio de outra expressão temporal. Outros adverbiais, como os de contagem, a que aludiremos num capítulo posterior, exprimem a relação entre o evento e o número de vezes que o evento se realiza num determinado período de tempo. Os adverbiais de duração podem localizar temporalmente uma situação e também medir a duração. Os exemplos seguintes mostram as duas possibilidades:

(28) O Pedro teve febre durante a tarde.

(29) O Pedro saiu de casa durante a tarde.

Em (28), o adverbial determina a duração da situação e em (29), o mesmo adverbial fornece uma informação de localização temporal.

1.1.6. Localização temporal e adjetivos

Assim como os tempos verbais, os advérbios e as situações descritas numa frase complexa com uma subordinada adverbial temporal exprimem relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade com intervalos de tempo, também os adjetivos possuem essa capacidade quer em relação ao momento de enunciação quer em relação ao ponto de referência. Observem-se os seguintes exemplos:

- (30) O problema atual do país é o desemprego.
- (31) No mês passado, houve um tremor de terra no Japão.
- (32) Na próxima aula, faremos revisões.
- (33) Os alunos consultaram as obras que lhes tinham sido indicadas na aula anterior.
- (34) O João casou no domingo. No dia seguinte, partiu em lua de mel.

Em (30), (31) e (32), os adjetivos *atual*, *passado* e *próxima* contribuem para a localização das situações relativamente ao momento da fala, exprimindo com ele simultaneidade, anterioridade e posterioridade, respetivamente. Em (30), o ponto do evento sobrepõe-se, embora parcialmente, ao momento de enunciação, sendo o ponto de referência o intervalo em que decorre essa situação. Em (31), o ponto do evento coincide com o ponto de referência, situando-se ambos antes do momento de enunciação. Em (32), os pontos do evento e de referência coincidem e são posteriores ao momento de enunciação. A localização temporal da situação “Os alunos consultar as obras” é posterior à situação “aula anterior” (cf. (33)), que funciona como ponto de referência, fornecendo o ponto de perspectiva temporal. Em (34), é através do ponto de referência da situação “casar no domingo”, coincidente com o ponto de perspectiva temporal, que se estabelece a localização de “no dia seguinte”, que é posterior a “casar no domingo”.

Parecerá, numa primeira análise, que os adjetivos não poderão ser, por si sós, localizadores temporais. No entanto, se tivermos em consideração situações como “ir no domingo”, não estamos em condições de saber com exatidão a localização do evento. Se a informação dada por essa expressão for expandida com o recurso a um adjetivo temporal aplicado ao nome, como *próximo* ou *passado*, (“ir no próximo/passado

domingo”), a localização já é possível. Vejamos agora uma frase com a utilização de um adjetivo que exprime simultaneidade com o tempo de enunciação:

- (35) a. A juventude é generosa.
b. A juventude atual é generosa.

(35 a.) apresenta uma frase genérica, atemporal; em (35 b.), a aplicação do adjetivo *atual* restringe o significado do sintagma nominal e localiza-o temporalmente, estabelecendo uma relação de sobreposição parcial com o momento de enunciação, isto é, este está incluído no intervalo de *atual*. Concluimos, pois, que, em certos contextos, é a combinação do adjetivo temporal com o nome que permite a localização da situação, e noutros, é o adjetivo, isoladamente, que a realiza.

A propósito de uma possível interdependência temporal do adjetivo temporal com o verbo, verificámos que, apesar de restrições aspetuais impostas pelos verbos e pelas funções sintáticas desempenhadas pelo sintagma nominal que não conduzem a uma conclusão de sistematicidade relativamente a esta questão, alguns adjetivos exigem coincidência temporal com o tempo verbal enquanto outros localizam a situação num tempo e o verbo noutro. Os exemplos a seguir são elucidativos a esse respeito:

- (36) a. (?) Li o próximo livro do DeLillo.
b. *O próximo livro do DeLillo está a ser um êxito editorial.
(37) Vou ler o próximo livro do DeLillo.
(38) Vou ler o recente livro do DeLillo.

Como se pode observar, o adjetivo *próximo* aplicado a “livro” (cf. (36)) requer o verbo no futuro. A utilização de (?) em (36 a.) deve-se ao facto, raro, de haver indivíduos que possam ler um livro do escritor antes de ser editado como é o caso de, por exemplo, editores, familiares, etc.

Como referimos atrás, esta constatação não pode constituir uma generalização, visto que, se o mesmo adjetivo for aplicado a nomes como “casa” ou “escola” ou ainda a nomes que denotem pessoas como “presidente” ou “professor”, a frase já não é agramatical.

(39) A próxima escola do Pedro está em obras.

(40) Apreciei o discurso do próximo diretor da escola.

Parece, pois, que a exigência de coincidência temporal entre adjetivo e tempo verbal se verifica quando *próximo* está ligado a nomes que denotem objetos ainda não existentes.

O exemplo (38) mostra que, tal como os anteriores, verbo e adjetivo têm o mesmo ponto de perspectiva temporal; no entanto, neste caso, a localização temporal de futuro é fornecida pelo verbo, mas o adjetivo *recente* remete para o passado relativamente ao tempo de enunciação.

1.2. O aspeto

Referimos já a ligação indelével existente entre tempo e aspeto. Segundo Oliveira (2003), a categoria aspeto distingue-se da categoria tempo, na medida em que aquele “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação” (Oliveira, 2003, p. 129) mas, sobretudo, pela forma como são olhados, pois “se o Tempo é concebido como uma ordenação linear de unidades temporais atómicas (instantes) ou densas (intervalos) que se podem suceder ou sobrepor, já o Aspeto permite olhar para a sua estrutura interna perspectivando as situações a partir do seu interior, sendo portanto subatômico” (Oliveira, 2003, p. 129).

Neste trabalho, não distinguiremos as noções tradicionais de aspeto (informações fornecidas pela flexão verbal) de *aktionsart* (informações fornecidas pelo léxico); utilizaremos uma conceção de aspeto mais ampla, pois consideramos ser a mais adequada para línguas como o português que, ao contrário das eslavas, por exemplo, que possuem afixos próprios para determinarem o aspeto, tem vários meios ao seu dispor para esse mesmo efeito, sendo, muitas vezes, difícil saber com exatidão qual o elemento da predicação mais relevante neste domínio. Vejamos quais são os elementos linguísticos que estão em jogo quando se quer definir o perfil aspetual das predicações.

Costuma considerar-se o verbo como determinante na caracterização aspetual da predicação. De facto, é um elemento importante, pois verbos como “ser” ou “estar” indicam imediatamente que a predicação em que estão integrados é estativa, durativa, não delimitada e homogênea. Verbos como “cantar” ou “trabalhar” remetem para

situações não delimitadas, homogêneas e durativas, tal como “ser” e “estar”, mas, contrariamente a estes, as situações nas quais participam não são estativas, mas eventivas. Igualmente eventivas são as predicções em que são utilizados verbos como “partir” e “sair”, que são delimitadas e não durativas.

Igualmente importantes são os tempos verbais. Vejamos os seguintes exemplos:

(41) O Pedro cantou no coro da escola.

(42) O Pedro canta no coro da escola.

(43) O Pedro fez o teste de História.

(44) O Pedro está a fazer o teste de História.

Em (41), com o verbo no Pretérito Perfeito Simples, a predicção dá conta de uma situação que, embora não se saiba se ocorreu uma ou muitas vezes no passado, indica que terminou. Já (42), com o verbo no Presente do Indicativo, mostra que a situação ainda não teve fim, significa que “O Pedro cantar” é um evento que se repetiu e que vai continuar porque o Presente transforma um evento em estado habitual. (43) apresenta uma situação que teve um fim, mas diferente da de (41), na medida em que “fazer o teste” é um processo culminado, tendo, por isso, um estado resultante, e “cantar” é um processo. Com a aplicação do Progressivo, não se pode concluir que em (43) a situação terminou nem sequer se vai terminar; por isso, a introdução de operadores aspetuais como “estar a”, “começar a” e outros alteram significativamente o carácter aspetual da predicção.

Há ainda outros elementos linguísticos que ocorrem na predicção e cuja presença é suficiente para alterar o seu carácter aspetual. Observem-se os seguintes exemplos.

(45) O jornalista escreveu durante a tarde/* em duas horas.

(46) O jornalista escreveu a crónica durante a tarde/ em duas horas.

(47) O jornalista escreveu crónicas durante a tarde/ *em duas horas.

(48) O jornalista escreveu três/todas as crónicas durante a tarde/ em duas horas.

Na frase do exemplo (45), o verbo “escrever” apresenta-se sem objeto direto e a presença de um adverbial de duração confere à frase duração e a interpretação de uma situação que pode não ter terminado; por isso mesmo, o adverbial “em duas horas”, que

marca uma fronteira, torna a frase agramatical. Com a introdução do objeto direto na frase (46), a situação altera-se, torna-se télica, isto é, tem um fim, permitindo, por consequência, os adverbiais de medição. Embora a frase (47) possua objeto direto como a anterior, a natureza do sintagma nominal é diferente, pois, neste caso, trata-se de um mero plural, sendo a interpretação da frase semelhante à da frase (45). A frase (47) mostra que, com um quantificador universal³⁹ são permitidos os dois adverbiais de duração e que a sua interpretação é idêntica à da frase (46); trata-se de uma predicação télica.

Conclui-se, portanto, que o caráter aspetual de uma predicação se altera devido a vários fatores, entre os quais, os adverbiais, a presença ou ausência de objeto direto, os quantificadores e a presença ou ausência de determinantes.

1.2.1. Classes aspetuais

As classes aspetuais são categorias semânticas que permitem estabelecer aquilo que determina o caráter aspetual das predicções. Vendler (1967) propõe quatro classes aspetuais, atribuindo determinadas características a cada uma.

O quadro abaixo mostra essas categorias e os traços que as definem: o dinamismo, a duratividade ao longo do tempo, a homogeneidade e a existência de um ponto terminal.

Tabela 3: Classes aspetuais (Vendler, 1967) (adaptação)

	dinamismo	duratividade	homogeneidade	telicidade
estados A Ana esteve doente.	-	+	+	-
atividades A Ana trabalhou muito na escola.	+	+	+	-
accomplishments A Ana construiu uma casa.	+	+	-	+
achievements A Ana tossiu.	+	-	-	+

Para distinguir estas classes aspetuais e caracterizá-las adequadamente, vários autores, incluindo o próprio Vendler (1967), propõem vários testes.

³⁹ Se o quantificador for existencial, como, por exemplo, “vários”, a situação é mais complexa, pois este quantificador permite a ocorrência do adverbial durativo “durante x tempo”, mas não permite “em x tempo”.

Neste trabalho, seguimos os onze testes apresentados por Dowty (1979) traduzidos no Quadro 4:

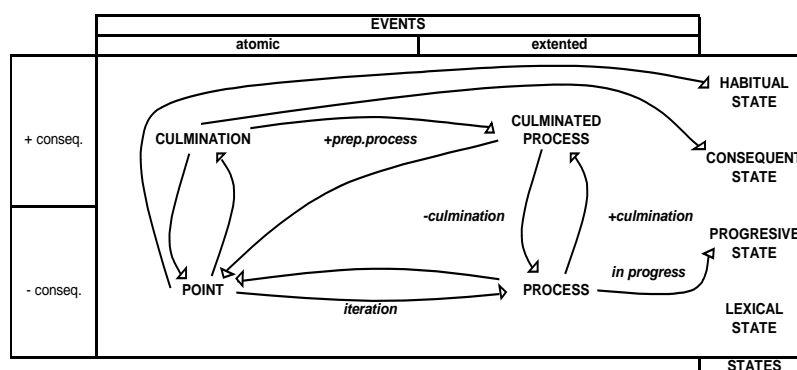
Tabela 4: Testes Aspectuais de Dowty (1979) (adaptação)

testes	Est.	Ativ.	Accomp.	Achiev
1. Admite o progressivo e ser complemento de “persuadir”	não	sim	sim	não
2. Interpretação habitual no Presente	não	sim	sim	sim
3. “durante x tempo”	sim	sim	sim	não
4. “em x tempo”	não	não	sim	sim
5. “V durante uma hora” implica “V em toda a hora”	sim	sim	não	-
6. “Estar V (Gerúndio)” implica “ter V Particípio)”	-	sim	não	-
7. Complemento de “parar”	sim	sim	sim	não
8. Complemento de “acabar”	não	não	sim	não
9. Ambiguidade com “quase”	não	não	sim	não
10. “V em uma hora” implica “estar V (gerúndio) nessa hora”	-	-	sim	não
11. Ocorre com advérbios do tipo “deliberadamente”	não	sim	sim	não

Embora reconhecendo a validade da proposta de Vendler (1967), Dowty (1979) considera que a categorização verbal vendleriana falha, porque cada uma das classes pode ser recategorizada noutra, mediante a introdução de adverbiais, de meros plurais e de outros elementos linguísticos, exatamente como já referimos em 2., através dos exemplos (45)-(48).

Em virtude destas particularidades aspetuais, Moens (1987) apresenta uma rede aspetual que mostra todas as mudanças operadas pela passagem de determinadas situações para outras.

Tabela 5: Rede aspetual de Moens (1987), (adaptada por Silvano, 2010)



Para além da construção da rede aspetual, Moens & Steedman (1988) apresentam ainda outra proposta que constitui um contributo inegável para o desenvolvimento do

estudo do aspeto. Trata-se do conceito de núcleo aspetual, que é uma característica dos eventos. De facto, estes autores dividem as classes aspetuais de modo diferente de Vendler (1967), pois consideram que existem duas classes principais: os estados e os eventos, que caracterizaremos a seguir.

1.2.1.1. Estados

Os estados caracterizam-se, de acordo com Vendler (1967), por serem não dinâmicos, atélcos (não apresentam uma fronteira final)⁴⁰, durativos e homogéneos. Esta última propriedade caracteriza-se por, no caso de se dividir a situação em intervalos, o resultado ser da mesma natureza que o todo.

1.2.1.2. Distinção estados/eventos

Dois testes de Dowty (1979) bastarão para distinguir estados de eventos.

(49) *O João está a ser doente.

(50) O Pedro está a tocar trompete.

(51) *O Pedro foi voluntariamente doente.

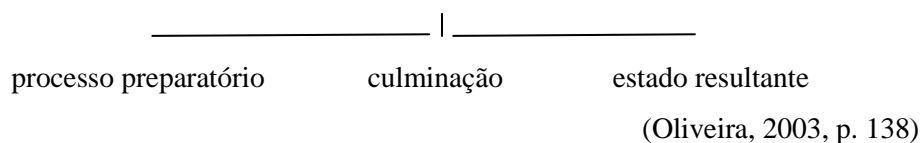
(52) O Pedro tocou trompete voluntariamente.

As frases (49) e (51) mostram que predicções estativas não admitem o Progressivo nem adverbiais como “voluntariamente” ou “deliberadamente”, que remetem para a agentividade. Pelo contrário, os eventos (cf. (50) e (52)) permitem construções com o Progressivo e esses adverbiais.

A existência de um núcleo aspetual que caracteriza os eventos é um elemento decisivo para se distinguir esta classe da dos estados, mas também dos eventos entre si. O núcleo aspetual é constituído por três fases que compreendem um processo preparatório, uma culminação e um estado resultante.

⁴⁰ A distinção entre predicados télicos e atélcos baseia-se na existência de uma fronteira final, intrínseca para os primeiros e inexistência de fronteira final para os segundos. Isto não significa que os predicados télicos sejam sempre terminativos. Sublinhamos que a situação deve ter um ponto final intrínseco, independentemente de ser atingido ou não.

A figura abaixo procura reproduzir as fases constitutivas de um evento.



O processo preparatório corresponde a uma fase durativa, homogênea e atética, sendo a culminação indivisível e o estado resultante uma fase estativa, que é a consequência do resultado de um evento télico.

O conceito de núcleo aspetual define-se então como uma forma de representar as propriedades relacionadas com as classes aspetuais. Essas propriedades, apresentadas já no Quadro 3, são o dinamismo, a duratividade, a homogeneidade e a telicidade.

Apenas os estados não revelam dinamismo, isto é, não possuem fases que os levem a uma mudança de estado. Daí que não possuam núcleo aspetual. Mais uma vez, recorrendo a testes de Dowty (1979), mostraremos a estatividade dos estados face ao dinamismo dos eventos:

- (53) *A Maria acaba de ser alta.
- (54) A Maria acaba de cantar.
- (55) A Maria é alta (agora; *habitualmente).
- (56) A Maria canta.

Contrariamente aos eventos, um predicado estativo como (53) não pode ser complemento do verbo “acabar”. Uma predicação estativa também não admite uma leitura habitual (cf. (55)), mesmo que o verbo se encontre no Presente, acontecendo a situação oposta com as predicações agentivas. Uma outra prova é a que De Miguel (1999) propõe, utilizando o verbo “ocorrer”. Como os estados não são dinâmicos, “puede decirse que no ha ocurrido ni ocurre” (p. 3011). Os exemplos a seguir pertencem a esta autora:

(57) Ocurrió que la fruta maduró.

(58) *Ocurrió que la fruta estuvo verde.

(De Miguel, 1999, pp. 3011/3012)

De Miguel (1999) esclarece que, em determinados contextos, como em “Ocorre que es ecologista”, a frase é possível, mas com o significado de “ dá-se a circunstância de...” ou “a coisa é que...”, não fornecendo o verbo “ocorrer”, nesses casos, a informação relevante.

Vimos atrás que a classe dos eventos não é homogénea, no sentido em que no seu interior coexistem várias subclasses, mas a classe dos estados também não é homogénea. Abordaremos essa questão mais adiante a propósito dos adjetivos.

1.2.1.3. Eventos

Na classe dos eventos, Moens & Steedman (1988) incluem os processos, os processos culminados e as culminações, que correspondem, respetivamente, às atividades, aos *accomplishments* e aos *achievements* propostos por Vendler (1967), e ainda uma nova classe, a dos pontos. As características destas subclasses de eventos serão descritas a seguir.

a. PROCESSOS

Os processos são durativos, homogéneos e atélicos; devido a estas propriedades, esta subclasse só faz parte do núcleo aspetual na fase do processo preparatório. Devido ainda àquelas características, os processos comportam-se de forma diferente das outras subclasses de eventos. Recorrendo de novo a alguns testes de Dowty (1979), comprovaremos esse comportamento dos processos.

(59) A Rita dançou durante uma hora/*em uma hora/*às 21h.

(60) A Rita está a dançar.

(61) A Rita acabou de dançar.

Os exemplos revelam, por um lado, que, quer com o Progressivo quer com o operador aspetual “acabar de”, a verdade da situação implica a verdade dessa mesma situação no passado, isto é, “A Rita dançou”, mostrando, assim, a sua duratividade e a

sua homogeneidade. Para além disso, o exemplo (59) dá conta da atelicidade dos processos ao não permitirem adverbiais que impõem fronteiras temporais (“em uma hora”) ou que são pontuais (“às 21h”).

b. PROCESSOS CULMINADOS

Como abarcam as três fases do núcleo aspetual, os processos culminados são durativos, télicos e não homogêneos. Estas propriedades estão presentes nos exemplos seguintes:

(62) A Carla escreveu o relatório em três horas/*durante três horas.

(63) A Carla está a escrever o relatório.

(64) A Carla acabou de escrever o relatório.

Os exemplos, construídos tendo em consideração as mesmas provas dos exemplos anteriores, revelam, que também os processos culminados são durativos e homogêneos (cf. (63) e (64)), mas que, ao contrário dos processos, são télicos. A comprová-lo está o facto de admitirem o adverbial de duração “em três horas”, que identifica o intervalo de tempo que compreende a totalidade do evento “escrever o relatório”, de tal modo que é permitida a inferência “O relatório está escrito”.

c. CULMINAÇÕES E PONTOS

As culminações e os pontos correspondem a situações não durativas: do núcleo aspetual, possuem apenas a culminação. No entanto, estas duas subclasses aspetuais eventivas apresentam diferenças consideráveis entre si. Vejam-se os exemplos.

(65) O Rui espirrou durante a tarde/*numa tarde.

(66) O Rui espirrou dez vezes.

(67) O Cavendish ganhou a prova em duas horas/*durante duas horas.

(68) # O Cavendish ganhou a prova dez vezes.

O exemplo (65) dá conta da transformação sofrida por um evento pontual, que, com a adição do adverbial de duração “durante a tarde”, passa a processo, obtendo-se, assim, um efeito de repetição de situações. Esse carácter iterativo da predicação não permite a utilização de um adverbial que marque a fronteira final da situação, como “numa tarde”.

Por outro lado, como se trata de uma situação iterativa, já é possível o uso de uma expressão quantificacional (cf. (66), “dez vezes”).

A situação “ganhar a prova” (cf. (67) e (68)) tem comportamento inverso da situação “espirrar”. (68) apresenta a leitura que não é relevante, significando que o indivíduo em questão já ganhou aquela prova em outras ocasiões. A mesma prova, a de 2011, por exemplo, é impossível ganhá-la mais do que uma vez.

Sendo ambas as situações não durativas, a que se deverá essa diferença?

A explicação para esse problema reside no facto de os pontos, como “espirrar”, serem constituídos apenas pela culminação e de não possuírem estado resultante. A frase “O Rui está espirrado” é agramatical. Por seu turno, as culminações, para além da culminação, têm estado resultante. A prová-lo está a frase “A prova está ganha”, que é uma frase gramatical do ponto de vista sintático.

Nesta breve abordagem, fizemos ressaltar a importância de vários elementos linguísticos na caracterização aspetual das predicções, nomeadamente a ação dos verbos, dos tempos gramaticais e dos adverbiais. A seguir, faremos algumas considerações sobre o papel dos adjetivos na determinação aspetual.

1.2.2. Aspeto e adjetivos

Seguidamente, apresentaremos as características dos predicados *individual level* e *stage level*, mostrando aquilo que os distingue e a maneira pela qual essa distinção se estende aos adjetivos.

1.2.2.1. Predicados de *individual level*/ de *stage level*

A distinção entre predicados *individual level*/*stage level* remonta a Carlson (1977) que os define em termos semânticos: os primeiros descrevem propriedades essenciais dos indivíduos e os segundos descrevem propriedades transitórias ou acidentais. Kratzer (1995) reformula os conceitos introduzidos por Carlson (1977), propondo que os predicados de estágio (*stage level*) dispõem de um argumento eventivo para as relações espaço-temporais que os predicados de indivíduo (*individual level*) não possuem. Por seu turno, (Chierchia, 1995) contra-argumenta a teoria de Kratzer (1995), defendendo que, quer os predicados de estágio quer os predicados de indivíduo, necessitam de um

argumento de natureza situacional. Este autor refere ainda a necessidade, na representação formal dos estados de indivíduo, de um operador de genericidade de forma a distinguir estes estados de todos os outros. Embora reconhecendo algumas inadequações nas propostas de Kratzer (1995) e Chierchia (1995), Cunha (2007, pp. 83-84) propõe, com base nelas, alguns testes que possibilitam distinguir os estados. Assim, uma predicação de indivíduo distingue-se de uma predicação de estágio na medida em que não ocorre com advérbios temporais durativos, com advérbios que estabeleçam fronteira inicial e final ou com advérbios meramente localizadores, como comprovam os exemplos abaixo:

(69) *O João foi alto durante a semana passada/desde sábado até
terça/ontem.

(70) A Maria esteve doente durante a semana passada/desde sábado até
terça/ontem.

Adaptação de Cunha (2007, p. 83)

Outra forma de distinguir predicados de indivíduo de predicados de estágio relaciona-se com a utilização de quantificadores ou de expressões quantificadas. Os exemplos (71) e (72) mostram a impossibilidade de um predicado de indivíduo os integrar na predicação, em claro contraste com os predicados de estágio (73) e (74).

(71) *Sempre que o João é alto, joga basquetebol.

(72) *Esta mesa foi redonda muitas vezes.

(73) Sempre que a Maria está doente, toma chá de limão com mel.

(74) Este livro esteve na minha mesa muitas vezes.

(Cunha, 2007, p. 84)

A distinção entre predicados de indivíduo e de estágio estende-se aos adjetivos e é de tal modo significativa que Demonte (1999), ao apresentar classes semânticas de adjetivos segundo as relações que o adjetivo contrai com o nome ao qual se aplica, considera existir uma classe baseada na oposição adjetivos individuais/episódicos, isto é, de indivíduo/estágio.

Também Bosque (2010) afirma que certos adjetivos possuem traços inerentes, estáveis ou definidores das noções que modificam enquanto outros expressam

propriedades acidentais ou episódicas. Os primeiros integram-se em predicções de indivíduo, sendo, por isso, designados como predicados de indivíduo e os segundos de estádio, designações já anteriormente utilizadas por autores como Carlson (1978), Chierchia (1995) e Kratzer (1995), por exemplo. Em português, e também em espanhol, em predicções adjetivais, esta oposição está, como já observámos nos exemplos atrás, associada ao emprego do verbo “ser” com adjetivos de indivíduo e do verbo “estar” com adjetivos de estádio de que (75) e (76) são exemplos:

- (75) a. Um ângulo de 50° é agudo.
b. *Um ângulo de 50° está agudo.
- (76) a. O João está contente.
b. *O João é contente.
- (77) a. O João é português.
b. *O João está português.
- (78) O João é/está violento.

Nas frases (75) e (76) estão presentes adjetivos qualificativos pelo que se infere que esta subclasse comporta adjetivos de indivíduo e de estádio. No que diz respeito aos adjetivos relacionais (cf. (77)), quando se constituem como predicados, descrevem propriedades estáveis e, por isso, só se combinam com “ser”. Sobre o tipo de predicção com adjetivos temporais e aspetuais, referir-nos-emos mais adiante. A partir do exemplo (78), pode observar-se também que em português determinados adjetivos participam em construções predicativas quer com o verbo “ser” quer com o verbo “estar”.

Como já foi referido atrás, nas predicções com “ser”, os predicados de indivíduo, porque referem a totalidade da entidade que descrevem, são incompatíveis com adverbiais de localização temporal (cf. (75 c.)), com adverbiais pontuais (cf. (75 d.)) e ainda com expressões de quantificação como “sempre que” (cf. (75 e.)). Como não descrevem a totalidade da entidade, mas apenas porções delimitadas de indivíduos, os predicados de estádio aceitam ser localizados por meio de adverbiais temporais (cf. (76 c. e d.)) e pela referida expressão de quantificação (cf. (76 e.)).

- (75) c. *O ângulo de 50° é agudo ao domingo.
d. *O ângulo de 50° é agudo à meia-noite.

- e. *Sempre que o ângulo de 50° é agudo, não é considerado ângulo.
- (76) c. O João esteve contente no fim de semana.
- d. O João esteve contente às 14h (quando as aulas acabaram).
- e. Sempre que o João está contente, assobia.

No entanto, esta generalização pode ser posta em causa, pois um predicado de indivíduo apresenta, por vezes, as propriedades características dos predicados de estádio. Observe-se de novo o exemplo (78) modificado com expressões de localização temporal e de quantificação sobre situações:

- (78) b. O João foi violento (no intervalo), (às 10 h).
- c. Sempre que o João é violento, os colegas chamam o diretor.

Como se pode observar, um predicado de indivíduo como em (76 b.) pode admitir uma expressão de quantificação sobre situações que, tipicamente, está reservada aos predicados de estádio. A explicação para este problema deve-se, segundo Cunha (1998), ao facto de os estados divergirem entre si, quer entre os de indivíduo quer entre os de estádio. Daí que proponha uma divisão entre estados: faseáveis e não faseáveis. Este autor define os estados faseáveis como sendo aqueles que reúnem as condições necessárias para se converterem em eventos, admitindo, portanto, o Progressivo ou o operador aspetual “começar a”, que é exatamente o que acontece com o exemplo (78):

- (78) d. O João está a ser violento.
- e. O João começou a ser violento.

Dada a circunstância de os estados faseáveis poderem converter-se em eventos, não surpreende, pois, que, mesmo que sejam na sua base predicados de indivíduo, possam manifestar as mesmas particularidades dos predicados de estádio.

1.2.3. Classes aspetuais e adjetivos

Nos dois pontos a seguir, abordaremos duas características aspetuais dos predicados: o dinamismo e a estatividade, vistos por Quirk *et al* (1985), e a telicidade/atelicidade, propriedade que caracteriza uma situação com uma fronteira final ou sem ela, respetivamente. Ambas as propriedades estão presentes em predicados adjetivais.

1.2.3.1. Dinamismo/Estatividade

Quirk *et al.* (1985) consideram, entre as várias classes de adjetivos que propõem, a existência de um grupo de adjetivos aos quais pode ser atribuído o traço dinâmico ou o traço estático, distinção que é muito semelhante àquela que já apresentámos que divide os adjetivos em predicados de *individual level* e de *stage level*. Os adjetivos dinâmicos caracterizam-se por participarem em frases do tipo imperativo, por participarem em construções com o Progressivo e por, a partir deles, se formarem advérbios terminados em *-mente*. Os exemplos a seguir ilustram a proposta dos autores.

(79) a. O João está a ser simpático.

b. João, sê simpático.

c. simpaticamente

(80) a. *O João está a ser alto.

b. *João, sê alto.

c. # altamente

Os adjetivos *simpático* e *alto* constituem-se como predicados de indivíduo. Em princípio, deveriam rejeitar os testes propostos por Quirk *et al.* (1985), pois são aqueles utilizados normalmente para se fazer a distinção entre estados e eventos. Contudo, o que podemos observar é que, dos dois adjetivos apresentados nos exemplos, um responde afirmativamente aos testes - *simpático* - mostrando, assim, que possui características de evento. A explicação para determinados adjetivos se converterem em eventos foi já referida atrás de acordo com Cunha (1988), que propõe a distinção entre estados faseáveis e não faseáveis. Os adjetivos dinâmicos serão, pois, faseáveis, os estáticos não faseáveis.

1.2.3.2. Telicidade/Atelicidade

Na abordagem que fizemos das classes aspetuais, vimos que os estados e os processos são atélicos, não possuem um início nem um fim marcados. As outras classes aspetuais são télicas, com a exceção dos pontos se, com a adição de um adverbial durativo, constituírem situações iterativas.⁴¹ Alguns exemplos podem ilustrar esta questão: em (81), como se trata de um processo culminado, o predicado é télico, isto é, tem uma fronteira que marca o final do evento e o seu estado consequente; em (82), dado que se trata de um processo, o predicado não apresenta um final definido, logo o predicado em questão é atélico; atélicos são também os predicados dos exemplos (83) e (84), visto tratarem-se de estados.

(81) O João construiu a sua casa em meio ano.

(82) *O João jogou futebol em meio ano.

(83) *O João esteve triste em meio ano.

(84) *O João foi simpático em meio ano.

Como os adjetivos, em situação predicativa, participam tipicamente em construções com os verbos “ser” e “estar”, constituem-se, naturalmente, como predicados atélicos. Voltaremos ainda a esta questão mais adiante.

3. SÍNTESE

A primeira parte deste capítulo foi dedicada à apresentação de algumas propriedades que definem o tempo enquanto categoria gramatical: a transitividade, a irreflexividade e a assimetria dos intervalos. A propósito das designações “intervalo” e “instante”, “momento” ou “ponto”, apresentámos os pontos de vista de Bennett & Partee (1978), que defendem uma semântica de intervalos, e de Kamp & Reyle (1993), que, embora considerando que a proposta daqueles autores não é a mais adequada, a utilizam sob reserva.

⁴¹ A propósito da telicidade, Leal & Oliveira (2008) propõem uma nova classe de processos – os processos culmináveis – “que são aqueles que estão, na base, não especificados quanto à telicidade e que a veem definida no decorrer da composição aspetual”.

Como neste trabalho se discutem as relações temporais que os adjetivos podem estabelecer com os diversos momentos e intervalos e a sua participação na localização das situações, descrevemos a representação do Tempo idealizada por Reichenbach (1947) e definimos os seus três pontos - ponto da fala, ponto do evento e ponto de referência – e as suas nove formas fundamentais. Dado que, por vezes, os três pontos se revelam insuficientes para descrever a situação temporal, considerámos a emergência de um novo ponto e recorremos à proposta de Kamp & Reyle (1993) segundo a qual é necessário um novo ponto correspondente ao intervalo de tempo a partir do qual a situação é vista – o ponto de perspectiva temporal. Isto não significa que estes autores não reconheçam o ponto de referência, mas este ponto terá como função explicar a progressão narrativa, sobretudo em frases complexas.

De acordo com a teoria reichenbachiana, o tempo é relacional e, por isso, a localização temporal das situações é sempre feita relacionalmente tendo em conta o ponto da fala, o ponto do evento e o ponto de referência. Isto conduz necessariamente à conceção de relações dêiticas e de relações anafóricas, consoante a localização é feita diretamente em relação ao ponto da fala ou indiretamente a esse ponto, respetivamente.

Vimos que, para se determinar a localização temporal de uma situação, é necessário recorrer aos verbos, mas também aos adverbiais de localização e medição e ainda, é propósito deste trabalho, aos adjetivos. Colocámos algumas reservas acerca da função dos adjetivos relativamente a esta questão, que tentaremos esclarecer no próximo capítulo.

Ainda que o tempo e o aspeto estejam intimamente ligados, procurámos fazer a distinção entre estas duas categorias. A explicação para este procedimento está no facto de, nos próximos capítulos, abordarmos em separado os adjetivos temporais e os aspetuais que, como se verá, têm comportamentos muito diferentes.

Começámos por referir os elementos linguísticos que, numa predicação, contribuem para definir o seu carácter aspetual e as circunstâncias, nomeadamente a sua ausência ou a sua presença, em que esses elementos provocam alteração no perfil aspetual das predicções. De seguida, apresentámos as classes aspetuais propostas por Vendler (1967) e os parâmetros estabelecidos para cada uma delas: dinamismo, duração, telicidade e homogeneidade. Para distinguir cada uma das classes, recorremos às provas de Dowty (1979). As classes aspetuais vendlerianas não são isentas de problemas, como vários autores denunciam. No sentido de clarificar as classes aspetuais, Moens (1987) apresenta uma divisão diferente, colocando os estados num nível diferente dos eventos,

sendo, pois, a divisão feita entre estas duas classes. Um aspeto inovador e fundamental na conceção dinâmica do aspeto introduzido por Moens (1987) e Moens & Steedman (1988) é o conceito de núcleo aspetual, que vem demonstrar as reais diferenças entre estados e eventos e, simultaneamente, entre as várias categorias de eventos. Com base nestas propostas e nas características das classes aspetuais de Vendler (1967), descrevemos cada uma das novas subclasses dos eventos: processos, processos culminados, culminações e pontos. Para além destas inovações propostas por Moens (1987) e Moens & Steedman (1988), é de realçar a importância da criação de uma rede aspetual, que prevê as mudanças aspetuais que podem acontecer numa predicação, justamente quando, como já referimos anteriormente, são introduzidos ou retirados determinados elementos linguísticos.

Finalmente, observámos o comportamento dos adjetivos nas predicações, sobretudo a questão dicotómica adjetivos de indivíduo/adjetivos de estádio e as circunstâncias em que um adjetivo pertence a uma classe ou a outra. Como o dinamismo é uma característica dos eventos, apresentámos a perspectiva de Quirk *et al.* (1985), segundo a qual os estados também podem ser dinâmicos, tendo nós verificado que os estados podem, de facto, possuir essa particularidade se forem faseáveis (cf. Cunha, 1998).

CAPÍTULO 3

ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS

1. INTRODUÇÃO

No capítulo 1, observámos que Demonte (1999) acrescenta às classes tradicionais de adjetivos, os qualificativos e os relacionais, uma terceira classe de adjetivos designados adverbiais. Essa classe é subdividida em adjetivos modificadores do significado ou intensão dos nomes e adjetivos eventivos, estando ainda estes grupos subdivididos. A classificação destes adjetivos é relativamente recente e não está ainda amplamente divulgada devido, talvez, ao facto de possuírem, muitas vezes, formas homónimas⁴² e assumirem, nesses casos, outras funções.

Como neste trabalho nos vamos ocupar da subclasse dos adjetivos eventivos, que compreende os circunstanciais (de tempo⁴³, locativos e de modo) e os aspetuais, convém precisar a designação utilizada pela autora: “determinada por las propiedades eventivas de los nombres cuyo significado y función son similares a los de los adverbios que modifican a los predicados verbales en las oraciones plenas.” (Demonte, 1999, p. 141) e “Por su semejanza con los adverbios y sintagmas preposicionales adjuntos al sintagma verbal los denominaremos “adjetivos adverbiales eventivos circunstanciales”” (Demonte, 1999, p. 141).

⁴² Este aspeto é muito discutido na literatura. Alguns autores defendem que se trata de formas homófonas dos adjetivos, mas com lugar fixo (cf. Milner, 1967), embora a tradição gramatical francesa continue a considerá-los polissémicos, mudando de significado em anteposição. Abordaremos esta questão mais adiante.

⁴³ Neste trabalho, interessam-nos sobretudo os adjetivos temporais e os aspetuais.

Comecemos por apresentar alguns exemplos de adjetivos destes tipos e observar algumas das suas particularidades:

- (1) a. A próxima estação é Esmoriz.
b. A próxima estação é o verão.
- (2) a. Hoje está um dia ameno.
b. A Rita e o Rui tiveram uma conversa amena.
- (3) a. O carro da Rita é um modelo antigo da Renault.
b. O carro da Rita é um antigo modelo da Renault.

Em (1), ambas as versões incluem adjetivos do tipo adverbial. (1 a.) apresenta um adjetivo adverbial locativo e (1 b.) um adjetivo adverbial temporal. A estrutura frásica é idêntica, mas os nomes denotam entidades diferentes: no primeiro caso, trata-se de um nome que refere um local e no segundo, é um nome que exprime temporalidade. Em (2 a.), existe um adjetivo qualificativo que denota uma propriedade física do nome “dia” e em (2 b.), o adjetivo não denota uma propriedade física do nome eventivo “conversa”; por isso, não se trata de um adjetivo qualificativo, mas de um adjetivo adverbial de modo. O adjetivo presente em (3 a.) é um adjetivo qualificativo de idade e em (3 b.), um adjetivo adverbial temporal, tendo a mudança na classificação, neste último caso, sido processada não pela alteração no significado ou no tipo de nome, mas pela troca de posição do adjetivo. Note-se que o adjetivo “antigo”, tal como muitos outros, tem a particularidade de, mudando a posição relativamente ao nome, poder mudar também o seu significado. No entanto, anteposto ao nome e modificado por um advérbio de grau pode perder o seu carácter temporal ou, pelo menos, oferecer uma leitura ambígua como na frase “O carro da Rita é o mais antigo modelo da Renault”. Nos exemplos (1) e (2), a posição do adjetivo mantém-se, mas, devido aos nomes modificados, o significado e a classificação alteram-se. No primeiro caso, é “Esmoriz” e “verão” que influenciam a interpretação, dado tratar-se de nomes que referem um local e uma estação do ano, respetivamente; logo, embora os adjetivos sejam localizadores, situam as entidades em domínios diferentes: o primeiro é um localizador espacial e o segundo é um localizador temporal. No segundo caso, o adjetivo qualificativo *ameno* aplicado a “dia” atribui-lhe uma qualidade, mas, modificando o nome eventivo “conversa”, já não lhe atribui nenhuma qualidade ou propriedade, descreve o modo como a conversa decorreu. Desta

forma, determinados pelas propriedades eventivas dos nomes, muitos adjetivos qualificativos convertem-se em circunstanciais adverbiais. (cf. Demonte, 1999).

De seguida, vamos verificar em que medida a designação atribuída a estes adjetivos por Demonte (1999) é adequada.

a. Propriedades eventivas dos nomes

Observamos, pelos exemplos apresentados, que, embora os adjetivos adverbiais modifiquem nomes com estrutura de evento, o que se constata é que alguns, como “modelo” (cf. (3)), não pertencem a esse tipo de nomes. Demonte (1999, p. 205) defende então que as entidades ou situações, “que, no siendo literalmente acontecimientos, se sitúan en el espacio y en el tiempo bien porque son cosas que “ocurren”, que “tienen lugar” (son objetos-evento en la terminología de Dowty (1979)”, são modificadas temporal ou espacialmente por este tipo de adjetivos. Nomes associados a cargos ou a parentesco são também considerados eventivos, porque se podem constituir como predicados de indivíduo com uma determinada estrutura temporal, pelo menos durante um certo intervalo de tempo.

b. Função de adjunção

Outra característica apontada por Demonte (1999) relaciona-se com o facto de estes adjetivos desempenharem a função de adjuntos. Embora a maioria exerça efetivamente a função de modificador sintático, certos adjetivos constituem-se como verdadeiros complementos. Veja-se apenas um exemplo:

(4) a. Choveu muito no mês passado.

b. *Choveu muito no mês.

A frase (4 b.) torna-se agramatical porque “no mês” não permite fazer a localização temporal. Note-se que se, em lugar de “no mês”, colocássemos “este mês”, já haveria, devido à presença do demonstrativo, um enquadramento temporal que nos permitiria interpretar a frase.

c. Relação adjetivo/advérbio

Ainda na definição de adjetivo adverbial, Demonte (1999) explica a utilização da designação “adverbiais” dado que “todas ellas [formas adjetivas] estarían representadas por el adverbio correspondiente en *-mente* si la expresión en que aparecen fuese oracional en vez de nominal:

(5) Mirada fría. – Miró friamente. / Viaje largo. – Viajó largamente. / Presumible ataque. – Atacarán, presumiblemente.”

(Demonte, 1999, p. 205)

Utilizando esta mesma transformação nos exemplos (1)-(3), renumerados abaixo, verificamos que apenas o exemplo (6) permite essa conversão:

(6) Conversa amena/Conversar amenamente.

(7) Próxima estação/# Estacionar proximamente.

(8) Antigo modelo/ # Modelar antigamente.

Por aquilo que os exemplos mostram, os adjetivos qualificativos recategorizados como adverbiais (cf. (6)) permitem sem reservas a sua substituição por advérbios sem que se altere o significado. Veja-se a esse propósito a diferença entre “um olhar frio”/”olhou friamente” e “água fria”/ *aguou friamente. Admite-se então que só com nomes eventivos será possível a transformação do adjetivo adverbial em advérbio e que, com nomes não eventivos modificados por adjetivos qualificativos já não será permitida a substituição do adjetivo por um advérbio.

Demonte (1999) refere que os adjetivos adverbiais modais e os marcadores de referência (dois grupos da subclasse dos intensionais) se relacionam com os advérbios que têm escopo sobre toda a frase – advérbios de frase - e que os adjetivos adverbiais circunstanciais têm ligação com os advérbios que modificam o verbo – advérbios de predicado. A sua observação condiz com o exemplo que apresenta “Atacarán, presumiblemente” (p. 205) no qual o advérbio é, de facto, um advérbio de frase que substitui um adjetivo modal.

Giry-Schneider (1997) avança com uma explicação que pode ser pertinente para a compreensão deste problema. Esta autora sugere que numa frase como a de (22) do Capítulo 1, renumerada no exemplo abaixo (cf. (9)), “habitualmente” (cf. 9 b.) é um

advérbio que tem escopo sobre toda a frase e não é equivalente, de facto, ao adjetivo *habitual* aplicado a “jornal”, propondo então a resolução do problema que consiste em fazer uma paráfrase na qual se insere uma relativa cujo verbo seja a repetição do verbo da frase matriz. Nessa circunstância, o advérbio terá a função de advérbio de predicado. O exemplo (9 c.) dará conta dessa transformação.

(9) a. Compro o meu jornal habitual na livraria S. Jorge.

b. ↔ ~~Habitualmente~~ compro o meu jornal na livraria S. Jorge.

c. ↔ ~~Compro~~ o (meu) jornal que compro habitualmente na livraria S. Jorge

Como vemos, a paráfrase feita ainda não é satisfatória porque não é uma implicação da frase original; então, para obviar situações como esta, Giry-Schneider (1997) adianta que, em nomes como “jornal”, o verbo deve ser apropriado ao nome, que, neste caso, é o verbo “ler”. Assim, (9) d. ilustraria essa possibilidade.

d. Compro o (meu) jornal que habitualmente leio na livraria S. Jorge.

2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS

Colocadas as questões que se impunham sobre a designação atribuída a estes adjetivos, vejamos algumas das suas características, que a seguir se explicitam:

- a posição relativamente ao nome;
- a possibilidade de ocorrerem em função predicativa;
- a possibilidade de serem graduáveis.

Embora a primeira destas características pertença ao domínio sintático, pode ter consequências relevantes na semântica destes adjetivos e, por isso, faz sentido que seja retomada neste ponto, pois a mudança de posição pode provocar não só mudança de sentido mas também a relação que estabelece com o nome.

2.1. Adjetivos adverbiais temporais em posição atributiva

Demonte (1999) propõe que os adjetivos modais e os marcadores da intensão ou referência se colocam obrigatoriamente à esquerda do nome e que os circunstanciais (de modo, locativos e temporais) e os aspetuais se colocam aleatoriamente à esquerda ou à direita sem que se altere o seu significado, advertindo, porém, para a existência de algumas exceções em que, posposto, o adjetivo é qualificativo e tem um significado diferente, como é o caso de, por exemplo, *antigo*, *velho* e *próximo*.

Por seu turno, Milner (1967) defende que adjetivos modificadores de certos nomes, em anteposição, ocupam um lugar fixo, com particularidades sintáticas diferentes daqueles que se colocam em posposição. Ao contrário das formas adjetivais pospostas, estes adjetivos não definem “l'appartenance à un sous-ensemble, mais une modalité de l'appartenance à l'ensemble” (Milner, 1967, p. 276). Por isso, classifica-os como modais, apresentando testes sintáticos que permitem verificar a diferença existente entre os adjetivos de lugar fixo e os de lugar variável. Pela definição proposta e pelo facto de responder de forma categórica aos testes, este autor considera “antigo”, em anteposição, um adjetivo modal, dado que a entidade modificada já não pertence à classe a que pertenceria se o adjetivo estivesse posposto.

Por sua vez, ao defender que há adjetivos de lugar variável, Waugh (1976) define as circunstâncias em que se opera a mudança. Segundo esta autora, em anteposição, não é o significado intrínseco do adjetivo que se altera, mas é apenas o alcance da modificação que este adjetivo opera que é diferente, isto é, o adjetivo modifica diretamente o conteúdo nocional do nome. Em posposição, o adjetivo opera uma qualificação do referente, independentemente do conteúdo nocional do nome.

Demonte (1999) aproxima-se, pois, de Waugh (1976), na medida em que propõe que os adjetivos antepostos modificam a intensão dos nomes e pospostos modificam o referente. Porém, no que se refere aos adjetivos adverbiais, Demonte (1999) apresenta uma proposta clara na qual apenas classifica como intensional um subgrupo dos adjetivos adverbiais não considerando os temporais e os aspetuais incluídos nesse grupo.

De acordo com Demonte (1999), há então adjetivos temporais que se colocam em anteposição e em posposição ao nome, sem alteração de significado nem de classe como se pode observar no exemplo seguinte:

(10) O papa atual é de origem alemã. /O atual papa é de origem alemã.⁴⁴

No entanto, em português, um adjetivo como *futuro* é obrigatoriamente anteposto quando modifica temporalmente nomes que denotem cargos ou relações de parentesco (“futuro presidente”, “futuro ministro”, “futuro genro”, “futuro noivo”)⁴⁵. Nesta posição, apresenta algumas características dos relacionais: não é predicativo (*“Este marido é futuro.”) e não admite a possibilidade de ser convertido numa nominalização (*“A futurização do marido”). Com outros nomes, ocorre tipicamente nas duas posições (“estatuto futuro/futuro estatuto”, “futura alternativa/alternativa futura”, “direção futura/futura direção”), embora, tal como em anteposição, não apresente as outras duas características.

Utilizando os testes propostos por Milner (1967, pp. 275-276), observe-se o comportamento deste adjetivo em situação de posição fixa:

- (11) a. A Ana crê que o Rui é o seu futuro marido.
b. *A Ana crê que o Rui é o seu mais futuro marido.
c. *A Ana crê que o Rui é o seu futuro e simpático marido.
d. *A Ana crê que o seu marido é futuro.

Seguindo a proposta de Milner (1967), segundo a qual adjetivos de lugar fixo não aceitam participar em construções de grau (cf. 11 b.) nem em estruturas predicativas (cf. 11 d.) e não permitem a coordenação com outros modificadores (cf. 11 c.), verificamos

⁴⁴ Em “uma mulher muito atual”, expressão nominal indefinida, o adjetivo atribui uma qualidade (“ser moderna”, “estar a par das evoluções sociais, culturais, científicas,...”) à entidade denotada pelo nome, sendo, por isso, qualificativo. Nas expressões nominais definidas “a atual mulher do ministro/a mulher atual do ministro”, o adjetivo determina um momento do tempo no qual o indivíduo em questão, a mulher, é mulher do ministro. Neste caso, o momento de enunciação está incluído nesse intervalo, classificando-se o adjetivo como temporal.

⁴⁵ Encontrámos apenas uma ocorrência deste adjetivo em posposição ao nome, no plural, coordenado com outro adjetivo pertencente à mesma classe:

(i) De uma forma ou de outra, Marçal Grilo terá sempre de ouvir os sindicatos que, neste caso, já deram sinais evidentes de uma grande determinação em não deixar que este diploma venha a ser a espinha dorsal das formações de base dos professores atuais e futuros.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (20/12/2011)

que em (11), aplicados os testes, se trata, de facto, de um adjetivo com as mesmas características dos modais, distinguindo-se assim de outros tipos de adjetivos.

Borillo (2001) estende as propostas de Waugh (1976) e de Demonte (1999) para os adjetivos modais aos adjetivos temporais, propondo que há alguns destes adjetivos que modificam a entidade designada pelo nome (daí que alguns deles se comportem como qualificativos) e outros que se aplicam às propriedades ou às relações ligadas à entidade designada pelo nome.

Na descrição das características dos adjetivos temporais que faremos a seguir, observaremos o seu comportamento relativamente a questões já anteriormente mencionadas, entre outras, a posição, a graduabilidade e os tipos de modificação.

2.2. Adjetivos adverbiais temporais em posição predicativa

A ocorrência de adjetivos temporais em construções predicativas é muito variável e deveria até ser escassa, dado que estes adjetivos, por princípio, não deveriam ocorrer nessas estruturas e, a acontecer esse fenómeno, dever-se-ia ao facto de o adjetivo em questão ser qualificativo. No entanto, assim como existem adjetivos que, não perdendo o seu estatuto de adjetivos adverbiais temporais, se podem pospor, também há formas que participam em estruturas com “ser” (cf. (12)), outros com “ser” e com “estar” (cf. (13)), outros ainda só com “estar” (cf. (14)), mostrando assim que, nestas circunstâncias, estes adjetivos apresentam características típicas dos qualificativos, podendo ser, em princípio, predicados de indivíduo ou de estágio. Outros, como *passado*, em “domingo passado”, não participam nessas estruturas. O exemplo (15) mostra que, em situação predicativa, *passado* só pode ser participio, em frases passivas (cf. (15 a.)), e com interpretação estativa (cf. (15 b.)):

(12) Este artigo é recente.

(13) A derrota no Euro é/está iminente.

(14) O fim do mundo está muito próximo.

(15) a. # O domingo foi passado com muita alegria.

b. # O domingo está passado.

Alguns adjetivos desta classe, de tipo anafórico, como *subsequente*, *anterior* ou *posterior*, admitem a participação em construções predicativas se eles próprios selecionarem complementos (“ser anterior a”, “ser posterior a”).

2.3. Adjetivos adverbiais temporais e graduabilidade

Os adjetivos temporais, em princípio, não deveriam ser graduáveis. No entanto, no que diz respeito à modificação por grau, alguns aceitam modificadores como “mais” ou “menos” e advérbios intensificadores (“muito/pouco/bastante”) quer em posição atributiva quer em posição predicativa. Um desses exemplos é o adjetivo *recente*, que admite todos os modificadores deste tipo. Também o adjetivo *próximo* aceita modificação adverbial intensificadora, mas apenas em situação predicativa com o verbo “estar”, como foi visto em (14).

Embora provisoriamente, concluímos que os adjetivos temporais ocorrem tipicamente quer à esquerda quer à direita dos nomes e que evidenciam algumas discrepâncias no que diz respeito à participação em estruturas predicativas e à graduabilidade.

2.4. Adjetivos adverbiais temporais e modificação intersectiva

Observemos agora o comportamento dos adjetivos adverbiais temporais segundo as relações semânticas da intersecção.

Segundo Bosque (2010), os adjetivos adverbiais são não intersectivos⁴⁶. Dando como exemplo “el actual ministro de Economía” (p. 927), refere, tal como Demonte (1999) na definição que propõe para estes adjetivos, que o adjetivo não apresenta uma qualidade do ministro, mas que “los substantivos que expresan cargos, puestos, funciones y otros estados que se les asimilan se interpretan como predicados de los individuos relativos a algún segmento temporal” (p. 955). Assim, “el actual ministro de Economía” poderá constituir paráfrase de “el que es actualmente ministro de Economía”. Este autor acrescenta ainda que estes adjetivos não intersectivos podem ser temporais, mas também são não intersectivos adjetivos modais como *provável*, *presumível* e outros.

⁴⁶ Na literatura inglesa, para os adjetivos não intersectivos é utilizado o termo “subsectivos”.

Referimos no capítulo 1 que Partee (2003) considera que os adjetivos não intersectivos não têm todas as mesmas características; por isso, divide-os em subsectivos e não subsectivos e estes em privativos e *plain* (evasivos, cf. Vidal, 2004). Por seu turno, Vidal (2004) propõe que os adjetivos privativos e os adjetivos evasivos constituem um tipo de modificação diferente quer da intersectiva quer da subsectiva. Assim, seguindo a sua proposta, poderemos afirmar que um adjetivo como *antigo* em “antigo militar”, por exemplo, não seria um modificador intersectivo, pois o sintagma no qual está integrado não possui as condições suficientes para pertencer ao conjunto intersecção dos militares e dos seres antigos; mas também não seria subsectivo porque não pode estar incluído no conjunto dos militares, visto que, no momento atual, as entidades denotadas por “antigos militares” já não pertencem ao conjunto dos militares. A mesma autora não classifica, como faz Bosque (2010), os adjetivos *antigo* e *presumível* como não intersectivos nem tão pouco como subsectivos, porque considera que a modificação que realizam é de tipo diferente: não se pode afirmar que “um presumível assassino” é um assassino, porque há a possibilidade de o ser como a de não o ser; também não se pode afirmar que “um antigo militar” é um militar. Adjetivos como *presumível* serão evasivos e adjetivos como *antigo* serão privativos⁴⁷.

Ora, sendo os adjetivos temporais, segundo Bosque (2010), não intersectivos, em qual grupo os colocar? No caso do adjetivo *atual*, poderemos considerar que modifica da mesma forma que *antigo*?

Observemos alguns exemplos de adjetivos temporais associados a um nome que denota um cargo, tal como sugerido por Bosque (2010, p. 995):

(16) O Eduardo é um antigo ministro da Economia⁴⁸.

(17) O Miguel será um futuro ministro da Economia.

(18) O Álvaro é o atual ministro da Economia.

(19) O Fernando é um recente ministro da Economia.

Relativamente a *antigo* (cf. (16)), já observámos que é um modificador privativo (cf. Vidal, 2004), pois, segundo a teoria dos conjuntos, “ \neg (antigo \cap ministro)” e “ \neg (antigo ministro \subseteq ministro)”. Situação diferente observa-se em (17) com o adjetivo

⁴⁷ Embora tenhamos integrado *antigo* no conjunto dos adjetivos adverbiais temporais, consideramos que, de facto, apresenta algumas características dos adjetivos modais. As propostas de Milner (1967) e de Vidal (2004) confirmam esta interpretação deste adjetivo.

⁴⁸ Posteriormente, avaliaremos o papel dos determinantes na interpretação dos sintagmas nominais que integram adjetivos.

futuro. Neste caso, concordando com Bosque (2010), a interpretação está próxima da de *presumível*, visto que, tendo em atenção o significado de *futuro*, não se poderá garantir que “um futuro ministro” venha a ser “ministro”⁴⁹. Daí que este adjetivo seja um modificador evasivo (cf. Vidal, 2004) ou não intersectivo não subsectivo *plain* (cf. Partee, 2003). Relativamente a *atual* (cf. (18)), a situação é também diferente das anteriores: não é intersectivo, na medida em que o sintagma “atual ministro” não é o conjunto intersecção dos ministros com o dos seres atuais, mas inclui-se no conjunto dos ministros. Por isso, poder-se-á classificá-lo como modificador não intersectivo subsectivo. Situação ambígua verifica-se com *recente* (cf. (19)). Se considerarmos que a interpretação de “recente ministro” é a de “ministro que foi nomeado recentemente”, então será subsectivo como *atual* dado que pertence ao conjunto dos ministros. No caso de “recente ministro” corresponder a um ministro que ocupou o cargo até recentemente, então a sua classificação é a mesma de *antigo* (cf. (16)).

Como se pode observar, embora sendo não intersectivos, os adjetivos temporais não modificam todos de igual modo, mesmo que o nome modificado seja o mesmo. Veja-se ainda outro exemplo.

(20) As notícias atuais são pessimistas.

Para explicitar a modificação intersectiva dos adjetivos temporais, Bosque (2010) recorre à comparação entre “atual ministro” e “notícia atual”, propondo que, contrariamente ao que acontece na última destas expressões, o adjetivo em “atual ministro” não atribui nenhuma qualidade à entidade denotada pelo nome. Admitindo que este autor atribui ao adjetivo *atual* na expressão que toma como exemplo o significado de “real” ou de “efetivo” (cf. Novo Dicionário Aurélio, p. 198), a sua interpretação é adequada, mas, se não tiver este significado, continuará a ser um adjetivo temporal. Ora, considerando que em (20), o adjetivo *atual* exprime temporalidade como em “ministro atual”, qual será a diferença entre as duas expressões relativamente à modificação? Na nossa opinião, a modificação é a mesma. Só seria diferente, como propõe Bosque (2010), se *atual* fosse qualificativo.

⁴⁹ Devido a ter esta interpretação, Bouchard (2002, p. 8) propõe que *futuro* não apresenta uma leitura intersectiva nem subsectiva, mas intensional. Exatamente como *alegado*, *falso*, etc.

2.5. Adjetivos adverbiais temporais e modificação restritiva

Relativamente à restrição, foi já referido no capítulo 1 que o adjetivo, ao restringir o conjunto denotado pelo nome, forma um novo conjunto, mas que pode também apenas realçar uma informação já conhecida e, conseqüentemente, não formar nenhum outro conjunto. O adjetivo adverbial temporal *recente* serve para ilustrar estas duas propriedades dos adjetivos:

- (21) a. Os acontecimentos recentes na Grécia mostram a gravidade da situação neste país.
b. Os recentes acontecimentos na Grécia mostram a gravidade da situação neste país.

É comum afirmar-se que, em português, o fenómeno da restrição está diretamente associado à posição do adjetivo relativamente ao nome. Sobre esta polémica questão foram já feitas algumas observações no capítulo 1 relativamente aos adjetivos qualificativos, nomeadamente no que se refere à posição dos adjetivos epítetos e à ambiguidade gerada em expressões nominais com complementos preposicionados. Consideramos que a questão continuará a ser polémica com certos adjetivos adverbiais temporais. Veja-se o seguinte exemplo:

- (22) a. As gerações vindouras vão sofrer os efeitos da crise.
b. As vindouras gerações vão sofrer os efeitos da crise.

Com efeito, observando o exemplo, parece-nos que, com um adjetivo como *vindouro*, a oposição restrição/não restrição não fará sentido. Note-se que, se extraírmos o adjetivo, a frase torna-se agramatical, e, de acordo com a fórmula proposta por Keenan & Faltz (1985) ($AN \rightarrow N$), não se verificará o fenómeno da restrição.

3. ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS E O TEMPO

Após esta reflexão sobre algumas propriedades dos adjetivos em geral aplicadas aos adjetivos adverbiais temporais, vamos apresentar, a seguir, conceções de adjetivos

temporais defendidas por alguns autores; seguidamente, faremos a distinção entre adjetivos temporais e outros adjetivos aparentemente temporais. Depois, estabeleceremos as diferenças entre adjetivos dêíticos e anafóricos, descrevendo posteriormente as características dos adjetivos temporais dêíticos que exprimem anterioridade, simultaneidade ou posterioridade em relação ao momento da fala, abordando ainda os adjetivos temporais anafóricos. Finalmente, apresentaremos as nossas conclusões a partir das observações colhidas no estudo destes adjetivos.

3.1. Conceções de adjetivos temporais

Não são muitos os autores que se ocupam dos adjetivos temporais. Segue-se uma síntese das conceções sobre estes adjetivos formuladas por alguns. A proposta de Demonte (1999) sobre estes adjetivos já foi exposta atrás, pelo que nos dispensamos de a referir novamente. Observar-se-á que as propostas que vamos apresentar, no que diz respeito às propriedades destes adjetivos, são semelhantes. A diferença entre elas reside algumas vezes, na indefinição na classificação de alguns adjetivos, pois ora os consideram como temporais ora os incluem no grupo dos aspetuais, não distinguindo com clareza as suas funções.

3.1.1. Gross (1996)

Gross (1996) considera adjetivos «temporais»⁵⁰ aqueles que inscrevem o predicado nominal no presente, “que le point de référence soit l’acte d’énonciation (...) ou un moment donné du temps”(…); le passé (avec la même opposition) (...); le futur (...). À côté de ces informations de nature temporelle, on relève un grand nombre d’adjectifs qui traduisent l’aspect” (pp.70-71). Este autor utiliza traços distintivos das classes aspetuais para referir o aspeto que os adjetivos traduzem: terminado/não terminado, iterativo, pontual, incoativo, terminativo, progressivo, durativo e intensivo. Note-se que os adjetivos aspetuais intensivos (*un respect profond*, *un rythme infernal*) e alguns progressivos (*une démographie galopante*, *un impôt progressif*) utilizados por Gross (1996) fazem parte da classe dos adjetivos intensivos (cf. Marengo, 1995; Romero, 2005).

⁵⁰ A utilização das aspas em “temporais” é do próprio autor.

3.1.2. Borillo (2001)

Borillo (2001) divide os adjetivos temporais em três grupos:

- absolutos, por se referirem a um tempo absoluto, podendo definir o período temporal a que dizem respeito (“patrimônio pré-histórico”, “época vitoriana”);
- medíveis, por designarem intervalos de tempo medíveis, sendo utilizados como unidades de contagem (“tarifa horária”):
 - esta unidade de medida pode ser aplicada iterativa ou ciclicamente (“publicação trimestral”);
 - esta unidade de medida pode ser aplicada apenas ciclicamente (“visita quotidiana”);
- relativos, ou *ancrés*, por operarem uma localização no tempo em função dos pontos de referência estabelecidos.

As nossas divergências com esta divisão serão discutidas posteriormente.

3.1.3. Fiorin (2003)

Partindo do princípio de que na língua há um “sistema temporal enunciativo, quando o momento de referência for concomitante ao momento da enunciação, e um sistema enuncivo, que contém dois subsistemas: um comandado por um momento de referência pretérito e outro, por um momento de referência futuro”, Fiorin (2003, p. 62), serve-se destes sistemas para o estudo dos adjetivos temporais e espaciais. Assim, relativamente aos adjetivos temporais, isto é, àqueles que dizem respeito ao tempo linguístico, e que, por isso, situam os acontecimentos face ao momento da enunciação ou a um ponto de referência, há, segundo este autor, dois tipos de adjetivos: “os que indicam a anterioridade, concomitância ou posterioridade em relação a um momento de referência concomitante ao momento da enunciação (adjetivos enunciativos) e os que indicam anterioridade, concomitância ou posterioridade em relação a um momento de referência

pretérito ou futuro inscrito no enunciado (adjetivos enuncivos)” (p. 66) e aqueles que podem ser enunciativos e enuncivos.

Esta divisão dos adjetivos temporais recobre todos aqueles adjetivos designados relativos por Borillo (2001). Note-se, porém, que Fiorin (2003) não considera temporais os adjetivos absolutos nem os medíveis propostos por aquela autora.

3.1.4. Balogh (2006)

Balogh (2006) define adjetivos temporais como sendo aqueles que designam um lugar para os nomes na dimensão do tempo. Para este autor, há adjetivos temporais que exprimem a estrutura temporal exterior, os temporais propriamente ditos, e há os que designam a estrutura temporal interior, os aspetuais.

Os adjetivos de estrutura temporal exterior são divididos em cinco categorias:

- aqueles que se referem a um campo temporal passado, presente ou futuro (*anterior, atual, futuro*);
- aqueles que designam uma duração:
 - que se pode delimitar (*milénar, estival*);
 - que não se pode delimitar (*breve, temporário*), idades da vida e ainda *válido*; os adjetivos que designam um ponto no tempo (ligados a datas ou a acontecimentos – *pascal*);
- os adjetivos do tipo *novo* (*moderno, novo, etc.*);
- os adjetivos do tipo *pontual* (*assíduo, pontual, regular, esporádico*).

Comparando a proposta de Balogh (2006) com a de Borillo (2001), verificamos que os adjetivos que não podem ser delimitados apresentados por aquele autor se integram na classe dos adjetivos relativos de Borillo (2001) e que os adjetivos que podem ser delimitados se incluem na classe dos adjetivos absolutos propostos por esta autora. Balogh (2006) não considera os adjetivos numerais como sendo temporais, embora necessariamente ligados ao tempo, uma vez que, dado que as situações modificadas por estes adjetivos indicam sucessividade, são suscetíveis, portanto, de serem representadas

no eixo temporal. No entanto, essa ligação ao tempo é secundária. De igual modo, os adjetivos *rápido* e *lento* estão relacionados com o tempo mas não são temporais. Quanto aos adjetivos que referem períodos históricos (cf. “absolutos”, Borillo 2001), o autor considera que, apesar de se poder definir o período temporal a que dizem respeito, não são verdadeiramente temporais, mas “quase temporais”. Como se pode verificar, também este autor integra na classe dos adjetivos temporais adjetivos aspetuais como *temporário* ou *breve*.

No que se refere à estrutura temporal interna, o autor adota a divisão proposta por Gross (1996), já mencionada anteriormente.

3.2. Distinção adjetivos temporais/adjetivos de idade

Convém, desde já, fazer a distinção entre adjetivos adverbiais temporais e qualificativos e entre adjetivos adverbiais temporais e outros adjetivos que só são temporais aparentemente. Começemos com os adjetivos qualificativos de idade, utilizando exemplos para mostrar a diferença entre eles.

(23) a. Deitei fora os meus livros velhos.

b. Mandeï os meus velhos livros para Timor.

Na primeira frase, a aplicação do adjetivo *velhos* ao nome pode gerar ambiguidade na interpretação, mas uma das leituras possíveis é que os aludidos livros estavam já muito usados e em estado de deterioração, classificando-se então o adjetivo como qualificativo de idade (cf. Dixon, 1977). Porém, na segunda frase, essa leitura não é permitida, já não se trata de um adjetivo qualificativo, pois o adjetivo não denota a “idade” dos livros, mas um valor temporal cujo “significado contém os traços/anterioridade/ + /alcance temporal relativamente amplo/” (Fiorin, 2003, p. 71).

Fenómeno semelhante de integração na classe dos temporais e defendido por alguns autores como Borillo (2001) e Balogh (2006), ocorre com adjetivos como *secular*, *centenário*, *milénar* e outros. Vejam-se alguns exemplos:

(24) os seculares pregões matinais

(25) árvore centenária

(26) tradição milenar

Estes adjetivos são vistos por Balogh (2006) como exprimindo duração, sendo classificados como temporais pelo autor. Concordamos que os adjetivos em apreço poderão expressar, de facto, alguma duração, pois referem-se, de certo modo, a intervalos de tempo; contudo, a duratividade não é uma característica temporal típica das predicções⁵¹, é, antes, uma característica aspetual; nestes casos específicos, os adjetivos, apesar de denominais e de não aceitarem advérbios de grau nem de intensidade, são, muito simplesmente, qualificativos de idade, tal como o adjetivo *velhos* presente em (23 a.).

Rejeitamos ainda a integração de adjetivos que referem períodos da história no grupo dos temporais, designados por Borillo (2001) como absolutos. Estes adjetivos serão todos aqueles que remetem para um período de tempo preciso, historicamente determinado, aplicados normalmente a nomes que denotam largos períodos de tempo, como “época”, “período” e que, no francês, constituem, segundo a autora, o grupo mais numeroso de adjetivos que introduzem uma relação temporal. O facto de pertencerem a um grupo com o maior número de elementos não é de estranhar, dado que é possível, a partir de um nome, formar um número quase infinito destes adjetivos (*vitoriano*, *manuelino*, *faraónico*, *jurássico*, etc.).

No entanto, em adjetivos como *pré-histórico* em “período pré-histórico” ou como *vitoriana* em “época vitoriana”, a localização temporal é indireta, pois envolve conhecimento cultural, extralinguístico, e a sua duração é variável de falante para falante. A mesma situação acontece em “homens primitivos” ou “festas joaninas”. A interpretação destes sintagmas depende não do adjetivo em si, mas daquilo para o qual ele remete e do nome ao qual se associa. Trata-se, no nosso entender, não de adjetivos adverbiais temporais, mas de adjetivos relacionais que, em certas circunstâncias, se reconvertem em qualificativos.

Os exemplos seguintes mostram como o adjetivo *pré-histórico* pode ter estas funções:

(27) Marcelo era parte substancial da Nova Esperança e foi ela quem abriu os caminhos de Cavaco no já pré-histórico congresso da Figueira da

⁵¹ Mais adiante, ver-se-á que alguns adjetivos temporais têm duração; não é, porém, o caso destes.

Foz.

<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (20/12/2011)

(28) Aljezur cria circuito pré-histórico.

<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (20/12/2011)

Os exemplos parecem provar que, tal como muitos outros adjetivos denominais que delimitam um período de tempo, são facilmente recategorizados em qualificativos como em (27) ou conservam a sua matriz relacional como em (28). Aliás, Demonte (1999) apresenta estes adjetivos absolutos como relacionais e nunca como temporais (“Córdoba califal”, “literatura medieval”). Balogh (2006) considera-os não temporais, mas “quase-temporais” alegando, porém, não ter argumentos que sustentem as suas intuições.

3.3. Adjetivos dêiticos/adjetivos anafóricos

Os adjetivos temporais localizam no eixo temporal a situação denotada pelo nome que modificam, podendo a localização temporal exercida pelos adjetivos ser absoluta ou relativa (cf. Borillo, 2001). Neste parágrafo, vamos dedicar-nos à localização relativa e designaremos esse tempo como dêítico e anafórico (enunciativo e enuncivo, de acordo com Fiorin, 2003).

Tradicionalmente, está estabelecido que a localização temporal é realizada pelos verbos e pelos adverbiais. Mas, na sua função dêítica, os adjetivos, exatamente como aqueles elementos gramaticais, podem estabelecer relações de anterioridade, simultaneidade ou sobreposição, e posterioridade com o momento de enunciação. Na sua função anafórica, estabelecem estas mesmas relações⁵², mas em função de outro tempo da frase ou do discurso, que fornece um novo ponto de referência. Observemos os exemplos seguintes:

(29) Na próxima semana entro de férias.

(30) Na passada semana fui ao cinema.

(31) O corrente mês de junho está cheio de peripécias políticas.

(32) Em junho tivemos cá o Springsteen, no mês seguinte Madonna.

(33) Em junho houve dois feriados, no mês anterior houve só um.

⁵² Em português não se encontra nenhum adjetivo em função anafórica com uma relação de sobreposição com outro tempo da frase.

Os exemplos (29), (30) e (31) mostram casos de deixis temporal, isto é, a localização é feita, respetivamente, em posterioridade, em anterioridade e em sobreposição em relação ao momento de enunciação; em (32) e em (33), os adjetivos não estabelecem relação direta com esse momento, mas com o intervalo de tempo “junho” que ocorre nas mesmas frases; por isso, são anafóricos.

Segundo a posição relativamente ao nome, as funções atributiva e predicativa e ainda a possibilidade de serem modificados por expressões de grau ou de intensificação, estes adjetivos não se comportam todos de igual modo. As variações no plano sintático, por exemplo, repercutem-se semanticamente, pois a mudança de posição dá, por vezes, origem a mudança de significado e, em consequência disso, de classificação.

3.3.1. Adjetivos dêiticos

Como já afirmámos atrás, os adjetivos temporais com função dêitica contribuem para a localização de uma situação tendo em conta o momento da enunciação, isto é, o ponto da fala proposto por Reichenbach (1947), e estabelecem com ele uma relação de anterioridade, de sobreposição ou de posterioridade. Como objeto de estudo, seleccionámos alguns adjetivos que, em português, são utilizados pelos falantes para realizarem essa função: *recente*, *passado*, *distante*, *longínquo*, *último*, *recuado*, *antigo* e *novo*, que localizam as situações em anterioridade ao momento de enunciação; *atual*, *presente*, *corrente*, *moderno*, que localizam as situações em sobreposição ao momento de enunciação ou o incluem no seu intervalo; e em situação de posterioridade, os adjetivos *próximo*, *futuro*, *iminente* e *vindouro*.

3.3.1.1. Adjetivos que exprimem anterioridade relativamente ao momento de enunciação

Nos adjetivos temporais dêiticos que indicam a anterioridade em relação ao ponto da fala, o ponto de referência é, evidentemente, anterior a esse ponto. Neste parágrafo, vamos observar o comportamento dos adjetivos *passado*, *distante*, *longínquo*, *recente*, *último*, *recuado*, *antigo* e *novo*. Embora tenham todos em comum a indicação de que a situação que modificam corresponde a um intervalo do passado, há particularidades que os distinguem.

Como pertencem ao mesmo grupo, seria de esperar que estes adjetivos apresentassem as mesmas características. De facto, em determinados contextos apresentam um significado muito semelhante, podendo mesmo ser intersubstituíveis, mas não se comportam sempre de forma idêntica. A seguir, vamos observar, neste conjunto de adjetivos que exprimem anterioridade em relação ao momento de enunciação, uma particularidade sintática que os diferencia - a posição - e ainda a possibilidade de participarem em construções predicativas, a graduabilidade e os nomes com os quais ocorrem.

3.3.1.1.1. *passado*

O adjetivo *passado* ocorre normalmente com nomes que denotam datas precisas, como “no passado dia 1 de maio”, com nomes que denotam períodos de tempo mais alargados, como em “no ano passado” ou “no século passado” e ainda com nomes com estrutura de evento como “aula”, “época” ou “temporada”, com todos aqueles nomes que, de certa forma, constituem porções de tempo.

Em cem ocorrências deste adjetivo registadas no CETEMPúblico, foi-nos dado observar que oitenta e uma se colocavam em posposição ao nome e as restantes, que pertenciam ao grupo das datas precisas, colocavam-se em anteposição, não significando isto, porém, que estas últimas ocorrências de *passado* não possam surgir pospostas. Para além destas situações, poderemos concluir que este adjetivo também se coloca anteposto quando modifica nomes que referem períodos de tempo mais próximos do momento da enunciação, como “no passado domingo” ou “no passado fim de semana”. Com o nome “mês”, a anteposição só será possível se for acompanhado de um sintagma preposicional que o restrinja (“no passado mês de abril”). Se não houver nenhum elemento restritor, já não é possível a anteposição do adjetivo (*no passado mês). Não encontramos nenhum caso de anteposição ao nome “ano”.

Este adjetivo não ocorre em posição predicativa, mesmo que em frases como “O mês de abril já está passado⁵³” pareça haver um adjetivo; na verdade, trata-se de um participípio.

⁵³ Na frase “O João está completamente/mesmo passado”, *passado* perde o seu sentido temporal, não se podendo, talvez, considerar já um participípio, mas um adjetivo qualificativo (de atitudes e (pre)disposições humanas, cf. Demonte, 1999). Também em “sopa passada” o participípio parece já ter um uso adjetival, embora continue a apresentar características verbais.

Os exemplos seguintes ilustram ocorrências do adjetivo *passado*. Note-se que, com datas precisas, é possível quer a anteposição quer a posposição relativamente ao nome (cf. (34), (35) e (36)); já em (37), só é possível a posposição, visto que, em anteposição, conforme já foi referido, o nome “mês” precisa de um complemento:

- (34) A nova lei orgânica da DGAC foi publicada no Diário da República, no passado dia 14, e surgiu - segundo o preâmbulo - dada a necessidade de modernizar e racionalizar a atual estrutura desta direção-geral criada em 1979.

<http://www.linguateca.pt/cgibin/acesso.pl> (13/12/2011)

- (35) O pedido das Finanças foi dirigido à CMVM, a 8 de Fevereiro passado, numa carta assinada pelo secretário de Estado das Finanças, Esteves de Carvalho.

<http://www.linguateca.pt/cgibin/acesso.pl> (13/12/2011)

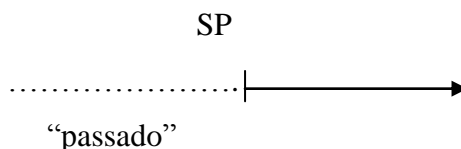
- (36) Assinalando a data, no passado mês de abril, a nata dos físicos alemães reuniu-se em Göttingen.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.p> (13/12/2011)

- (37) Ao contrário do que tinha acontecido no mês passado, desta vez os responsáveis da clínica privada compareceram em Lisboa e manifestaram-se dispostos a colaborar.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)

Como o adjetivo *passado* não é graduável, não admite obviamente a modificação com adverbiais de grau (“*nos tempos mais passados”). Na tentativa de uma explicação plausível para este facto, recorreremos à configuração do tempo por meio do eixo temporal.



Com a figura pretendemos mostrar que, anteriormente ao presente, isto é, ao momento de enunciação (*SP/Speech Point*), todos os pontos ou instantes do intervalo são “passado”, e, nessa medida, nenhuma situação é “mais passada” que outra. Quando se precisa de localizar com mais precisão uma situação no passado, quer mais distante

quer mais próxima, e se se pretende manter este adjetivo, recorre-se a datas precisas. Aliás, é com as datas precisas que há verdadeiramente localização temporal, pois é exatamente devido à presença da data que a localização se efetua. Na expressão “o passado dia 1 de maio”, é “1 de maio” o localizador, o adjetivo indica apenas que a situação é anterior ao momento da enunciação.

3.3.1.1.2. recente

Este adjetivo ocorre quer anteposto quer posposto ao nome que modifica, participa em construções predicativas e é graduável. Observem-se estas características nos exemplos abaixo.

- (38) Refiro-me à Unita porque num passado muito recente este partido tinha uma grande interligação das estruturas políticas com as militares.
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)
- (39) O ajuste de contas com o nosso recente passado histórico não constitui novidade na obra irregular de Fonseca e Costa, (...)
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)
- (40) Mas num domingo recente, tiveram que pedir para que abrandassem um pouco o samba, pois já começavam a cair bocados do teto sobre as viaturas .
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)
- (41) Na biodiversidade, o homem é muito recente e não se pode garantir que não seja uma emergência passageira.
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)
- (42) Segundo apurou o Público, a mais recente reclamação da Telecom terá igualmente por destino o Tribunal.
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)
- (43) O terceiro espetáculo do programa do projeto Skite 94 (...) é constituído pela coreografia mais recente do belga Alain Platel.
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)

Como podemos constatar, este adjetivo coloca-se à esquerda ou à direita das nominalizações e dos nomes de objetos, mas com nomes que exprimem temporalidade,

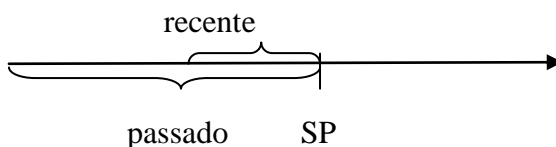
como, por exemplo, “ano” ou “dia”, oferece alguma resistência à anteposição, e, do mesmo modo, em nomes que designam dias da semana.

Os exemplos (38), (39), (40) e (41) mostram que este adjetivo pode ser modificado por advérbios de grau e de intensidade, mas mostram também que, embora não perdendo uma interpretação temporal, se comporta como se fosse qualificativo, pois, sendo graduável, manifesta uma característica destes adjetivos. Por outro lado, colocado em anteposição, permite a variação em grau (cf. (42)), reagindo, assim, negativamente ao teste proposto por Milner (1967). Como se vê através dos exemplos, e colocando de parte algumas situações em que o adjetivo se posiciona à direita do nome, constatamos que *recente*, contrariamente a *passado*, aceita com toda a naturalidade adverbiais de grau.

O exemplo (41) evidencia também que este adjetivo possui outra característica dos qualificativos: participa numa construção predicativa. Neste caso, porém, a frase só é interpretável devido à presença do complemento “Na biodiversidade”.

O adjetivo *recente* modifica nominalizações de resultado e de evento e, de modo mais restrito, nomes que denotam intervalos de tempo, como “domingo”, “época” “etapa”, “anos”, usando-se ainda na expressão “passado recente”. Com nominalizações e nomes de objetos participa em construções predicativas, mas não participa nessas construções se for aplicado àqueles nomes com os quais resiste à anteposição.

A graduabilidade a que nos referimos atrás poderá estar relacionada com a sua posição no eixo temporal. Na verdade, a situação localizada por meio deste adjetivo não pode ocupar todo o intervalo de tempo anterior ao momento de enunciação. Uma situação pode ser mais ou menos recente, porque o seu intervalo não se sobrepõe completamente ao intervalo de uma situação localizada com o adjetivo *passado*. Está incluído nele, mas não o ocupa totalmente, encontrando-se sempre mais próximo do presente. Trata-se de um adjetivo que é mais restritivo e menos vago relativamente à localização temporal. A figura seguinte mostra a localização possível deste adjetivo.



Os exemplos apresentados anteriormente revelam que o adjetivo *recente* projeta a situação em que ocorre para o passado. Veja-se um exemplo de uma frase complexa na qual os verbos das orações se encontram em tempos diferentes:

- (44) a. Ele declarou que as recentes notícias tinham causado perturbação aos portugueses.
b. Ele declarou que as recentes notícias causaram perturbação aos portugueses.
c. Ele declarou que as recentes notícias estão a causar perturbação aos portugueses.
d. Ele declarou que as recentes notícias vão causar perturbação aos portugueses.

Em primeiro lugar, observa-se que, em todas as frases, o adjetivo localiza a situação no passado quer o ponto do evento se encontre em pontos diferentes do passado quer se encontre no presente ou no futuro. Em segundo lugar, constata-se que, em frases complexas, as situações nas quais participa o adjetivo *recente* precisam de um ponto de perspectiva temporal a partir do qual se possa localizar a situação que, nos casos vertentes, é o tempo de “Ele declarar”.

No entanto, este adjetivo também pode projetar a situação para o futuro. Atente-se no seguinte exemplo:

- (45) Quando se retirar do futebol, o Ronaldo vai recordar os seus êxitos recentes.

Esta frase pode ter uma dupla interpretação. Por um lado, a situação “êxitos recentes” pode ser localizada no futuro, pois a situação “ir recordar” está localizada no futuro, sendo “êxitos recentes” imediatamente recentes ao ponto de perspectiva temporal; por outro lado, a mesma situação pode ser localizada no passado, recente relativamente ao momento de enunciação. Em casos como os de (45), o ponto de perspectiva temporal não muda, mantendo-se, portanto, a ambiguidade na interpretação da frase. Interpretação um pouco diferente verifica-se com o adjetivo *passado*, pois neste contexto os “êxitos passados” parecem constituir um bloco que abrange todo o intervalo anterior ao ponto de perspectiva temporal incluindo o momento de enunciação:

- (46) Quando se retirar do futebol, o Ronaldo vai recordar os seus êxitos passados.

3.3.1.1.3. *distante*

O adjetivo *distante* não apresenta apenas uma leitura temporal, tem também uma leitura espacial, pertencendo, por isso, também ao grupo dos adverbiais circunstanciais locativos (cf. Demonte, 1999), como mostra o exemplo (47):

- (47) O Vietname era guerra distante e a ida do homem à lua uma simples ficção.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)

Para além da referência dêitica, o adjetivo *distante* pode ainda estabelecer relações temporais com outros pontos. Embora tratemos deste aspeto posteriormente, deixamos já aqui um exemplo dessa possibilidade:

- (48) De maneira que a atualidade do momento da escrita, não é a mesma do momento da entrega e esta é distante do momento da publicação.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)

Neste caso, a localização do “momento da publicação” está dependente, não do tempo da enunciação, mas do tempo quer do “momento da escrita” quer do “momento da entrega”. Por isso, nesta frase, o adjetivo não é dêitico, tem, pelo contrário, uma função anafórica.

Como adjetivo temporal de carácter dêitico e expressando anterioridade relativamente ao momento da enunciação, *distante* modifica especialmente nomes que denotam intervalos de tempo como *passado*, *ano*, *mês*, etc. e nominalizações eventivas (“arbitragem”) desde que, explícita ou implicitamente, haja na frase um adverbial como “no tempo”. A este propósito, veja-se o exemplo (52) abaixo.

(49) A «Pro Teste» dedicou, na sua edição de Julho, um teste comparativo a este género alimentício, introduzido na Península Ibérica pelos árabes, no já distante século VIII .

(<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl>) (10/10/2011)

(50) Para os americanos, 20 de Janeiro de 1993 é um dia distante como a pré-história.

(<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl>) (10/10/2011)

(51) Que distante já está o dia 11 de Outubro de 1959, dia em que Manuel Jiménez («Chicuelo II») , em Saragoça, lhe cedeu a morte de «Bailador» do ferro de Pio Tabernero de Vilvis .

(<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl>) (10/10/2011)

(52) Mais distante no tempo foi a arbitragem de Pinto Correia no U. Leiria-FC Porto (7 de Setembro).

(<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl>) (10/10/2011)

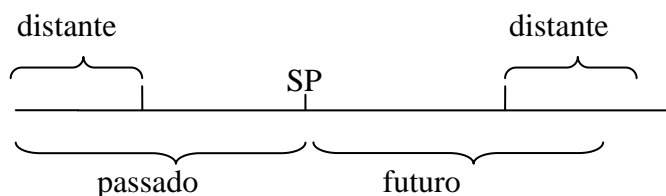
Os exemplos mostram pois que o adjetivo *distante*:

- admite a sua colocação em posição atributiva anteposto e posposto (cf. 49) e (50));
- aceita a posição predicativa em frases exclamativas ou com inversão de sujeito (cf. 51) e (52));
- é graduável (cf. 52).

A propriedade da graduabilidade dever-se-á talvez ao facto de o adjetivo conservar ainda características de localizador espacial.

Distante mantém com o adjetivo *recente* algumas afinidades sintáticas e semânticas. Nenhum deles pode substituir o adjetivo *passado*, mas ambos admitem modificar o nome “passado” (“passado recente”/”passado distante”); e ainda, nenhum deles se sobrepõe a um intervalo “passado”, mas incluem-se nele. No entanto, há diferenças notórias entre eles: enquanto *recente* assinala um intervalo próximo do momento de enunciação, *distante* assinala um intervalo oposto, isto é, mais longe desse momento, embora os dois se localizem em pontos anteriores ao momento da fala. De forma

diferente de *recente*, este adjetivo, mesmo em frases simples, também pode ser projetado para o futuro. Esquemáticamente, *distante* seria localizado desta forma:



3.3.1.1.4. *longínquo*

Longínquo é um adjetivo com as seguintes características:

- modifica sobretudo nomes que denotam intervalos de tempo;
- ocorre em posição atributiva e predicativa;
- é graduável;
- oferece uma leitura espacial, quer anteposto quer posposto ao nome, como se mostra em (53) e (54):

(53) Mas a melhor forma de observar este longínquo planeta consiste em fotografar a região celeste em questão em noites diferentes e ver se alguma estrela mudou de posição de uma noite para a outra.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)

(54) «Solar System» é o CD-i da Philips Media que permite viajar até um planeta longínquo apenas com o simples gesto de «clicar» um comando.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/10/2011)

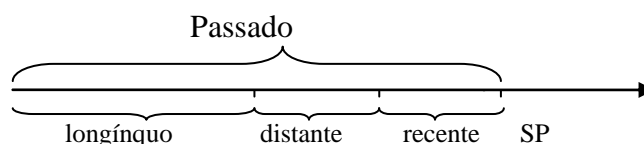
E ainda, tal como *distante*, pode ser dêitico e o ponto do evento localizar-se quer no passado (cf. (55)) quer no futuro (cf. (56)) e ser anafórico, estabelecendo relações temporais mais complexas. As frases (55) e (56) constituem, respetivamente, exemplos destes dois processos de localização temporal – dêitico e anafórico.

(55) Desde que no longínquo ano de 1967, por iniciativa de Aurélio Peccei, o Clube de Roma fez surgir o relatório sobre «Os Limites do Desenvolvimento», encomendado a especialistas do MIT, que as iniciativas deste fórum têm atraído os interessados pela coisa pública.

<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/10/2011)

(56) O relatório que Peccei tinha encomendado no longínquo ano de 1967 repercutiu-se nas iniciativas que o fórum veio a tomar no ano seguinte.

Tendo *distante* e *longínquo* o mesmo significado, coloca-se a questão da existência no léxico destas duas formas. Uma hipótese de explicação possível seria a de que, embora remetendo ambas para o passado, *distante* estaria mais próximo do momento de enunciação do que *longínquo*. Esta situação seria então muito semelhante à que ocorre com *passado* e *recente*, embora em intervalos diferentes, como se mostra na figura:



3.3.1.1.5. *recuado*⁵⁴

Nas duzentas e vinte e três ocorrências deste adjetivo recolhidas no CETEMPúblico, setenta e três constituíam sintagmas cujos nomes denotavam períodos de tempo, cinquenta e oito dos quais eram “tempo/tempos” e quinze eram “anos”, “momentos” dias”, “séculos”, e “períodos”. Com o adjetivo no feminino, encontrámos “épocas” (duas vezes) e “datas” (uma vez). Outros nomes como “carreiras”, “brinquedos” e “saberes” são modificados por este adjetivo, mas cremos que o seu uso é mais metafórico que temporal. Apresentamos o exemplo (57) para se observar a sua utilização como recurso de retórica e (58) como adjetivo de localização espacial. Os restantes exemplos ilustram casos de localização temporal exercida pelo adjetivo.

(57) Pelo contrário, será um auxiliar do professor, outra fonte de pesquisa e de informação para o aluno, onde ele poderá ir beber a atualidade que

⁵⁴ Com significado aproximado de *recuado* existe o adjetivo *afastado*. Contudo, não encontrámos nenhuma ocorrência deste adjetivo como temporal, apenas como espacial.

escapou ao manual ou motivar-se, pela atualidade, para o conhecimento e descoberta de outros saberes mais recuados.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/10/2011)

(58) O Luisão joga na posição recuada.

(59) Em tempos não muito recuados, o nosso povo ia às romarias em grupos, quase sempre a pé, partindo de madrugada rumo às capelas dos seus santos protetores .

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/10/2011)

(60) É irónico verificar que a obrigação de os particulares acertarem o passo pela execução dos planos já se encontra na atual Lei de Solos, solução anteriormente consagrada nos recuados tempos da Monarquia Liberal e inspirada nas leis filipinas que disciplinaram a construção das cidades da América Latina.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/10/2011)

Verificamos que este adjetivo temporal se localiza quer à esquerda quer à direita do nome, aceitando advérbios de grau e de intensidade. No *corpus* consultado, não encontramos nenhuma ocorrência de *recuado* em estruturas predicativas. Contudo, pensamos ser possível uma construção como “Essas épocas já estão muito recuadas no tempo”.

3.3.1.1.6. último

Este adjetivo tem, para além da informação temporal, várias interpretações que os adjetivos referidos anteriormente não possuem. Vejamos os seguintes exemplos:

(61) As últimas notícias sobre o desemprego são desanimadoras.

(62) (De acordo com a planificação feita) As últimas análises do produto já foram feitas.

(63) a. As últimas mesas vão ser fabricadas daqui a dez dias

b. As últimas mesas vão ser fabricadas daqui a dez dias (porque depois vamos dedicar-nos às cadeiras).

c. As últimas mesas vão ser fabricadas daqui a dez dias (porque depois a fábrica vai fechar).

(64) A primeira vez que vi o papa foi no Vaticano e a última vez (a terceira)

foi no Porto.

(65) O objetivo último do governo é eliminar o défice.

(66) O último objetivo do presidente do clube foi cumprido.

(67) A Ana casou no dia 10 de junho último.

(68) Na moda, o último grito é o amarelo.

Em (61), o adjetivo *últimas* confere à situação que modifica uma interpretação de anterioridade relativamente ao momento de enunciação; no entanto, essa interpretação não é obtida em (62), pois, nesta frase, o adjetivo não estabelece uma localização estritamente temporal, mas fornece uma informação de um plano que havia para cumprir e, assim como se refere ao passado, também é possível uma leitura deste tipo projetada para o futuro (“As últimas análises serão feitas...”). A mesma interpretação de planificação de uma tarefa pode ser encontrada em (63 b.), assim como outra leitura em (63 c.): a de que nunca mais haverá mesas. Em (64), o significado do adjetivo é equivalente ao de um adjetivo numeral, na medida em que colabora na ordenação de acontecimentos. O exemplo (65) mostra que a colocação do adjetivo é decisiva para a sua interpretação; no primeiro caso, não se trata de um adjetivo temporal, mas com um significado muito próximo do dos elativos, como *principal* ou *primordial*. Comparando a posição em (65) e em (66), verifica-se que o adjetivo nesta última frase pode ser ambíguo na sua interpretação: por um lado, significa que o cumprimento do objetivo situar-se-ia no último lugar de uma lista de tarefas que constariam de um plano estabelecido e, por outro lado, tem um sentido temporal, isto é, indica que se trata de um objetivo traçado pouco tempo antes do momento de enunciação. O último exemplo não apresenta carácter temporal, trata-se apenas de uma cristalização do adjetivo.

Este adjetivo utiliza-se sobretudo anteposto, sem que o seu significado seja alterado, com exceção, por vezes, com o nome “dia”, por exemplo, provocando ambiguidade (cf. “o último dia”).

A posição predicativa e a graduabilidade não estão acessíveis para este adjetivo.

3.3.1.1.7. *antigo*

O adjetivo *antigo* é um dos casos mais estudados na literatura, nomeadamente em Demonte (1999) e Borillo (2001), quando se quer apresentar um exemplo de significados diferentes conforme a posição que ocupa relativamente ao nome. Se está anteposto, exprime temporalidade, se está posposto, exprime uma propriedade. Vejamos algumas ocorrências deste adjetivo.

(69) A Ana vive numa casa muito antiga.

(70) A casa da Ana é muito antiga.

(71) A Ana vive numa antiga casa de praia.

(72) A Ana vive numa muito antiga casa de praia.

(73) A casa de praia é antiga.

Como se pode observar, posposto, é um adjetivo qualificativo (cf. (69)), participando em construções predicativas (cf. (70) e (73)). Anteposto ao nome, é temporal (cf. 71) e não permite a integração em estruturas predicativas nem ser modificado por um advérbio intensificador. Permitindo, perde o seu carácter temporal e classifica-se como qualificativo (cf. 72).

Porém, contrariamente a outros, não é sempre a posição que determina a sua integração na classe dos adjetivos adverbiais temporais, mas o tipo de nome modificado. Assim, observamos que, por um lado, excetuando os nomes “tempo” e “época”, este adjetivo não se associa a nomes que denotem outros intervalos de tempo, menos alargados, mas menos vagos (*antigos dias, *antigos meses); por outro lado, com aqueles nomes e outros⁵⁵ podem antepor-se ou pospor-se, conservando a sua interpretação temporal. Os exemplos seguintes apresentam ocorrências deste adjetivo como temporal independentemente da sua posição relativamente ao nome:

(74) Pessoa queria voltar aos tempos antigos da infância.

(75) O escritor tinha saudades desse antigo tempo mítico.

⁵⁵ Em “A antiga cidade de Roma continua bela”, o adjetivo está anteposto e continua a ser qualificativo, graduável (“A muito antiga cidade de Roma...”) e predicativo (“A cidade de Roma é muito antiga”); em “A Roma antiga era conhecida pela sua luta contra os cristãos”, pelo contrário, está posposto e é temporal.

(76) (...) esta estação tem-se distinguido pela produção de telenovelas com recurso a cenários naturais e / ou a reconstituições rigorosas de cenários de épocas antigas.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/10/2011)

Através destes exemplos, pretendemos mostrar que, contrariamente àquilo que está estabelecido na literatura para o adjetivo *antigo*, com certos nomes, este adjetivo, como temporal:

- pode ocorrer indiferentemente à esquerda e à direita do nome sem que o seu significado se altere;
- pode ser modificado por um advérbio intensificador, mantendo a sua interpretação como temporal.

Parece-nos que estes factos se devem talvez a três razões:

- por estes nomes denotarem, eles próprios, intervalos de tempo, embora localizados de forma imprecisa;
- por existirem nas frases outros elementos que revelam que as entidades modificadas já não existem;
- por associarmos certos nomes a marcos históricos (cf. “antiga Roma”).

3.3.1.1.8. novo

Não é fácil categorizar este adjetivo, pois, embora na literatura seja classificado como temporal, raramente tem essa interpretação, sendo na maior parte dos casos, qualificativo.

(77) A Maria é muito nova.

(78) A Maria é uma nova rapariga.

(79) Novos dias nos esperam.

(80) O Rui comprou um casaco novo.

(81) O novo ministro das finanças pediu sacrifícios aos portugueses.

(82) O primeiro-ministro nomeou um novo ministro das finanças.

(83) a. A Maria é nova na direção da escola.

b. A Maria é a diretora nova.

O exemplo (77) é, indiscutivelmente, um adjetivo qualificativo de idade e, nessa condição, é graduável e predicativo. Colocado anteposto, como em (78), é classificado por Demonte (1999) como temporal. Porém, contrariamente à proposta desta autora, não nos parece que, neste caso concreto, seja temporal; com mais propriedade, poderia fazer parte do grupo dos adjetivos marcadores da intensão ou referência que “orientan la interpretación hacia la unicidad, singularidad y compacidad del referente” (Demonte, 1999, p. 207). Interpretação semelhante está presente em (79), pois o adjetivo apresenta um caráter modal, não se trata de um novo dia que chega, mas de outros dias, isto é, de dias diferentes que poderão chegar. Em (80), estamos perante um adjetivo qualificativo, se considerarmos que a entidade designada por “Rui” tem o hábito de comprar casacos usados e, nessa aceção, até pode ser graduável e predicativo, ou então significando que se trata de mais um casaco comprado. No nosso entender, os exemplos (81) e (82) têm interpretações diferentes originadas pelo determinante. Em (81), com definido, o adjetivo exprime tempo, dado que estabelece, de alguma maneira, uma relação de anterioridade com o momento de enunciação, pois “o novo ministro” pode não significar que foi nomeado novamente, mas que foi nomeado recentemente. Em “um novo ministro”, o indefinido contribui para a interpretação de que uma nova entidade foi introduzida e, por isso, consideramos que não exprime temporalidade.

Pensamos que os exemplos em (83) mostram de forma evidente que, contrariamente ao que está descrito na literatura, nomeadamente em Demonte (1999), o adjetivo *novo* não perde, em determinados contextos, o seu caráter temporal colocado em posposição ao nome e pode mesmo ser graduável. Repare-se que, se em posição predicativa (cf. 83 a.), o graduarmos, esse adjetivo continua a exprimir temporalidade, contrariamente ao que acontecerá em (83 b.).

Referimos atrás que este adjetivo é de caracterização difícil. No que diz respeito à sua localização no eixo temporal, também ela não se nos afigura fácil. Poderemos considerar que se localizará no mesmo ponto que *recente*, isto é, imediatamente anterior ao momento de enunciação. Contudo, relativamente ao significado, há diferenças substanciais entre estes dois adjetivos, pois, utilizados em contextos idênticos, dão origem a leituras diferentes. Observem-se os exemplos seguintes.

- (84) a. Eduardo Catroga, recente ministro das Finanças, tem a morfologia do português médio, cabelo branco de luar, meio sorriso de simpatia domiciliária, não é político de introspeção, mas um gestor de grandes empresas, (...)
- <http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (15/10/2011)
- b. # Eduardo Catroga, novo ministro das Finanças (...)
- (85) a. O João é um pai recente.
- b. # O João é um pai novo.
- (86) a. O recente discurso do ministro foi muito pessimista.
- b. # O novo discurso do ministro foi muito pessimista.

Como se observa, de forma semelhante a outros adjetivos que também alteram o seu significado, *recente* e *novo* não são sinónimos em todos os contextos e, temporalmente, a situação modificada pode não ocorrer no mesmo intervalo. Em (84), os adjetivos localizam-se em pontos diferentes do eixo temporal; em (85) e em (86), é a classificação que é alterada, que, neste caso, se deve antes à natureza dos nomes do que propriamente aos adjetivos.

3.3.2. Síntese

Esperar-se-ia que os adjetivos deste grupo partilhassem um elevado número de características em comum. Contudo, por aquilo que os exemplos mostram, não podemos retirar essa ilação. Os adjetivos analisados exprimem anterioridade em relação ao momento de enunciação, mas verifica-se que, em frases simples, alguns podem ser projetados para o futuro, como é o caso de *longínquo* e de *distante*.

Observe-se o quadro seguinte a fim de chegarmos a algumas conclusões no que diz respeito aos outros parâmetros considerados.

Tabela 1: Adjetivos temporais dêiticos que estabelecem relação de anterioridade com o momento de enunciação

	Posição em relação ao nome (anteposição/posposição)	Participação em construções predicativas	Graduabilidade⁵⁶
<i>passado</i>	+	-	-
<i>último</i>	+	-	-
<i>antigo</i>	+	-	-
<i>novo</i>	+	+	+
<i>recente</i>	+	+	+
<i>recuado</i>	+	+	+
<i>distante</i>	+	+	+
<i>longínquo</i>	+	+	+

O quadro torna visível, em primeiro lugar, que os adjetivos deste grupo ocorrem em posição atributiva e que admitem a anteposição e a posposição, embora, como já referimos atrás, o adjetivo *último* coloque alguns entraves à posposição.

Em segundo lugar, verificamos que há dois subgrupos fundamentais: um que não participa em construções predicativas nem é graduável; outro que é graduável e que participa em construções predicativas.⁵⁷

Observamos ainda que os adjetivos que, em circunstâncias bem determinadas, se podem classificar também como qualificativos são mais sensíveis à graduabilidade do que *passado* ou *último*. Julgamos ainda que essa característica, aliada à impossibilidade de estes adjetivos ocorrerem em construções predicativas, não será alheia a circunstância de serem adjetivos absolutos, isto é, poderem ser aplicados a datas ou situações bem determinadas e precisas (cf. “no passado dia 10 de junho”). Refira-se que esta designação de absolutos não corresponde à utilizada por Borillo (2001) para adjetivos como *pré-histórico*, por exemplo, e que, embora sejam absolutos pela razão já por nós invocada, são relativos tendo em consideração o momento da fala.

⁵⁶ Tivemos apenas em consideração a graduabilidade conferida pelos advérbios de intensidade (“muito”, “bastante”, ...)

⁵⁷ Em relação à graduabilidade e à participação em construções predicativas, tivemos em consideração as situações prototípicas, sobretudo em relação aos adjetivos *antigo* e *novo*.

3.3.3. Adjetivos que exprimem simultaneidade/sobreposição relativamente ao momento de enunciação

Em contextos nos quais os adjetivos exprimem sobreposição ou simultaneidade relativamente ao momento de enunciação, este ponto e o ponto do evento têm momentos em comum, podendo afirmar-se que o momento de enunciação está incluído no intervalo durante o qual decorre a eventualidade, embora a situação descrita se possa prolongar para momentos posteriores ao ponto da fala ou, pelo contrário, possa recuar para momentos anteriores. Entre os adjetivos que se encontram nestas condições, seleccionámos *atual*, *presente*, *corrente* e *moderno*, que descreveremos a seguir com mais pormenor.

3.3.3.1. *atual*

Conforme já foi referido anteriormente, o adjetivo *atual* pode pertencer ao grupo dos qualificativos, que colocaremos no grupo dos adjetivos de atitudes e de predisposição humana, se atribuir uma qualidade ou propriedade ao nome e, nessa circunstância, pode ser modificado por adverbiais de grau ou de intensidade, participar em construções predicativas e ser coordenado com um adjetivo qualificativo. Um novo exemplo traduz essa possibilidade:

(87) A Laura é uma esposa muito atual (e muito simpática).

Consideramos que, com interpretação temporal, *atual* pode ter diversas leituras. Veja-se uma delas através de exemplos:

(88) O atual capitão da seleção é o Ronaldo.

(89) O estado atual da economia é catastrófico.

(90) A Laura é a atual esposa do Pedro.

Estes exemplos mostram que, pertencendo à classe dos adjetivos adverbiais temporais, *atual* não é graduável nem predicativo. Coloca-se anteposto e posposto ao nome e modifica todos os tipos de nomes, com especial relevância para aqueles que denotam entidades humanas e cargos desempenhados por elas. Com nomes que denotam intervalos de tempo, só ocorre com “dia”, e no plural (“nos dias atuais”), e com “ano”, só no singular e precisando de um modificador (“12º ano atual”, “atual ano judicial”). Também é possível aplicar-se, anteposto ou posposto, ao nome “época”. Encontrámos no CETEMPúblico catorze ocorrências em posição pré-nominal com este nome, dez das quais com modificação adjetival. A frase seguinte é um desses exemplos:

- (91) O documento concluiu que das 25 praias analisadas no ano passado, apenas três foram classificadas como aceitáveis, uma situação entretanto alterada em relação à actual época balnear.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (20/02/2012)

Em posposição ao mesmo nome, encontrámos trinta e uma ocorrências, tendo-se verificado nos exemplos observados que a expressão não necessita de modificação e que o intervalo da situação é mais alargado do que quando o adjetivo se encontra posposto. Observe-se um exemplo:

- (92) Na época actual, a sindicalização não está tanto dependente de se ser operário, trabalhador de serviços ou quadro técnico, mas do tipo de relação contratual existente.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (20/02/2012)

Como se pode observar, este adjetivo localiza a situação de um modo muito abrangente, na medida em que ocorre num momento no qual o ponto da fala está incluído, mas podendo projetar-se para o passado e para o futuro desse ponto.

A segunda leitura de *atual* pode observar-se em exemplos como o que se segue.

- (93) *Guerra e Paz* é um romance que continua atual.

Neste exemplo, o adjetivo, embora não perdendo o seu carácter temporal, tem uma interpretação diferente dos exemplos anteriores. Nesta leitura, o adjetivo, graduável, atribui o carácter de conservação de atualidade, não pelo nome modificado em si, mas pelo significado que lhe está subjacente. Trata-se do tema do romance, que pode ser atual eternamente. Por outro lado, o verbo “continuar” não contribui para uma leitura de efemeridade como os outros. Justamente por apresentar esta leitura, a interpretação não intersectiva não é tão nítida como nas frases anteriores. Poderemos então propor que:

- neste caso, o adjetivo não será apenas localizador, mas também durativo com início marcado e termo ainda não definido.

Outra leitura deste adjetivo, como a que ocorre no exemplo seguinte, pode ser ainda considerada:

- (94) «Senhora deputada, falou de uma questão muito atual que, do nosso ponto de vista, exigiria uma reflexão bastante mais ampla, embora não o possa ser no momento presente.»

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (15/01/2012)

Neste exemplo, o adjetivo não indica que o nome “questão” denota preservação da atualidade como em (93). O seu significado (“que tem atualidade”) e a sua localização temporal aproximam-se do *atual* não predicativo e não graduável.

3.3.3.2. *presente*

O adjetivo temporal *presente* tem um comportamento semelhante ao do adjetivo *atual*. Observem-se alguns exemplos:

- (95) No presente mandato desta direção já foram transferidos cinco jogadores.
- (96) Na época presente, a direção vai instalar água quente nos balneários.
- (97) O presidente está sempre presente nos jogos.

Em (95) e em (96), tal como *atual*, o adjetivo é temporal, não predicativo e, por ação do tempo verbal, participa em construções projetadas para o passado ou para o futuro, respetivamente; em (97) é locativo e participa em construções predicativas. Caracteriza-se, pois, por:

- não ser modificado por advérbios de grau nem de intensidade; contudo, em contextos nos quais admite modificadores de grau, altera a sua categoria, classificando-se como adjetivo adverbial locativo;
- não assumir a posição predicativa;
- colocar-se antes e depois do nome⁵⁸;
- modificar sobretudo nomes que denotam intervalos de tempo mais alargados (cf. “no presente ano letivo”/* “no presente dia”);
- embora as situações descritas em frases com sintagmas nominais modificados por este adjetivo se sobreponham ao momento da enunciação, poderem denotar situações anteriores ou posteriores a esse momento.

Tendo os adjetivos *atual* e *presente* tantas semelhanças, repetimos a pergunta já feita para outros adjetivos: por que motivo não são sempre intersubstituíveis? Parece-nos que a resposta a esta questão será a de que *atual* poderá remeter para situações que abrangem períodos temporais ainda mais alargados. Aplicado em posposição a nomes que denotem entidades humanas ou cargos desempenhados por elas, o adjetivo *presente* altera o seu significado, classificando-se como adjetivo adverbial locativo de que a frase em (98) é um exemplo:

(98) o capitão atual/# o capitão presente

⁵⁸ Em francês, a posição deste adjetivo é determinante para a sua interpretação. Segundo Bouchard (2002, p. 78), em posição pré-nominal, *presente* é temporal; posposto ao nome, é localizador espacial.

3.3.3.3. *corrente*

Este adjetivo assume vários significados, embora não muito afastados uns dos outros. Ocorre sobretudo em situações ilustradas pelos exemplos seguintes:

- (99) A corrupção é prática muito corrente no país.
- (100) A prática da corrupção é corrente no país.
- (101) A empresa encontra-se em gestão corrente.
- (102) Até ao fim do ano corrente, não haverá subida de impostos.

Em (99) e em (100), o adjetivo aplica-se a uma nominalização de evento e a uma expressão nominal eventiva, respetivamente, mas é qualificativo, pois é apresentada a “prática da corrupção” como uma característica típica do país. Por isso, é graduável e predicativo. Em “gestão corrente” (cf. (101)), comporta-se como um adjetivo classificador, designa um tipo de gestão, e, nesse sentido, não admite a graduabilidade nem se antepõe ao nome. O sentido temporal é obtido em (102), aplicado a um nome que denota um período de tempo, que nunca poderá ser muito longo. Aliás, *corrente* com sentido temporal só é aplicável aos nomes “mês” e “ano”. Esta será a principal diferença entre este adjetivo e os adjetivos *atual* e *presente* e que se reflete necessariamente na sua semântica. De facto, dado o tipo de nomes com os quais se combina, o momento denotado por *corrente* é mais preciso que os momentos aos quais aqueles adjetivos se referem.

3.3.3.4. *moderno*

O adjetivo *moderno* apresenta, tal como muitos outros, mais do que uma interpretação. Vejam-se algumas ocorrências deste adjetivo em frases.

- (103) Os Jogos Modernos tiveram início em 1896.
- (104) O Rui comprou um moderno e confortável BMW.
- (105) O Ronaldo pratica um futebol moderno e eficaz.
- (106) O moderno cinema português está a conquistar as plateias europeias.
- (107) O Ronaldo pratica o (eficaz) futebol moderno.
- (108) Os tempos modernos são muito exigentes.

Consideramos que em (103) não existe adjetivo, mas um nome composto que refere uns jogos que ainda hoje se praticam. Neste exemplo, a utilização do adjetivo surge apenas para fazer contraste com os jogos antigos que se praticavam na Antiga Grécia. Observando os outros exemplos, verificamos que este adjetivo se coloca à esquerda e à direita do nome, independentemente de assumir ou não caráter temporal. Assim, em (104) e (105), anteposto ou posposto ao nome, coordenado com outros adjetivos, podendo ser modificado por advérbios de grau e de intensidade e mesmo aceitar o sufixo *-íssimo*, atribui propriedades às entidades denotadas pelos nomes e, por isso, classifica-se como qualificativo. Porém, em (106), hesita-se entre uma leitura na qual o adjetivo tem um papel qualificativo e um papel de localizador temporal, podendo ser, substituído, nesta última aceção, por *atual*. Este caso é semelhante a muitos outros que ocorrem com este adjetivo, pois mantém ainda algumas características dos qualificativos. Os exemplos (107) e (108) já não oferecem dúvidas em relação ao seu estatuto. Trata-se de adjetivos com a função de localizadores temporais que, para serem distinguidos dos qualificativos, é necessário ter em conta que não são graduáveis, não se coordenam com outros adjetivos, não são predicativos (se o forem, perdem a propriedade de ser temporais)⁵⁹ e resistem à anteposição, pois, nessa posição, oferecem uma leitura ambígua.

3.3.5. Síntese

À semelhança do que fizemos para os adjetivos dêiticos que estabelecem com o momento de enunciação uma relação de anterioridade, apresentamos abaixo o quadro com as características observadas nos adjetivos estudados neste ponto.

⁵⁹ Contudo, podem ser predicativos se o nome for modificado por uma relativa restritiva como em “O futebol que ele pratica é moderno”.

Tabela 2: Adjetivos que estabelecem relação de simultaneidade/sobreposição com o momento de enunciação

	Posição em relação ao nome (anteposição/posposição)	Participação em estruturas predicativas	Graduabilidade
<i>atual</i>	+	-	-
<i>presente</i>	+	-	-
<i>corrente</i>	+	-	-
<i>moderno</i>	+	-	-

Como se pode observar, as características evidenciadas por estes adjetivos são sistemáticas, embora, como já referimos atrás, haja algumas especificidades que os distinguem uns dos outros. Não considerámos a graduabilidade nem a participação em estruturas predicativas como marcas relevantes de *atual*, pois, como se referiu, essas propriedades pertencem essencialmente a este adjetivo na sua qualidade de qualificativo. De facto, *atual* apresenta aquelas propriedades em contextos muito especiais. Para além da interpretação de *atual* como “manter atualidade”, os exemplos seguintes mostram ainda outra situação:

- (109) a. As notícias atuais são preocupantes.
b. #As notícias muito atuais são preocupantes.
c. #As notícias são muito atuais.

Os exemplos (109 b. e c.) mostram que o adjetivo, nessas construções, apresenta uma leitura que não é a relevante tendo como termo de comparação (109 a.) e que, para que o adjetivo localize temporalmente, não pode ser nem graduável nem predicativo.

Observe-se agora o seguinte exemplo:

- (110) Estas notícias são muito atuais.

Nesta frase, o adjetivo, graduável e predicativo, tem um significado diferente. Sem perder o traço de temporalidade, o seu sentido, equivalente ao de “notícias acabadas de chegar” ou “notícias frescas”, aproxima-se do de *recente*, exprimindo uma relação de anterioridade em relação ao momento de enunciação.

Os adjetivos analisados mostram possuir características semelhantes no que diz respeito aos parâmetros apresentados no quadro anterior a *passado* e *último*, adjetivos dêiticos que estabelecem relação de anterioridade com o momento de enunciação. No entanto, essa situação apenas é observável quando estes adjetivos modificam nomes que possuem traços de temporalidade. Observem-se a este propósito os seguintes exemplos:

- (111) a. no passado /no último /no presente /no corrente mês de maio
b. *num passado/num último/num presente/num corrente mês de maio.

Os exemplos mostram as afinidades entre estes adjetivos na situação de modificadores de nomes que referem intervalos de tempo em contextos semelhantes: com definidos, participam na localização bem definida das situações relativamente ao momento de enunciação; tornam-se agramaticais com indefinidos.

O quadro mostra ainda que a participação em estruturas predicativas e a graduabilidade estão intimamente relacionadas. Em contextos em que, apesar das restrições já apontadas, existe ainda a possibilidade de serem predicativos e graduáveis (cf. *atual* e *moderno*) são escalares, embora de escala aberta; aqueles que não têm essa possibilidade (cf. *presente* e *corrente*) não são, de forma alguma, escalares, talvez por se aplicarem apenas a nomes que, de certa maneira, envolvem tempo.

3.3.6. Adjetivos que exprimem relações de posterioridade com o momento de enunciação

Os adjetivos que exprimem relações de posterioridade com o momento de enunciação têm o seu ponto de referência coincidente com o ponto do evento. Estes pontos são, por sua vez, posteriores ao ponto da fala, projetando a situação para o futuro. Adjetivos deste tipo são, por exemplo, *próximo*, *futuro*, *vindouro* e *iminente*. A exemplo do que já fizemos anteriormente, passaremos a descrever as principais características destes adjetivos.

3.3.6.1. *próximo*

Este adjetivo exprime posterioridade relativamente ao momento de enunciação, conforme mostram os exemplos abaixo; contudo, convém acrescentar que *próximo*, aplicado ao nome “passado” em “passado próximo”, projeta a situação para um intervalo anterior ao momento da enunciação, tendo, nesse caso, uma interpretação idêntica à de *recente*.

O adjetivo *próximo* apresenta comportamentos diferentes conforme modifica nomes que referem intervalos de tempo ou outros nomes. Aparece posposto e anteposto quer como localizador espacial quer como localizador temporal. Acompanha nomes que denotam unidades de tempo, com o nome “futuro” e com quase todo o tipo de nomes. Vejam-se alguns exemplos de ocorrências deste adjetivo.

- (112) Os deputados deveriam estar mais próximos das populações.
- (113) O adversário mais próximo de Obama é Romney.
- (114) a. A estação mais próxima fica a 5 Km.
b. A próxima estação fica a 5 Km.
c. ? A mais próxima estação fica a 5 Km.
- (115) a. Os meus amigos mais próximos estão de férias.
b. Os meus mais próximos amigos serão os meus novos colegas.
c. Os meus próximos amigos serão os meus novos colegas.
- (116) a. O congresso de linguística realiza-se em outubro próximo.
b. O congresso de linguística realiza-se no mês de outubro próximo.
c. * O congresso de linguística realiza-se no mês próximo.

Os dois primeiros exemplos ilustram ocorrências do adjetivo *próximo* como localizador espacial e, nessa circunstância, admitem, como já é de esperar, advérbios de grau e participam em construções predicativas. Com esta leitura, também se pode antepor (cf. 114 b.), mas é duvidosa a admissão de intensificadores de grau como mostra, a seguir, (114 c.). Já com a interpretação de aproximação, com carácter afetivo ou outro, admite as duas posições (cf. (115 a.), (115 b.)), mas, anteposto, sem advérbios de grau, converte-se em temporal (cf. 115 c.). Observando o exemplo (116), constatamos que o adjetivo com sentido temporal também permite ser posposto desde que o sintagma em que está integrado não possua determinante (cf. 116 a.) ou possua

definido desde que o nome seja seguido de uma expressão localizadora (cf. 116 b.). Se não obedecer a estas condições, a frase torna-se agramatical (cf. 116 c.). Em anteposição, este adjetivo aplica-se a nomes de intervalos de tempo e datas (cf. 117), a nominalizações eventivas (cf. 118) e a nomes que denotam entidades humanas e cargos a elas associadas (cf. 119) como mostram os exemplos seguintes:

(117) O concerto da banda realiza-se no próximo sábado.

(118) A próxima realização de um evento será entregue a uma empresa.

(119) O próximo presidente vai disciplinar os adeptos.

Este adjetivo permite a modificação de advérbios de intensidade como “muito” e “bastante” na expressão “futuro próximo” e em estruturas predicativas com o verbo “estar”:

(120) Num futuro muito próximo, o euro pode acabar.

(121) As férias estão muito próximas.

(122) O dia 5 de maio está muito/bastante próximo.

Contudo, os dois últimos exemplos revelam uma particularidade que não é comum nos adjetivos temporais, pois, em situação predicativa, parece não terem a mesma interpretação que em posição atributiva. De facto, “as próximas férias” (cf. “as próximas férias” vs. “as férias estão próximas”) podem não estar próximas do momento de enunciação, assim como “o próximo dia 5 de maio” pode não estar próximo desse mesmo momento. Parece então que estamos perante duas interpretações diferentes do mesmo adjetivo. Relativamente a este adjetivo em particular, Borillo (2001) sugere que, em francês, há dois valores de *proximo*. Os seus exemplos são os seguintes:

(123) a. J’ai appris son départ prochain.

b. J’ai appris son très prochain départ.

c. J’ai appris son départ très prochain.

(Borillo, 2001, p. 44)

Esta autora propõe que o adjetivo *próximo*, em frases como as de ((123) a., c.), isto é, quando empregado após o nome com ou sem modificação de grau, tem o significado de “próximo no tempo”, conservando este mesmo sentido em anteposição, se for acompanhado do advérbio “muito” (cf. (123) b.) . Em posição pré-nominal e sem esse advérbio, tem um significado diferente: “que vem depois”. Eis os seus exemplos de adjetivos antepostos sem modificação adverbial:

(124) Le prochain départ aura lieu à 20h au quai 2.

(125) Je ne connais pas la date de notre prochain rendez-vous.

(Borillo, 2001, p. 44)

Pensamos que os significados diferentes atribuídos às frases (120) e (121) do português em posição predicativa e atributiva não têm relação com a proposta de Borillo (2001) por uma razão que tem a ver com a ligação temporal que se estabelece com o momento de enunciação que, no caso das frases do português, é dêitica. É certo que as situações descritas nas frases dos exemplos (124) e (125) também estabelecem uma relação direta com o momento de enunciação, mas o significado do adjetivo *prochain* aproxima-se, em português, do significado de *seguinte*, que não é o que está presente nas frases dos exemplos (121) e (122); a interpretação proposta por Borillo (2001) no exemplo (123), de “próximo no tempo” verifica-se nas frases em que há uma relação anafórica.

Bouchard (2002, pp. 78/79) apresenta para o francês três leituras deste adjetivo: uma estritamente temporal e as outras duas com contrapartidas de outra natureza. Vejam-se exemplos para o português:

(126) O próximo ano será de grande contenção económica.

(127) Mas acho que estes anos próximos vão ser muito importantes e
apeteceu-me envolver-me nas decisões que se vão tomar.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (15/01/2012)

(128) As freguesias (mais) próximas de Valbom são S. Cosme e Campanhã.

(129) As próximas freguesias a serem agregadas serão as da baixa de
Lisboa.

(130) O défice foi a causa próxima dos cortes realizados.

(131) A próxima causa a defender será a extinção de horários zero no ensino.

Os exemplos (126) e (127) do português seriam para aquele autor, quer em anteposição quer em posposição, temporais. Esta interpretação é válida para frases idênticas do francês assim como para o português, tal como já havíamos defendido e os exemplos comprovam.

A segunda leitura proposta pode ser verificada nos exemplos (128) e (129). No primeiro destes exemplos, com o adjetivo posposto, “as freguesias próximas” constituem o conjunto de entidades que são freguesias num determinado local e, por isso, não apresenta leitura temporal; no segundo, com o adjetivo anteposto, “as próximas freguesias a serem agregadas” constituem o conjunto de entidades para as quais a propriedade de ser freguesia vai deixar de o ser proximamente. Exemplos semelhantes apresentámos já para o português, que diferem dos do francês porque a posição não é tão fixa. De facto, em português, os adjetivos que têm interpretação temporal e espacial colocam-se indiferentemente à esquerda e à direita dos nomes. São os nomes, neste caso, que determinam a interpretação dos adjetivos.

Os exemplos (130) e (131) ilustram a terceira interpretação admitida por Bouchard (2002). O primeiro, com o adjetivo posposto, tem uma interpretação a que este autor designa como “causa direta”, mas o segundo, com o adjetivo anteposto, é, no português, verdadeiramente temporal.

Estas duas últimas leituras estão, no francês, sistematicamente relacionadas com a posição do adjetivo, situação que revela ser um pouco diferente da do português.

3.3.6.2. *iminente*

O adjetivo *iminente* ocorre predominantemente com nominalizações eventivas e de resultado e com nomes de evento que, modificados por este adjetivo, denotam situações que, numa leitura dêitica, e, embora projetadas para o futuro, se preveem que tenham fortes probabilidades de acontecer.

(132) A casa corre risco de derrocada iminente.

(133) A derrocada é iminente.

(134) A derrocada está iminente.

(135) A derrocada está próxima.

O adjetivo *iminente* é um adjetivo atributivo, podendo colocar-se em anteposição e em posposição, com significado semelhante a *próximo* (cf. (134) e (135)). Contudo, em anteposição ao nome, o significado atribuído por este adjetivo à situação altera-se. Observe-se a diferença entre:

(136) A iminente derrocada será fatal para os moradores do prédio.

(137) A próxima derrocada será fatal para os moradores do prédio.

Embora as duas situações se localizem em posterioridade ao momento de enunciação, em (136), essa localização é mais vaga do que em (137), pode estar próxima ou não; relativamente ao significado, podemos para o exemplo (136) parafraseá-lo como “A derrocada que está iminente”, mas para (137), a paráfrase não poderá ser “a derrocada que está próxima”, mas “a primeira derrocada que houver”.

Os exemplos mostram que *iminente* participa em construções com “ser” e com “estar” e, embora em textos de imprensa pareça ocorrer indiscriminadamente, no nosso entender, utiliza-se “ser” em situações mais alargadas temporalmente cuja realização do evento é meramente potencial e “estar” em situações menos alargadas no tempo e dadas como mais certas. O exemplo seguinte mostra esta última interpretação do jornalista, mostrando tal preocupação ante a iminência da derrocada que aplica, redundantemente, julgamos, a expressão “a qualquer momento”:

(138) A derrocada está iminente e nova tragédia poderá ocorrer, a qualquer momento, na Rua das Flores .

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (20/01/2012)

Nos exemplos observados, as frases nas quais ocorre o adjetivo, o tempo verbal que tem sido utilizado é o Presente. Observem-se agora as frases no Pretérito Perfeito e no Futuro.

- (139) a. *A derrocada foi iminente.
b. A derrocada esteve iminente.
c. A derrocada será iminente (mais cedo ou mais tarde).
d. *A derrocada será iminente (daqui a duas horas).
e. A derrocada estará iminente (mais cedo ou mais tarde).
f. *A derrocada estará iminente (daqui a duas horas).

No Pretérito Perfeito, o adjetivo é incompatível com “ser”, podendo revelar assim propriedades de predicados de estágio⁶⁰. Com o verbo “ser” no Futuro, o adjetivo mantém o mesmo significado que tem quando o verbo está no Presente e, como exprime uma possibilidade de realização num tempo mais alargado, é incompatível com adverbiais temporais que marquem um momento próximo (cf. (139 d.)). Com o verbo “estar” no Futuro, também com esse adverbial há incompatibilidade porque, por mais próximo e certo que seja o evento, o adjetivo não dá informações precisas sobre a sua possível localização temporal.

3.3.6.3. *vindouro*

Estabelecendo relações temporais de posterioridade com o momento de enunciação, o adjetivo *vindouro* modifica nomes de vários tipos, mas predominantemente aqueles relacionados com intervalos de tempo como “mês”, “ano”, “século”, “milénio”, “tempos”, “era”, “época” e “gerações”. Coloca-se em anteposição e posposição e não participa em construções predicativas nem é graduável. Apresentamos a seguir dois exemplos com este adjetivo nos quais se podem observar as propriedades referidas.

⁶⁰ Voltaremos a esta questão no Capítulo 4.

(140) a. Esperemos que no século vindouro todos os países sejam democráticos.

b. * O século é vindouro.

(141) a. Está é bem servido de fome, fraqueza e vindouras promessas de trabalho .

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (15/10/2011)

b. Está é bem servido de fome, fraqueza e *muitas vindouras promessas de trabalho.

3.3.6.4. futuro

Já atrás referimos as características deste adjetivo, que repetimos: modifica nomes de evento e nominalizações, nomes que denotam cargos atribuídos a entidades humanas e nomes relacionados com intervalos de tempo mais alargados, como “séculos”, “anos” e “meses”. Não participa em construções predicativas nem é graduável.

Coloca-se anteposto e posposto, mas, em português, com nomes de cargos, antepõe-se (“o futuro presidente”/* “o presidente futuro”). Demonte (1999) aceita, para o espanhol, as duas posições deste adjetivo com estes tipos de nomes. Contudo, Bouchard (2002, p. 76) considera que, em francês, em “*le futur président*” “*futur* is not predicated of *président*, but is about the interval of time *i* at which the characteristic function of *président* holds: *futur président* indicates that some individual has all the properties required to fall in the extension of the concept of presidente, except that the status is not yet attained and is to be later”. Em “*le président futur*”, “is odd because a temporal ADJ is applied to an expression denoting a human being: this is not a temporal concept, so the result is pragmatically odd.”.

3.3.7. Síntese

Após a descrição dos adjetivos que estabelecem relação de posterioridade com o momento de enunciação, façamos a síntese das características observadas.

Tabela 3: Adjetivos dêiticos que estabelecem relações de posterioridade com o momento de enunciação

	Posição em relação ao nome (anteposição/posposição)	Participação em construções predicativas	Graduabilidade
<i>próximo</i>	+	+	+
<i>iminente</i>	+	+	-
<i>futuro</i>	+	-	-
<i>vindouro</i>	+	-	-

As diferenças registadas no quadro relativamente à participação em estruturas predicativas podem ser explicadas: no caso de *próximo*, observámos já que esse fenómeno acontece quando o adjetivo tem outro significado que o estritamente temporal de localização; no caso de *iminente* dever-se-á ao facto de este adjetivo, à semelhança de *recente*, estar muito próximo do momento de enunciação e, posterior a este momento, indicar um alto grau de probabilidade da realização do evento em questão.

No que diz respeito à graduabilidade, a explicação para *próximo* é a mesma que a dada para a possibilidade de ser predicativo, isto é, só nas situações em que é predicativo é graduável. Relativamente a *iminente*, consideramos que não é graduável, porque lexicalmente parece já conter uma informação de grau, aproximando-se, assim, dos adjetivos elativos. O carácter não predicativo e não graduável de *vindouro* e de *futuro* poderá estar relacionado com o facto de estes dois adjetivos poderem ser recategorizados como nomes (“o futuro”, “os vindouros”) enquanto *próximo* e *iminente* não possuem essa capacidade (#”o próximo”, *o iminente”).

3.3.8. Conclusões

No que diz respeito aos adjetivos com função dêitica, as nossas atenções centraram-se especialmente nas características que determinam, muitas vezes, mudanças de significado: a posição do adjetivo relativamente ao nome, a possibilidade de o adjetivo participar em construções predicativas e a graduabilidade. Verificámos que, relativamente à posição, os adjetivos dêíticos se assemelham, pois ocorrem em anteposição e posposição. No que diz respeito à possibilidade de participarem em construções predicativas assim como na de serem graduáveis registam-se algumas divergências que o quadro abaixo mostra.

Tabela 4: Adjetivos dêíticos

	Posição	Predicação	Graduabilidade
anterioridade	+	+ - (<i>passado /último /recuado /moderno</i>)	+ - (<i>novo /último /passado</i>)
simultaneidade	+	-	-
posterioridade	+	+ - (<i>vindouro /futuro</i>)	+ (<i>próximo</i>) -

Concluindo, podemos confirmar que, tal como Demonte (1999) propõe, tipicamente estes adjetivos antepõem-se e pospõem-se aos nomes que modificam. Dos adjetivos observados, apenas *novo* suscita dúvidas, pois parece-nos que raramente é temporal. Na verdade, anteposto, assume-se como temporal se estiver associado a nomes que denotam cargos, como em “novo coordenador” (“coordenador que foi eleito/nomeado recentemente”) e uma interpretação ambígua surge quando posposto. De facto, a expressão “coordenador novo” pode ser parafraseada por “coordenador que foi eleito/nomeado recentemente”, mas também por “coordenador jovem”. Nesta última aceção, trata-se de um adjetivo qualificativo de idade. Demonte (1999) afirma que “En aquellos casos en que las dos interpretaciones son posibles el significado adverbial aparece cuando el adjetivo va antepuesto” (p. 179) e dá como exemplo “una nueva casa”/“una casa nueva”. Temos alguma dificuldade em distinguir o carácter temporal em sintagmas envolvendo objetos como “nova casa”, “novo carro” ou “novo livro” pelo facto de poderem suscitar ambiguidade na sua interpretação. Relativamente à

posposição, observámos que o adjetivo *futuro*, aplicado a nomes que referem cargos, rejeita essa posição.

Tipicamente os adjetivos temporais não participam em construções predicativas, pois, segundo Borillo (2001), não caracterizam o referente do nome diretamente, mas apenas certas das suas propriedades ou dos seus aspetos; daí que não sejam predicativos, porque só o são quando modificam o referente. Esta autora explica que as razões que impedem os adjetivos temporais de serem predicativos têm a ver com a morfologia e a etimologia, isto é, com a origem da sua formação e a sua história derivacional e os seus traços morfológicos. No entanto, contrariando esta autora e também Milner (1967), verificámos que alguns, em determinadas circunstâncias, podem ser predicativos: *recente*, *próximo* e *iminente*. Já nos referimos a este respeito para os dois primeiros e, quanto a *iminente*, julgamos dever-se esse facto ao alto grau de probabilidade de realização do evento que o adjetivo empresta ao sintagma em que está integrado.

A graduabilidade está diretamente relacionada com a possibilidade de estes adjetivos ocorrerem em estruturas predicativas. Aqueles adjetivos que não são predicativos também não são graduáveis. Não sendo graduáveis, não são escalares.

Outro aspeto que foi abordado, embora ligeiramente, é a relação existente entre o adjetivo temporal e a predicação no seu todo. No tocante a este aspeto, apresentámos exemplos nos quais a maior parte destes adjetivos remetiam para o passado, para o futuro ou incluíam o momento da enunciação, mas também podem ocorrer em predicações cujos verbos tenham referência temporal diferente da deles. Apenas um exemplo para tornar mais clara esta constatação:

- (142) a. Ontem vi o futuro diretor da escola.
- b. Hoje vou ver o futuro diretor da escola.
- c. Estou a ver (na televisão) o futuro diretor da escola.

Como se pode observar, o adjetivo *futuro* permite participar em construções cujo verbo da frase remete não só para o futuro, mas também para o passado e para o presente sem que a frase se torne agramatical. Em (142 a.) e em (142 b.) o ponto de perspetiva temporal é respetivamente anterior e posterior ao ponto da fala e o tempo de *futuro* é posterior ao tempo de enunciação.

Esta situação não acontece com todos os adjetivos observados até este momento. Por um lado, a permissão dos adjetivos com referência temporal diferente da do verbo nestas predicções deve-se à natureza do nome modificado. O adjetivo selecionado em (142) associa-se a nomes que denotam cargos e, conforme verificámos, todos os adjetivos nessas circunstâncias terão o mesmo comportamento. Pelo contrário, aqueles adjetivos que não se apliquem a nomes dessa categoria não suportam a incompatibilidade com um verbo que refira um tempo diferente do deles.

3.3.9. Adjetivos anafóricos

Os adjetivos anafóricos estabelecem relações temporais não com o momento de enunciação, mas com um ponto de referência que pode estar instaurado no passado ou no futuro. São exemplos de adjetivos deste tipo *precedente*, *seguinte*, *anterior*, *subsequente*, *antecedente* e *posterior*, entre outros. Dividi-los-emos em dois grupos, tendo em conta a graduabilidade. Assim, apresentaremos as características dos não graduáveis, por um lado, e as dos graduáveis, por outro, e descreveremos as relações temporais que todos estabelecem quer com o momento de enunciação quer com o ponto de referência.

3.3.9.1. Adjetivos anafóricos não graduáveis

Fazem parte deste grupo adjetivos como *antecedente*, *precedente*, *subsequente* e *seguinte*. Estes adjetivos têm em comum o facto de:

- serem não graduáveis;
- serem tipicamente não predicativos;
- modificarem os mesmos tipos de nomes;
- poderem ser antepostos e pospostos, embora as preferências de colocação possam divergir. *Seguinte* e *antecedente*, por exemplo, raramente se antepõem.

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986) apresenta *antecedente* (p. 128) e *precedente* (p. 1379) como sinónimos e classifica do mesmo modo *seguinte* (p. 1562) e *subsequente* (p. 1622). Temos consciência de que a sinonímia perfeita não existe, mas, mesmo assim, vejamos se a substituição de um adjetivo pelo outro é arbitrária. Começemos pelo primeiro par. Em francês, o adjetivo *antecedente* é raro e, segundo o *Nouveau Petit Le Robert* (1993), indica anterioridade lógica ou cronológica. Este dicionário recorre a uma frase de Gide para mostrar um dos seus significados (na verdade, não especifica qual deles é; na nossa interpretação, será o valor lógico, na medida em que privilegia a questão moral, colocando-a acima da questão social e, sendo assim, tratar-se-á de adjetivo numeral como *primeiro*, por exemplo):

(143) *Question sociale? Certes. Mais la question morale est antécédente.*

Le Petit Robert (1993, p. 89)

Em português, o adjetivo *antecedente* não é raro, mas o seu número de ocorrências também não é muito elevado. No *corpus* CETEMPúblico consultado, havia apenas 48 utilizações. Contudo, no *Corpus* Vercial, que trata obras literárias escritas entre 1500 e 1933, verifica-se o contrário: existem mais ocorrências de *antecedente* do que de *precedente*. Este facto faz-nos pensar que pode tratar-se de um fenómeno de diacronia ou então de uma preferência de ordem literária.

Aparentemente, não há grande diferença entre o significado de uma forma e de outra. Vejam-se os seguintes exemplos:

(144) a. Maria Helena Rocha Pereira completou, até certo ponto, a intervenção antecedente, ao falar dos «reflexos da tradição clássica em Camilo».

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)

b. Maria Helena Rocha Pereira completou, até certo ponto, a intervenção precedente, ao falar dos «reflexos da tradição clássica em Camilo».

Parece-nos que (144 a.) é um exemplo de uma frase ambígua, dado que a “intervenção antecedente” pode ter sido proferida pela entidade denotada pelo sujeito da frase ou por outra entidade. Em (144 b.), a “intervenção precedente” é uma intervenção antecedente, mas pode não ter sido proferida pela entidade denotada pelo sujeito da frase. Trata-se mais de uma ordenação sequencial do que estritamente temporal. Riegel (2005) é de opinião que adjetivos como *precedente*, *novo* ou *próximo* não são adjetivos temporais estritos, como, aliás, já fizemos referência anteriormente. Segundo este autor, em “o precedente locatário”, por exemplo, o adjetivo tem como função situar uma série temporalmente ordenada de ocorrências do mesmo tipo: “primeiro/segundo/último”. Este tipo de inserção sequencial confere “aux référents un statut occurrentiel épisodique qu’ils se transmettent pour ainsi dire transitivement: le *précédent locataire* a cédé la place et le nom à *l’actuel locataire* qui en fera autant à l’égard du *prochain locataire*” (Riegel, 2003, p. 122). Pensamos que é exatamente o que se passa em (144 b.).

Relativamente às relações temporais que estabelecem com os outros elementos da frase, verifica-se que estes adjetivos se projetam para o passado. Observem-se os seguintes exemplos:

- (145) Ela ainda alcançou marcas relativamente semelhantes, em 1989, às da temporada antecedente, mas a linha de progresso quebrou-se.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)

- (146) Em 1991 o défice comercial norte-americano foi de 66,26 mil milhões de dólares, o nível mais baixo desde 1983, contra 101,72 mil milhões no ano precedente.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)

Em ambas as frases, as duas situações referidas são anteriores ao momento de enunciação. O ponto de referência (“em 1989” em (145) e “em 1991” em (146)) é posterior à outra situação, que é descrita por meio dos adjetivos “antecedente” e “precedente”. Trata-se, portanto, de adjetivos anafóricos, pois as relações com o momento de enunciação são feitas de modo indireto.

Vejamos agora algumas características dos adjetivos anafóricos não graduáveis *seguinte* e *subsequente*. O dicionário já atrás referido apresenta estes adjetivos como sinónimos, quer sejam localizadores temporais quer sejam localizadores espaciais. Não encontramos nenhum exemplo de *subsequente* com funções localizadoras espaciais em

concomitância com as temporais, mas, tendo admitido que *precedente* possa ter essa interpretação, é possível que este adjetivo também a possua.

Já *seguinte*, para além dessa interpretação espacial em (147), apresenta ainda outra leitura como introdutor de uma citação ou de uma enumeração de factos em (148). Apresentamos a seguir essas duas leituras de *seguinte*:

- (147) Após a passagem de 58 concorrentes, a «especial» foi neutralizada, mas no troço seguinte registou-se um acidente com um espectador, vítima de fratura numa perna.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (13/12/2011)

- (148) Até ao derradeiro jogo, italianos e holandeses repartiram os triunfos da seguinte forma: 15-6, 15-5, 13-15 e 8-15.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (13/12/2011)

Afirmámos atrás que estes dois adjetivos com função anafórica têm em comum a impossibilidade da graduabilidade. No entanto, existem algumas diferenças no que diz respeito à posição que podem ocupar relativamente ao nome: *seguinte* com sentido temporal só se coloca posposto ao nome; se estiver anteposto, adquire um dos outros significados. *Subsequente* pospõe-se e antepõe-se.

Relativamente à função predicativa, *seguinte* rejeita-a e *subsequente* admite-a como mostram os exemplos a seguir.

- (149) a. A festa realizou-se no domingo seguinte.

b. *O domingo foi seguinte.

- (150) O Presidente moçambicano procurou sossegar alguns temores lembrando que o incremento das relações e do investimento português é subsequente à adesão à Comunidade Britânica.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (13/12/2011)

Tomemos agora três novos exemplos para verificar as relações temporais envolvidas em frases que incluem estes dois adjetivos.

- (151) Domingo último, Paris vivia com ansiedade inquieta a previsão do que iria «dar» a manifestação de estudantes programada para o dia seguinte.

<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/201)

(152) E depois da sangria da Guerra Civil e da subsequente limpeza do pós-guerra (mais umas centenas de milhares de mortos), Franco foi popular.

<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)

(153) A Câmara do Porto anuncia para o dia seguinte (hoje, portanto) a demolição de todas as barracas existentes na encosta dos Guindais (...).

<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (13/12/2011)

Em (151), o ponto de referência, “domingo último”, é anterior ao ponto do evento “manifestação do dia seguinte” e ambos são anteriores ao momento de enunciação. A frase do exemplo (152) é mais complexa, pois há três situações que se sucedem no tempo: a situação “sangria da guerra civil” fornece o ponto de referência para a situação “limpeza do pós-guerra” e esta, por sua vez, fornece o ponto de referência para a situação “Franco ser popular”. Recorde-se que é numa situação como esta que, segundo Kamp & Reyle (2005), o ponto de referência pode ser útil, dado que estabelece a progressão da narrativa. De qualquer modo, observa-se que, nesta frase, o ponto do evento é posterior ao seu ponto de referência. Situação diferente observa-se em (153), na qual o ponto do evento é coincidente com o momento de enunciação, mantendo-se o ponto de referência anterior a estes pontos, apesar de a forma verbal ser a do Presente do Indicativo. Trata-se de um caso que marca um pré-Presente, tal como observado em Silvano (2002). Verifica-se ainda que, embora os adjetivos projetem para o futuro a situação em que estão inseridos, essa situação é sempre relativa a um passado estabelecido pelo ponto de referência.

3.3.9.2. Adjetivos anafóricos graduáveis

Como adjetivos anafóricos graduáveis, seleccionámos *anterior* e *posterior*. Note-se, porém, que a graduabilidade se manifesta apenas com os advérbios intensificadores “muito”, “pouco” e “bastante” e em situações bem definidas. Para além desta característica em comum que os diferencia em relação aos anteriores, também participam em construções predicativas, se forem argumentais, e é apenas nessa função que são graduáveis; antepõem-se e pospõem-se e apresentam não apenas o sentido

temporal, mas ainda espacial. Estas particularidades estão presentes nos seguintes exemplos:

- (154) a. Comparado com anos anteriores, este inverno foi muito seco.
b. *Comparado com anos muito anteriores, este inverno foi muito seco.
c. *Os anos são anteriores.
- (155) a. A Aliança Evangélica Portuguesa ganhou uma batalha: o anterior Parlamento reconheceu a justeza do pedido de maior igualdade fiscal em relação à Igreja Católica .
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/01/2012)
b. A Aliança Evangélica Portuguesa ganhou uma batalha: o Parlamento anterior reconheceu a justeza do pedido de maior igualdade fiscal em relação à Igreja Católica.
- (156) a. Na reunião anterior ao congresso, os militantes discutiram a composição das listas.
b. *Na reunião muito anterior ao congresso, os militantes discutiram a composição das listas.
c. Numa reunião muito anterior ao congresso, os militantes discutiram a composição das listas.
d. A reunião em que discutiram a composição das listas foi (muito) anterior ao congresso.
- (157) Na corrida de passada igual, o atleta que corre em posição anterior poderá desenvolver mais passadas por segundo que o seu companheiro em posição posterior.
<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/01/2012)
- (158)a. A direção tomará posse no décimo dia posterior à data das eleições.
b.*A direção tomará posse no décimo dia muito posterior à data das eleições.
c. A data é posterior ao dia 10.

- (159) a. As decisões foram tomadas em posteriores reuniões.
b. As decisões foram tomadas em reuniões posteriores.
c. *As decisões foram tomadas na reunião muito posterior.
d. As decisões foram tomadas numa reunião muito posterior.
e. As reuniões em que foram tomadas decisões foram muito posteriores.

Confirma-se, através dos exemplos, que estes dois adjetivos se colocam à esquerda e à direita do nome (cf. (154) e (155 a., b.)), embora com fortes restrições em anteposição a nomes de períodos de tempo; em posposição, dependendo do nome, podem ter uma interpretação espacial (cf. 157).

Verifica-se ainda que participam em construções predicativas sobretudo em situações cujo nome tenha um restritor, sendo a graduabilidade possível em expressões nominais indefinidas (cf. 159 d.).

Vejamos agora quais as relações temporais que estes adjetivos estabelecem com as situações das predicções em que estão inseridos.

- (160) A meio da sessão de ontem o índice Dow Jones cotava-se nos 3849,75 pontos, menos 0,17 por cento face ao valor de fecho da sessão anterior.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/01/2012)

Nesta frase, o ponto de referência, fornecido por um tempo do passado (“cotava-se”) e pelo adverbial “de ontem”, é posterior ao ponto do evento (“fecho da sessão anterior”), sendo ambos estes pontos anteriores ao momento de enunciação. Verifica-se, pois, que este adjetivo se reporta ao passado e a situação descrita no sintagma de que faz parte é sempre anterior ao ponto de referência que, neste caso, é marcado por “ontem” em “a sessão de ontem”.

Observe-se ainda outro exemplo:

- (161) Segundo a associação, durante o período de legalização, terão sido feitas «buscas programadas a pensões», das quais resultou a detenção e posterior expulsão de «dezenas de imigrantes» .

Nesta frase, a primeira situação (“a realização de buscas programadas”) fornece o ponto de referência para a situação seguinte (“a detenção”) e esta será o ponto de referência para a última situação (“a posterior exclusão”). Neste caso, os pontos de referência e do evento encontram-se no passado, mas também podem encontrar-se no futuro. Quer num tempo quer noutra, a situação modificada pelo adjetivo é sempre anterior ao tempo de enunciação.

3.4. Síntese

Neste ponto, apresentámos adjetivos com função anafórica.

O quadro abaixo sintetiza algumas das suas propriedades no que diz respeito à graduabilidade e à possibilidade de participarem em construções predicativas e às relações temporais que estabelecem com outros elementos das frases em que se encontram inseridos.

Tabela 5: Adjetivos anafóricos graduáveis e não graduáveis

Graduáveis	Não graduáveis
<p>Anterior <i>A construção da ponte da Arrábida é/foi muito anterior à da ponte do Freixo.</i></p> <p><i>Pensei/Pensava que a construção da ponte da Arrábida era/tinha sido muito anterior à ponte do Freixo.</i></p> <p><i>Penso que a construção da ponte da Arrábida terá sido muito anterior à da ponte do Freixo.</i></p> <p><i>Pensei/Pensava que a construção da ponte da Arrábida teria sido muito anterior à da ponte do Freixo.</i></p>	<p>Anterior <i>Ele chega no dia 10, mas no dia anterior estará em Lisboa.</i></p> <p>antecedente <i>Este ano o Real Madrid ganhou o campeonato, na época antecedente tinha sido o Barcelona.</i></p> <p>precedente <i>Este ano o Real Madrid ganhou o campeonato, na época precedente tinha sido o Barcelona.</i></p>
<p>posterior <i>Esse acontecimento é/foi muito posterior a 2005.</i></p>	<p>seguinte <i>A Irlanda pediu ajuda financeira e nos anos seguintes a recessão diminuiu.</i></p> <p><i>A Grécia pediu ajuda financeira e no dia seguinte (hoje) vai renegociar a dívida.</i></p> <p><i>Ele chega no dia 10 e no dia seguinte estará em Lisboa.</i></p> <p>subsequente <i>A Irlanda pediu ajuda financeira e nos anos subsequentes a recessão diminuiu.</i></p>

O quadro leva-nos à conclusão que a graduabilidade está diretamente relacionada com a possibilidade de participação em construções predicativas, pois os adjetivos graduáveis também são predicativos; contudo, estas propriedades só se verificam quando se aplicam a nomes de eventos; os adjetivos não graduáveis não participam em construções predicativas e, na sua condição de não graduáveis, combinam-se com nomes que denotam períodos de tempo. Estas diferenças entre graduáveis e não graduáveis podem explicar os motivos pelos quais estes adjetivos, embora tenham significados idênticos, não são intersubstituíveis. Por outro lado, a graduabilidade não interfere nas relações temporais que os adjetivos estabelecem com os outros elementos

da predicação, pois, graduáveis ou não graduáveis, admitem idênticas combinações de tempos verbais.

3.5. Adjetivos dêiticos e anafóricos

Segundo Fiorin (2003), os adjetivos enunciativos e enuncivos (dêiticos e anafóricos, respetivamente) têm a possibilidade de indicar a situação de um evento quer em relação a um marco temporal futuro, presente ou passado e, simultaneamente, apresentarem um valor crónico⁶¹, dando este autor como exemplo o adjetivo *antigo* que, além de indicar anterioridade a um marco temporal, “mostra que o alcance retrospectivo é relativamente amplo” (p. 71).

Concordamos com este autor na dupla função (dêitica e anafórica) de certos adjetivos; contudo, temos alguma reserva em afirmar que um adjetivo é anafórico apenas pelo seu “valor crónico” ou por o seu alcance, retrospectivo ou prospetivo, ser amplo. Consideramos que um adjetivo é anafórico porque não estabelece relações diretas com o momento de enunciação, pois essa relação é feita com o ponto de referência. Veja-se o exemplo de Fiorin (2003, p. 72):

(162) Quando eu o adquiri...ele... ahn não possu/o nome de propriedade
era o nome do antigo proprietário.

(Fiorin, 2003, p. 72, transcrito de D2-SP-255:335)

De facto, neste exemplo, o adjetivo *antigo* é anafórico, pois indica que a entidade referida pelo nome é anterior em relação ao momento da aquisição, isto é, ao ponto de referência. A verdade, porém, é que a situação não é interpretável como sendo crónica, no sentido que habitualmente se atribui a esta palavra.

Alguns adjetivos dêiticos já referidos anteriormente podem, de facto, ser anafóricos. Daremos apenas exemplos de dois (*vindouro* e *iminente*, que, nas frases em apreço, também não se referem a um período muito distante do momento de enunciação) para mostrar as circunstâncias em que se recategorizam como anafóricos.

⁶¹ “valor crónico” é a expressão utilizada entre aspas por Fiorin pela razão invocada.

(163) Nessa noite de despedida do ano velho houve um ataque do PAIGC, como que para saudar o ano vindouro (...).

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/01/2012)

Na sua função dêitica, este adjetivo projeta-se para o futuro do momento de enunciação; em função anafórica, como neste exemplo, estabelece relação não com esse momento, mas com o ponto de referência, que é anterior, na frase, à situação da saudação do ano vindouro.

O exemplo seguinte mostra também que um adjetivo como *iminente*, para além da sua função dêitica, como demonstrámos anteriormente, participa em situações anafóricas. Nesta frase, a situação para a qual remete o adjetivo *iminente* é anterior ao ponto de referência (“O Presidente dizer”) que, por sua vez, é anterior ao momento de enunciação.

(164) O Presidente disse que a tragédia tinha estado iminente.

Dos adjetivos que ainda não foram abordados neste trabalho e que têm a dupla função dêitica/anafórica, seleccionámos *velho* e *imediato*. Vejamos exemplos:

(165) Um capataz da construção civil, velho militante socialista, apreciou o Comício.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (10/01/2012)

(166) O João recordava com carinho os seus velhos professores.

(167) O autor desta carta solicita resposta imediata.

(168) O medicamento que o Pedro tomou teve efeito imediato.

(169) A reação ao medicamento foi imediata.

Em (165), o sintagma nominal no qual se integra o adjetivo *velho* colabora na determinação do ponto do evento que é coincidente com o ponto de referência, sendo estes pontos anteriores ao momento da fala. Trata-se, pois, de uma função dêitica do adjetivo. Em (166), o adjetivo indica anterioridade em relação a um passado, o do “João recordar”; por isso, é anafórico. Este adjetivo, em situação predicativa, altera o seu significado, pois passa a indicar idade (“os professores são velhos”/“o militante socialista é velho”). As frases (167) e (168) mostram um uso dêitico e um uso anafórico,

respetivamente. Graças à intervenção do demonstrativo em (167), o adjetivo estabelece uma relação de posterioridade com o momento de enunciação. Veja-se a diferença na interpretação se omitirmos o mesmo demonstrativo (“O autor da carta solicita resposta imediata”). Sem aquele determinante, o significado é ambíguo relativamente à localização temporal: o ponto do evento pode ser anterior ou posterior ao ponto da fala. Em (168), o ponto do evento é posterior ao ponto de perspectiva temporal e, quer um ponto quer outro, são anteriores ao momento de enunciação. O exemplo (169) serve para mostrar que este adjetivo participa em construções predicativas.

4. CONCLUSÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS

Neste capítulo, apresentámos concepções e tipologias de adjetivos temporais presentes na literatura (Gross, 1996; Demonte, 1999; Borillo, 2001; Fiorin, 2003; Balogh, 2007) e, com base nas divisões propostas por Demonte (1999), Borillo (2001) e Fiorin (2003), fizemos a descrição de alguns adjetivos temporais com função dêitica, anafórica e simultaneamente dêitica e anafórica.

Neste parágrafo, vamos, em primeiro lugar, apresentar, com base em trabalhos de Borillo (2001), de Fiorin (2003) e segundo a nossa própria perspectiva, uma divisão dos adjetivos temporais, de acordo com a distinção entre adjetivos feita anteriormente; questionaremos também a relevância do papel desempenhado por fatores como a posição, a graduabilidade, o papel dos nomes e a seleção de determinantes e ainda as funções semânticas da restrição e da intersectividade no comportamento destes adjetivos.

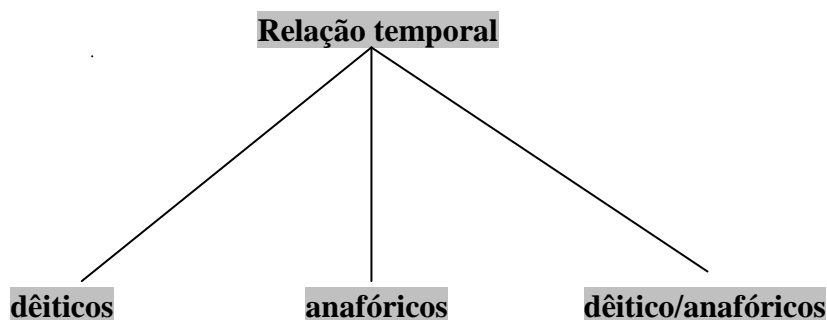
Para tornar mais clara esta exposição, vamos subdividi-la por pontos.

4.1. Divisão de adjetivos temporais

O esquema a seguir ilustra uma possível divisão tripartida dos adjetivos temporais segundo as relações temporais que podem estabelecer diretamente com o ponto da fala (dêiticos), diretamente com outro ponto e indiretamente com o ponto da fala

(anafóricos) e aqueles que, conforme as situações, estabelecem relações temporais ora com o ponto da fala ora com outro ponto (dêitico/anafóricos).

ADJETIVOS TEMPORAIS



4.2. Adjetivos em função atributiva

Na literatura, são vários os fatores invocados para a seleção da posição do adjetivo em função atributiva: fonológicos, lexicais, sintáticos, morfológicos. Tradicionalmente, está estabelecido que o adjetivo posposto possui valor objetivo e que, anteposto, o valor é subjetivo (cf. Cunha & Cintra, 1984), e que razões estéticas ditam a anteposição. Bosque (2010) defende que só os adjetivos graduáveis costumam admitir variação na posição, alertando, porém, para algumas exceções (p. 990 e seguintes).

Em português, tal como no espanhol, a posposição do adjetivo é a posição não marcada. Quando ocorrem nas duas posições, sofrem, por vezes, alteração do seu significado. No caso dos adjetivos temporais, Demonte (1999) admite que alguns destes adjetivos, quando se antepõem ao nome, têm um sentido temporal, e que, quando estão pospostos, são qualificativos.

A propósito das opiniões destes dois autores, façamos algumas observações a respeito da questão da posição dos adjetivos temporais atributivos e da sua relação com o significado:

- Uns dependem do nome ao qual se aplicam, independentemente da posição como, por exemplo, *distante* e *longínquo*. Quer antepostos quer pospostos, estes adjetivos têm significado temporal e espacial.
- Outros, como *atual*⁶², dependendo do nome, antepõem-se e pospõem-se com sentido temporal. Contudo, o sentido qualificativo só se obtém posposto.
- Outros ainda, como *antigo*, quer anteposto quer posposto, assumem a sua função temporal; no entanto, este adjetivo, posposto, modificado por um advérbio de grau, perde esse significado temporal, passando a atribuir uma propriedade ao nome.
- Alguns adjetivos temporais, como *recente*, não veem o seu significado alterado quer estejam pospostos quer antepostos.

4.3. Adjetivos em função predicativa

Vimos atrás que existem adjetivos temporais que participam em construções predicativas como, por exemplo, *recente*, outros que nunca exercem essa função predicativa, como *passado*, e outros que, fazendo parte dessas estruturas, perdem o seu estatuto temporal, como acontece com *velho*.

Considera-se tradicionalmente (cf. Borillo, 2001) que os adjetivos que se colocam em posposição ao nome são predicativos. No entanto, não se verifica sempre essa ligação com os adjetivos temporais. Exemplo desta constatação é o já referido adjetivo *passado*, que se pode pospor e não participa em construções predicativas⁶³.

Os adjetivos temporais analisados⁶⁴ permitiram-nos chegar a algumas conclusões a respeito da sua integração em estruturas predicativas. Recorremos, mais uma vez, a um quadro que torna mais visíveis as semelhanças e as diferenças entre eles.

⁶² A este respeito, ver Bosque (2010, p. 998).

⁶³ Um exemplo que parece contrariar esta afirmação é “Esse tempo está passado”, no qual *passado* se pode classificar como um particípio adjetival.

⁶⁴ Admitimos que haja outros adjetivos temporais que apresentem características diferentes destes, mas só estes foram analisados.

Tabela 6: Adjetivos em posição predicativa

Dêíticos			Anafóricos
Anterioridade	Sobreposição	Posterioridade	<i>subsequente</i> <i>anterior</i> <i>posterior</i> <i>contemporâneo</i> <i>iminente</i> <i>imediato</i>
<i>recente</i> <i>antigo</i> <i>novo</i> ⁶⁵ <i>distante</i> <i>recuado</i> <i>longínquo</i>	<i>atual</i> <i>contemporâneo</i>	<i>próximo</i> <i>iminente</i>	

O quadro fornece alguns dados que poderão dar conta das circunstâncias em que adjetivos temporais participam em estruturas predicativas. As possíveis explicações estarão relacionadas com:

- relativamente aos adjetivos dêíticos
 - o facto de terem outras interpretações para além da temporal (localização espacial e qualificativos), com exceção de *recente*.

Relativamente a *iminente*, outra exceção, consideramos que o seu significado se poderá aproximar de *próximo* também na sua aceção localizadora espacial.

Outro fator digno de nota é a seleção do verbo copulativo: nas frases nas quais os adjetivos também apresentam interpretações espaciais é utilizado o verbo “estar”, sendo então essas predicacões *stage-level*. O adjetivo *iminente* constitui também uma exceção a este nível visto que nas predicacões em que se integra são utilizados quer “ser” quer “estar”. Contudo, consultado o CETEMPúblico, verificámos que das cento e sessenta e seis ocorrências deste adjetivo, em cento e trinta nove usava-se o verbo “estar” e apenas vinte e sete o verbo “ser”, provando-se, assim, que *iminente* também parece possuir traços de localização espacial.

- relativamente aos adjetivos anafóricos
 - o facto de selecionarem complementos.

Refira-se, porém, que *seguinte*, adjetivo anafórico que projeta as situações para o futuro, não seleciona complementos e não é predicativo.

⁶⁵ Conservamos este adjetivo no quadro, embora raramente tenha interpretação temporal.

Observando os dados, concluímos que, apesar de adverbiais, estes adjetivos partilham algumas propriedades com os qualificativos. Uma delas é justamente a possibilidade que alguns têm de participar em estruturas predicativas. Os exemplos apresentados parecem mostrar que, salvo algumas exceções, a possibilidade de serem predicativos está mais associada à propriedade da graduabilidade. A maior parte dos adjetivos do quadro 9 são graduáveis. Excetuam-se *iminente* e *imediato* por razões já anteriormente apontadas.

4.4. Graduabilidade

Em relação à graduabilidade, o comportamento destes adjetivos não é homogêneo: uns são graduáveis e outros não são. Alguns adjetivos, como *presente*, aceitam advérbios (“muito”, “mais”), mas alteram o seu significado, mudando, por isso, a sua interpretação e recategorizando-se como qualificativos ou como adverbiais espaciais; outros, como *próximo*, aceitam-nos sem que a sua integração afete a interpretação; e outros, como *futuro* ou *precedente*, não os admitem.

Não é fácil encontrar explicações plausíveis para a possibilidade de admissão ou rejeição de adverbiais de grau modificadores de adjetivos temporais. Verificámos que, quando aplicados a datas precisas ou a nomes que referem períodos de tempo (“*no dia um de maio muito próximo”, “*no mês de maio muito próximo”), estes adjetivos não são graduáveis, exatamente devido à natureza desses nomes e expressões. Por consequência, quando podem ser graduáveis, são-no com outros tipos de nomes. Há, porém, outros fatores que influem decisivamente a favor ou contra a presença de adverbiais de grau. Tomemos como exemplo o adjetivo *próximo*.

- (170) a. A Europa vai ter algumas surpresas num futuro muito próximo.
b. *Um futuro próximo vai trazer algumas surpresas à Europa.
c. A Europa vai ter algumas surpresas no futuro (*muito) próximo.
d. O futuro próximo vai trazer algumas surpresas à Europa.
e. *O futuro muito próximo vai trazer algumas surpresas à Europa.

Como podemos observar, a presença dos determinantes condiciona o emprego dos advérbios de grau ou de intensidade. Com efeito, a expressão “num futuro próximo”, com indefinido, só pode exercer a função de adjunto e só nessa condição é graduável.

Pelo contrário, a expressão definida pode desempenhar as funções de adjunto e de sujeito (cf. (170) c., d.), mas não é graduável (cf. (170) e.).

Referimos atrás que, com datas precisas, este adjetivo não é graduável, mas, em situação predicativa, num contexto no qual pode haver uma interpretação simultaneamente temporal e espacial, *próximo* admite advérbios de grau:

(171) O dia um de maio está muito próximo.

Afirmámos também que, em função predicativa, o adjetivo pode ter interpretações diferentes. Trata-se, na nossa opinião, de localizações temporais diferentes. No caso do exemplo (171), a situação localiza-se num ponto muito próximo do momento de enunciação. Contraste-se com “o próximo dia um de maio”, em que a duração do intervalo entre o momento de enunciação e a situação descrita não é de todo indefinida, mas podendo o intervalo ser mais curto ou mais longo conforme a distância temporal a que se encontre relativamente ao momento de enunciação.

Como vimos atrás, nem todos os adjetivos temporais são graduáveis. Já tivemos ocasião de referir em que circunstâncias os adjetivos graduáveis são de escala aberta ou de escala fechada. No ponto 3.3.8., defendemos que, entre os graduáveis, não se encontra nenhum que seja de escala fechada. O único adjetivo que aparentemente é de escala fechada – *novo* – não o é efetivamente. Aplicado o teste proposto por Kennedy & Levin (2008), verifica-se que este adjetivo admite ser modificado por “completamente”, mas não se trata, neste caso, de escala fechada. Admitindo este advérbio, o seu significado altera-se: não exprime temporalidade, mas propriedades do nome ao qual se aplica, como as de “ser inovador” ou de “não ser usado” como nas expressões “um filme completamente inesperado e novo” e “um casaco completamente novo”.

4.5. Influência dos determinantes na interpretação

Defendemos atrás que os determinantes têm influência na graduabilidade de certos adjetivos temporais. Mas esta classe de palavras não interfere apenas neste domínio. Também a interpretação global da frase pode ser alterada conforme se trate de uma expressão nominal definida ou indefinida. Seguem-se exemplos que podem esclarecer esta questão.

- (172) a. O Fernando é um padre (muito) atual.
b. ? O Fernando é um padre atual da diocese.
c. ? O Fernando é um atual padre da diocese.
d. O Fernando é um dos atuais padres da diocese.
e. O Fernando é o atual padre da paróquia.
f. O Fernando é o padre atual da paróquia.
g. O atual padre da paróquia é um homem ainda novo.
h. *Um atual padre da paróquia é um homem ainda novo.

A primeira leitura (172 a.) mostra, uma vez mais, que, em posposição ao nome e precedido o sintagma de indefinido, o adjetivo *atual* se classifica como qualificativo, pois contribui para a denotação de um indivíduo que possui propriedades entre as quais se pode incluir a de “ser moderno”, por exemplo. Como qualquer outro nome relacional, o nome “padre” pode selecionar um complemento e com ele, a frase perde essa leitura e essa classificação (cf. (172) b.). Numa expressão indefinida, anteposto ao nome (cf. (172) c.), a frase é de gramaticalidade duvidosa e com indefinido, só exprime temporalidade com uma leitura partitiva (cf. 172 d.). A interpretação temporal é também obtida em (172 e., f.) com expressões definidas, quer o adjetivo esteja anteposto quer posposto. Os exemplos (172 g., h.) mostram que, em posição de sujeito, só a expressão definida é permitida.

Em conclusão, podemos afirmar que, em certos contextos, como no caso do adjetivo *atual*, as expressões indefinidas asseguram uma interpretação de atribuição de propriedades ao indivíduo denotado pelo nome e as expressões partitivas e definidas contribuem para a determinação da localização temporal das situações.

Aplicámos o exercício feito a partir do exemplo (172) aos outros adjetivos temporais analisados neste trabalho e chegámos às seguintes conclusões:

- Em posição de sujeito, os adjetivos com interpretação temporal e com função dêitica apresentam um comportamento muito semelhante: aceitação dos definidos e rejeição dos indefinidos, a não ser se for em construção partitiva, o que acarreta leitura específica (cf. (172 h.), “um dos atuais padres”). No entanto, torna-se necessário fazer algumas observações devido a exceções que ocorrem. Os exemplos ilustram-nas:

(173) Um recente estudo revelou o aumento do desemprego em Portugal.

(174) Uma minha antiga casa foi comprada por um dos meus amigos.

Os exemplos mostram que o adjetivo *recente*, também nesta matéria, é diferente dos outros, pois admite o indefinido em contextos que outros adjetivos não o permitem. *Antigo*, como muitos outros, permite o indefinido em posição de sujeito desde que haja algo na construção que a torne específica, quer através do determinante (possessivo, neste caso) quer através de modificadores.

- Na mesma posição de sujeito, adjetivos temporais com função anafórica apresentam um comportamento idêntico, pois admitem definidos, sendo mais restritivos com os indefinidos. Observem-se os exemplos seguintes:

(175) A/?Uma época antecedente foi gloriosa para o Real Madrid.

(176) O/?Um discurso precedente/seguinte foi demolidor.

Em função anafórica, os adjetivos introduzem nas frases um elemento de comparação que, implícita ou explicitamente, funcionam como um ponto de perspectiva temporal. Se não houver esse elemento (cf. (175) e (176)), há mais dificuldade na aceitabilidade dos indefinidos. Vejamos os seguintes exemplos onde se mostra que, com esse ponto, as frases são aceitáveis com definidos e indefinidos em posição de sujeito.

(177) A/Uma época antecedente à de 2010 foi gloriosa para o Real Madrid.

(178) O/Um discurso precedente ao do presidente foi demolidor para a direção.

- Em posição de complemento direto, os adjetivos temporais são compatíveis com quase todos os determinantes. No entanto, ainda apresentam algumas divergências entre si. Nos seguintes exemplos, em que o nome é “escola”, pode observar-se diferenças entre adjetivos e o uso de definido/indefinido:

(179) A Ana visitou a/*⁶⁶uma atual escola do filho.

(180) A Ana visitou a/? uma futura escola do filho.

(181) A Ana visitou a/uma anterior escola do filho.

(182) A Ana visitou a/uma antiga escola do filho.

Com a função de objeto direto, o sintagma nominal modificado com estes adjetivos aceita os definidos sem restrições, mas os indefinidos só são permitidos por *anterior* e *antiga* (adjetivos que exprimem anterioridade relativamente ao momento de enunciação). Na frase do exemplo (179), partindo de uma interpretação na qual o indivíduo frequenta mais do que uma escola, a frase será gramatical se utilizarmos uma expressão partitiva (“uma das”) em substituição do indefinido, convertendo a expressão nominal em específica.

Em (180), com indefinido, o adjetivo apenas poderá ter uma leitura modal, podendo ser substituído por *possível*, por exemplo.

Na função de complemento oblíquo, mantêm-se estas mesmas condições:

(183) A Ana passou pela/*por uma escola atual do filho.

(184) A Ana passou pela/? por uma futura escola do filho.

(185) A Ana passou pela/por uma anterior escola do filho.

(186) A Ana passou pela/por uma antiga escola do filho.

⁶⁶ Consideramos que a frase é agramatical devido à combinatória “escola” (porque o conhecimento do mundo nos diz que é uma escola única) com *atual* e com um indefinido. Em “A Ana visitou uma atual amiga”, a frase já é gramatical.

4.6. Tipos de nomes modificados

Se a posição, a graduabilidade e a função predicativa podem interferir na interpretação dos adjetivos e, por consequência, na interpretação das frases, também os nomes modificados podem ter alguma influência nesse domínio.

Há nomes aos quais não se aplicam adjetivos temporais. Segundo Demonte (1999), os adjetivos temporais aplicam-se a nomes de “objetos o procesos en cuanto entidades que tienen lugar, y porque tienen lugar acontecen en el tiempo, en el espacio y de una cierta manera” (p. 205). Tipicamente, os adjetivos temporais modificam nomes que referem intervalos de tempo (*dia, século, época, temporada, ...*), nomes de parentesco (*pai, filho, noiva, marido, ...*) e de cargos associados a entidades humanas (*presidente, diretor, ...*), nomes de evento (*guerra, ...*) ou de agente (*jogador, professor, ...*) e nominalizações de evento (*construção, destruição, ...*) e de resultado (*encomenda, análise, ...*). Giry-Schneider (1997) procura responder à questão que frequentemente se coloca sobre a ocorrência de nomes, como, por exemplo, “casa” em “a minha casa atual” ou “disco” em “um disco recente”, em combinação com adjetivos temporais, dado que estes nomes não possuem estrutura de evento. Esta autora, que defende uma relação muito estreita entre adjetivo e advérbio, propõe que essa possibilidade é real dado que “a minha casa atual” é “a casa que possuo atualmente” e que em “um disco recente” se trata de “um disco saído recentemente”.

Analisámos os nomes que ocorrem com os adjetivos apresentados e chegámos às seguintes conclusões:

- Os adjetivos temporais que incluem o momento de enunciação são mais restritivos relativamente à sua associação a nomes relacionados com períodos de tempo.

O adjetivo *iminente*, que, em função dêitica, projeta as situações para o futuro do momento de enunciação, também não permite a sua aplicação a este tipo de nomes, contrariamente aos outros adjetivos que, como este, localizam as situações em posterioridade com o momento de enunciação. Também em oposição a estes, parece não ter duração. Provavelmente é por isso que é incompatível com nomes que denotam porções de tempo.

➤ Os nomes de parentesco e de cargos que selecionámos foram “pai”, “filho”, “marido” e “presidente” para um universo de dezanove adjetivos temporais. Foi-nos dado observar que:

- dez dos adjetivos analisados - *recuado, distante, longínquo, passado, contemporâneo, corrente, moderno, iminente, vindouro e imediato* – não se associam a esses nomes; quando o fazem (*distante, moderno*), apresentam outra leitura;
- *recente* e *futuro* associam-se a todos os nomes;
- *presente* só se associa a nomes de cargos;
- tendo em conta a informação lexical contida nos nomes “pai” e “filho” não se lhes aplica *antigo* nem *atual*;
- por igual motivo, não se aplicam ao nome “pai” os adjetivos que podem ser elementos ordenados de uma lista como *último, anterior, antecedente, precedente, novo, seguinte, próximo, posterior*;
- alguns adjetivos temporais que se associam aos nomes que referem cargos também se aplicam aos nomes de agente, como “professor” ou “ladrão”;

➤ Com nomes formados por derivação regressiva e com estrutura eventiva, verifica-se um comportamento sistemático relativamente aos adjetivos que se lhes associam. Os nomes selecionados foram: “ataque”, “resgate”, “compra”, “censura”, “corte”, “luta”.

- Dos adjetivos dêiticos exprimindo anterioridade relativamente ao momento de enunciação, apenas *recente* e *último* são aplicados a estes nomes. Também a associação com o adjetivo *antigo* é pouco natural como prova o exemplo a seguir:

(187) a. ? A luta antiga contra a pobreza mobilizou muitas pessoas em todo o mundo.

b. ? A antiga luta contra a pobreza mobilizou muitas pessoas em todo o mundo.

Mesmo sendo possível antepor *antigo*⁶⁷ a qualquer um deles (“antigos ataques”), o adjetivo não parece exprimir temporalidade, mas atribuir uma propriedade. Observámos que os adjetivos que não são permitidos por estes nomes são aqueles que têm também outras interpretações.

Os adjetivos anafóricos que exprimem anterioridade em relação ao momento de enunciação combinam-se com estes nomes.

- O adjetivo *atual* é o único que pode permitir, quer no singular quer no plural, uma leitura iterativa. O adjetivo *contemporâneo* que, muitas vezes, substitui *atual* não é aplicável a este tipo de nomes. No entanto, ocorre com o nome “dança” (“a dança contemporânea”), mas, no plural, (“as danças contemporâneas”) não apresenta essa leitura iterativa.

Devido à sua natureza não contável, “caça” não permite *atual* no plural (* “as caças atuais”).

- Os adjetivos, dêiticos e anafóricos, que projetam as situações para o futuro são todos permitidos com estes nomes. Refira-se, porém, que o nome “dança/danças” não se adequa a *futuro*. Com a interpretação “que vem a seguir”, utiliza-se preferencialmente *próxima* (“a próxima dança”) e, em oposição a *contemporânea*, utiliza-se “a dança do futuro”.

➤ Analisámos ainda nominalizações eventivas/resultativas. Observem-se alguns exemplos com esse tipo de nomes.

⁶⁷ É possível fazer anteceder “censura” de *antigo* com sentido verdadeiramente temporal sem ambiguidade (“antiga censura”). Trata-se, nesse caso, de uma leitura de indivíduo com a interpretação de “a censura que existiu e já não existe”. Com essa mesma leitura, é possível “a censura contemporânea”.

- (188) A última/recente/anterior/próxima remoção do lixo tóxico
(189) *A última/recente/*anterior/*próxima construção do edifício da Junta
(190) *A última/recente/*anterior/*próxima implosão do Bairro do Aleixo
(191) O último/recente/anterior/próximo bombardeamento na Síria
(192) A última/recente/anterior/próxima lavagem do carro
(193) # A última/recente/anterior/ próxima transferência do Fábio para
o Real Madrid

Os exemplos mostram que as nominalizações aceitam os adjetivos selecionados. Registam-se exceções, porém. Tal como aparecem nos exemplos (189) e (190), as nominalizações “construção” e “implosão” só admitem *recente*, dado que, segundo o conhecimento do mundo, a construção do mesmo edifício público só acontece uma vez e um bairro também só pode implodir uma vez. No entanto, na mesma posição de sujeito, expressões nominais definidas com nomes que denotem situações que podem ser repetidas, já é possível a presença dos outros adjetivos:

- (194) As últimas/as anteriores/as próximas construções de edifícios de
Junta
(195) As últimas/as anteriores/as próximas implosões de bairros

Relativamente ao exemplo (193), a interpretação da expressão nominal com *última* não é a relevante na medida em que sugere que já não seria a primeira transferência que o indivíduo teria feito, não se manifestando, deste modo, a temporalidade que este adjetivo exhibia nos outros exemplos.

A análise efetuada permite-nos, pois, concluir que a preferência na junção nome/adjetivo é muito problemática porque ou depende do tipo de nome, do tipo do adjetivo, do significado lexical de ambos ou da pluralização.

4.7. Modificação intersectiva/restritiva

Sobre as propriedades da modificação intersectiva e da modificação restritiva já nos referimos anteriormente. A justificação para abordarmos de novo este tema relaciona-se com a última afirmação produzida no parágrafo precedente. Avançámos aí que a ligação nome/adjetivo depende do tipo de nome e do tipo de adjetivo. De facto, tomando como exemplo o adjetivo *antigo*, que sugere a localização, com uma certa duração, no passado, associam-se a ele nomes que denotam durabilidade e que, a partir de um certo momento, deixaram de existir, pelo menos com as mesmas propriedades que possuíam.

A modificação intersectiva está dependente também dos nomes e dos adjetivos. Invocamos mais uma vez Demonte (1982), porque, segundo esta autora, é através da oposição referente/referência que se diferencia o tipo de modificação. Assim, os adjetivos modificadores do referente são extensionais, restritivos, intersectivos: “a árvore verde” não pode ser simultaneamente um objeto não verde nem um vegetal não verde. Os adjetivos modificadores da referência são intensionais, não restritivos, não intersectivos: “um excelente músico” pode não ser uma excelente pessoa. A autora considera os adjetivos em posição pré-nominal não intersectivos e não restritivos e em posição pós-nominal intersectivos e restritivos. No entanto, adverte que esta linha de análise é controversa pela ambiguidade que pode gerar (Demonte, 2008). Dando como exemplo “um advogado bom” e “um bom advogado”, só nesta última leitura há inequivocamente modificação não intersectiva. Também a relação intersectivos/restritivos e não intersectivos/não restritivos é vista por Bosque (2010) como sendo polémica pelo mesmo motivo apontado por Demonte (2008).

No que diz respeito aos adjetivos temporais, já tomámos posição relativamente à proposta de Bosque (2010), que defende que estes adjetivos, tal como os modais, são não intersectivos. Na linha de Bouchard (2002) e Vidal (2004), que consideram que há adjetivos que nem são intersectivos nem subsectivos, apresentámos, com base nas propostas de Vidal (2004) e de Partee (2005) alguns exemplos que mostram que, de facto, no seio dos considerados não intersectivos, se incluem alguns adjetivos temporais que modificam de formas diferentes. Nesses exemplos, diferentes adjetivos temporais aplicados ao mesmo nome, “ministro”, provocavam alteração no significado da frase. Repetimos o teste abaixo com um nome – “relações” - que designa um sentimento que implica duração, sendo, por isso, compatível com os adjetivos que seleccionámos anteriormente.

- (196) A Ana recorda as suas antigas relações.
- (197) A Ana não está satisfeita com as suas atuais relações.
- (198) A Ana preza muito as suas recentes relações.
- (199) A Ana está aberta a futuras relações.

Verificámos, assim, que, pelo menos com estes dois tipos de nomes (“ministro”, “relações”), as diferenças na leitura das frases se mantêm: em (196), com *antigas* há modificação privativa; em (197) e em (198), com *atuais* e *recentes*, a modificação é subsectiva e em (199), com *futuras*, a modificação é de tipo evasivo.

Vejamos agora, para terminar este ponto, como se manifestará a modificação se mantivermos o adjetivo e alterarmos os nomes.

- (200) O recente atentado na Líbia consternou o mundo.
- (201) O encontro recente da Rita com o Rui foi no cinema.
- (202) A recente temporada da Casa da Música foi rica em realizações.
- (203) A recente manifestação dos professores foi um fracasso.

Através destes exemplos, verificamos que a modificação é subsectiva em todos eles, não tendo os nomes qualquer interferência nesse processo. É certo que o significado do adjetivo utilizado e o facto de ele projetar as situações para o passado tem enorme influência na interpretação. Se utilizarmos o adjetivo *próximo*, que projeta as situações para o futuro, veremos que a modificação e a interpretação das frases podem ser diferentes entre elas. Vejam-se exemplos com esse adjetivo.

- (204) A próxima manifestação vai ter lugar na Praça da Liberdade.
- (205) O próximo encontro da Rita e do Rui vai ser no cinema.
- (206) O próximo dia 1 de Dezembro já não será feriado.
- (207) O próximo PR será uma mulher.

Embora *próximo* tenha, nos exemplos dados, marcas de temporalidade, este adjetivo só é estritamente temporal nos dois últimos porque, em (204) e em (205), a localização temporal é vaga e o adjetivo apresenta uma interpretação de plano que pode não ser realizado. Neste caso, tal como com *futuro*, a modificação é evasiva, visível numa frase como a do exemplo (208):

(208) A próxima manifestação vai ter lugar na Praça da Liberdade, se o Governo Civil a autorizar.

A proposição contida no exemplo (206) é aceite como verdadeira porque faz parte da cultura política dos portugueses e então, nesta circunstância, poderemos considerar que a modificação é subsectiva. Já o último exemplo tem modificação evasiva porque não se pode verificar a asserção no momento de enunciação.

A propósito da modificação não intersectiva ou subsectiva, Bosque (2010) defende que, para interpretar adjetivos deste tipo, é necessário ter informação de carácter morfológico, léxico ou enciclopédico. Ora, nos três primeiros exemplos, verificamos que é a informação enciclopédica que é necessária para a interpretação.

Perante os dados, resta-nos concluir que:

- embora não intersectivos, os adjetivos temporais modificam de diferentes modos;
- a relação intersecção/restricção pode não ser sistemática dado que há adjetivos temporais que mantêm o mesmo tipo de modificação quer estejam antepostos ao nome quer estejam pospostos.

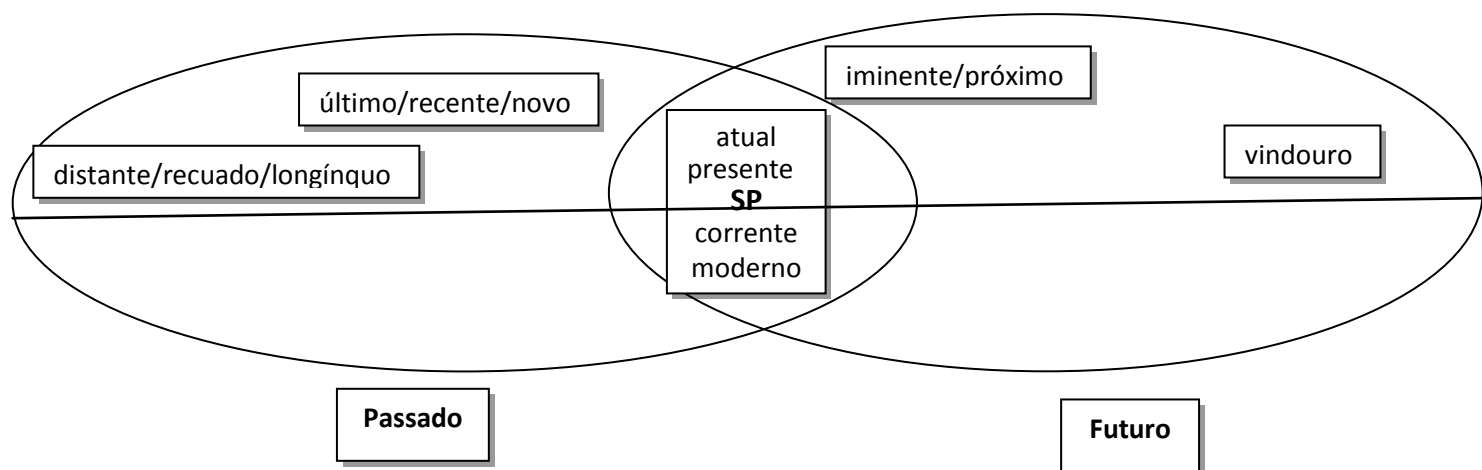
4.8. Localização temporal

Embora a função dos adjetivos temporais deva ser fundamentalmente localizadora, verificámos, em primeiro lugar, que aqueles que se aplicam a datas precisas como, por exemplo, em “o passado/próximo/último dia um de maio” não localizam verdadeiramente a situação, apenas estabelecem relação com o momento de enunciação. O localizador será, na referida expressão, “um de maio”.

Em segundo lugar, observámos que, na maior parte deles, a localização temporal é feita de forma vaga e imprecisa, predominando na interpretação de alguns, algumas vezes, o seu carácter durativo.

Observemos o diagrama seguinte no qual os adjetivos com função dêitica analisados neste trabalho foram colocados em pontos diferentes conforme as relações temporais que estabelecem com o momento de enunciação. Esta disposição foi feita de forma intuitiva porque não temos elementos linguísticos suficientes que nos permitam afirmar

que, por exemplo, *longínquo* esteja mais distante do momento de enunciação que *recuado*. Excetuam-se os casos de *recente*, de *novo* e de *último*, de *iminente* e de *próximo*, que se aproximam mais desse momento que os outros.



Enquanto os adjetivos *longínquo*, *recuado* e *distante* podem ser intersubstituíveis, *recente*, *último* e *novo* não os substituem nem tão pouco se substituem. Assim, ao nome “época” podemos aplicar os adjetivos que ficam mais afastados do momento de enunciação sendo o significado mais ou menos aproximado (“época longínqua/recuada/distante”), mas se lhe aplicarmos os adjetivos que ficam mais próximos desse momento, o significado é diferente. Por exemplo, o significado de “em épocas recentes” é diferente do de “na última época” e do de “a nova época” e estas duas últimas expressões também diferem entre si, não exatamente em termos temporais, mas sob o ponto de vista do sentido que emprestam à frase. Igual situação sucede com os adjetivos que exprimem posterioridade em relação ao momento de enunciação: os que se encontram mais afastados desse momento têm uma interpretação semelhante (“futuros cortes/cortes vindouros nas taxas de juro”), mas diferente daqueles que estão mais próximos que, por sua vez, também diferem entre si (“cortes iminentes/próximos nas taxas de juro”). No caso destes últimos, a diferença é de ordem estritamente temporal e não de significado.

Tendo em consideração a posição no diagrama e as observações acima, parece-nos que a interpretação destes adjetivos está diretamente relacionada com a forma como são perspetivadas as situações. Assim, defendemos que:

- concetualmente⁶⁸, *passado* e *futuro* serão “hiperónimos” de todos os adjetivos localizadores que exprimem anterioridade e posterioridade em relação ao momento de enunciação, respetivamente, porque são localizadores temporais abrangentes e vagos;
- dos “hipónimos”, pode considerar-se haver três tipos diferentes de localizadores:
 - aqueles que se situam mais próximos do momento de enunciação, menos vagos temporalmente; note-se, porém, que em “o último dia do mês de maio” só indica que a situação é passada, podendo ter ainda a interpretação de um mero elemento final de uma série;
 - aqueles que estão mais afastados do momento de enunciação e que localizam de uma forma mais vaga;
 - aqueles que incluem o momento de enunciação e que, para além de localizarem as situações, também podem medir a sua duração.
- os adjetivos que incluem o momento de enunciação pertencem quer à esfera do passado quer à do futuro.

⁶⁸ Empregamos o termo “concetualmente” porque, com efeito, *passado* só se emprega com um número escasso de nomes que apenas permitem que este adjetivo contribua para uma localização mais precisa das situações.

CAPÍTULO 4

ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS

1. INTRODUÇÃO

Na definição de adjetivos aspetuais proposta por vários autores, nomeadamente Gross (1996), Demonte (1999), Fiorin (2003) e Balogh (2006), é consensual a ideia de que estes adjetivos não estão verdadeiramente relacionados com a estrutura externa das situações que modificam, isto é, com o tempo linguístico, mas com a sua estrutura interna.

Assim, Demonte (1999, p. 209), distinguindo claramente adjetivos temporais de aspetuais, descreve estes últimos como sendo aqueles que “modifican la estructura temporal interna de la acción descrita por un verbo y nos indican, por ejemplo, si el acontecimiento descrito es completo, incompleto, reiterado, etc.” e “se aplican a nominales de acción y resultado (...) para aludir exclusivamente a la manera de estructurarse temporalmente esa acción”. Esta autora propõe ainda que estes adjetivos se aplicam a nomes com estrutura de evento.

Também Fiorin (2003) defendendo a ideia de que os adjetivos aspetuais indicam duração, adverte para a necessidade da distinção entre adjetivos temporais e aspetuais, propondo que estes podem indicar duratividade contínua, duratividade descontínua e pontualidade.

Porém, Balogh (2006) considera que a dimensão do tempo é muito complexa, “qui se compose de plusieurs “sous-dimensions” qui s’entrelacent” (p. 200) e que, por vezes, é difícil isolar adjetivos temporais e aspetuais, sobretudo os adjetivos aspetuais durativos e os adjetivos temporais que exprimem uma duração longa. Este autor defende que “cela dépend de la nature du substantif auquel l’adjectif réfère. S’il s’agit d’un événementiel ou d’un abstrait qui suppose une action «en arrière-plan», l’adjectif peut être qualifié d’aspectuel, mais, avec un concret, ils sont plutôt temporels” (Balogh, 2001, p. 32), apontando como exemplo a diferença entre *un préjugé durable* vs. *une chaussure durable*. Fica assim explicado o motivo pelo qual este autor classifica determinados adjetivos como temporais e aspetuais simultaneamente. Refira-se ainda

que o autor citado divide os adjetivos temporais entre delimitados e não delimitados e que estes últimos são ainda subdivididos em adjetivos de tipo longo, de tipo curto e de tipo temporário. Os adjetivos de tipo longo e os de tipo curto coincidem com os adjetivos de duratividade contínua e de pontualidade, respetivamente, na proposta de Fiorin (2003).

Como Gross (1996), também Balogh (2006) considera que os adjetivos verdadeiramente aspetuais, que designam essencialmente a estrutura temporal interna, os adjetivos puros, segundo a sua terminologia, são aqueles que, tradicionalmente, são usados para exprimir o início, o fim, a progressão, a repetição ou a duração: aspeto incoativo, terminativo, progressivo, iterativo, durativo e pontual.

De acordo com as propostas dos autores referenciados sobre a dicotomia estrutura externa/estrutura interna, vamos, neste capítulo, começar por distinguir adjetivos temporais de adjetivos aspetuais. De seguida, com base na proposta de Fiorin (2003), também já invocada, faremos uma distinção de adjetivos aspetuais, segundo traços de carácter aspetual como a duração, a delimitação e a repetição das eventualidades. Sendo numerosos os adjetivos que exprimem repetição e com características diferentes, apresentaremos resumidamente as conceções de Stump (1981) e de Schäfer (2007) sobre um grupo destes adjetivos - os adjetivos de frequência - e como consideramos que os adjetivos de frequência constituem um subgrupo dos adjetivos que exprimem a repetição de situações, faremos, com base em trabalhos de Cunha (2006), a distinção entre os vários tipos de adjetivos que exprimem repetição.

Como os adjetivos se constituem como estados, faremos a distinção entre predicados adjetivais de indivíduo e de estágio e investigaremos a possibilidade de aplicar os conceitos de faseável/não faseável assim como da oposição massivo/contável aos adjetivos aspetuais. Para fazer estas distinções, os adverbiais são elementos muito importantes, razão pela qual analisaremos mais em pormenor o seu papel quando combinados com os adjetivos nas predicacões.

Posteriormente, apresentaremos as conclusões da investigação feita sobre este tipo de adjetivos.

2. ADJETIVOS ADVERBIAIS TEMPORAIS/ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS

Entre os adjetivos aspetuais e os adjetivos temporais existe uma diferença fundamental: os adjetivos aspetuais distinguem-se por não localizarem temporalmente as situações enquanto os adjetivos temporais têm a função primordial da localização das eventualidades, embora, como já referimos, haja alguns adjetivos temporais que também exprimem duração.

Os adjetivos aspetuais têm como funções a avaliação da frequência com que as situações ocorrem, sejam elas determinadas ou indeterminadas, e ainda a medição da sua duração, dado que o aspeto, contrariamente ao tempo, não depende do momento de enunciação, e o carácter durativo de uma situação não depende da sua colocação no eixo temporal como acontece com os adjetivos temporais.

Sob o ponto de vista sintático, os adjetivos aspetuais colocam-se, segundo Demonte (1999), em anteposição e em posposição ao nome, não alterando o seu significado, contrariamente àquilo que acontece, algumas vezes, com os adjetivos temporais. Refere ainda aquela autora que a propriedade da mobilidade é, aliás, aquela que melhor distingue os adjetivos aspetuais dos qualificativos e dos intensionais: “Si la relación que establecen con el nombre fuese similar a la que crean los calificativos cabría esperar que la anteposición/posposición llevase consigo contrastes de significado similares a los que estudiábamos anteriormente y que hubiera oposiciones de restricción/no restricción, especificidad/no especificidad. No las hay, (...) (cf. Demonte, 1999, pp. 209/210).

3. ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS QUE EXPRIMEM DURAÇÃO

Não é fácil encontrar na literatura distinções uniformes e sistemáticas entre os diversos tipos de adjetivos aspetuais porque, como já referimos, alguns autores não diferenciam os adjetivos aspetuais dos temporais, nomeadamente Borillo (2001), que integra alguns adjetivos no grupo dos temporais, e Balogh (2006), que inclui os mesmos adjetivos quer na subclasse dos temporais quer na subclasse dos aspetuais, conforme os nomes que modifiquem. Neste trabalho, vamos utilizar como base de estudo a tipologia de Fiorin (2003), propondo, no entanto, algumas alterações que julgamos serem pertinentes.

Fiorin (2003) defende que os adjetivos aspetuais podem exprimir duração contínua, duração descontínua e pontualidade. Os adjetivos pontuais a que este autor se refere (*momentâneo, instantâneo*) parecem ter relações com a classe aspetual proposta por Moens (1987) – os pontos⁶⁹ – que se caracteriza por ser não durativa.

No parágrafo seguinte, vamos descrever algumas especificidades dos adjetivos de duração contínua, a seguir dos adjetivos de duração descontínua e finalmente dos adjetivos aspetuais que não têm duração.⁷⁰

3.1. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua

A função dos adjetivos de duração contínua será a da medição da extensão temporal das situações, que poderá ser muito variável, consoante o contexto em que os adjetivos se inserem.

Consideramos que a proposta de Fiorin (2003) sobre a existência de adjetivos de duração contínua assentará na ideia de que estes adjetivos que, associados a nomes ou em função predicativa, atribuirão às situações uma duração ininterrupta, isto é, constituída por um intervalo único. Os adjetivos seleccionados por este autor são *constante, contínuo, eterno, perpétuo, durável, incessante, permanente e persistente*,

⁶⁹ Distinga-se, no entanto, um adjetivo que refere uma situação temporal pontual do adjetivo *pontual*; em “funcionário pontual”, por exemplo, o adjetivo não apresenta carácter aspetual, tratando-se, nesta aceção, de um adjetivo qualificativo.

⁷⁰ Embora considerando que os adjetivos têm sempre alguma duração, apresentamos este grupo constituído pelos adjetivos de duração muito curta ou de duração momentânea.

que correspondem a todos aqueles adjetivos incluídos por Balogh (2006) no grupo dos adjetivos temporais de tipo longo que não se podem delimitar.

Contudo, contrariamente a Fiorin (2003), pensamos que alguns destes adjetivos não apresentarão sempre uma leitura de duração contínua sem interrupção. É o caso dos adjetivos que, contrariando a informação lexical que contêm, como *constante*⁷¹, *incessante*⁷² e *persistente*⁷³ e que, apesar de apresentarem caráter durativo e podendo as situações em que se integram ocupar um intervalo longo, podem ser descontínuas, visto que podem ter interrupções, sendo então essas situações constituídas por várias fases que, embora sejam da mesma natureza, se repetem. Repare-se na impossibilidade de estes adjetivos constituírem um intervalo contínuo em expressões como “acidentes constantes”, “o incessante ruído de carros” ou “chuvas persistentes”.

Como consideramos que existem, entre os adjetivos aspetuais de duração contínua, adjetivos com fronteiras temporais determinadas e não determinadas, dividimos este grupo de adjetivos em três subgrupos:

- adjetivos aspetuais de duração contínua não delimitada – sem início nem fim marcados;
- adjetivos aspetuais de duração contínua delimitável – sem início nem fim marcados, mas com possibilidade de serem determinados;
- adjetivos aspetuais de duração contínua delimitada – com início, com fim, ou ambos, marcados.

Conforme já referimos, segundo Demonte (1999), os adjetivos aspetuais confundem-se, por vezes, com os adjetivos qualificativos, pois apresentam características típicas desta classe: são atributivos, colocam-se em anteposição e em posposição ao nome, são predicativos e graduáveis. Consequentemente, os adjetivos a que vamos fazer referência, quer os de duração contínua quer os de duração descontínua, deverão, em princípio, exhibir essas características. A seguir, vamos observar o seu comportamento no que a estas propriedades diz respeito.

⁷¹ Encontra-se exceção em “o movimento constante da Terra à volta do Sol”.

⁷² Encontram-se exceções em situações que descrevem fenómenos da Natureza (cf. Nota anterior).

⁷³ Em “árvore de folha persistente” parece haver um adjetivo de duração contínua. Porém, na nossa interpretação, trata-se de um tipo de árvore e, sendo assim, já não será um adjetivo aspetual.

3.1.1. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua não delimitada

Comecemos com os adjetivos aspetuais de duração contínua não delimitada. Observem-se quatro exemplos deste subgrupo – *eterno*, *perpétuo*, *permanente* e *contínuo* – constantes da lista proposta por Fiorin (2003).

- (1) Existe um sentido perpétuo de perda⁷⁴.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (05/02/2012)

- (2) Há um eterno conflito entre o valor de cada idade da vida.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (05/02/2012)

- (3) ... a ação de desgaste do mar é permanente (...)

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (05/02/2012)

- (4) O movimento de rotação da Terra é contínuo.⁷⁵

Em primeiro lugar, convém referir que, nestas frases, não é possível determinar nem o início nem o fim da situação em que os adjetivos em análise estão envolvidos. Daí que os tenhamos incluído no subgrupo dos adjetivos de duração contínua não delimitada. Conforme se pode verificar, as frases apresentam uma leitura existencial (cf. (1) e (2)) e genérica (cf. (3) e (4)), que favorecem a integração dos adjetivos neste grupo.

No entanto, a situações com estas mesmas formas gramaticais desde que não sejam frases atemporais⁷⁶, mesmo que possam ser habituais, pode ser atribuída uma fronteira

⁷⁴ Em “prisão perpétua”, em “jzigo perpétuo” e em “vida eterna”, por exemplo, não é possível colocar os adjetivos em anteposição ao nome; trata-se, neste caso, de expressões já lexicalizadas.

⁷⁵ É possível encontrarmos contextos nos quais este adjetivo possa ser também considerado de duração delimitada e de duração descontínua. Observem-se os exemplos:

- i. Entre as 9 e as 10, a sua caminhada é contínua.
- ii. Durante muitos anos, os combates em Angola foram contínuos.

A frase em i. revela que a situação é delimitada e sem interrupção, isto é, a entidade em causa não para, e em ii., pelo conhecimento que temos do mundo, podemos interpretar como tendo tido os combates alguns momentos de tréguas, sendo, por isso, uma situação de duração descontínua. Observa-se ainda que, quer em i. quer em ii., as situações, para além de serem medíveis, são também contáveis, característica que não está obviamente presente em (4) com o adjetivo não delimitável. Para mostrar uma diferença entre estas duas ocorrências do adjetivo, que lhes permite pertencer a grupos diferentes, veja-se a possibilidade de, apenas como descontínuo, a exemplo de outros adjetivos deste tipo, exigir a pluralização:

- iii. *Entre as 9 e as 10, houve um acidente contínuo no IP4.
- iv. Entre as 9 e as 10, houve acidentes contínuos no IP4.

⁷⁶ Frases deste tipo também são designadas “gnómicas”.

inicial pelo que as incluiremos, nesses casos, no grupo dos adjetivos que exprimem situações delimitáveis.

Feitas estas considerações, passemos então à observação do comportamento dos adjetivos que referem situações não delimitadas no que diz respeito às propriedades da posição e da graduabilidade através dos seguintes exemplos:

- (1') Existe um perpétuo sentido de perda.
- (1'') *Existe um sentido muito perpétuo de perda.
- (1''') O sentido de perda é perpétuo.
- (2') Há um conflito eterno entre o valor de cada idade da vida.
- (2'') *Há um conflito muito eterno entre o valor de cada idade da vida.
- (2''') O conflito entre o valor de cada idade da vida é eterno.
- (3') ... a ação permanente de desgaste do mar...
- (3'') ... a permanente ação de desgaste do mar...
- (3''') * a ação de desgaste do mar é muito permanente...
- (4') o contínuo movimento de rotação da Terra
- (4'') o movimento de rotação contínuo da Terra
- (4''') *O movimento de rotação da Terra é muito contínuo.

Como se pode observar, os adjetivos que exprimem duração contínua não delimitada admitem ser deslocados quer para a direita quer para a esquerda do nome e participam em construções predicativas. Porém, e já era de esperar, não são graduáveis, apresentando-se essa particularidade plenamente justificada dado que estes adjetivos, devido a serem de natureza durativa longa, sem fronteira inicial nem final, não aceitam ser modificados por adverbiais como “muito”, característica que partilham, aliás, com alguns adjetivos temporais.

Ainda segundo Demonte (1999), os adjetivos aspetuais não alteram o significado se mudarem de posição, facto que os exemplos acima comprovam.

3.1.2. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua delimitável

Pelo que nos foi dado observar no parágrafo anterior, concluímos que os adjetivos analisados têm uma duração longa e não delimitada, isto é, não têm nem um início nem um fim marcados, existindo em português poucos exemplares deste tipo de adjetivos. Não incluímos nesse grupo adjetivos como *durável*, *transitório*, *provisório*, *temporário* porque, embora em certas circunstâncias se desconheça o início e/ou o fim da situação, é sempre possível recuperá-los quer contextualmente quer através do conhecimento do mundo. Daí que os tenhamos designado como “delimitáveis” dado que, potencialmente, são delimitados.

Como referimos atrás, as formas de adjetivos de duração contínua não delimitável como *eterno*, *perpétuo*, *contínuo* ou *permanente* podem também, de acordo com a sua duração, forçosamente mais curta, e com a possível determinação das suas fronteiras temporais, considerarem-se delimitáveis. Observem-se alguns exemplos desses adjetivos quando integrados neste grupo:

- (5) Os noivos juraram amor eterno (logo no segundo encontro).
- (6) A freira fez votos perpétuos (no dia em que terminou o noviciado).
- (7) Eu tenho um emprego permanente (desde 2000).

Se, nestas frases, o início pode ser determinado, já o fim é impossível de ser localizado temporalmente⁷⁷. Veja-se como as mesmas frases se tornam agramaticais se lhes aplicarmos um adverbial de medição temporal como “até x tempo”:

- (5') *Os noivos juraram amor eterno até 2015.
- (6') *A freira fez votos perpétuos até 2015.
- (7') *Eu tive um emprego permanente até 2010.

Importa referir, no entanto, que o caso de *permanente* (cf. (7')) pode ser um pouco diferente dos outros dois adjetivos na medida em que se o sujeito da frase for de terceira pessoa e se o verbo estiver no Pretérito Perfeito, a situação pode alterar-se. O exemplo seguinte ilustra essa alteração:

⁷⁷ Conforme já se fez referência na nota 73, o adjetivo *contínuo* é um pouco diferente dos outros, pois é possível estabelecerem-se fronteiras iniciais e finais: “Entre 2012 e 2015, a fábrica estará em laboração contínua”.

(8) O João teve um emprego permanente até 2010 (ano em que morreu).

Por conseguinte, a frase do exemplo (7') só será gramatical se a propriedade “ser um emprego permanente” já não puder ser aplicada, mas esta circunstância só se verifica se a entidade denotada pelo sujeito da frase já não existir, tendo, nessas condições, o Pretérito Perfeito a mesma interpretação que costuma ter o Imperfeito em tais situações.⁷⁸

Veja-se agora o comportamento destes adjetivos, delimitáveis, no que se refere à posição:

- (9) a. O país vive em permanente instabilidade financeira.
 - b. O país vive em instabilidade financeira permanente.
 - c. O João pertence à comissão permanente do seu partido.
 - d. Devido às obras na estrada, os engarrafamentos e os acidentes são permanentes.
- (10) a. O Costa é o perpétuo diretor da escola.
 - b. (?) O Costa é o diretor perpétuo da escola.
 - c. * O diretor Costa é perpétuo.
- (11) a. O António entrou na sala com a sua eterna bengala.
 - b. (?) O António entrou na sala com a sua bengala eterna.
 - c. (?) A bengala do António é eterna.
- (12) a. O Costa é o eterno presidente do clube.
 - b. (?) O Costa é o presidente eterno do clube.
 - c. *O presidente Costa é eterno.
 - d. A Coreia do Norte tem um “presidente eterno”.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (05/02/2012)

Em relação à colocação do adjetivo junto do nome, os exemplos (9 a.) e (9 b.) mostram que é indiferente a posição de *permanente*, tal como Demonte (1999) defende. No entanto, os exemplos (9 c.) e (9 d.) mostram também que este adjetivo pode adquirir outros significados e mudar de categoria, exprimindo em (9 c.) um tipo específico de comissão e, neste caso, não é permitida a anteposição, e em (9 d.), no plural, não exibir

⁷⁸ Cf. Oliveira (2004).

um caráter de duração contínua ininterrupta, apresentando um significado muito próximo de *constantes* cuja duração, segundo o nosso ponto de vista, é descontínua.

A propósito do adjetivo *eterno* e, por igual motivo, será *perpétuo*, Bouchard (2002) defende que, em francês, em posição pós-nominal (cf. (5)), as situações denotadas permanecem para sempre (*discussions éternelles*) e que, em posição pré-nominal (*éternelles discussions*) (cf. (2)), a propriedade de discutir está sempre em processo, a renovar-se. Consideramos, porém, que estes adjetivos, sob certas condições, isto é, em contextos nos quais é possível verificar que a situação é duradoura e infundável (cf. (1), (2), (3) e (4)), mantêm o seu significado independentemente da posição que ocupam relativamente ao nome. Na nossa opinião, em situações nas quais o adjetivo é utilizado com funções retóricas, a posição preferencial é à esquerda do nome (cf. (10 a.), (11 a.) e (12 a.)). No entanto, consultado o CETEMPúblico, verificámos que, em português, em textos da imprensa, o adjetivo *eterno* é utilizado maioritariamente em anteposição ao nome e, em posposição, mantém o significado. Encontrámos apenas um exemplo no qual o jornalista quis dar uma interpretação retórica em posposição, tendo para isso utilizado a expressão entre aspas (cf. (12 d.)).

De acordo com os dados, parece-nos existir um fator importante para a conservação ou para a mudança de significado conforme a posição que o adjetivo ocupa. Se o nome modificado for de natureza contável, o significado altera-se. Pelo contrário, se o nome for massivo, mantém-se o significado. Os exemplos seguintes parecem demonstrar a conclusão a que chegámos:

- (13) eterna tragédia/ #tragédia eterna
- (14) eterno problema/#problema eterno
- (15) eternos inimigos/#inimigos eternos
- (16) eternos temas/#temas eternos
- (17) eterno amor/amor eterno
- (18) eterna esperança/esperança eterna

Em (13), (14), (15) e (16), modificando nomes contáveis, a posição determina o significado do adjetivo: os dois primeiros exemplos têm a interpretação proposta por Bouchard (2002) e os dois seguintes apresentam, em anteposição ao nome, uma leitura de caráter retórico pejorativo; com nomes massivos, os adjetivos conservam o seu significado sem alteração (cf. (17) e (18)).

Relativamente à posição predicativa, observa-se que todos eles participam em construções predicativas, mas, nos casos em que os adjetivos desempenham funções retóricas, especialmente se se referem a nomes próprios ou a nomes que refiram cargos, essa participação já não é possível pelo facto de os adjetivos não serem nesses contextos estritamente aspetuais (cf. (10 c.) e (12 c.)).

Quanto à graduabilidade, verificamos que não são graduáveis.

Podemos então concluir que entre os adjetivos aspetuais não delimitados e os adjetivos aspetuais delimitáveis homónimos há duas diferenças fundamentais:

- a primeira verifica-se justamente no facto de poderem ser classificados de maneiras diferentes devido à possibilidade de os primeiros não terem fronteira, e de ser possível atribuir aos segundos, por via contextual ou por conhecimento do mundo, uma fronteira a marcar o início da situação ou o seu início e o seu fim;
- a segunda verifica-se através da possibilidade de os adjetivos delimitáveis poderem ter leituras diferentes conforme a sua posição relativamente ao nome.

Outros adjetivos pertencentes a este mesmo grupo ajudam a fortalecer as conclusões a que chegámos, pois mostram como é possível estabelecer uma delimitação, dada a hipotética determinação, dependendo dos nomes, do início da situação (cf. (19)) e do início e do seu fim (cf. (20)):

(19) Não se encontra razão para aquela atriz ter uma fama tão duradoura.
(Começou a sua carreira há vinte anos!)

(20) A empresa construiu uma relação duradoura com os clientes (desde a sua constituição em 2000 até ao seu fecho em 2011).

Apesar de já termos apresentado exemplos de adjetivos delimitáveis (cf. (19) e (20)), recorremos a um outro com o adjetivo *transitório* (cf. (21)), que nos permitirá reforçar o conceito de adjetivo delimitável, pois, mais uma vez, podemos verificar que é possível atribuir à situação uma fronteira temporal inicial e uma fronteira temporal final.

Refira-se, no entanto, que é difícil encontrar exemplos de situações com fronteira inicial desconhecida e fronteira final conhecida.

(21) O corte dos subsídios é uma medida transitória do Governo. (Começou em 2011, vai acabar em 2013).

A possibilidade de estes adjetivos serem delimitáveis está relacionada com a natureza da sua duração. De facto, contrariamente aos adjetivos não delimitados, cujos exemplos manifestaram tratar-se de adjetivos de duração ilimitada e incalculável, nos adjetivos pertencentes a este subgrupo a duração é mais curta e relativa, entrando em linha de conta ou o conhecimento enciclopédico dos falantes ou o conhecimento do mundo para uma estimativa da duração da situação.

A seguir apresentamos um exemplo que pode ilustrar a variação da extensão da duração:

(22) A ocupação da França pelos alemães foi temporária.

(23) A ocupação da Península Ibérica pelos povos bárbaros foi temporária.

O conhecimento da história mundial permite-nos afirmar que o intervalo de tempo no qual decorreu a ocupação alemã foi muito menor que o intervalo de tempo em que a Península Ibérica esteve dominada por outros povos e pode mesmo ajudar-nos a definir com exatidão a duração desses períodos. Adjetivos como *temporário* referem, pois, períodos de tempo muito variáveis: podem ser mais ou menos curtos, mas também podem ser mais ou menos longos.

Por isso, propomos que:

- contrariamente aos adjetivos não delimitados, que sabemos não terem fronteiras temporais, os adjetivos aspetuais delimitáveis, cujos limites podem ser recuperados, não são especificados quanto à extensão da sua duração.

A seguir, apresentam-se alguns exemplos de adjetivos deste subgrupo para observarmos as suas características relativamente à posição e à graduabilidade. Apesar de a informação lexical que contém poder conduzir a uma interpretação de não

delimitação, integrámos também nesta secção o adjetivo *definitivo*, pois parece-nos ser mais natural a sua inclusão neste subgrupo dada a possibilidade de se delimitar o início da situação a que se refere.

- (24) a. O João colocou uma pilha durável no comando.
b. *O João colocou uma durável pilha no comando.
c. Este material é muito durável.
d. (...) os beligerantes acordaram «desencadear negociações que permita, no mais curto prazo de tempo, assinar um acordo de paz consistente e durável.
<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (05/02/2012)
e. (...) um consistente e durável acordo de paz.
f. O acordo de paz será durável.
g. ?O acordo de paz será muito durável.
- (25) a. Ofereceram ao Rui um trabalho temporário num supermercado.
b. *Ofereceram ao Rui um temporário trabalho num supermercado.
c. O trabalho do Rui no supermercado é temporário.
d. ?O trabalho do Rui é muito temporário.
- (26) a. Os subsídios sofreram um corte transitório.
b. *Os subsídios sofreram um transitório corte.
c. O corte dos subsídios é transitório.
d. ?O corte dos subsídios é muito transitório.
- (27) a. A Junta da Freguesia tem as suas instalações provisórias num prédio de habitação.
b. *A Junta da Freguesia tem as suas provisórias instalações num prédio de habitação.
c. As instalações da Junta da Freguesia são provisórias.
d. ?As instalações da Junta da Freguesia são muito provisórias.
- (28) a. A Rita entrou para o quadro de nomeação definitiva.
b. *A Rita entrou para o quadro de definitiva nomeação.
c. A nomeação é definitiva.
d. ?A nomeação é muito definitiva.

Os exemplos sob análise mostram que, em posição atributiva, pelo menos nestas frases, os adjetivos deste subgrupo resistem à anteposição ao nome, exceto em coordenação com outro adjetivo (cf. (24) e.), mas mostram também que todos eles participam em construções predicativas.

Verifica-se ainda que estes adjetivos são tendencialmente não graduáveis. A razão para eventualmente se considerarem graduáveis resulta de, em certos contextos, embora raros, a modificação com adverbiais de grau ser possível. A pesquisa no CETEMPúblico revelou a existência de um caso apenas com o adjetivo *temporário* (“A Direcção-Geral das Pescas diz que se espera tratar-se de algo muito temporário.”), de um só caso também com *transitório* (“A população é muito transitória e dinâmica, está ali por um acidente.”) e de oito casos com *provisório*, de que se transcreve um exemplo: “Um refúgio muito provisório e deficiente”. Com o adjetivo *definitivo*, encontramos oito ocorrências, tendo quatro delas uma interpretação não aspetual. Os exemplos seguintes mostram esse adjetivo na sua qualidade de aspetual, com o significado de “para sempre” (cf. 29), e classificado como adjetivo qualificativo (cf. 30):

(29) Só então confirmámos: a mulher saía de casa, em muito definitiva partida .

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (05/02/2012)

(30) O ministro das finanças não foi muito definitivo quanto à necessidade de criar novos impostos.

O adjetivo *durável* permite, sob certas condições, a modificação por um adverbial como em contextos como o do exemplo (24 a.) associado a um nome concreto (cf. “um tecido muito durável”). Segundo Balogh (2006), este adjetivo tem um comportamento diferente consoante os nomes aos quais se aplica. Associado a um nome concreto, será adverbial temporal e só será aspetual se o nome pertencer a outro tipo, cujos exemplos, *une chaussure durable/un préjugé durable*, ilustram essa diferença. Concordamos com a proposta deste autor no que diz respeito à alteração na interpretação do adjetivo consoante o nome modificado, mas não nos parece que o adjetivo em questão seja temporal no exemplo que aquele autor apresenta, tratando-se antes de uma qualidade atribuída à entidade denotada pelo nome (cf. (24) a. e c.).

Quando se quer atribuir à situação uma extensão temporal mais alargada e que se espera ou deseja que não possua fronteira final, utiliza-se um outro adjetivo – *duradouro*. O exemplo seguinte pode mostrar uma dessas circunstâncias:

- (31) O «efeito Garzón», (...) não teve, no entanto, o efeito *duradouro* que o líder socialista pretendia.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (05/02/2012)

Apesar de nos textos da imprensa se utilizar quase aleatoriamente as duas formas adjetivais, advirta-se, porém, que nem sempre é possível a utilização indiscriminada destes dois adjetivos. No exemplo (32), o adjetivo *durável* não substitui o adjetivo *duradouro* e este adjetivo também nem sempre substitui aquele como se observa em (33):

- (32) a. A Ana deseja um amor *duradouro*.
b. *A Ana deseja um amor *durável*.
(33) a. A Ana comprou um tecido *durável* para fazer umas cortinas.
b. *A Ana comprou um tecido *duradouro* para fazer umas cortinas.

Parece, pois, que as classificações propostas para o adjetivo *durável* por Balogh (2006) parecem não ser suficientes para distinguir estes adjetivos, pois uma componente de carácter interpretativo relacionada com o conteúdo lexical dos nomes é fundamental para a seleção de um ou de outro.

Após a descrição das características durativas, de delimitação das fronteiras temporais dos adjetivos delimitáveis e das suas especificidades relativamente à posição, à graduabilidade e à participação em estruturas predicativas, concluímos que, mesmo no seio deste grupo, subsistem algumas diferenças. As discrepâncias observam-se entre aqueles adjetivos que, por imposição lexical, são não delimitados e que, modificando determinadas situações, são delimitáveis (cf. *eterno*) e aqueles que são tipicamente delimitáveis (cf. *temporário*):

- aos adjetivos que também podem ser não delimitados (cf. *eterno*) é possível determinar o início da situação, mas não o seu termo e àqueles que são delimitáveis (cf. *temporário*) é possível determinar não só o seu início, mas também o seu fim;
- só os adjetivos que também podem ser não delimitados (cf. *eterno*) podem antepor-se aos nomes;

3.1.2.1. O caso de *longo* – entre o não delimitado e o delimitável

Neste trabalho, temos procurado encontrar características e propriedades dos adjetivos que sejam sistemáticas e que possam constituir padrões de ocorrência. No entanto, como já vimos, nem todos os adjetivos permitem ser integrados apenas num grupo, pois apresentam exceções num ou noutro parâmetro. O adjetivo *longo* é também um desses casos, pois permite que seja considerado de duração contínua não delimitada e, simultaneamente, delimitável, como provam a frase genérica do exemplo (34), como não delimitável, e as frases dos exemplos (35) e (36) como delimitáveis, sendo possível, nestes dois últimos casos, a determinação do início e do final das situações:

(34) Os filósofos explicam o segredo de uma longa vida.

(35) A vida do chinês Li-Wang foi longa.

(36) Os deputados ouviram o longo discurso do ministro.

A indeterminação dos grupos a que os adjetivos pertencem, nomeadamente os adjetivos aspetuais, é um fenómeno recorrente nesta classe de palavras, não sendo, portanto, uma marca distintiva de *longo* relativamente a outros adjetivos. Contudo, este adjetivo, em particular, exhibe um conjunto de propriedades que o fazem estar em oposição a outros adjetivos aspetuais de duração contínua.

Observem-se algumas dessas características.

- em posição atributiva – quer anteposto ao nome quer posposto, este adjetivo não altera o seu significado como acontece, por vezes, com adjetivos de duração não delimitada em situações delimitáveis como *perpétuo* ou *eterno*. Contudo, pode apresentar, conforme os nomes que

modifica, uma interpretação aspetual ou, simplesmente, qualificativa. Os exemplos seguintes mostram essas situações.

(37) O Gonçalo fez uma longa viagem.

(38) A Astrid possui longos cabelos loiros.

O adjetivo presente no exemplo (37) classifica-se como adverbial aspetual, pois refere um período de tempo durante o qual teve lugar uma viagem; já em (38), atribuindo uma propriedade ao nome, exhibe as propriedades dos qualificativos de comprimento ou dimensão;

- em posição predicativa – este adjetivo comporta-se como os adjetivos não delimitados e delimitáveis (do grupo de *temporário*), pois participa em construções predicativas, como em (37):

(37') A viagem do Gonçalo foi muito longa.

- graduabilidade – contrariamente aos adjetivos de duração não delimitada, este adjetivo é graduável, como revela (34').

(34') Os filósofos explicam o segredo de uma vida muito longa.

3.1.3. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua delimitada

Para além dos adjetivos que exprimem duração contínua não delimitada e delimitável, defendemos que o grupo de adjetivos de duração contínua proposto por Fiorin (2003) e adotado neste trabalho, inclua também os adjetivos que ocorrem em períodos fixos e delimitados. Refira-se que aqueles que propomos não correspondem aos adjetivos delimitados que designam duração e que são considerados por Balogh (2006) como temporais: *milénar*, *estival*, ...

Eis alguns exemplos de adjetivos que consideramos de duração contínua delimitada⁷⁹:

- (39) A cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos é semestral.
- (40) Firmei um contrato anual com a minha operadora de telecomunicações.
- (41) O bilhete diário na STCP sai mais barato.
- (42) Os passes mensais para estudantes vão acabar.

Como se pode verificar, estes adjetivos estabelecem um intervalo delimitado para a situação envolvida, que, nos exemplos apresentados, determinam uma duração de um semestre, de um ano, de um dia e de um mês, respetivamente.

Convém salientar que os adjetivos que referem porções de tempo, como os dos exemplos atrás, podem ter classificações aspetuais distintas. Voltaremos mais adiante a analisar estes adjetivos denominais.

⁷⁹ Embora existam adjetivos delimitáveis que, por ação de um adverbial temporal na frase, possam ser considerados delimitados (cf. Entre 2000 e 2011, o Rui foi diretor provisório da sua instituição”), neste trabalho serão tratados como delimitados apenas os adjetivos denominais (cf. *semestral*).

3.2. Semelhanças e divergências entre os adjetivos adverbiais aspetuais de duração contínua

Os três subgrupos de adjetivos de duração contínua possuem, como é natural, semelhanças e divergências entre si. No que diz respeito à informação aspetual, estes grupos de adjetivos têm em comum o facto de terem uma duração contínua, sem interrupções, embora essa duração possa ser variável, e determinada ou não determinada.

A questão da graduabilidade é mais um elemento que estes adjetivos possuem em comum, pois todos eles, salvo as raras exceções verificadas nos adjetivos delimitáveis e em *longo*, não aceitam a modificação de grau.

Relativamente à posição, verifica-se que, contrariamente à proposta de Demonte (2003), os adjetivos de duração delimitável apresentam tendencialmente sérias restrições à anteposição ao nome, como é o caso de *eterno* delimitável, e os adjetivos de duração delimitada (cf. *semestral*), dada a sua origem denominal, não a permitem sequer.

No que se refere à participação em construções predicativas, apenas os adjetivos de duração delimitada oferecem, pela razão já exposta acima, alguma resistência à comparência nessas estruturas, mas, tal como acontece com os adjetivos relacionais, também estes, sob condições bem estipuladas, podem participar em construções predicativas. Esta última propriedade pode ser observada no exemplo (39).

É de sublinhar ainda que a seleção dos nomes que acompanham cada um dos adjetivos de duração delimitada não é arbitrária, pois, se associarmos esses adjetivos a certos nomes aos quais se aplicam adjetivos de duração contínua não delimitada, o resultado ou é estranho ou tem outra interpretação: *um amor diário; *uma amizade mensal; *uma fidelidade semestral; *uma felicidade anual; #uma vida diária. Esta particularidade parece ficar a dever-se ao facto de os adjetivos de duração contínua não delimitada modificarem nomes que, como os que apresentámos, implicam também uma certa duração.

Estas divergências mostram que o grupo dos adjetivos aspetuais de duração contínua não é homogéneo, tornando-se, por isso, necessário dividi-lo em subgrupos como fizemos.

3.3. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua

Consideramos que a lista de adjetivos deste tipo proposta por Fiorin (2006) pode ser mais alargada, adicionando-lhe outros adjetivos. Na verdade, este autor apresenta apenas *reiterado*, *iterativo*, *repetitivo*, *intermitente* que, embora sejam exemplos de adjetivos que designam repetição, não representam todos os tipos de repetição que os adjetivos aspetuais de duração descontínua podem exprimir. Por isso, começaremos por distinguir os diversos tipos de adjetivos que exprimem repetição.

Wachowicz (2006), num estudo sobre a iteratividade nas predicções, defende que a repetição de situações da mesma natureza engloba a frequência e a habitualidade e dá como exemplos de cada um destes tipos de repetição as seguintes frases⁸⁰ (p. 5) nas quais, a fim de explicitar melhor as diferenças entre elas, intervêm adverbiais:

(43) Carlos teve dois carros três vezes nos últimos dez anos.

(44) Carlos sempre alimentou os leões do Zoo.

(45) Carlos sentiu dores semana sim semana não.

Embora nas três frases haja repetição de eventos, a autora considera que pertencem a grupos diferentes, apresentando (43) como um exemplo de iteratividade, (44) com uma leitura de habitualidade, para a qual concorre o advérbio “sempre”, e (45) com a leitura de frequência. A autora acrescenta que, numa mesma frase, as três leituras podem sobrepor-se recursivamente por meio de adverbiais apropriados, como mostra o exemplo:

(46) João comeu duas maçãs por semana mês sim mês não durante dez anos da sua infância.

Wachowicz (2006, p. 1)

Também Cunha (2006) divide as predicções que envolvem repetição; no entanto, de forma diferente daquela autora, já que a iteração não é concebida como uma

⁸⁰ Parece haver contradição entre a proposta da autora e os exemplos, pois, apesar de defender que a iteração engloba a frequência e a habitualidade, apresenta frases com cada um destes três tipos de repetição. No entanto, Wachowicz (2006) justifica que a leitura de iteratividade “é dependente de fatores linguísticos variados: o léxico do verbo e suas especificidades semânticas e derivacionais, a flexão verbal, a classe aspetual do verbo e a relação com a telicidade, a interação entre os constituintes do VP, ou entre o tempo do verbo e a quantificação do NP complemento, o papel temático e os advérbios” (p. 5).

propriedade que engloba os outros dois tipos de repetição, mas funcionando separadamente. De acordo com aquele autor cada um dos tipos de repetição pode ser definido da forma seguinte:

- a iteração é a recorrência de uma eventualidade em intervalos de curta duração e bem delimitados, cujas situações repetidas se apresentam como as suas subfases constitutivas, que se organizam em contiguidade, sem suportarem pausas significativas;
- a habitualidade manifesta-se em situações que envolvam intervalos longos segundo um padrão de repetição relativamente estável;
- a frequência é a simples repetição de situações da mesma natureza num número de vezes considerado relevante.

Apesar de não podermos classificar os adjetivos segundo as diferentes classes aspetuais, vamos, de acordo com Cunha (2006), aplicar estas propriedades das predicções aos adjetivos aspetuais de duração descontínua e tentar enquadrá-los em cada um destes grupos.

3.3.1. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua que exprimem iteratividade

Tendo em atenção que os adjetivos pertencentes a este grupo devem exprimir repetição em intervalos curtos, cujas situações são dependentes umas das outras, e delimitados⁸¹, consideramos que os adjetivos apontados por Fiorin (2003), *reiterado*, *iterativo*, *repetitivo* e *intermitente*, poderão apresentar estas características, não sem deixarmos de ter em ponderação que os dois primeiros adjetivos são pouco utilizados em português europeu, pois em contextos que exijam a expressão da iteração, utilizam-se de preferência adverbiais que os substituam.

Observem-se os seguintes exemplos a fim de verificarmos se os adjetivos referidos confirmam as características exigidas pela propriedade da iteração:

⁸¹ Pensamos que, nestes casos, se trata de intervalos delimitáveis, tal como propusemos anteriormente.

(47) Apesar de reiterados convites, Mário Soares espera pelo «momento adequado» para se deslocar a estes dois países.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (05/02/2012)

(48) É um processo iterativo que é necessariamente longo.

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> (05/02/2012)

(49) A explicação do orador foi repetitiva e insatisfatória.

(50) O peão observou o piscar intermitente⁸² do semáforo.

Na frase do exemplo (47) não há elementos linguísticos suficientes que comprovem que o fenómeno da iteração esteja presente, mas é lícito pensar-se que a repetição de convites não se efetuará num intervalo muito curto, podendo exprimir este adjetivo, nesta circunstância, a frequência e não a iteração; no que diz respeito a (48), é a própria predicação, no seu todo, que indica que o processo de reiteração é longo, devendo, por isso, passar por diversas fases que não poderão ser muito curtas; logo, não haverá também iteração; quanto a (49) e a (50), pensamos que, de facto, se trata de um processo de iteração.

Como a definição de iteração proposta por Cunha (2006) assenta no princípio da obrigatoriedade de um intervalo curto e de situações “compactadas”, vamos utilizar um teste com um adverbial de curta duração como “durante cinco minutos”, que nos permitirá distinguir iteração de frequência. Assim, utilizando este teste, pensamos que não será adequado afirmar-se que convites a uma figura eminente para uma deslocação a dois países possam ser reiterados durante cinco minutos. Por isso, apesar de a informação lexical do adjetivo parecer conduzir a uma interpretação de iteração, este processo de repetição não está presente e teremos de o integrar no grupo dos adjetivos de frequência tal como o exemplo seguinte vem também comprovar:

(51) Os bombeiros recebem reiterados pedidos de auxílio (durante os meses de calor).

No entanto, no exemplo abaixo, já poderemos verificar a possibilidade de este adjetivo, noutras circunstâncias, ser, de facto, iterativo:

(52) O ministro recebeu reiterados aplausos da sua bancada (durante a sua

⁸² O adjetivo *intermitente* nem sempre é considerado aspetual. Na frase “Em minha casa tenho luzes fixas e luzes intermitentes”, o adjetivo é de natureza classificatória.

explicação sobre a medida que tomou.)

Incluimos ainda neste grupo alguns adjetivos que, segundo Fiorin (2003), são de duração contínua⁸³, mas que consideramos serem de duração descontínua, - *persistentes*⁸⁴ e *incessantes* - tal como aparecem nas expressões “apelos persistentes” e “relâmpagos incessantes”.

3.3.2. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua que exprimem habitualidade

Ainda de acordo com Cunha (2006), a habitualidade descreve características genéricas e identificadoras dos indivíduos e, embora compreendendo repetição de eventualidades, caracterizam, generalizando, propriedades identificadoras das entidades. Assim, a caracterização dos indivíduos é feita com base em observações limitadas a períodos longos e estáveis. Nas predicções, os elementos linguísticos que contribuem para a habitualidade são o verbo “costumar”, o adverbial “habitualmente” e o Presente e o Imperfeito do Indicativo.

As frases a seguir, que contêm os elementos gramaticais referidos, constituem exemplos de frases habituais.

(53) A Ana costuma passear no jardim.

(54) A Ana telefona às amigas habitualmente.

(55) O João fuma.

(56) O Manuel nadava nas piscinas do Fluvial.

Cunha (2006, p. 340)

Nas predicções nas quais é o adjetivo aspetual que marca a habitualidade, a caracterização não é feita sobre indivíduos, mas sobre situações. Vejam-se alguns exemplos com adjetivos aspetuais que exprimem habitualidade:

(57) Depois do jogo, o treinador deu a habitual conferência de imprensa.

(58) O jogador recorreu ao truque usual de rasteirar o adversário.

⁸³ Salvaguardada a exceção da situação já apresentada na Nota 58.

⁸⁴ Este adjetivo pode também ser classificado como qualificativo, atribuindo uma propriedade à entidade denotada pelo nome: “O Fábio é um jogador hábil e persistente”.

(59) De resto, os quenianos darão o costumado espetáculo no meio-fundo masculino, onde poucos podem inquietá-los .

<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (05/02/2012)

Nas frases em questão, os adjetivos conferem habitualidade apenas às situações envolvidas, neste caso, a conferência de imprensa, o truque e o espetáculo, e não à predicação, não sendo, portanto, exigido o Presente, forma canónica das predicções de carácter habitual, porque a frase já dispõe de outro meio – o adjetivo. Este facto é demonstrado e reforçado com a aplicação de localizadores temporais como “depois do jogo” (cf. (58)). Outros adverbiais se poderão aplicar nas outras frases e a conclusão é a mesma: a habitualidade é garantida pelos adjetivos, mas apenas às situações expressas pelos nomes eventivos.

3.3.3. Adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua que exprimem frequência

Como foi já referido, a frequência manifesta-se pela simples repetição de situações da mesma natureza, independentes umas das outras, num número de vezes considerado significativo, tendo os intervalos uma grande flexibilidade. Nas predicções, os adverbiais de frequência expressam relações entre uma situação e o número de vezes, determinado ou indeterminado, em que ela ocorre; da mesma forma, também os adjetivos aspetuais cumprem essa função.

Segundo Stump (1981), estes adjetivos podem determinar períodos fixos (*diário, semanal, anual*, etc.) e períodos variáveis (*frequente, periódico, raro*, etc.). As frequências destes últimos dependem da duração do intervalo de tempo no qual são interpretados. Com este propósito, apresentámos já os exemplos (22) e (23), com o adjetivo *temporário*, apresentados de novo e renumerados, que mostram como o mesmo adjetivo indicia uma leitura de uma situação cujo intervalo pode ser longo e outra leitura no qual pode ser curto.

(60) A ocupação da França pelos alemães foi temporária.

(61) A ocupação da Península Ibérica pelos povos bárbaros foi temporária.

Vários autores têm-se dedicado ao estudo da frequência veiculada pelos adjetivos, sendo de destacar Stump (1981) e Schäfer (2007). As suas propostas sobre os adjetivos de frequência, que mostram as diferentes leituras semânticas que as frases com estes adjetivos podem apresentar (cf. Stump, 1981) e os tipos de frequência associados a cada leitura (cf. Schäfer (2007) serão resumidamente expostas a seguir.

3.3.3.1. Stump (1981)

Stump (1981) defende que os adjetivos de frequência têm duas leituras relevantes⁸⁵: adverbial e genérica. Vejamos um exemplo de cada uma destas leituras que nos permitirão fazer a necessária distinção entre elas.

(62) a. A periodic investigation would turn up a few new leads, but solid evidence was never found.

b. Periodically, an investigation would turn up a few new leads, but solid evidence was never found.

(63) a. John enjoys a frequent vacation in Palm Springs.

b. *Frequently, John enjoys a vacation in Palm Springs.

Stump (1981, pp. 222-223)

c. John now and then enjoys a vacation in Palm Springs.

As frases (62) e (63) são exemplo, respetivamente, de uma leitura adverbial e de uma leitura genérica. Segundo o autor, uma frase na qual o adjetivo tem uma leitura adverbial pode ser parafraseada por meio de um advérbio que tem escopo sobre toda a frase, como mostra (62 b.). Pelo contrário, uma frase com leitura genérica não permite a paráfrase desse modo, mas permite-a com um adverbial que siga imediatamente o grupo nominal com função de sujeito, como se exemplifica em (63 c.).

⁸⁵ Em nota, Stump (1981) apresenta outra leitura dos adjetivos de frequência, o “uso deadverbial” (“leitura interna”, cf. Schäfer, 2007), em nominalizações de agente, como em “visitantes ocasionais”. Nesta leitura, os adjetivos relacionam-se com os adverbiais da mesma forma que os adjetivos que não são de frequência.

Embora os adjetivos aspetuais de frequência de período de tempo variável se associem a nomes com estrutura de evento, Stump (1981) apresenta exemplos com nomes não eventivos⁸⁶.

3.3.3.2. Schäfer (2007)

Este autor recorre às leituras dos adjetivos de frequência propostas por Stump (1981) para provar exatamente que nomes não eventivos também podem ser modificados por estes adjetivos. Com esse objetivo e ainda com o de encontrar uma semântica unificada para todos os adjetivos de frequência, propõe o seu tratamento em termos de uma semântica de eventos.⁸⁷ Invocamo-lo aqui apenas para referir a divisão dos adjetivos de frequência proposta por este autor.

Schäfer (2007) considera que há três classes semânticas de adjetivos de frequência⁸⁸:

- adjetivos de frequência absoluta – *diário* – admitem a leitura adverbial, a leitura genérica e a leitura interna;
- adjetivos de frequência relativa - *frequente* – admitem todas as leituras com exceção da leitura adverbial com nomes não eventivos;
- adjetivos de infrequência relativa – *ocasional* – admitem as três leituras.

A integração dos adjetivos de duração descontínua em grupos não é fácil como já mostrámos através de alguns exemplos. Também Schäfer (2007) esclarece que, devido a

⁸⁶ Neste trabalho, não vamos ter sob análise o exemplo de nome não eventivo apresentado quer por Stump (1981), quer por Schäfer (2007) e Gehrke & McNally (2009), “café frequente/ocasional”. Consideramos que o adjetivo não se aplicará diretamente a “café”, mas a “tomar café”.

⁸⁷ Gehrke & McNally (2009) rejeitam a semântica unificada dos adjetivos de frequência proposta por Schäfer (2007).

⁸⁸ As leituras propostas por Schäfer (2007) para os três tipos de adjetivos de frequência fazem-nos levantar duas questões:

i. se os adjetivos de frequência absoluta apresentam as três leituras tal como os adjetivos de infrequência relativa, não deveria o autor apresentar outro critério que os possa distinguir?

ii. se estes dois tipos de adjetivos de frequência apresentam as mesmas leituras, por que razão o autor considera que, em início de frase, o adjetivo *daily* não pode ser parafraseado pelo advérbio correspondente e o adjetivo *occasional* pode, na mesma posição, ser convertido no advérbio *occasionally*?

fatores de ordem pragmática, pode haver oscilação entre os adjetivos de frequência relativa e os de infrequência relativa e entre os adjetivos de frequência relativa e os de frequência absoluta devido a todos estes adjetivos serem sensíveis ao contexto e poderem pertencer a uma classe ou a outra.

Neste trabalho, vamos seguir a proposta de Cunha (2006) sobre a frequência nas predicções. Os predicados de frequência podem ser, segundo este autor, de frequência alta, de frequência média e de frequência baixa. Esta divisão não se sobrepõe completamente à de Schäfer (2007) para os adjetivos. A nossa opção pela proposta de Cunha (2006) baseia-se no facto de não considerarmos a existência de uma classe de adjetivos de frequência absoluta como propõe Schäfer (2007)⁸⁹ e por a considerarmos de mais fácil aplicação. Na caracterização dos adjetivos de frequência absoluta, Stump (1981) relaciona a frequência com a duração: “the frequency associated with *weekly* has a period a week long. The former adjectives⁹⁰, on the other hand, relate to periods of variable length, (...) (p. 221). Por sua vez, Schäfer (2007), nos exemplos que apresenta destes adjetivos, não tem em consideração a simples duração, mas apenas a repetição. Consideramos que esses adjetivos podem ser integrados noutros grupos, como aliás já fizemos, incluindo alguns deles no grupo dos adjetivos de duração delimitada.

De acordo com Cunha (2006), os predicados de frequência baixa serão aqueles que admitem adverbiais como “poucas vezes”, “ocasionalmente” ou “de vez em quando” que corresponderão, na nossa perspetiva, aos adjetivos *raro*, *ocasional*, *esporádico* ou *pontual*. No que diz respeito aos predicados de frequência alta, o autor apresenta adverbiais como “muitas vezes” e “frequentemente” como modificadores desses predicados, que podem ser parafraseáveis por adjetivos como *frequente* e *constante* e para os predicados de frequência média, os adverbiais propostos são “algumas vezes” e “várias vezes”. Esta última divisão é a mais problemática pelo motivo apontado por Schäfer (2007) e já apresentado, segundo o qual os adjetivos podem transitar de um grupo para outro. De qualquer forma, incluímos os adjetivos *regular* e *periódico* neste grupo.

Considerem-se exemplos de frases com adjetivos de frequência.

(64) A Maria faz frequentes/constantes viagens a Paris (*em/*durante cinco minutos).

⁸⁹ Rejeitamos esta classificação do mesmo modo que já havíamos feito com a proposta de Borillo (2001) sobre adjetivos temporais absolutos.

⁹⁰ O autor refere-se aos adjetivos de frequência variável.

(65) O João faz exames periódicos/regulares ao coração (*em/*durante cinco minutos).

(66) O PM tem encontros raros⁹¹/ocasionais/esporádicos com a oposição (*em/*durante cinco minutos).

Colocamos entre parêntesis adverbiais de curta duração para mostrar que os adjetivos são de duração descontínua, isto é, repetem as situações, mas não pertencem ao grupo dos iterativos. O exemplo (64) ilustra uma situação cujos adjetivos são de alta frequência e (65) e (66) são, respetivamente, exemplos de média e de baixa frequência. Refira-se, contudo, que a interpretação que fazemos se deve essencialmente ao nosso conhecimento do mundo.

Estes adjetivos caracterizam-se por serem atributivos e predicativos e por se aplicarem a nomes e nominalizações de evento.

3.3.4. Pontos de contacto e divergências entre os adjetivos de duração descontínua

Estas três classes de adjetivos de frequência têm em comum o facto de todas elas indiciarem a repetição indeterminada de eventualidades.

Há, contudo, diferenças fundamentais: o número de ocorrências das situações é variável e podem ser realizadas de forma a constituírem intervalos, também de extensão variável. Estes fatores influenciam decisivamente o seu comportamento, de tal modo que a sua divisão em classes se torna relevante. Fenómenos como o da inserção de adverbiais de curta duração podem ser decisivos na distinção destes adjetivos.

⁹¹ Como outros adjetivos aspetuais, também o adjetivo *raro* apresenta leituras diferentes conforme o nome que modifica: em “ave rara”, por exemplo, a leitura aspetual não está presente; trata-se, neste caso, de um adjetivo qualificativo.

3.4. Entre a medição da duração e a contagem de situações – o caso dos adjetivos denominais que referem períodos de tempo

Na literatura, estes adjetivos encontram-se dispersos entre os adjetivos adverbiais temporais e os adjetivos adverbiais aspetuais. Neste trabalho, integramos alguns no grupo dos adjetivos de duração contínua delimitada, embora tivéssemos já referido que são suscetíveis de outras interpretações que pretendemos demonstrar a seguir.

Borillo (2001) associa-os ao domínio temporal, identificando aqueles que referem intervalos de tempo medíveis (cf. *un tarif horaire, un salaire mensuel, un bail annuel*, p. 38), geralmente utilizados como unidades de contagem. Esta unidade de contagem pode ser utilizada de forma iterativa ou cíclica, sendo exemplos destes usos *une publication trimestrielle, un banquet annuel, une visite quotidienne* (p. 38).

Como já referimos anteriormente, Balogh (2006) integra estes adjetivos no grupo dos adjetivos adverbiais temporais que designam uma duração que se pode delimitar e que é contável em anos, meses, dias, etc., salientando, no entanto, que adjetivos como *journalier* e *quotidien* não são temporais, mas aspetuais, porque, embora não indiquem duração⁹², exprimem a iteratividade ou têm então um sentido distributivo. Mais uma vez recordamos que este autor adverte que “la limite entre les adjectifs aspectuels duratifs et les adjectifs temporels qui expriment une durée de type “long” (qu’on ne peut pas délimiter) est extrêmement mince. En fait, cela dépend de la nature du substantif auquel l’adjectif réfère” (p. 215).

Schäfer (2007), por sua vez, analisa apenas as formas adjetivais que exprimem frequência relacionando as leituras permitidas por estes adjetivos (cf. Stump, 1981)⁹³ com o tipo de nomes aos quais se associam. Assim, com nominais de evento, como “encontro” ou “passeio”, a leitura genérica, no dizer de Schäfer (2007), será exclusiva, e

⁹² Esta proposta de Balogh (2007) parece-nos um pouco estranha na medida em que um adjetivo aspetual indica sempre duração, mesmo que seja muito curta como acontece com aqueles adjetivos que concetualmente são considerados sem duração; porém, não é o caso de *quotidien*.

⁹³ Relembremos as três leituras atribuídas aos adjetivos de frequência por Stump (1981. Os exemplos pertencem a Schäfer (2007, pp. 2-3):

a. leitura interna – o adjetivo informa sobre a frequência com que o agente desempenha a ação denotada pela nominalização. Exemplo: *A frequent liar told Agent Cooper a story*.

b. leitura genérica – relaciona o evento com a frequência, tendo o adjetivo a função de quantificar temporalmente sobre N-eventos. Exemplo: *A daily walk is good for your health. ≠ Daily, a walk is good for your health*.

c. leitura adverbial – o adjetivo pode ser parafraseado por um adverbial. Exemplo: *An occasional sailor strolled by ↔ Occasionally, a sailor strolled by*.

com nominalizações agentivas, como “leitor”, predominará a leitura interna, conforme mostram, respetivamente, estes exemplos do português:

(67) Um encontro diário com a namorada põe o Rui feliz.

(68) O Rui é um leitor diário de jornais desportivos.

Estes adjetivos, como se compreenderá, são, segundo Schäfer (2007), de frequência absoluta e permitem todas as leituras. No entanto, este autor apresenta o adjetivo *diário* (*He is a daily runner*), (p. 4), com leitura interna, como sendo de frequência absoluta e de frequência relativa, explicando, tal como já fizemos para os adjetivos aspetuais de duração contínua delimitável, que essa situação é possível porque os adjetivos de frequência relativa são sensíveis ao contexto assim como aos parâmetros nominal e verbal da frase.

Invocaremos mais uma vez Borillo (2001) com a sua proposta de adjetivos de referência temporal que referem intervalos de tempo medíveis e funcionando como unidades de contagem, como em “tarifa horária”, em “salário mensal” ou em “contrato anual”. Compreendemos que a autora referida os considere temporais dado que, embora a duração seja uma característica típica do aspeto, o tempo é concebido como uma sucessão de intervalos e, por consequência, é natural que também esta categoria possua alguma duração. Borillo (2001) interpreta estes adjetivos como unidades de contagem, utilizando a paráfrase *vaut pour* exatamente para mostrar a sua natureza contável. Porém, na nossa perspetiva, a interpretação dos exemplos apresentados não é idêntica nos três casos.

Considere-se o caso de “tarifa horária”. De facto, e utilizando a paráfrase de Borillo (2001), a tarifa é válida (no máximo) para uma hora, e, embora aplicando-se a uma duração de uma hora, não significa, porém, que dure uma hora. Neste caso, o adjetivo não mede a duração da tarifa, isto é, não delimita a situação; a sua função é de medição da duração da entidade denotada pelo nome do qual o adjetivo deriva (“hora”).

Relativamente a “salário mensal”, defendemos que o adjetivo *mensal* se aplica a um intervalo de tempo de um mês, mas, contrariamente a *horária*, não se poderá afirmar, embora persistam algumas dúvidas na nossa interpretação, que o salário seja válido no máximo para um mês nem que dure um mês. Trata-se antes de um adjetivo aspetual de

frequência⁹⁴, de que é exemplo a frase seguinte cuja interpretação é a de que em todos os meses do ano o salário sofreu um corte:

(69) O salário mensal do Rui sofreu um corte (durante o ano de 2012).

No que se refere a “contrato anual”, a situação também é diferente das anteriores já que se pode afirmar que o contrato é válido para um ano (cf. (70)) e, de acordo com o conhecimento do mundo, pode inferir-se ainda que o contrato pode renovar-se, isto é, pode repetir-se, e a situação passar a ser de frequência, sobretudo se a expressão nominal for pluralizada (cf. (71)):

(70) A Rita assinou um contrato anual como caixa do supermercado.

(71) O António faz contratos anuais com a FLUP.

Apresentámos atrás a nossa proposta de adjetivos aspetuais de duração contínua delimitada, tal como aparecem em expressões como “cadeira semestral”, “bilhete diário” ou “passe mensal”. Estes adjetivos, embora refiram períodos de tempo, têm como função principal a medição da duração de uma situação. Assim, uma “cadeira semestral” é uma cadeira que tem a duração de um semestre e um “bilhete diário” não é um bilhete que se paga ao fim de um dia, mas que pode ter a duração de um dia, isto é, é válido no máximo para um dia. A mesma interpretação se poderá fazer de “passe mensal”. Um dia e um mês indicam, respetivamente, em “bilhete diário” e em “passe mensal”, que as entidades denotadas pelos nomes têm validade nesses intervalos, tal como em “tarifa horária”, mas, simultaneamente, referem também a sua duração, que é delimitada, não exprimindo, no entanto, a frequência. Contudo, em “cadeira semestral”, a situação é ainda diferente de todas as já mencionadas, pois a sua interpretação é de que se trata de uma cadeira que tem a duração de seis meses, mas não é válida no máximo para um semestre. A este grupo acrescenta-se ainda aqueles adjetivos denominais que exprimem apenas a frequência, como, por exemplo, em “publicação mensal” ou “comprimido diário”. Propomos, portanto, que estes adjetivos derivados de nomes que referem intervalos de tempo podem ser agrupados da forma que se encontram no quadro abaixo. As subdivisões dos adjetivos que exprimem duração e

⁹⁴ A atribuição da propriedade da frequência a “salário mensal”, assim como a “uma visita semanal” e a “tarefas quotidianas” é também defendida por Bosque (2010, p. 957).

frequência significam que, dentro do mesmo grupo, poderão subsistir ainda diferenças entre eles.

Tabela 1: Funções dos adjetivos aspetuais denominais

Medição	Frequência	Medição e Frequência
<i>tarifa horária</i>	<i>publicação mensal</i> (frequência)	<i>contrato anual</i> (validade/duração/frequência)
<i>passagem mensal</i> (validade/duração)		
<i>cadeira semestral</i> (duração)	<i>salário mensal</i> (frequência)	

Como se pode observar através da tabela acima, com exceção de *horária* em “tarifa horária”, é o nome ao qual o adjetivo se aplica que determina a função do adjetivo. Observe-se que expressões nominais com o adjetivo *horário* com função aspetual são difíceis de encontrar, mas com o adjetivo *semestral* já é possível encontrarmos situações com outros tipos de modificação aspetual, como, por exemplo, em “propina semestral”, em “feira semestral” ou em “consulta semestral”, que exprimem repetição de situações.

Referimos que Balogh (2006) defende que *journalier*, com tradução inexistente no português, e *quotidien* são adjetivos verdadeiramente aspetuais por causa do seu sentido distributivo ou iterativo. Também Borillo (2001) se refere a este último adjetivo, salientando o facto de *quotidiano*, como em “visita quotidiana”, pertencer a um grupo cuja unidade de medida pode aplicar-se apenas ciclicamente, o que se nos afigura um pouco estranho, porque parece não haver nenhum ciclo concreto designado. Na nossa opinião, este adjetivo dá conta de uma repetição de situação sem designar os intervalos em que ela se localiza temporalmente e só poderia ser cíclico se significasse literalmente uma vez por dia.

A propósito do sentido distributivo dos adjetivos, Bosque (2010) propõe que os adjetivos denominais que referem divisões temporais recebem uma interpretação distributiva e que podem incidir sobre nomes eventivos (“o meu passeio diário”, “as minhas férias anuais”), mas também sobre os que designam indivíduos⁹⁵ (“Atiende a diez pacientes diários”, (p. 957)), não discriminando os tipos de adjetivos que possuem

⁹⁵ Verifica-se que a proposta de Stump (1981) e de Schäfer (2007) segundo a qual os adjetivos de frequência se aplicam não só a nomes eventivos, mas também a nomes não eventivos, é partilhada por Bosque (2010).

esta propriedade. No entanto, verifica-se, pelos exemplos que utiliza, que ela é inerente apenas aos adjetivos de frequência, mesmo em todas as leituras propostas por Schäfer (2007). Na nossa perspectiva, existem situações modificadas por estes adjetivos, os quais, embora apresentem a mesma forma, não podem ser considerados adjetivos de frequência. É o caso dos adjetivos de duração delimitada (cf. “cadeira semestral”), que, por esta razão, não são distributivos como Bosque (2010) propõe.

4. ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS QUE NÃO EXPRIMEM DURAÇÃO

Nas predicções, é comum caracterizar-se os eventos pontuais como aqueles que ocorrem em momentos do tempo, isto é, sem duração. Contudo, parece-nos arriscado afirmar que estes eventos, embora sem estrutura eventiva completa (cf. “núcleo aspetual”, Moens, 1997) e ocupando unidades de tempo mínimas sem subfases indivisíveis, não possuem extensão temporal. Segundo a conceção de Moens (1997), estes eventos situar-se-ão na parte do núcleo aspetual que corresponde à culminação, mas, o que se verifica, é que mesmo no interior deste tipo de eventos há diferenças cruciais, dado que uns apresentam um estado consequente, as culminações, e outros que carecem desse estado, os pontos, na sua verdadeira aceção. Veja-se o que se passa nas frases seguintes:

- (72) a. O Rui e a Ana trocaram um piscar de olhos.
a'. *Um piscar de olhos está trocado.
b. O Rui e a Ana trocaram um fugaz piscar de olhos.
b'. *Um fugaz piscar de olhos está trocado.

Como se pode observar, na frase de (72 a.) a predicção é eventiva e pontual, não acrescentando *fugaz*, um adjetivo considerado pontual, em (72 b.), qualquer outra informação aspetual adicional. Devido à natureza do nome ao qual se associa, dá até origem a uma interpretação redundante, já que “um piscar de olhos” é sempre momentâneo e fugaz. Em certa medida, este exemplo vem corroborar a afirmação que fizemos acima sobre a possibilidade de os eventos pontuais apresentarem sempre alguma duração. Observe-se um novo exemplo:

- (73) a. Um dos ministros do governo teve uma passagem breve/fugaz pela universidade (para inaugurar as novas instalações) (?às três da tarde)⁹⁶.
- b. Um dos ministros do governo teve uma passagem breve/fugaz pela universidade (para se licenciar) (*às três da tarde).

Em (73), a ambiguidade existente deve-se a duas leituras possíveis do nome “passagem”, que pode ter uma extensão mínima (cf. (73 a.)) ou ter uma duração (cf. (73 b.)) que, embora possa não ter sido longa, decorre sempre num intervalo de tempo com possibilidade de medição, tornando-se, portanto, agramatical com um adverbial pontual.

As observações feitas a propósito do comportamento dos adjetivos *breve* e *fugaz* estendem-se a outros adjetivos considerados sem duração. Os exemplos seguintes reforçam as nossas intuições:

- (74) a. Em Portugal, houve um súbito aumento do desemprego.
- b. O Diogo sofreu um ataque súbito do coração.
- (75) a. É uma paragem momentânea, as obras vão recomeçar logo que possível (...)
- <http://www.linguatca.pt/cgi-bin/aceso.pl> (10/02/2012)
- b. Devido a um acidente, a estrada teve um corte momentâneo.
- c. Resolvi um problema momentâneo.
- (76) a. Os concursos da televisão têm sucesso instantâneo.
- b. Tive acesso instantâneo à *internet*.
- c. Tomei um café instantâneo.
- (77) a. Em Portugal, assiste-se a um repentino surto de despedimentos.
- b. Assistimos a um repentino aparecimento da trovoada.
- c. A Maria é uma rapariga muito repentina.
- (78) a. Em 2013, vamos ter o crescimento rápido da economia.
- b. A fechar a primeira parte, Néilson Bertolazzi descansou os boavisteiros, desviando para dentro da baliza um cruzamento de Nelo, no seguimento de um rápido ataque pela esquerda.

⁹⁶ Colocámos um ponto de interrogação na frase com adverbial pontual por considerarmos que só numa situação de inclusão este adverbial fará sentido.

- c. O Ronaldo é um jogador rápido.
- (79) a. O Rui fez uma travagem brusca.
- b. A Maria é brusca.

Recordamos, mais uma vez, que, tal como acontece nas predicções eventivas instantâneas, que umas vezes não têm tempo e outras demonstram ter algum tempo, os adjetivos sem duração também revelam essa mesma oscilação. Nas versões a. dos exemplos, com exceção de (79 a.), é visível que a associação dos adjetivos com esses nomes dá origem a situações mais prolongadas, não nos parecendo, porém, ser o tipo de nome que, nestes casos, influencia a interpretação, mas o nosso conhecimento do mundo. Reportando-nos às versões c. dos exemplos e à versão de (79 b.), verifica-se que adquirem significados que não têm leitura aspetual: em “problema momentâneo”, parece que o adjetivo se comporta como um adjetivo temporal, isto é, parece localizar a situação como fazem os adjetivos temporais *presente* ou *atual*; em “um café instantâneo”, o adjetivo pertence à categoria dos adjetivos classificadores⁹⁷ e em “rapariga repentina”, em “brusca” (cf. (79 b.)) e em “jogador rápido”, os adjetivos são qualificativos.

Apesar das considerações feitas sobre a existência de duração em situações com adjetivos aspetuais que, em princípio, deveriam exprimir aspetualmente um ponto, continuamos a integrá-los no grupo dos adjetivos sem duração, pois, apesar disso, apresentam características que os distinguem dos adjetivos de duração. Uma delas é a exigência da sua colocação no extremo de uma escala, sempre em oposição a um adjetivo de duração não delimitada, não sendo possível atribuir-lhes uma posição em coordenação com um adjetivo não delimitado (cf. (80)) nem com um adjetivo delimitável, conforme exemplificado em (81):

(80) *repouso eterno e/mas fugaz⁹⁸

(81) *repouso temporário e/mas fugaz

97 Recordamos que os adjetivos classificadores são todos aqueles que “se usan para establecer oposiciones múltiples en vez de oposiciones polares” (cf. Demonte, 1999, p. 165).

98 Utilizamos como exemplo o adjetivo *fugaz* por, apesar de a situação em que participa ter alguma duração, é, mesmo assim, um daqueles adjetivos que apresenta uma duração mais curta.

Importa referir que não colocámos na escala adjetivos de duração delimitada porque com o nome “repouso” só seria possível integrá-los no grupo dos adjetivos de duração descontínua⁹⁹, e estes, contrariamente aos adjetivos de duração contínua não delimitada e delimitável, permitem, em determinadas circunstâncias, a coordenação. Com adjetivos de frequência alta e média, exprimindo um maior número de ocorrências, *fugaz* coordena-se, embora apenas com a aplicação de conjunção ou conector adverbial de oposição (“aparções frequentes/periódicas, mas/porém fugazes”) e com adjetivos de frequência baixa coordena-se por adição, mas não se coordena por intermédio de conectores ou conjunções de oposição (“aparções raras e fugazes”/*“aparções raras, mas/porém fugazes”). Esta nossa observação permite, pois, colocar os adjetivos que não exprimem duração em oposição aos adjetivos com duração mais longa, como são os adjetivos de duração contínua não delimitada e, em certa medida, os adjetivos de duração contínua delimitável.

5. PREDICAÇÕES DE INDIVÍDUO E DE ESTÁDIO

No capítulo 2, fizemos a caracterização dos predicados de *individual level* e de *stage level* (cf. Carlson, 1977) e a distinção entre eles, que iremos recordar.

Um predicado de estado pode ser de *individual level* ou de indivíduo, e, nessa condição, manifesta propriedades estáveis de situações ou de indivíduos, participando em construções com o verbo “ser”; e pode ser de *stage level*, ou de estádio, quando manifesta uma parte ou partes temporalmente limitadas de situações ou de indivíduos, participando, por essa razão, em construções com o verbo “estar”¹⁰⁰. Os critérios de natureza linguística que permitem distinguir estes dois tipos de predicados relacionam-se com as características de cada um deles. Como os predicados de indivíduo são homogéneos e estáveis, não podem, certamente, combinar-se com adverbiais que impliquem duração nem estar relacionados com quantificação enquanto os predicados de estádio os admitem geralmente sem problemas.

⁹⁹ Esta nota serve para referir que em “repouso diário”, o adjetivo não é de duração delimitada, mas de frequência. Por isso, se afirma que, apenas nesta circunstância, como adjetivo de frequência, permitiria uma coordenação de carácter contrastivo com o adjetivo *fugaz*.

¹⁰⁰ A distinção entre predicados de indivíduo e predicados de estádio assente na oposição “ser”/“estar” é proposta por vários autores, nomeadamente Demonte (1999), que defende “se predicam con *ser* las propiedades individuales y con *estar* las situaciones precárias o episódicas” (p. 142).

5.1. Predicações adjetivais de indivíduo e de estágio

Os adjetivos também se constituem como predicados de indivíduo e de estágio. Aqueles que estão sob análise neste capítulo, isto é, os adjetivos adverbiais aspetuais, participam em construções predicativas¹⁰¹ com o verbo “ser”, e, pelo que diz respeito aos adjetivos que referem situações não delimitadas, verifica-se que, utilizando os testes usados na literatura para os estados de indivíduo, nomeadamente em Cunha (2007, p. 112), são incompatíveis com expressões de quantificação sobre intervalos, como “sempre que”, com adverbiais pontuais, como “às três da tarde”, e ainda com adverbiais de localização temporal,¹⁰² como “no ano passado”, constituindo-se, portanto, como predicados de indivíduo. Os exemplos seguintes comprovam que estes adjetivos, em particular, possuem essas características:

- (82) a. O movimento das marés é eterno.
b. *Sempre que o movimento das marés é eterno, todos se admiram.
c. *O movimento das marés foi eterno às três da tarde.
d. *O movimento das marés foi eterno no ano passado.
- (83) O movimento da terra à volta do sol é permanente.

Os testes realizados com o exemplo (82) permitem chegarmos à conclusão de que se trata de um predicado de indivíduo. Igual exercício se poderá fazer com o exemplo (83) no qual se observarão os mesmos resultados do exemplo (82). Esta conclusão é perfeitamente normal e esperada, na medida em que as situações são homogêneas, prolongadas e verdadeiras em qualquer ponto do intervalo e, por isso, não se combinam com expressões que as quantifiquem nem com adverbiais que as localizem num determinado intervalo nem ainda com adverbiais pontuais que, como a sua designação indica, as localizem num ponto de um intervalo.

Contudo, alguns adjetivos aspetuais apresentam certas propriedades dos adjetivos de estágio. Observem-se os seguintes exemplos com adjetivos que exprimem situações

¹⁰¹ Apenas os adjetivos de duração contínua delimitada, como *anual* ou *semestral* podem oferecer alguma resistência à participação em construções predicativas dada a sua origem denominal.

¹⁰² A impossibilidade de os estados de indivíduo incluírem expressões quantificacionais como “sempre que” deve-se ao facto de estas expressões exprimirem repetição de eventos. Se os estados forem de estágio, já são permitidas dado que as situações podem ser repetidas porque são temporalmente limitadas.

Os estados de indivíduo também não permitem adverbiais de localização temporal nem pontuais devido à sua natureza estável.

delimitadas (cf. (84)) e delimitáveis (cf. (85)) em contextos tais que “contrato de trabalho” e “emprego” se interpretem como “vários contratos” e “vários empregos” de um trabalhador precário:

- (84) a. O contrato de trabalho do João é anual.
 - b. Sempre que o contrato de trabalho do João é anual, ele supera-se (para poder vir a ser readmitido).
 - c. O contrato de trabalho do João foi anual em anos anteriores. (Este ano, assinou um contrato sem termo certo).
 - d. ?O contrato de trabalho do João foi anual durante vários anos¹⁰³.
- (85) a. O emprego do João é temporário.
 - b. Sempre que o emprego do João é temporário, ele anda preocupado.
 - c. O emprego do João foi temporário várias vezes no ano passado.
 - d. O emprego do João foi temporário durante muito tempo.

São visíveis nos exemplos algumas características dos predicados de estágio, como a presença de quantificadores sobre intervalos (cf. “sempre que”), de adverbiais de localização temporal (cf. “em anos anteriores” e em “no ano passado”) e de adverbiais de duração (cf. “durante vários anos” e “durante muito tempo”). Na aplicação dos testes utilizados em (84) (cf. (84) b., c. e d.), com um adjetivo de carácter delimitado, ao exemplo subsequente, um adjetivo de carácter delimitável, verificamos que a situação se repete. A explicação para este fenómeno poderá encontrar-se no facto de, contrariamente às predicções com adjetivos que exprimem situações não delimitadas, “tais predicados caracterizarem apenas porções limitadas de indivíduos, o que significa que se encontram aptos a dar conta de intervalos com configurações e extensões muito variáveis e diversificadas” (cf. Cunha, 2004, p. 354). Nos nossos exemplos não se trata de indivíduos, mas de situações; no entanto, a proposta deste autor para indivíduos justifica-se plenamente, nestes casos, para as situações.

Uma nota, que consideramos relevante, se impõe acrescentar:

- apesar de as estruturas acima contarem com a participação do verbo “ser”, que, segundo a literatura, é o verbo utilizado em predicções adjetivais cujos

¹⁰³ Como medidor da extensão, o adverbial “durante vários anos” só fará sentido se multiplicarmos as situações de contrato (cf. “Os contratos”). Pensamos que, colocado no início, a frase será aceitável, mas, nesse lugar, a sua função será de *frame* ou enquadramento.

predicados são de indivíduo, verifica-se que, nas frases em questão, esse verbo não se identifica com esses predicados, pois, nos exemplos, comportam-se como sendo de estádio.

Observe-se agora o comportamento de adjetivos adverbiais aspetuais de duração descontínua relativamente à oposição predicado de indivíduo/predicado de estádio, começando por aqueles que exprimem iteratividade¹⁰⁴:

- (86) a. A luz do poste de iluminação está intermitente.
b. Sempre que a luz está intermitente, aviso a EDP.
c. A luz esteve intermitente às nove da manhã.
d. A luz esteve intermitente ontem.
e. A luz esteve intermitente durante a manhã.

Os exemplos de predicções adjetivais com adjetivos que exprimem a iteração de situações mostram que, tal como os adjetivos delimitados e os delimitáveis, possuem as características típicas dos adjetivos de estádio. Note-se que, no caso de *intermitente* no exemplo (86), é mesmo “estar” o verbo que participa na construção¹⁰⁵. Observe-se ainda que, dado o caráter pontual, embora repetitivo, de cada ocorrência das situações, permite a combinação com adverbiais pontuais como “às nove da manhã”. No entanto, mantendo o seu caráter estativo, encontramos frases com este adjetivo com o verbo “ser” e, nesses casos, já não se combina com um adverbial pontual, mas com um adverbial de duração, como mostra o exemplo a seguir:

- (87) A passagem da Maria pelo Conselho Diretivo foi intermitente (no ano passado).

Os exemplos com adjetivos que exprimem a habitualidade levam-nos à conclusão de que, dado que se trata de uma situação habitual, mais ou menos longa, embora não forçosamente ininterrupta, não são admitidas expressões que, de uma certa maneira,

¹⁰⁴ Embora se apresente apenas o adjetivo *intermitente*, sublinhe-se que outros adjetivos iterativos se constituem também como predicados de estádio, embora com a participação do verbo “ser” nas predicções.

¹⁰⁵ Refira-se que, embora raramente, o adjetivo *intermitente* pode ocorrer numa construção com o verbo “ser” como em “O brilho das estrelas é intermitente” e, nestas situações, comporta-se como um típico predicado de indivíduo devido às propriedades estáveis das estrelas.

permitam contagem (cf. (88) b.) e que, contrariamente às situações com adjetivos aspetuais que exprimem a iteração, que se combinam com adverbiais pontuais, os adjetivos que exprimem habitualidade não os admitem (cf. (88) c.).

- (88) a. As discussões entre alunos são habituais nas escolas.
b. *Sempre que as discussões entre alunos são habituais, o diretor chama a PSP.
c. *As discussões entre alunos foram habituais às dez da manhã.
d. ?As discussões entre alunos foram habituais no ano passado.
e. ?As discussões entre alunos foram habituais durante o ano letivo anterior.¹⁰⁶

Observem-se a seguir exemplos com adjetivos de frequência.

- (89) a. As idas da Rita ao cinema são raras.
b. *Sempre que as idas da Rita ao cinema são raras, ela vai à discoteca.
c. As idas da Rita ao cinema foram raras no ano passado.
d. *As idas da Rita ao cinema foram raras às três da tarde.
e. Às três da tarde, as idas da Rita ao cinema foram raras.
- (90) a. A fiscalização aos supermercados é periódica.
b. Sempre que a fiscalização é periódica, há mais higiene nos supermercados.
c. ?A fiscalização aos supermercados foi periódica no ano passado.
d. *A fiscalização aos supermercados foi periódica às três da tarde.
e. Às três da tarde, a fiscalização aos supermercados foi periódica.
- (91) a. As aulas de apoio nas escolas são frequentes.
b. Sempre que as aulas de apoio nas escolas são frequentes, os alunos têm melhores resultados.
c. As aulas de apoio nas escolas foram frequentes no ano passado.
d. *As aulas de apoio nas escolas foram frequentes às três da tarde.
e. Às três da tarde, as aulas de apoio nas escolas foram frequentes.

¹⁰⁶ Note-se que em (88 c., d. e e.) as frases seriam aceitáveis se o tempo verbal fosse o Presente, desde que o adverbial temporal fosse adequado, (“As discussões são habituais às dez da manhã”) porque este tempo favorece a habitualidade.

Note-se ainda que a habitualidade obriga a contagem. Numa frase como “Essa discussão é habitual”, não há habitualidade porque se trata de um tipo de discussão.

Em relação à oposição predicado de indivíduo/predicado de estádio, os exemplos revelam, ainda que de forma não muito evidente, diferenças entre os adjetivos aspetuais de duração descontínua de baixa, de média e de alta frequência. Assim, podemos observar a gradação que parte da não aceitabilidade da expressão quantificacional na baixa frequência (cf. (89 b.)) até à relativa aceitação da mesma expressão na média e na alta frequência (cf. (90 b.) e (91 b.)). Este facto ficará a dever-se talvez à interferência da quantificação veiculada pelos próprios adjetivos.

No que diz respeito à combinação com um adverbial de localização, como “no ano passado”, importa referir que a colocação de um ponto de interrogação em (90 c.) se deve ao facto de o sujeito se encontrar no singular, pois, sendo *periódica* um adjetivo que exprime a repetição de uma situação, torna-se necessário que o nome que denota essa situação esteja no plural, aliás como se pode verificar nos exemplos (89) e (91).

Observamos ainda que o adverbial pontual não exerce nas frases a função que pretendemos, e que poderia mostrar que se trata de um predicado de estádio, dado que não se pode localizar a frequência. São “as idas da Rita ao cinema”, para usar o exemplo (89), que são localizadas e não “serem raras”. Observe-se, a propósito, o contraste na aceitabilidade das versões e. dos exemplos (89), (90) e (91) com o adverbial em início de frase e a não aceitabilidade do mesmo adverbial em final de frase (cf. versões d. dos mesmos exemplos).

Restam-nos as situações pontuais de que (92) é um exemplo:

- (92) a. A queda de um meteorito é fulminante.
- b. ?Sempre que a queda de um meteorito é fulminante, ouve-se um grande estrondo.
- c. A queda de um meteorito foi fulminante.
- d. ?A queda de um meteorito foi fulminante às três da tarde.¹⁰⁷

A conclusão que os exemplos com um adjetivo aspetual sem duração nos sugerem é semelhante à verificada com os adjetivos de duração descontínua, pois, aplicados os testes utilizados para a identificação de estados de indivíduo e de estádio, comportam-se

¹⁰⁷ O ponto de interrogação colocado à esquerda do exemplo (92 d.) indica a estranheza da frase; consideramos que a relativa aceitabilidade se deve à presença do indefinido, pois com definido, a frase já seria aceitável.

de modo idêntico, isto é, mostram algumas propriedades dos predicados de estágio, embora o verbo utilizado nas frases seja “ser”.

Sobre a oposição estado de indivíduo/estado de estágio, concluiremos que apenas os adjetivos aspetuais de duração não delimitada podem ser considerados predicados de indivíduo, pois as propriedades atribuídas aos nomes são permanentes, sendo a resposta positiva aos testes que permitem identificar os estados de indivíduo conclusiva a esse respeito. Perante adjetivos aspetuais que se constituem como predicados que não atribuem propriedades permanentes ou meramente estáveis às situações, estes predicados revelam propriedades dos estados de estágio. No entanto, participando em construções com o verbo “ser”, não estará em causa o princípio segundo o qual este verbo caracteriza as predicções de indivíduo?

Numa tentativa de sintetizar as características aspetuais destes adjetivos relativamente à sua pertença a estados de indivíduo ou de estágio, apresentamos o quadro a seguir no qual se pode observar que estados de indivíduo são indubitavelmente os adjetivos não delimitados, compreendendo os estados de estágio os adjetivos delimitáveis, os delimitados e aqueles que não têm duração. Os predicados de duração descontínua habituais, por serem constituídos por um conjunto mais extenso de intervalos, distanciam-se quer de uns quer de outros. Em Cunha (2006), defende-se que os estados habituais “mais do que quantificarem exprimem propriedades gerais” e por “requererem um intervalo longo e estável” “se aproximam dos estados de indivíduo” (p. 346). Embora no que se refere à duração estejam muito próximos dos adjetivos delimitados e dos delimitáveis, que são de estágio, colocamo-los numa zona intermédia, por revelarem muitas propriedades dos estados de ind

Tabela 2: Tipos de predicados aspetuais

Predicados de indivíduo	Predicados habituais	Predicados de estágio
Adjetivos que exprimem situações contínuas não delimitadas	Adjetivos que exprimem situações habituais	Adjetivos que exprimem situações contínuas: - delimitáveis - delimitadas Adjetivos que exprimem situações descontínuas: - iteração - frequência Adjetivos que não exprimem duração

5.1.1. A questão da faseabilidade

Referimos também no Capítulo 2 que há estados que podem converter-se em processos e há outros que nunca alteram o seu perfil aspetual. Segundo Cunha (1998), os primeiros são faseáveis e aqueles que se mantêm imutáveis são os não faseáveis. Dada a sua conversão em processos, os estados faseáveis são, por isso, compatíveis com o Progressivo, participam em construções que sugerem frequência ou habitualidade e em orações principais com o Pretérito Perfeito em construções temporais com “quando”, desde que, nesta última circunstância, indiquem a sucessividade das situações envolvidas na predicação. Veja-se se é o caso dos adjetivos aspetuais de duração não delimitada que temos vindo a tratar.

- (93) a. *O movimento das marés está a ser eterno.
b. *O movimento das marés é eterno habitualmente.
c. *Quando observámos o movimento das marés, ele foi eterno.

Observa-se que, mais uma vez, o comportamento destes adjetivos é sistemático, mesmo no que se refere à faseabilidade, pelo que os consideramos de indivíduo não faseáveis.

A seguir, apresentam-se exemplos de predicções cujos predicados são os restantes adjetivos aspetuais analisados até aqui.

- (94) a. *O contrato de trabalho do João está a ser anual¹⁰⁸.
b. O contrato de trabalho do João é anual habitualmente.
c. Quando o João emigrou, o seu contrato de trabalho foi anual.
- (95) a. *O emprego do João está a ser temporário.¹⁰⁹
b. O emprego do João é temporário habitualmente.
c. #Quando o João trabalhou num *call center*, o emprego dele foi temporário.
- (96) a. *A luz do poste de iluminação está a estar intermitente.
b. A luz do poste de iluminação está intermitente habitualmente.
c. *Quando fui à janela, a luz do poste de iluminação esteve intermitente.
d. #Quando estive à janela, a luz do poste de iluminação esteve intermitente.
- (97) a. As discussões entre os alunos estão a ser habituais.
b. *As discussões entre os alunos são habituais habitualmente.
c. Quando o diretor reorganizou as turmas, as discussões entre os alunos foram habituais.
d. #Quando o diretor esteve ausente, as discussões entre os alunos foram habituais.
- (98) a. As idas da Rita ao cinema estão a ser raras.
b. *As idas da Rita ao cinema são raras habitualmente.
c. #Quando a Rita viveu em Londres, as suas idas ao cinema foram raras.
d. Quando a Rita esteve doente, as suas idas ao cinema foram raras.
- (99) a. A fiscalização aos supermercados está a ser periódica.
b. *A fiscalização é periódica habitualmente.
c. ?Quando houve queixas, a fiscalização foi periódica.
- (100) a. As aulas de apoio nas escolas estão a ser frequentes.
b. ?As aulas de apoio nas escolas são frequentes habitualmente.

¹⁰⁸ A frase só seria aceitável se estivesse no plural.

¹⁰⁹ Cf. nota anterior.

- c. ?Quando os alunos tiveram dificuldades, as aulas foram frequentes.
- (101) a. *A queda de um meteorito está a ser fulminante.
- b. ?A queda de um meteorito é fulminante habitualmente.
- c. *Quando se ouviu um grande estrondo, a queda de um meteorito foi fulminante.
- d. Quando o avião perdeu a hélice, a queda foi fulminante¹¹⁰.

Aplicados os testes, verifica-se:

- a impossibilidade de adjetivos de duração contínua delimitável e delimitada e adjetivos sem duração participarem em estruturas com o Progressivo; relativamente aos adjetivos de repetição, apenas o adjetivo de iteração *intermitente*¹¹¹ não o permite, apesar de os outros testes aplicados mostrarem que poderia tratar-se de um predicado faseável;
- a impossibilidade, por uma questão de redundância, da combinação de adjetivos que exprimem habitualidade com o advérbio “habitualmente”; com este advérbio, que constitui um critério utilizado na identificação dos estados faseáveis, adjacente ao adjetivo *frequente*, a frase é de aceitação duvidosa. A resistência destes tipos de adjetivos de repetição àquele advérbio dever-se-á ao facto de a habitualidade, e também a frequência, serem o resultado de um conjunto de situações que, elas próprias, são iterativas. No entanto, os adjetivos que exprimem a repetição por iteratividade, dado que as situações são constituídas por conjuntos de pontos muito próximos uns dos outros, admitem esse adverbial sem que haja anomalia semântica;

¹¹⁰ Este exemplo deve-se à Professora Fátima Oliveira a quem agradecemos.

¹¹¹ Consideramos que este adjetivo constitui uma exceção dentro do grupo dos adjetivos que exprimem iteração. No entanto, consideramos também que é aí o seu lugar, embora, sob o ponto de vista da duração, cada ocorrência da eventualidade seja muito semelhante à dos adjetivos que não têm duração. Contudo, aplicado o teste que utilizámos para a iteração, “durante cinco minutos”, verificamos que há diferenças notórias entre este adjetivo e *fugaz* ou *momentâneo*, que não têm duração, por exemplo.

- a impossibilidade de uniformização de critérios de participação em orações principais de frases temporais: raras vezes há a interpretação de sucessividade e nos casos em que não existe anomalia semântica (em alguns casos testámos, na oração temporal, eventos e estados), a leitura sugerida é de sobreposição ou de inclusão pelo que nos dispensamos da sua utilização como teste para averiguação da faseabilidade;
- o funcionamento em simetria relativamente à combinação do Progressivo e do advérbio “habitualmente”: nos casos em que as frases são gramaticais com o Progressivo são agramaticais com aquele advérbio e vice-versa.

Ainda a propósito da observação que fizemos sobre a dificuldade de estes adjetivos aceitarem a participação em orações principais de subordinadas temporais, verificámos que nas predicções há também a sua rejeição à participação em frases subordinadas introduzidas por “quando”. Com os verbos no Pretérito Perfeito, as frases tornam-se agramaticais e, por isso, a possibilidade de haver inclusão ou sucessão temporal é nula. Note-se, porém, que, se o verbo estiver no Presente do Indicativo, as frases já são aceitáveis, embora passando a ter uma leitura de habitualidade:

(102) e. Quando a fiscalização dos supermercados é periódica, há mais higiene.

Verificamos ainda que o comportamento das predicções adjetivais com adjetivos que exprimem duração contínua não delimitada, pelo facto de serem genéricas (cf. “O movimento das marés é eterno”), comportam-se de modo diferente, pois não permitem interpretações nem de sucessividade nem de habitualidade como mostra o exemplo (103).

Já as frases genéricas com um adjetivo sem duração, como em “A queda de um meteorito é fulminante”, também rejeitam, como todas as outras frases, a oração com “quando” numa leitura de sucessividade (cf. (104 a.)), mas permitem a leitura habitual (cf. (104 b.)). Observem-se os exemplos:

(103) a. *Quando o movimento das marés foi eterno, o mar tornou-se violento.

- b. *Quando o movimento das marés é eterno, o mar torna-se violento.
- (104) a. *Quando a queda de um meteorito foi fulminante, as pessoas assustaram-se.
- b. Quando a queda de um meteorito é fulminante, as pessoas assustam-se.

Conclui-se assim que a dificuldade que estes adjetivos revelam ter quanto à participação em orações temporais com “quando” e com o verbo no Pretérito Perfeito é natural, pois, em certa medida, trata-se também de uma quantificação sobre eventos que eles não aceitam com muita naturalidade. Outra explicação poderá ser a que se segue:

Na literatura está estabelecido que um predicado de indivíduo pode participar em orações com “quando” e, nesse sentido, ser faseável, dado que se converte num processo. Os exemplos seguintes são elucidativos a esse respeito:

(106) *Quando o Rui foi alto, inscreveu-se no basquetebol.

(Cunha, 2008, p. 110)

(107) Quando o Rui foi simpático, toda a gente se espantou.

O exemplo (106) ilustra uma situação na qual o predicado é não faseável e, por conseguinte, é agramatical num contexto de localização temporal com “quando” enquanto o exemplo (107) é um caso de um predicado faseável sendo essa localização possível.

Ora, nos exemplos em causa, o sujeito das orações temporais é um nome próprio e esta circunstância poderá explicar o motivo pelo qual as predicções com adjetivos de frequência resistem à integração nestas predicções com “quando”. Na verdade, excetuando os adjetivos de duração não delimitada, que são não faseáveis, estando, portanto, a sua situação bem definida, os sujeitos das frases com adjetivos de duração delimitável, de duração delimitada, de duração descontínua e sem duração são nomes que não denotam indivíduos, mas situações. Por isso, a questão da integração em construções temporais não é, como já afirmámos, aplicável com estes adjetivos.

Outro problema que ocorre com os adjetivos de frequência diz respeito à possibilidade de as predicções que os incluem admitirem o Progressivo. Na distinção

entre predicados proposta por Vendler (1967), uma das propriedades que caracterizam os estados é exatamente a ausência de dinamismo, o que os impede de admitirem o Progressivo. Contudo, pelo menos em português, os predicados de indivíduo podem, sob certas condições, aceitá-lo. Na sua reformulação das categorias de Vendler (1967), Dowty (1979) propõe que há estados que aceitam o Progressivo, acontecendo este fenómeno justamente em predicados de indivíduo. Os exemplos seguintes dão conta de dois estados de indivíduo: um não faseável (cf. (108)) e outro faseável (cf. (109)):

- (108) a. A mesa é retangular.
b. *A mesa está a ser retangular.
c. *A mesa esteve a ser retangular.
- (109) a. O João é simpático.
b. O João está a ser simpático.
c. O João esteve a ser simpático.

Consideramos que a possibilidade de comparecerem em construções com o Progressivo está relacionada com o carácter dinâmico dos predicados demonstrado através dos exemplos acima e que está também presente nas predicções com adjetivos de frequência; com adjetivos como *anual* em “contrato anual” ou *temporário* em “um emprego temporário”, que revelam não ter uma componente eventiva que lhes permita transformar um estado num processo como acontece com aquelas construções, o Progressivo é excluído. Os exemplos seguintes mostram, através dos testes clássicos que provam que uma predicação é não eventiva, essa característica não eventiva destes predicados: em (110), verifica-se a incompatibilidade de um estado com o Imperativo e em (111), observa-se que um estado não manifesta a interpretação relevante de habitualidade com o Presente, isto é, parece preferir uma leitura de presente real em sobreposição com o momento de enunciação:

- (110) *Sê anual/temporário.
- (111) O contrato de trabalho é anual/temporário (neste momento/
/#habitualmente).

Concluimos, pois, que, relativamente à faseabilidade, existe uma zona neutra, que compreende os adjetivos de duração delimitada e delimitável, os de duração descontínua

e os adjetivos sem duração, à qual não é possível aplicar esta propriedade: nem são faseáveis nem não faseáveis, na medida em que, dada a irregularidade no seu comportamento, a classificação fica comprometida, pois não é possível aplicar nem uma propriedade nem outra. Na verdade, sobre esta questão há vários fatores a ponderar entre os quais a natureza dos nomes e o conhecimento do mundo.

O quadro seguinte faz a distinção entre os adjetivos aspetuais no que diz respeito à propriedade da faseabilidade.

Tabela 3: Classificação de adjetivos quanto à distinção faseável/não faseável

Predicados faseáveis	Predicados não faseáveis	Predicados aos quais não se aplica a propriedade
Ø	Adjetivos de duração não delimitada	Adjetivos de duração contínua delimitável Adjetivos de duração contínua delimitada Adjetivos de duração descontínua Adjetivos sem duração

Esta conclusão vem ao encontro da observação feita por Cunha (2007) segundo a qual “os estados não se encontram apenas nos dois polos da oposição “faseável”/”não faseável”, mas também em (possivelmente) muitas outras “zonas” no interior de tal distinção” (Cunha, 2007, p. 87).

Teoricamente, esperar-se-ia que, devido a algumas semelhanças com os adjetivos qualificativos, os adjetivos aspetuais se comportassem aspetualmente como esses. Porém, contrariamente ao que acontece com muitos adjetivos qualificativos em que a oposição faseável/não faseável é de grande importância para a sua interpretação, nos adjetivos aspetuais essa distinção não é operativa, não constituindo, pois, a faseabilidade um critério relevante para a sua classificação. No nosso entender, este fenómeno ficará a dever-se ao facto de estes adjetivos serem já aspetuais por natureza e, por isso, não serem passíveis de coerção aspetual¹¹².

¹¹² A propósito de coerção aspetual, veja-se, por exemplo, De Swart (1998) e Escandell-Vidal & Leonetti (2002).

5.1.2. A questão da telicidade

Lefeuve & Nicolas (2003) propõem que, nas frases nominais existenciais (expressões nominais) vários elementos linguísticos concorrem para influenciar as suas características aspetuais, nomeadamente no que diz respeito à telicidade, sendo os adjetivos uma das classes de palavras que podem assumir esse papel. Assim, expressões nominais como (112) e (113) ilustrariam casos de mudança aspetual:

- (112) a. Lecture du Cimetière Marin (en/*pendant une heure).
b. Lecture quotidienne du Cimetière Marin (*en/pendant un mois).
(113) a. Victoire (en/*pendant une heure).
b. Victoire quotidienne (*en/pendant un mois).

(Lefeuve & Nicolas, 2003)

Os exemplos revelam que a introdução do adjetivo *quotidien*, que marca a frequência, transforma uma predicação télica em atélica. Este fenómeno ocorre com nomes deverbais associados a processos culminados e a culminações modificados por adjetivos de frequência – denominais, como *diário*, *semanal*, etc. e ainda *frequente* ou *regular*¹¹³. Com adjetivos do mesmo tipo ligados a nomes de processo (cf. (114)) e de estado (cf. (115)) não se verifica alteração, pois, quer usados sem modificação quer com modificação, só admitem o adverbial “durante x tempo”. Os exemplos abaixo dão conta da particularidade destes nomes:

- (114) a. Trabalho na escola durante um mês/*num mês.
b. Trabalho diário na escola durante um mês/*num mês.
(115) a. Estadia no hotel durante um mês/*num mês.
b. Estadia diária no hotel durante um mês/*num mês.

Os autores citados apresentam ainda o exemplo de um adjetivo que indica duração, como *ininterrupto*, cuja introdução em predicações com processos ou com processos culminados não implica uma mudança como a verificada anteriormente com um adjetivo de frequência. Vejamos uma frase, dita existencial, com um nome de processo,

¹¹³ Apenas os adjetivos de frequência baixa, como *raro*, parecem resistir a esta construção, aliás, como acontece em outras circunstâncias sempre que se pretende combinar este adjetivo com adverbiais temporais.

traduzida e adaptada para o português, que mostra de forma categórica a justeza das intuições destes autores:

(116) a. Trabalho (durante três horas/*em três horas).

b. Trabalho ininterrupto (durante três horas/*em três horas).

No entanto, consideramos que, em português, os processos culminados se comportam, nesta matéria, de maneira diferente dos processos. Observe-se o exemplo seguinte no qual foi utilizada a expressão nominal proposta pelos autores: “construção da casa”.

(117) a. Construção da casa (durante três meses/ em três meses).

b. Construção ininterrupta da casa (durante três meses/*em três meses).

Como se pode observar, em português, esta estrutura, sem modificação, admite os dois tipos de adverbiais; introduzindo um adjetivo de caráter durativo, apenas permite o adverbial de duração “durante”. Trata-se de um *degree achievement* (cf. Dowty, 1979) caracterizado pelo seu caráter télico e simultaneamente atélico, construção que, contrariamente aos processos culminados canônicos, não implica a obrigação de a fronteira final ser atingida, conforme mostra o exemplo (117 a.). Esta característica dos *degree achievements* está relacionada com o seu caráter escalar, pois, como já mostrámos no capítulo anterior a propósito da escalaridade nos adjetivos, eles descrevem situações sujeitas a mudança que pode ser observada ao longo de uma escala. Com a aplicação de um adjetivo de caráter durativo, a predicação perde a telicidade obrigatoriamente (cf. (117 b.)).

5.1.3. O caso de *longo* novamente

Referimos atrás algumas particularidades do adjetivo *longo*, nomeadamente a possibilidade de exprimir situações não delimitadas e, simultaneamente, delimitáveis, e ainda, para além desta leitura aspetual, também poder ser considerado qualificativo. Como se trata de um adjetivo que admite os verbos “ser” e “estar”, a nossa intenção é verificar se *longo* constitui um predicado de indivíduo ou de estágio e se admite fases. Observem-se alguns exemplos:

- (118) a. O discurso do ministro é longo.
b. #O discurso do ministro está longo.
- (119) a. A viagem do Gonçalo é longa.
b. #A viagem do Gonçalo está longa.

Observa-se, através destes exemplos, que, com o verbo “ser”, o adjetivo *longo* apresenta uma leitura aspetual e que com o verbo “estar”, classifica-se como qualificativo.

Note-se, porém, que as situações podem alterar-se se substituirmos o Presente pelo Pretérito Perfeito e pelo Imperfeito. Com efeito, no Pretérito Perfeito, o adjetivo mantém a sua leitura de adjetivo aspetual (cf. (118) c. e (119) c.) e com o Imperfeito, converte-se em qualificativo (cf. (118) d. e (119) d.):

- (118) c. O discurso do ministro foi longo (excedeu o tempo previsto).
d. #O discurso do ministro era longo (por isso, ele avançou algumas páginas).
- (119) c. A viagem do Gonçalo foi longa (demorou meses).
d. #A viagem do Gonçalo era longa (mas ele encurtou-a).

Como predicado de nomes eventivos, verifica-se que o adjetivo:

- com o Presente do verbo “ser”, exprime uma situação de duração contínua delimitável; com o verbo “estar” no mesmo tempo, assume a categoria de qualificativo;

- com o Pretérito Perfeito do verbo “ser”, mantém-se como adjetivo aspetual de duração contínua delimitável;
- com o Imperfeito do verbo “ser”, assume a sua categoria de adjetivo qualificativo.

Considerando agora o comportamento dos adjetivos associados a nomes que denotam entidades, é curioso verificar que, em circunstâncias idênticas, isto é, utilizando os três tempos, a interpretação dos adjetivos é inalterável, pois mantêm-se qualificativos:

- (120) a. Os cabelos loiros da Astrid são longos.
 b. Os cabelos loiros da Astrid foram longos (agora não são).
 c. Os cabelos loiros da Astrid eram longos.
 d. Os cabelos loiros da Astrid estão longos.
 e. Os cabelos loiros da Astrid estiveram longos.
 f. Os cabelos loiros da Astrid estavam longos.
- (121) a. O nome de Picasso é muito longo.
 b. *O nome de Picasso foi muito longo.¹¹⁴
 c. O nome de Picasso era muito longo.

Como o objetivo deste ponto é verificar se o adjetivo aspetual *longo* revela propriedades de predicado de indivíduo ou de estádio, e como já se verificou que ele só ocorre com o verbo “ser”, parecerá, numa primeira análise, que se tratará de um predicado de indivíduo. Recorrendo aos testes usuais para identificação entre predicados de indivíduo e de estádio, observe-se o exemplo (122):

- (122) a. Sempre que o discurso é longo, os deputados conversam.
 b. O discurso do ministro foi longo no ano passado (o deste ano não demorou tanto tempo).
 c. *O discurso do ministro foi longo às três da tarde.

¹¹⁴ É do conhecimento do mundo que a entidade denotada pelo nome “Picasso” já não existe. É por isso que só se admite o Imperfeito. Porém, neste caso, como se trata de uma figura universal, também é permitido o Presente (Presente histórico).

- d. O discurso do presidente é longo habitualmente.
- e. *Quando a sessão abriu, o discurso do presidente foi longo.
- f. O discurso do presidente está a ser longo.

Na sua qualidade de adjetivo aspetual, *longo* mostra afinidades com os adjetivos que exprimem uma situação delimitável, pois, excetuando, como estes, a rejeição da presença de adverbiais pontuais, apresenta, também como estes, características de predicados de estádio. No que diz respeito à faseabilidade, aproxima-se dos adjetivos de duração descontínua e, na medida em que aceita o advérbio “habitualmente”, aproxima-se novamente dos adjetivos de duração delimitável.

Tendo em conta apenas o nome - “discurso”¹¹⁵ -, as divergências entre *longo* aspetual e *longo* qualificativo residem não só na seleção do verbo, como já se observou anteriormente, mas ainda em outros parâmetros de que os exemplos seguintes dão conta:

- (123) a. O discurso do presidente está longo.
- b. Sempre que o discurso do presidente está longo, o assessor elimina algumas passagens.
- c. *O discurso do presidente esteve longo no ano passado (o deste ano esteve curto).
- d. *O discurso do presidente esteve longo às três da tarde.
- e. *Quando o assessor fez o discurso, este esteve longo.
- f. #O discurso está a ser longo.

A partir destes exemplos, observa-se que:

- contrariamente a *longo* aspetual, este adjetivo, como qualificativo, não permite adverbiais de localização temporal simples;
- a construção com o Progressivo é uma prerrogativa do adjetivo aspetual e não do qualificativo.

¹¹⁵ Os nomes “sermão”, “exposição”, “explicação”, porque pressupõem a oralidade, comportam-se de modo diferente de, por exemplo, “texto”, que está mais associado à escrita. Por isso, é possível o Progressivo em predicções com aqueles nomes e não é admitido com este “O texto está longo”/*“O texto está a ser longo”.

5.1.4. O caso dos adjetivos aspetuais denominais novamente

Como já foi mencionado anteriormente, os adjetivos aspetuais denominais podem medir e contar as situações conforme os nomes aos quais se aplicam. Dada a sua origem denominal, nem sempre tomam parte em construções predicativas, como é o caso de “tarifa horária”. No entanto, mediante certas operações de carácter sintático e semântico, muitos destes adjetivos podem converter-se em predicados e, sempre que isso acontece, devido ao carácter da duração¹¹⁶ e à possibilidade de repetição das situações em que estão envolvidos, podem ser considerados predicados de estágio¹¹⁷.

Convém, no entanto, sublinhar que, tal como outros adjetivos aspetuais, o seu comportamento no que se refere à oposição predicado de indivíduo/predicado de estágio não é uniforme, existindo algumas diferenças entre eles conforme exprimem as propriedades de “ser válido por x tempo”, a duração ou a frequência. Assim, em “O passe do João é mensal”, cujo adjetivo classificámos como sendo de medição, mas exprimindo simultaneamente validade e duração, o predicado rejeita todos os testes que normalmente são aceites pelos predicados de estágio. No entanto, na frase “A cadeira de Linguística é semestral”, o adjetivo também é de medição, mas, tal como muitos outros, apresenta algumas propriedades dos predicados de estágio. Situações semelhantes ocorrem com outros adjetivos como é o caso daqueles que indicam frequência: em “A *Vogue* é mensal”¹¹⁸ o predicado apresenta mais propriedades de estágio do que em “O salário do João é mensal”. Com efeito, o nosso conhecimento do mundo permite-nos distinguir um maior grau de transitoriedade na saída de uma revista do que na mudança de período do recebimento de um salário.

¹¹⁶ Como não exprimem propriedades em situações não delimitadas, não podem ser considerados predicados de indivíduo.

¹¹⁷ Na literatura, nomeadamente em Demonte (1999, p. 143), afirma-se que, dado que os adjetivos relacionais, como descrevem propriedades estáveis só se predicam com “ser” são, por isso, predicados de indivíduo. Ora, aquilo que propomos é que estes adjetivos aspetuais, apesar de serem tão parecidos com os relacionais e utilizarem o verbo “ser” nas predicções, não descrevem propriedades estáveis.

¹¹⁸ Demonte (1999, p. 158) utiliza o exemplo “A revista é mensal” para mostrar que um adjetivo relacional como *mensal* pode ser, sob determinadas condições, predicativo. Consideramos que no exemplo em questão, o adjetivo é aspetual, dado exprimir repetição de situações.

5.2. Presença de advérbiais nas predicções com adjetivos aspetuais

Nas predicções em geral, os advérbiais temporais desempenham um papel relevante como localizadores das situações e na determinação da sua frequência e da sua duração. A seguir, vamos fazer a distinção entre estes advérbiais temporais a fim de, posteriormente, podermos averiguar a importância destes elementos gramaticais em predicções adjetivais com adjetivos aspetuais.

De acordo com Kamp & Reyle (1993), Mória (1999) e Matos (1999), os advérbiais temporais, que se agrupam em três categorias tendo em conta as funções da localização, da frequência e da duração, possuem as características que se seguem.

1. Os advérbiais de localização temporal podem ser:

- de localização absoluta – “o dia um de maio”; “o dia da implantação da República”;
- de localização relativa - dêitica - “ontem”; “no ano passado”;
- anafórica - “no ano seguinte”.

2. Os advérbiais de contagem expressam:

- a relação entre um evento e o número de vezes que é realizado num determinado período de tempo: “jogar futebol uma vez por semana”;
- a relação entre um evento e um período de tempo indeterminado: “jogar futebol habitualmente”.

3. Os advérbiais de medição possuem as seguintes propriedades e funções:

- não localizam as situações, mas determinam a sua duração;
- combinam-se com processos e indicam duração: “correr durante 1 hora”;
- combinam-se com processos culminados e indicam duração e delimitação:

“correr a maratona em 52 minutos”.

As principais funções dos advérbios de localização, de contagem e de medição são, como é óbvio, localizar, contar e medir as situações, respetivamente. Apesar de a localização ser uma propriedade relacionada com o tempo, tivemos já ocasião de observar que os advérbios de localização temporal, combinados com predicados adjetivais aspetuais, exercem, como os outros advérbios de carácter eminentemente aspetual, grande influência nas predicções. No ponto seguinte, o nosso objetivo é justamente averiguar da sua aceitabilidade na combinação com adjetivos aspetuais.

5.2.1. Advérbios de localização temporal

A localização temporal não é uma função dos adjetivos aspetuais. No entanto, podem combinar-se com advérbios de localização temporal. No que se refere aos advérbios de localização absoluta, observa-se que não se aplicam aos adjetivos de duração contínua não delimitada visto que, dadas as propriedades das situações serem estáveis e durativas, é difícil determinar um ponto dos intervalos.

Observe-se a diferença de comportamento entre um adjetivo de duração longa (cf. 124), que não se combina com um advérbio de duração absoluta, e de outros adjetivos aspetuais de duração contínua curta (cf. (125) e (126)), sem duração (cf. (127)) e de duração descontínua (cf. (128)) que, pelo contrário, permitem ser localizados temporalmente, já que é possível estabelecer limites.

(124) *O movimento das águas do mar foi eterno em 2010.

(125) O emprego do João foi temporário em 2010.

(126) A cadeira de Introdução foi semestral em 2010.

(127) O ataque dos terroristas foi fulminante em 2010.

(128) Os encontros do Ivo com a Lia foram frequentes/raros/periódicos em 2010.

Os advérbios de localização relativa (dêitica ou anafórica) não se aplicam aos adjetivos como *eterno* ou *perpétuo*, dado que, como estes adjetivos não são delimitados e ocupam um intervalo muito longo do qual se desconhece o princípio e o fim, não é possível utilizar advérbios que estabeleçam fronteiras temporais. Os adjetivos que

exprimem um intervalo mais curto e aos quais é possível determinar o início e o fim da situação na qual se integram, permitem, por esta razão, adverbiais de caráter dêitico e anafórico nas predicções. Comportamento semelhante a estes revelam possuir os adjetivos que exprimem repetição pela razão de a duração dos intervalos ser indeterminada.

Os exemplos seguintes parecem provar a pertinência destas observações:

- (129) a. *O movimento das águas do mar foi eterno ontem.
b. *O movimento das águas do mar tinha sido eterno no ano anterior.
- (130) a. O emprego do João foi temporário no ano passado.
b. O emprego do João tinha sido temporário no ano anterior.
- (131) a. A cadeira de Introdução foi semestral no ano passado.
b. A cadeira de Introdução tinha sido semestral no ano anterior.
- (132) a. O ataque dos terroristas foi fulminante ontem.
b. O ataque dos terroristas tinha sido fulminante no ano anterior.
- (133) a. Os encontros do Ivo com a Lia foram frequentes/raros/periódicas no ano passado.
b. Os encontros do Ivo com a Lia tinham sido frequentes/raros/periódicos no ano anterior.

5.2.2. Adverbiais de contagem

Os adverbiais de contagem como “quatro vezes por ano” ou “todos os anos” aplicam-se em frases com adjetivos aspetuais de duração. Contudo, em quase todos os casos, não acrescentam informação relevante à expressão nominal constituída pelo nome e o adjetivo. Isto significa que a modificação adverbial tem alcance sobre todo o predicado e que o adjetivo não sofre nem exerce nenhuma influência no processo. Os exemplos seguintes ilustram essa característica destes adjetivos em posição atributiva:

- (134) O Rui observou o movimento eterno das águas do mar (quatro vezes por ano/todos os anos).
- (135) O emprego temporário do Rui preocupou-o (quatro vezes por ano/todos os anos).

- (136) A FLUP tem uma cadeira semestral de Linguística (*quatro vezes por ano/todos os anos).
- (137) A aldeia sofreu um ataque fulminante dos terroristas (quatro vezes por ano/todos os anos).
- (138) O Ivo teve frequentes/periódicas/raras reuniões com a Lia (quatro vezes por ano/todos os anos) (no período em que durou o projeto).

Relativamente aos dois primeiros exemplos, os adverbiais de frequência modificam o predicado e não interferem com a duração expressa pelo adjetivo (não delimitada em (134) e potencialmente delimitada em (135), visto que a frequência se relaciona com o ato de observar o mar e com as preocupações, respetivamente. No exemplo (136), dado o significado de *semestral*, não é possível a inclusão do adverbial de contagem “quatro vezes por ano”, mas, tal como acontece com os adjetivos de duração não delimitada, também nos de duração delimitada os adverbiais de frequência não têm influência no significado do adjetivo. Embora no exemplo (137) haja um adjetivo pontual, o nome ao qual está associado tem estrutura eventiva e com duração, daí que o resultado seja idêntico ao dos exemplos anteriores. Em (138), a situação é um pouco diferente, visto que é necessário um contexto especial de demarcação do evento (cf. “no período em que durou o projeto”) para que aqueles adverbiais não provoquem a agramaticalidade da frase. Convém sublinhar que, embora se trate de contagens não específicas, os adjetivos de duração descontínua têm funções de cardinalidade tal como os nomes contáveis, particularmente em anteposição ao nome, fenómeno aliás comum a adjetivos pertencentes a outras classes que se recategorizam como quantificadores (cf. “vários livros/livros vários”; “numerosas famílias/famílias numerosas”). Por isso, se não estiverem devidamente contextualizados, os adverbiais de frequência são incompatíveis, devido à redundância instaurada, com os adjetivos aspetuais de frequência.

Como pudemos observar, em posição atributiva, excetuando talvez o caso de (138) com adjetivos de frequência, os adjetivos não têm influência sobre a seleção dos adverbiais de frequência. Por isso, vamos repetir o exercício com os adjetivos em posição predicativa, isto é, com influência na predicação.

Para os exemplos que vamos observar, seleccionámos adjetivos de duração contínua não delimitada, como *eterno* e *perpétuo*, e incluímos no grupo dos adjetivos de duração contínua delimitada e delimitável, como *semestral* e *temporário*, respetivamente, adjetivos sem duração (cf. *fulminante*) e dos adjetivos de duração descontínua,

analisámos, por serem os mais numerosos, o comportamento dos adjetivos de frequência.

Importa sublinhar que, em português, os adjetivos de duração contínua não delimitada e os adjetivos sem duração não existem em número relevante, acontecendo que, no que diz respeito à presença de adverbiais temporais, embora encontrando-se nos extremos do sistema adjetival aspetual, uns por medirem um intervalo sem início nem final demarcados e outros sem terem início nem final visível, o comportamento de ambos os grupos é semelhante.

- (139) O movimento das águas do mar foi eterno (*quatro vezes por ano/*todos os anos).
- (140) ?O emprego do Rui foi temporário (quatro vezes por ano/todos os anos).
- (141) Na FLUP, a cadeira de Linguística foi semestral (*quatro vezes por ano/todos os anos).
- (142) ?O ataque dos terroristas foi fulminante (quatro vezes por ano/todos os anos).
- (143) Os encontros do Ivo com a Lia foram frequentes/raros/regulares (*quatro vezes por ano/*todos os anos).

Os exemplos mostram que estes adverbiais são incompatíveis com adjetivos de duração contínua e descontínua. Porém, os exemplos de aceitação duvidosa (cf. (140) e (142)) seriam gramaticais se o determinante estivesse no plural (“o ataque” vs. “os ataques”). A permissão de um adverbial de frequência como “todos os anos” numa frase com o adjetivo *semestral* deve-se provavelmente ao facto de este adjetivo poder fazer contraste com outros adjetivos do mesmo tipo como *anuais* ou *bianuais*. Convém referir que, na frase com este adjetivo, é possível substituir o adverbial pelo advérbio “habitualmente”.

Consideramos que a agramaticalidade das frases com adverbiais de frequência se deve ao facto de os adjetivos exprimirem repetição de situações e, por isso, não comportarem adverbiais de quantificação como os que foram utilizados.

5.2.3. Adverbiais de medição

Nas predicções, os adverbiais estritamente durativos, como “durante x tempo”, têm apenas a função de marcar a duração em situações de processo; os adverbiais como “em x tempo” têm a dupla função de, em situações de processos culminados, marcar a duração e delimitá-la. Sobre a relevância deste tipo de adverbiais nas predicções adjetivais, já nos referimos anteriormente a propósito dos adjetivos de duração descontínua.

Observem-se exemplos com estas duas variantes dos adverbiais de duração.

- (144) a. *O movimento das águas do mar foi eterno durante quatro anos.
b. *O movimento das águas do mar foi eterno em quatro anos.
- (145) a. O emprego do João foi temporário durante quatro anos.
b. *O emprego do João foi temporário em quatro anos.
- (146) a. A cadeira de Introdução foi semestral durante quatro anos seguidos.
b. *A cadeira de Introdução foi semestral em quatro anos seguidos.
- (147) a. *O ataque dos terroristas foi fulminante durante uma hora.
b. *O ataque dos terroristas foi fulminante em uma hora.
- (148) a. Os encontros do Ivo com a Lia foram frequentes/raros/regulares durante quatro anos.
b. *Os encontros do Ivo com a Lia foram frequentes/raros/regulares em quatro anos.

Através dos exemplos, observa-se que permitem apenas adverbiais de simples duração, como se de predicados de processo se tratassem, os adjetivos aspetuais de duração contínua delimitáveis e delimitados e os adjetivos de duração descontínua de frequência. Os adverbiais de duração e de delimitação estão sujeitos a restrição.

O quadro a seguir sistematiza as ocorrências de adjetivos aspetuais em posição predicativa em combinação com adverbiais de contagem, de localização e de duração.

Tabela 4: Ocorrência de adverbiais temporais em predicções adjetivais aspetuais

	Adverbiais de contagem		Adverbiais de localização			Adverbiais de duração	
	Ex.: “x vezes por x tempo”	Ex.: “habitualmente”	Ex.: “em x”	Ex.: “no ano passado”	Ex.: “no ano anterior”	Ex.: “durante x tempo”	Ex.: “em x tempo”
Duração contínua							
Não delimitados	não	não	não	não	não	não	não

Delimitáveis	não	não	sim	sim	sim	sim	não

Delimitados	não	não	sim	sim	sim	sim	não
Duração descontínua							
Frequência	não	não	sim	sim	sim	sim	não
Sem duração	não	não	sim	sim	sim	não	não

Como se pode observar, há sistematicidade no comportamento dos adjetivos aspetuais em posição predicativa acompanhados de adverbiais temporais. É importante sublinhar que uma das exceções se verifica com os adjetivos sem duração porque, tal como os de duração longa, não permitem, como era esperado, a presença de adverbiais de duração. No caso dos adjetivos de duração longa, essa interdição justifica-se por serem de duração não delimitada; no que diz respeito aos adjetivos sem duração, dá-se o fenómeno inverso justamente por não apresentarem estrutura temporal.

Conforme já foi referido anteriormente, os adjetivos aspetuais em posição predicativa têm com os adverbiais temporais uma relação diferente da que têm em posição atributiva, já que em posição predicativa são os adjetivos que determinam e aceitam, ou não, a modificação adverbial. Em posição atributiva, é o tipo de predicação que impõe o tipo de adverbiais. Se uma eventualidade é delimitada, isto é, se se trata de um processo culminado, admite adverbiais do tipo “em x tempo” e se é não delimitada, ou atélica, como os processos, por exemplo, não os admite, aceitando, porém, adverbiais do tipo “durante x tempo”. Com os adjetivos em posição predicativa, a

situação é diferente, pois, como já observámos, adjetivos de duração não delimitada, como *eterno* e *perpétuo* não permitem esse adverbial; pelo contrário, adjetivos que podem ser delimitados aceitam os dois tipos de adverbiais.

Outro aspeto que julgamos ser relevante está relacionado com o facto de os adjetivos que, em posição predicativa, nunca admitem adverbiais temporais e adjetivos que os admitem em determinados contextos, estarem em relação direta com o tipo de estados: os primeiros são predicados de indivíduo não faseáveis e os outros são predicados de estágio aos quais a propriedade da faseabilidade não se aplica.

5.2.4. *Longo* novamente

Ainda sobre o adjetivo *longo*, convém referir que, no que diz respeito à presença de adverbiais temporais, este adjetivo comporta-se de forma diferente de todos os outros. Assim, sob determinadas condições, admite, tal como os adjetivos de duração descontínua e os adjetivos sem duração, adverbiais de contagem. Observem-se os seguintes exemplos:

- (149) a. O discurso do presidente é longo (três vezes por ano).
b. O discurso do presidente é longo todos os anos.

A frase do exemplo (149 a.) é admissível num contexto em que o presidente faz discursos longos três vezes por ano, no dia cinco de outubro, no dia dez de junho e no dia vinte e cinco de abril, por exemplo. Na outra versão, o presidente discursa apenas uma vez por ano e fá-lo longamente.

Relativamente aos adverbiais de localização, este adjetivo comporta-se da mesma forma que os adjetivos de duração contínua delimitável e delimitada, pois aceita-os sem restrições, mostrando, assim, que as situações nas quais toma parte podem ser demarcadas temporalmente.

Os adverbiais de duração não são permitidos em predicções adjetivais com *longo*, exatamente como com os adjetivos de duração não delimitada e com os adjetivos sem duração, o que prova que este adjetivo tem um comportamento peculiar, pois ora se enquadra num grupo ora noutro.

5.2.5. Relação dos adjetivos aspetuais com os advérbios em *–mente*

Reabrimos neste ponto a questão da proposta apresentada por Giry-Schneider (1977), Demonte (1999) e Bosque (2010) segundo a qual a designação de adjetivos adverbiais se deve à possibilidade de estes adjetivos se converterem em advérbios terminados em *–mente*, se as expressões em que ocorrem forem transformadas em frases. Nos exemplos apresentados por Demonte (1999, p. 205), observa-se que, para se obter a conversão do adjetivo em advérbio, é necessário transformar-se o nome modificado em verbo. Repetem-se os exemplos que ilustram a proposta desta autora:

(150) *Mirada fría* ↔ *Miró fríamente*.

(151\) *Viaje largo*. ↔ *Viajó largamente*.

(152) *Presumible ataque*. ↔ *Atacarán, presumiblemente*.

Demonte (1999)

Lançamos de novo este tema a propósito de Schäfer (2007) admitir a combinação de adjetivos de frequência com certos tipos de nomes (cf. “uma cerveja ocasional” ou “um café frequente”) que não são nominalizações de agente ou eventivas como as que estes adjetivos tipicamente selecionam. Recorrendo às leituras semânticas das frases com adjetivos de frequência propostas por Stump (1981), este autor defende que essas leituras estão relacionadas com o tipo de nome modificado, dependendo dele, em última instância, a adverbialização. Assim, uma frase com leitura genérica cujo nome modificado seja uma nominalização de evento não permite, em princípio, a conversão do adjetivo em advérbio, mas se o nominal for de agente, essa possibilidade existe e a leitura é adverbial. Os seus exemplos são os seguintes:

(153) a. *A daily walk is good for your health*.

b. ~~↔~~ *Daily, a walk is good for your health*.

(Schäfer, 2007, p. 3)

(154) a. *An occasional sailor strolled by*.

(Schäfer 2007, p. 3, *apud* Bolinger, 1967)

b. ↔ *Occasionally, a sailor strolled by*.

(Schäfer, 2007, p. 3)

O exemplo (153) mostra que uma frase com leitura genérica não permite a implicação, no caso de o adjetivo se transformar em advérbio; contudo, isso não acontece numa frase com leitura adverbial, como a de (154), pois a transformação não impede que haja implicação.

Quer a proposta de Schäfer (2007) quer a de Demonte (1999) merecem-nos alguns comentários. Começemos com a conversão do adjetivo em advérbio na leitura genérica. De facto, tal como Schäfer (2007) propõe para o inglês, colocado em início de frase, o advérbio não corresponde, também em português, ao adjetivo. Nessa posição, o advérbio exercerá uma função contrastiva, tendo escopo sobre toda a frase e não apenas sobre o sujeito.

Nos exemplos de Demonte (1999) vistos anteriormente, verifica-se que a conversão aí proposta incide apenas sobre expressões nominais descontextualizadas. Utilizando o seu teste (versões c.), veja-se, para o português, como se comportam, no que diz respeito à sua possível adverbialização, estes adjetivos em frases genéricas:

- (155) a. Uma caminhada diária faz bem à saúde.
b. ~~↗~~ Diariamente, uma caminhada faz bem à saúde.
c. \leftrightarrow Caminhar diariamente faz bem à saúde.
- (156) a. Uma poda anual faz parte do trabalho do vinicultor.
b. ~~↗~~ ?Anualmente, uma poda faz parte do trabalho do vinicultor.
c. \leftrightarrow Podar anualmente faz parte do trabalho do vinicultor.

Os exemplos permitem-nos verificar que, para frases genéricas do português, a proposta de Schäfer (2007) é pertinente em expressões nominais com função de sujeito, isto é, nesses contextos não há adverbialização. Note-se, porém, que o advérbio utilizado pelo autor tem a função de advérbio de frase e a transformação exige que seja de predicado¹¹⁹. Pelo que os exemplos acima mostram, a proposta de Demonte (1999) parece ter consistência. No entanto, repare-se que, apesar de o nome poder ser transformado em verbo, o processo de transformação se efetua; é de sublinhar que, como se trata de derivação imprópria, o verbo funciona como se fosse um nome.

¹¹⁹ Costa (2008) defende que os advérbios temporais, mesmo em início de frase, conservam a sua interpretação em qualquer local da frase; no entanto, parece-nos que, nestes casos, o advérbio poderá alterar o seu significado.

Confirme-se agora se, em posição de objeto, as circunstâncias da conversão do adjetivo em advérbio são idênticas às verificadas quando a expressão nominal se encontra em posição de sujeito. Observem-se os seguintes exemplos:

- (157) a. Os médicos aconselham uma caminhada diária.
b. \nrightarrow Diariamente, os médicos aconselham uma caminhada.
c. \leftrightarrow Os médicos aconselham caminhar diariamente.
- (158) a. As videiras precisam de uma poda anual.
b. \leftrightarrow Anualmente, as videiras precisam de uma poda.
c. \leftrightarrow As videiras precisam de ser podadas anualmente.

Observados os exemplos, verifica-se, em primeiro lugar, que o advérbio em posição inicial pode fazer perder o significado original da frase e, dependendo do verbo utilizado, o advérbio pode estar relacionado com o sujeito, como é o caso de (157 b.) e não com a expressão nominal com função de objeto. Consideramos que a diferença de interpretação em (157 b.) e em (158 b.) se deverá justamente a este motivo e talvez ainda por os sujeitos das frases possuírem os traços +animado e –animado, respetivamente.

Uma observação marginal àquilo que temos vindo a referir, mas cuja análise é interessante por poder alterar este estado de coisas, relaciona-se com a introdução de outro adjetivo que se possa aplicar ao nome. Para observação, utilizem-se as seguintes frases com a transformação proposta por Demonte (1999):

- (159) a. Uma caminhada diária ininterrupta/rápida faz bem à saúde.
b. \nrightarrow Caminhar diariamente (*ininterrupta/ininterruptamente) faz bem à saúde.
c. \leftrightarrow Caminhar diariamente (*rápida/?rápido/rapidamente) faz bem à saúde.
- (160) a. Os médicos aconselham uma caminhada diária ininterrupta/diária.
b. \nrightarrow Os médicos aconselham caminhar diariamente (*ininterrupta/ininterruptamente).
c. $\leftrightarrow/\nrightarrow$ Os médicos aconselham caminhar diariamente (*rápida/?rápido/rapidamente).

Em primeiro lugar, os exemplos permitem-nos observar que o adjetivo introduzido tem forçosamente que ser também transformado em advérbio, a não ser que possa ser utilizado um adjetivo com função adverbial, como será o caso de *rápido* em (159 c.) e em (160 c.); em segundo lugar, parece que a implicação será possível, dependendo do novo adjetivo introduzido. Assim, com dois adjetivos aspetuais, um de duração contínua (*ininterrupta*) e outro sem duração como *rápida*, a interpretação alterar-se-á. Com o primeiro, embora o adjetivo *diária* se transforme em advérbio, não há implicação, pois este adjetivo de frequência, ao transformar-se em advérbio e com a adição de “ininterruptamente”, confere à frase uma duração contínua difícil de ser explicada. Em (160 c.) instala-se a ambiguidade na medida em que há adverbialização e implicação, mas pode haver outra interpretação se a prosódia for adequada: a de que os médicos aconselham que se comece a fazer caminhadas rapidamente.

Continuando com o comentário à proposta de Schäfer (2007), veja-se agora como se processa a conversão dos mesmos elementos gramaticais em frases com leitura adverbial. Segundo este autor, para que a transformação se efetue é requerida uma nominalização de agente, tendo uma frase como a do exemplo (154 a.), repetida e renumerada abaixo, a sua contrapartida em (154 b.), também repetida:

- (161) a. An occasional sailor strolled by.
- b. Occasionally, a sailor strolled by.

Em português, uma frase como a de (161 b.) não tem o mesmo significado que Schäfer (2007) lhe atribui. De facto, em português, na frase (161 a.), *occasional* atribuir-se-ia a *sailor* e em (161 b.), o advérbio modificaria *strolled by*.

Veja-se um exemplo do português para ilustrar a nossa discordância relativamente a esta proposta de Schäfer (2007):

- (162) a. Um manifestante apartidário ocasional agrediu um polícia.
- b. ~~↔~~ Ocasionalmente, um manifestante apartidário agrediu um polícia.
- c. ↔ Uma pessoa apartidária que se manifestou ocasionalmente agrediu um polícia.

Mais uma vez, observa-se que a versão a. do exemplo (162) tem uma leitura diferente da versão b. do mesmo exemplo, sendo este facto corroborado através do exemplo seguinte no qual é possível a presença do adjetivo e do advérbio, mostrando assim que, em posição inicial numa frase de leitura adverbial, o advérbio também não substitui o adjetivo:

(162) d. Ocasionalmente, um manifestante apartidário ocasional agrediu um polícia.

A versão c. do mesmo exemplo corresponde à proposta de Demonte (1999) que, com algumas transformações, dá conta da possibilidade de transformação dos elementos gramaticais em causa.

A exemplo do que fizemos para a leitura genérica, vamos proceder à mudança da função sintática da expressão nominal de sujeito para objeto, observável nos exemplos seguintes:

- (163) a. A Ana conheceu uma simpática costureira ocasional.
b. \nrightarrow Ocasionalmente, a Ana conheceu uma simpática costureira.
c. \leftrightarrow A Ana conheceu uma pessoa simpática que costura ocasionalmente.

Verifica-se, pois, que, quer na posição de sujeito quer na posição de objeto, feitas as necessárias alterações, é a proposta de Demonte (1999) que é válida para o português.

Importa referir ainda que os adjetivos introduzidos – *apartidário* e *simpática* - aplicados a indivíduos e não a situações – não exigem ser transformados em advérbios. A explicação para esse comportamento reside no facto de não serem adjetivos aspetuais como os que foram utilizados nos exemplos anteriores. Esta conclusão vai ao encontro da proposta de Demonte (1999), pois mostra assim a pertinência, contrariamente aos qualificativos e aos relacionais, em serem designados adjetivos adverbiais.

Cabe-nos referir que a proposta de Schäfer (2007) incide sobre os adjetivos de frequência. No entanto, nem a todos os adjetivos deste grupo é aplicável a propriedade da conversão em advérbio. No seu exemplo, é utilizado um adjetivo de baixa frequência – *an occasional sailor* -, mas, em português, outro adjetivo do mesmo subgrupo – *raro* – aplicado ao mesmo nome como em “um marinheiro raro”, não oferece a leitura

aspetual, mas qualificativa. Por outro lado, o adjetivo *ocasional* nem sempre se aplica a nomes que denotam profissões, pois, pelo menos aplicado a estas, mesmo que quem as possui tenha deixado de as exercer, continua a ser considerado detentor do título como “professor”, “juiz” ou “médico”. Confrontem-se os exemplos abaixo:

- (164) a. O dr. A. C. está reformado, mas exerce ocasionalmente a medicina na Ordem da Lapa.
b. *O dr. A. C. está reformado, mas é um médico ocasional.

Para concluir este ponto, podemos afirmar que a proposta de Schäfer (2007) não é totalmente adequada ao português, mostrando ser a de Demonte (1999) mais consistente. No entanto, há alguns fatores que impõem limites à generalização da transformação de adjetivo em advérbio, especialmente no que diz respeito à transformação do nome em verbo, pois há nomes que denotam situações para os quais não é possível fazer a conversão em verbo.

5.3. Adjetivos aspetuais massivos/contáveis

Os adverbiais de localização temporal e os de contagem são cruciais para se fazer a distinção entre adjetivos massivos e contáveis. Já defendemos neste trabalho, de acordo com Cunha *et al.* (2010) que os adjetivos qualificativos, a exemplo dos nomes e dos verbos (cf. Rothstein, 1999), podem ser massivos e contáveis. Aplicados os testes utilizados nessa circunstância aos adjetivos aspetuais (adverbial de contagem “x vezes” e adverbial de localização temporal do tipo “no ano passado”), verificámos que essa oposição pode não ser significativa nestes adjetivos. Observem-se os exemplos:

- (165) *O movimento da terra foi perpétuo três vezes / *no ano passado.
(166) *O emprego da Maria foi permanente três vezes / *no ano passado.
(167) *O cargo do João foi temporário três vezes / no ano passado.
(168) a. #O discurso do presidente foi longo três vezes.
b. O discurso do presidente foi longo no ano passado.
(169) a. #O concerto foi breve três vezes.
b. O concerto foi breve no ano passado.
(170) a. *A tristeza da Maria foi frequente três vezes.

b. A tristeza da Maria foi frequente no ano passado.

Os exemplos permitem-nos observar que, nas situações em que os adjetivos exprimem duração contínua não delimitada (cf. (165) e (166)) não há a presença, naturalmente, de adverbiais que delimitem o seu domínio e, quer com o verbo “ser” quer com o verbo “estar”, as frases são agramaticais, tratando-se, portanto, de adjetivos massivos. No que diz respeito aos exemplos (168 a.) e (169 a.), a interpretação não é a relevante, pois, quer “o discurso” quer “o concerto”, são situações diferentes em cada uma das vezes. Como o adjetivo *frequente* (cf. 170 a.) quantifica a situação, embora indeterminadamente, não pode admitir outro quantificador como “três vezes” e, por isso, a frase torna-se agramatical. Verifica-se, pois, que estes adjetivos aspetuais também não são indeterminados¹²⁰ (cf. Cunha *et al*, 2010), são predicados aos quais não se aplica qualquer uma destas propriedades.

Permitimo-nos então concluir que os adjetivos adverbiais aspetuais que exprimem duração contínua não delimitada podem ser massivos e àqueles que exprimem repetição de situações quer em períodos curtos ou longos e àqueles que não têm duração não se aplica a oposição massivo/contável.

No quadro seguinte pode ver-se uma síntese da investigação a que nos propusemos.

Tabela 5: Adjetivos massivos e contáveis

Adjetivos massivos	Adjetivos contáveis	Adjetivos indeterminados	Adjetivos aos quais não se aplica a distinção
Duração contínua não delimitada	Ø	Ø	Duração contínua delimitável Duração contínua delimitada Duração descontínua Sem duração

¹²⁰ Recorde-se que os adjetivos indeterminados no que diz respeito à distinção massivo/contável (cf. Cunha *et al*, 2010) reagem negativamente apenas a um dos verbos, (“ser”) mas admitiam, com o outro verbo, (“estar”) expressões de contagem e o localizador temporal.

Comparando as propriedades da faseabilidade e da massividade, parece haver, por um lado, um paralelismo entre não faseáveis e massivos; por outro lado, os adjetivos nos quais não se manifestam características massivas nem contáveis são neutros quanto à propriedade da faseabilidade.

6. CONCLUSÕES GERAIS SOBRE OS ADJETIVOS ADVERBIAIS ASPETUAIS

Neste capítulo, começamos por apresentar definições de adjetivos aspetuais segundo as perspectivas de vários autores, nomeadamente Demonte (1999) e Fiorin (2003), que entendem estar esta categoria relacionada com a estrutura temporal interna das situações, exatamente como já tinham proposto para as predicções em geral Oliveira (1994) e Lopes (1995).

Com base na distinção dos adjetivos aspetuais efetuada por Fiorin (2003), que os divide em adjetivos com duração contínua e descontínua, e sem duração, caracterizamos a duração e apresentamos a nossa proposta de divisão conforme mostra a tabela seguinte.

Tabela 6 – Adjetivos aspetuais

Com duração		Sem duração ¹²¹
Contínua	Descontínua	
Não delimitada	De iteração	
Delimitável	De habitualidade	
Delimitada	De frequência	

Apesar desta classificação, verificamos que, em determinadas circunstâncias, os adjetivos aspetuais transitam de um grupo para o outro, tendo sido apresentados como exemplos desta mudança o adjetivo *longo* e alguns adjetivos denominais.

¹²¹ Serve esta nota para lembrar que, embora estes adjetivos sejam concetualmente considerados sem duração, eles apresentam, mesmo assim, alguma duração.

Como se trata de adjetivos que determinam a duração e a frequência das situações, investigámos o tipo de predicados que constituem e observámos que apenas o grupo dos adjetivos de duração contínua não delimitada manifesta propriedades dos predicados de indivíduo porque todos os outros, embora não possuam todas as características típicas dos predicados de estágio, comportam-se como se o fossem, com exceção dos adjetivos que exprimem habitualidade cujas características que ostentam os distanciam quer dos predicados de indivíduo quer dos predicados de estágio. No que diz respeito à questão da faseabilidade, o comportamento não é muito diferente daquele que se verifica em relação à dicotomia predicado de indivíduo/predicado de estágio na medida em que aqueles que são considerados de indivíduo são não faseáveis e a todos os restantes não é aplicada a propriedade.

Como os estados não são télicos, apresentámos a proposta de Lefeuvre & Nicolas (2003) segundo a qual um adjetivo aspetual inserido numa expressão nominal télica pode modificar essa predicação, tornando-a atélica e mostrámos que, em português, um processo culminável se comporta, relativamente a esta questão, de forma diferente dos processos.

Os adverbiais temporais contribuem decisivamente para a identificação dos estados e para a distinção de tipos de estados e para outras operações de carácter aspetual. Assim, testámos, de acordo com as suas funções, a combinação das várias classes de adverbiais com adjetivos aspetuais. Observámos ainda as circunstâncias segundo as quais podemos considerar a conversão de um adjetivo aspetual em advérbio.

Finalmente, aplicámos os testes de Rothstein (1999) aos adjetivos aspetuais no sentido de verificar se podemos considerá-los massivos ou contáveis, tendo chegado à conclusão que, excetuando os adjetivos de duração contínua não delimitada, que são massivos, todos os outros nem são massivos nem contáveis.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

1. Classificações de adjetivos adverbiais

Como o título deste trabalho indica - *Para o estudo semântico dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais do Português Europeu* -, o nosso propósito consistiu na caracterização de algumas propriedades semânticas que definem estes tipos de adjetivos. A tarefa não foi fácil, pois, mesmo no interior de cada grupo, encontram-se diferenças substanciais para as quais nem sempre é possível encontrar uma explicação suficientemente convincente.

De forma a estabelecer as características gerais dos adjetivos que são objeto deste estudo, procurámos em primeiro lugar, apresentar as diferenças, nos planos sintático e léxico-sintático, existentes entre estes adjetivos e aqueles que fazem parte do conhecimento gramatical tradicional – os qualificativos e os relacionais. Não havendo na literatura muita informação sobre os adjetivos adverbiais, socorremo-nos do trabalho de Demonte (1999) que defende que os adjetivos temporais e os aspetuais não atribuem propriedades aos nomes, mas modificam, respetivamente, os aspetos temporais dos nomes e determinam a estrutura temporal da situação denotada pelo nome. Como ambos estes grupos estão intimamente relacionados com o tempo, tornou-se necessário fazer a distinção entre as funções desempenhadas por eles: a função da localização temporal das situações, no caso dos adjetivos temporais, e a função de medição da duração dos intervalos nos quais decorrem as situações, no caso dos adjetivos aspetuais. Verificámos, no entanto, que, tal como no domínio verbal em que há situações de articulação muito estreita entre os dois domínios, existem também adjetivos considerados temporais que, para além de exercerem a função da localização temporal, exprimem a duração das situações. Daí a emergência da proposta de uma nova classe que designámos como temporo-aspetuais.

Tanto no grupo dos adjetivos temporais como no dos aspetuais há diferenças notórias entre si: a localização temporal relativamente ao momento de enunciação ou ao

ponto de referência, no caso dos adjetivos temporais, e a duração e a frequência, no caso dos adjetivos aspetuais.

A nossa proposta de classificação dos adjetivos adverbiais¹²² é, portanto, a que mostra o esquema seguinte¹²³:

Tabela 1: Divisão de adjetivos adverbiais

TEMPORAIS	ASPETUAIS	TEMPORO- ASPETUAIS
Dêiticos Anafóricos Dêitico-anafóricos	Com duração contínua <ul style="list-style-type: none"> • Não delimitados • Delimitáveis • Delimitados 	
	Com duração descontínua <ul style="list-style-type: none"> • Iteração • Habitualidade • Frequência Alta Média Baixa 	
	Sem duração	

A Tabela 1 sistematiza a organização geral dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais e ainda os temporo-aspetuais. Nesta classificação proposta, as principais inovações dizem respeito a três pontos fundamentais:

- a existência de subdivisões no interior do grupo dos adjetivos de duração contínua segundo a ausência, a possibilidade de existência e a existência de fronteiras que delimitem as situações, levando, consequentemente, à classificação em não delimitados, delimitáveis e delimitados, respetivamente;

¹²² Não tomámos em consideração os adjetivos adverbiais modais e marcadores da intensão ou referenciais e ainda os circunstanciais espaciais e de modo (cf. Demonte, 1999), mas apenas os adverbiais temporais e os aspetuais, objeto de estudo deste trabalho.

¹²³ Para os temporais, inspirámo-nos em Demonte (1999), Borillo (2001) e Fiorin (2003); para os aspetuais, em Fiorin (2003).

- a existência de subdivisões no interior do grupo dos adjetivos de duração descontínua segundo a repetição em intervalos curtos ou longos (de iteração, de habitualidade, de frequência);
- A existência de um grupo que localiza as situações e simultaneamente marca a duração: a classe dos adjetivos temporo-aspetuais.

2. Caracterização dos adjetivos adverbiais temporais

Conforme mostra a Tabela 1, dividimos os adjetivos temporais segundo as relações que as situações modificadas por estes adjetivos mantêm com o momento de enunciação (função dêitica), podendo, por isso, ser localizadas no eixo temporal, ou segundo a relação que estabelecem com o ponto de referência (função anafórica). Acrescente-se que existem adjetivos temporais que podem exercer, sob determinadas condições, ambas as funções. Neste trabalho, analisámos alguns exemplares de cada grupo para verificar se os adjetivos pertencentes a estes conjuntos possuem as características que, no domínio sintático, definem os qualificativos e os relacionais, principalmente a posição relativamente ao nome, e ainda a participação ou não em estruturas predicativas e a graduabilidade. Investigámos também o seu comportamento face a fenómenos de intersectividade/subsectividade e de restrição e procurámos detetar regularidades nos tipos de nomes que modificam e nos determinantes que os acompanham. Para todas estas questões tentámos averiguar em que medida elas eram relevantes para as distinções semânticas entre estes adjetivos.

a. Demonte (1999) propõe que os adjetivos temporais se colocam aleatoriamente à esquerda ou à direita do nome sem que haja alteração no seu significado, chamando porém a atenção para casos excepcionais como são os de *antigo*, *velho* e *próximo* que, pospostos ao nome, adquirem outros significados. De facto, verificámos que a quase totalidade destes adjetivos, em função atributiva, admite as duas posições relativamente a qualquer tipo de nome, sendo, no entanto, excepcional, entre os adjetivos com função dêitica, o caso de *futuro*, pois é obrigatoriamente anteposto a nomes que refiram relações ou cargos (“futuro noivo”, “futuro presidente”), podendo ser posposto com outros tipos de nomes (“épocas futuras”, “casos futuros”) e o caso de *seguinte*, entre os adjetivos com função anafórica, exemplo de adjetivo que só ocorre em posposição ao

nome. No entanto, tivemos ocasião de referir que, relativamente a *antigo*, também em posição pós-nominal conservará a sua função de localizador temporal, se ocorrer em duas circunstâncias especiais: em situação de contraste (“a Roma antiga” vs. “a Roma atual”) ou combinado com nomes no plural que, de certa maneira, envolvam conjuntos de indivíduos que já não existam (“os povos antigos”, “as tribos antigas”). Por outro lado, anteposto ao nome, pode conservar o seu caráter qualificativo de idade (“A antiga cidade do Porto foi a cidade portuguesa com mais turistas no ano passado”). Foi-nos dado ainda observar que, contrariamente àquilo que Demonte (1999) propõe para o espanhol, quer anteposto ao nome quer posposto, o adjetivo *próximo* pode ser classificado como localizador temporal (cf. (1)) e como localizador espacial (cf. (2)). Os exemplos a seguir são elucidativos a esse respeito:

- (1) a. O próximo encontro dos dois clubes será decisivo.
- b. O Orçamento será discutido em novembro próximo.
- (2) a. Saio na próxima estação.
- b. A Ana vive numa cidade próxima do Porto.

No que à posição diz respeito, estes adjetivos mostram ter, efetivamente, a mobilidade dos qualificativos, podendo mudar o seu significado se mudar a posição, mas também, tal como em muitos destes, a sua leitura pode ser a mesma quer anteposto quer posposto aos nomes.

b. Verificámos ainda que a participação em estruturas predicativas é irregular: alguns ocorrem sem problemas nestas construções (*recente*, *próximo*); outros, ao participarem, alteram o seu significado (*moderno*, *antigo*), tendo, nesses casos, a leitura relevante de qualificativos ou de localizadores espaciais; outros ainda não aceitam essas estruturas (*futuro*, *passado*). Uns revelam, portanto, características dos qualificativos, outros assemelham-se aos relacionais.

c. Pelos exemplos observados, constatámos que, genericamente, apesar de não se esperar que um adjetivo adverbial temporal seja graduável, dado que é difícil conceber-se a localização temporal como passível de ser quantificada, aqueles que aceitam participar em construções predicativas são graduáveis e que, por este motivo, se colocam numa escala (cf. Kennedy & McNally, 2005). Porém, embora escalares, são

adjetivos de escala aberta. Neste aspeto, diferem dos qualificativos, pois, entre estes, existem adjetivos de escala aberta e de escala fechada.

d. Kennedy & McNally (2005) defendem que os adjetivos de escala fechada são absolutos (intersectivos) e que os de escala aberta são relativos (subsectivos). Ora, tendo concluído que os adjetivos temporais quando possuem estrutura de escala são de escala aberta, concluímos, tal como Bosque (2010), que estes adjetivos são não intersectivos. No entanto, mantemos uma ligeira discordância relativamente a este autor devido à sua proposta ser demasiado ampla e, consequentemente, pouco específica: apesar de não intersectivos, os adjetivos temporais modificam as situações de formas diferentes. Com efeito, a modificação está dependente dos nomes aos quais os adjetivos se aplicam e dos próprios adjetivos, havendo fatores de ordem lexical e de conhecimento do mundo, entre outros, a interferir na operação. Adaptando as propostas de Vidal (2004) e de Partee (2005) aos adjetivos adverbiais temporais, propomos que a modificação operada por estes adjetivos pode ser:

- o mesmo nome e adjetivos diferentes: privativa, subsectiva e evasiva;
- o mesmo adjetivo e nomes diferentes: variável conforme a direção para a qual a situação estiver projetada.¹²⁴

Vários autores, entre eles Demonte (1999), propõem para os adjetivos qualificativos que a modificação intersectiva e a modificação restritiva, embora sujeitas a algumas exceções, estão relacionadas na medida em que se os adjetivos estiverem antepostos, são não intersectivos. Como está convencionado tradicionalmente que os adjetivos antepostos são não restritivos, então haveria uma relação direta entre não restritivos e não intersectivos. A mesma autora acrescenta que, pospostos, podem ser intersectivos ou não intersectivos, pelo que se pode deduzir que, em posposição, quer sejam intersectivos ou não intersectivos, serão sempre restritivos.

No que diz respeito aos adjetivos adverbiais temporais, observámos que, de uma forma geral, se antepõem e se pospõem aos nomes, podendo modificar então restritiva

¹²⁴ Nos exemplos observados, verificámos que, com o adjetivo *recente*, que tipicamente projeta as situações para o passado, a modificação era subsectiva; já com o adjetivo *próximo*, que tipicamente projeta as situações para o futuro, podia ser, no caso de não estar assegurada a verdade da asserção, evasiva, ou subsectiva, no caso de a proposição ser considerada verdadeira.

ou não restritivamente. No entanto, encontramos alguns casos que revelam que esta generalização não pode ser aplicada. Trata-se de adjetivos, normalmente não predicativos, e que funcionam como um complemento. O exemplo seguinte ilustra esta conclusão:

- (3) a. As gerações vindouras vão ser muito sacrificadas.¹²⁵
b. As vindouras gerações vão ser muito sacrificadas.
c. *As gerações são vindouras.
d. *As gerações vão ser muito sacrificadas.

e. Seria de esperar que os adjetivos temporais modificassem apenas nomes com estrutura de evento na medida em que modificam temporalmente as situações. Apesar disso, estes adjetivos podem combinar-se com nomes que não possuem essa estrutura. Se se tomar como exemplo o nome “casa”, constatamos que existe um número razoável de adjetivos, geralmente não predicativos¹²⁶, que não se associam a este nome, mas, outros adaptam-se-lhe perfeitamente:

a minha *antiga* casa
a minha *futura* casa
a minha *próxima* casa
a minha casa *atual*

A maior parte destes adjetivos combina-se obviamente com nomes eventivos e, excetuando aqueles que se sobrepõem ao momento de enunciação, admitem modificar situações com nomes que refiram intervalos de tempo (cf. *dia*, *época*,...) assim como nomes que refiram cargos ou relações de parentesco.

f. As expressões nominais em posição de sujeito modificadas pelos adjetivos temporais em função dêitica rejeitam os indefinidos, exceto em expressões partitivas, que são por natureza específicas, e admitem os definidos, provando assim que as frases

¹²⁵ A oposição restrição/não restrição não está presente não só em adjetivos que referem posterioridade relativamente ao momento da enunciação mas também em anterioridade e em sobreposição com este momento.

¹²⁶ O adjetivo *recente* revela, mais uma vez, uma particularidade que o distingue dos outros. Com efeito, é possível, em posição predicativa, numa frase como “Esta casa é recente” mas, em posição atributiva, só com um advérbio de quantificação “A sua mais recente casa”/*A sua recente casa”.

só serão aceitáveis se essas expressões forem específicas. No entanto, em posição de complemento, com algumas exceções (cf. **“num corrente mês”* ou **“numa época presente”*), são admitidos os indefinidos. Se a expressão nominal estiver em posição de sujeito e com o adjetivo em função anafórica, o contraste definido/indefinido não difere substancialmente, mas há sempre a possibilidade de um indefinido poder ser aceite se houver uma expressão que funcione como ponto de referência. Se esse ponto puder ser localizado, qualquer um destes determinantes é permitido como mostra o seguinte exemplo (cf. (4) c.):

- (4) a. ?A jornada anterior foi fatal para a equipa.
- b. ??Uma jornada anterior foi fatal para a equipa.
- c. A/Uma jornada anterior à ida a Braga foi fatal para a equipa.

Convém referir que vários fatores poderão estar em jogo na seleção destes determinantes: a seleção do nome modificado (**“um dia/um ano/um mês anterior à ida a Braga”*), a oposição singular/plural (*“Uma jornada anterior à ida a Braga”*/**umas jornadas anteriores à ida a Braga”*), a vaguidade do complemento *vs.* conhecimento do mundo ?*“A jornada anterior foi fatal para a equipa.” vs. “A jornada anterior foi fatal para o Sporting.”*). Acrescente-se que os adjetivos que indicam anterioridade ou posterioridade relativamente ao momento de enunciação em expressões nominais com definidos localizam a situação num intervalo mais próximo deste momento e com indefinidos a situação fica mais afastada (cf. *“na época passada”*/**numa época passada”*).

3. Caracterização dos adjetivos aspetuais

Seguindo a proposta de Fiorin (2003), dividimos os adjetivos aspetuais segundo a duração, tendo procedido ainda à subdivisão de cada um dos grupos, como se pode observar na Tabela 1 e que se sintetiza a seguir:

- Adjetivos de duração contínua:
 - não delimitados (sem fronteira temporal inicial nem final);
 - delimitáveis (sem fronteiras, não especificados quanto à duração, mas recuperáveis contextualmente ou pelo conhecimento do mundo);
 - delimitados (com fronteira temporal inicial e final).

- Adjetivos de duração descontínua:
 - de iteratividade;
 - de habitualidade;
 - de frequência : baixa, média e alta.
- Adjetivos sem duração.

Estes adjetivos foram analisados segundo parâmetros diferentes dos adjetivos temporais, pois, atendendo à função de que se revestem, propriedades como as de serem predicados de indivíduo ou de estágio, de serem télicos ou atélicos, de serem massivos ou contáveis, revelaram ser mais relevantes para o seu estudo. No entanto, foi possível observar que os adjetivos aspetuais mostram possuir muitas características dos adjetivos qualificativos, como a mobilidade relativamente ao nome, a participação em estruturas predicativas e a graduabilidade. Demonte (1999) refere que, contrariamente às outras classes de adjetivos, estes não alteram o significado conforme a posição. Porém, em português, também estes, por extensão semântica ou retoricamente, podem ter leituras diferentes consoante a sua posição, como é o caso de *raro* em “um aluno raro”, que se classifica como qualificativo, de *permanente* em “empregado permanente” como classificador, e muitos outros.

a. Aspetualmente, os adjetivos constituem-se como predicados de estado podendo ser, consequentemente, de *individual level* (de indivíduo) ou de *stage level* (de estágio). Como se sabe, em línguas como o português e o espanhol, os predicados de indivíduo e de estágio estão associados ao verbo “ser” e ao verbo “estar”, respetivamente. Em português, os adjetivos aspetuais participam predominantemente em construções com o verbo “ser”¹²⁷ e, tendo sido aplicados os testes normalmente utilizados para a distinção predicado de indivíduo/predicado de estágio em construções estativas, verificámos que:

- apenas os adjetivos aspetuais de duração não delimitada (cf. *eterno*, *perpétuo*) revelam ser predicados de indivíduo;
- embora de duração descontínua, os adjetivos que exprimem habitualidade evidenciam propriedades de indivíduo, por serem mais estáveis, mas

¹²⁷ São raras as ocorrências de adjetivos adverbiais, sejam temporais ou aspetuais, que participem em construções com o verbo “estar”. Registámos *próximo* e *iminente* (temporais) e *intermitente* (aspetuais), embora admitamos a existência de outros.

reagem negativamente aos testes para predicados de indivíduo; por isso, colocámo-los numa zona intermédia entre indivíduo/estádio (cf. Tabela 1, Capítulo 4);

- apesar de as predicções envolverem o verbo “ser”, todos os outros adjetivos aspetuais revelam possuir propriedades de estágio dado que não apresentam propriedades estáveis; no entanto, os testes são inconclusivos a este respeito porque uns respondem afirmativamente a uns testes e negativamente a outros;

Assim, concluímos que:

- os adjetivos aspetuais provam que os critérios que permitem distinguir predicados de indivíduo/predicados de estágio precisam de ser revistos, sobretudo no que diz respeito à oposição “ser”/“estar”.

Como os predicados estativos podem ser faseáveis ou não faseáveis (cf. Cunha, 1998), verificámos que:

- apenas os adjetivos de duração não delimitada, caracterizados como predicados de indivíduo, revelam as características dos adjetivos não faseáveis;
- todos os outros inscrevem-se numa zona neutra, não demonstrando possuir as propriedades nem dos faseáveis nem dos não faseáveis.

b. Para além de expressões quantificacionais como “sempre que”, que exprimem a repetição de situações, provando assim que os predicados são de estágio, os adverbiais exercem um papel crucial na determinação do tipo de estados. Por consequência, apresentámos brevemente os três tipos de adverbiais temporais mais comuns na literatura (de localização, de medição e de contagem) para avaliar até que ponto os adjetivos aspetuais, com características variáveis de grupo para grupo, se combinam com eles, após o que verificámos:

- que numa predicação com estes adjetivos em função atributiva, a adjunção de adverbiais é possível;
- que em posição predicativa, a combinação é, por vezes, impossível e variável de grupo para grupo, porém, sistemática;
- que nenhum grupo permite adverbiais de contagem, uns por exprimirem duração, outros por, justamente, já serem de contagem, não se combinando também com adverbiais de duração “em x tempo” por não apresentarem propriedades eventivas;
- que os adjetivos de duração não delimitada não permitem nenhum adverbial; esta situação era, aliás, já esperada, dado tratar-se de predicados de indivíduo não faseáveis;
- que, excetuando os adjetivos de duração não delimitada, pelo motivo invocado acima, e os adjetivos sem duração, exatamente por não a terem, todos os outros permitem adverbiais de duração do tipo “durante x tempo”;
- que, excetuando os adjetivos de duração não delimitada, todos os outros se combinam com adverbiais de localização.

Vários autores propõem (cf. Giry-Schneider, 1997, Demonte, 1999; Bosque, 2010) que os adjetivos adverbiais se convertem em advérbios em *-mente*. Stump (1981) e Schäfer (2007) defendem que a adverbialização dos adjetivos de frequência está dependente das diversas leituras semânticas proporcionadas pelos nomes modificados. Como numa dessas leituras a proposta de Schäfer (2007) não era aceitável no português, procurámos analisar as circunstâncias nas quais os adjetivos de frequência, em particular, se convertem em advérbios. Recorde-se o exemplo de Bolinger (1967), utilizado por aquele autor:

(5) An occasional sailor strolled by.

Segundo Schäfer (2007), uma frase como esta, com um adjetivo de frequência modificando um nome de agente, oferecendo, por isso, uma leitura adverbial, implica:

(5') Occasionally, a sailor strolled by.

Em português, tal implicação não existe, pois, de acordo com Demonte (1999), a adverbialização com implicação só acontecerá com um advérbio de predicado, situação que não está presente em (5'). No entanto, embora considerando que a proposta de Demonte (1999) é pertinente, convém referir que alguns nomes não podem ser convertidos em verbos e, por isso, a adverbialização do adjetivo só será possível com uma transformação da frase que poderá provocar anomalia ou dar origem a diferentes interpretações, como mostra o exemplo a seguir:

(6) a. As frequentes aulas de apoio ajudam muito os alunos.

b. ?Apoiar frequentemente ajuda os alunos.

c. Dar/Ter aulas de apoio frequentemente ajuda os alunos.

c. A atelicidade é uma característica dos estados. Ora, apresentando os adjetivos as propriedades dos estados, as predicções nas quais se constituem como predicados são forçosamente atélicas. No entanto, seguindo Lefeuve & Nicolas (2003), também em português, adjetivos aspetuais como *diário* ou *ininterrupto* em frases nominais com nomes de processo podem alterar o perfil aspetual das predicções quanto à dicotomia télico/atélico. Para explicitar melhor o ponto de vista destes autores, observe-se o seguinte exemplo com o recurso a adverbiais temporais:

(6) a escrita do texto em 20 minutos/*durante 20 minutos

(6') a escrita ininterrupta do texto *em 20 minutos/durante 20 minutos

Contudo, consideramos que, em português, processos culmináveis (cf. Oliveira & Leal, 2008) se comportam de maneira diferente dos processos. Com efeito, numa construção de processo, como não há culminação, só é permitida a presença do adverbial de contagem “durante x tempo” e a introdução do adjetivo *ininterrupto* nessa

construção conserva-a inalterável, pois mantém-se a sua atelicidade; pelo contrário, uma predicação de processo culminável permite, como é natural, aquele adverbial e ainda o adverbial de contagem “em x tempo”, mas, ao introduzirmos nesta construção o mesmo adjetivo, já não é atingida a culminação, sendo permitida apenas a leitura de processo. Daí a proposta da designação de processos culmináveis apresentada por aqueles autores. Vejam-se os exemplos seguintes com um processo (cf. (7)) e com um processo culminável (cf. (8)):

(7) trabalho durante 2 meses/*em 2 meses

(7') trabalho ininterrupto durante 2 meses/*em 2 meses

(8) construção da casa durante 2 meses/em 2 meses

(8') construção ininterrupta da casa durante 2 meses/*em 2 meses

d. Outro aspeto que foi discutido neste trabalho foi o da possibilidade de os adjetivos aspetuais, tal como alguns qualificativos, serem contáveis. Rothstein (1999, 2004) defende que os adjetivos são massivos. Porém, aplicados os testes propostos por esta autora, já assumimos que entre os adjetivos qualificativos há adjetivos massivos, contáveis e não determinados quanto a esta oposição (cf. Cunha *et al.* 2010). Os dados revelaram-nos que os adjetivos aspetuais não se comportam como os qualificativos. Com efeito, apenas um grupo reduzido de adjetivos, os que exprimem duração não delimitada, revelaram ser massivos, tal como Rothstein (1999) propõe para os adjetivos em geral. Os restantes não são nem massivos nem contáveis. Também não são não determinados, pois, de acordo com aqueles autores, os adjetivos classificados como não determinados participavam em construções com “estar” e admitiam a expressão de contagem; ora, estes adjetivos aspetuais, ao contrário desses, reagem negativamente aos testes mesmo com esse verbo e com essa expressão.

e. Embora tenhamos agrupado os adjetivos aspetuais segundo a sua duração, verificámos que, excetuando os adjetivos de duração não delimitada, mesmo no interior de cada grupo, os intervalos podem ser curtos ou longos e que, conforme o nome modificado ou o conhecimento do mundo, os adjetivos aspetuais podem transitar de grupo para grupo.

Em consequência disso, analisámos as propriedades de um adjetivo que transita entre os grupos dos adjetivos de duração não delimitada e delimitável – *longo*. Vejam-se algumas das suas características:

- a mudança de posição relativamente ao nome não altera o seu significado;
- é predicativo, tal como os outros adjetivos de duração contínua;
- é graduável, contrariamente aos outros adjetivos de duração contínua;
- no Presente, com o verbo “ser” apresenta uma leitura aspetual e com o verbo “estar” uma leitura qualificativa, independentemente da posição; no entanto, a interpretação pode alterar-se conforme o tempo verbal utilizado;
- manifesta propriedades de estágio, contrariamente aos adjetivos de duração não delimitada;
- participa em construções com o Progressivo apenas na sua condição de adjetivo aspetual;
- na combinação com adverbiais temporais, comporta-se assistematicamente:
 - com os adverbiais de duração, assemelha-se aos adjetivos de duração não determinada e aos sem duração;
 - com os adverbiais de contagem, assemelha-se aos adjetivos de duração descontínua e aos sem duração;

- com os adverbiais de localização, assemelha-se aos adjetivos de duração delimitável e aos delimitados.

Os adjetivos denominais (cf. *diário*, *anual*, ...) foram também objeto da nossa atenção por várias ordens de razões:

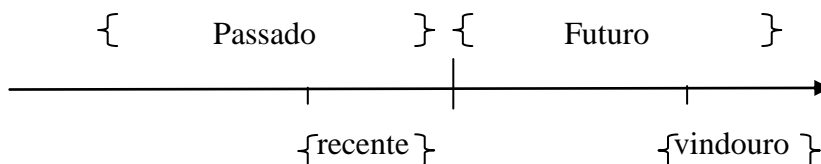
- por, devido ao nome com que se combinam, a mesma forma poder ser de duração delimitada e de duração descontínua (“cadeira semestral” vs. “publicação semestral”);
- por poderem acumular funções (em “contrato anual”, por exemplo, o adjetivo combinado com este nome pode exprimir duração, frequência e ter a propriedade de “ser válido por x tempo”);
- por, apesar de rejeitar os testes que validam os predicados de estágio, se poderem considerar predicados de estágio.

4. Adjetivos temporo-aspetuais

Sendo o Tempo concebido em geral como fazendo a localização relativa das situações, espera-se que os adjetivos temporais tenham idêntica função específica. Com efeito, assim é em muitos casos, sendo a propriedade de medição da duração associada fundamentalmente aos adjetivos aspetuais. No entanto, apesar de a duração ser considerada uma propriedade aspetual, esta combina-se por vezes com a localização temporal em vários domínios, como é o caso de alguns tempos verbais ou no caso de certos adverbiais. No Capítulo 3, defendemos que alguns adjetivos temporais podem exercer estas duas funções em concomitância. Referimo-nos evidentemente àqueles adjetivos temporais que, embora localizando as situações, fornecem também uma informação de carácter aspetual, pois indicam que essas situações têm duração.

Nem todos os adjetivos temporais revelam esta capacidade. Aqueles que referem datas precisas, como em “o próximo dia 21 de dezembro”, por exemplo, ajudam a localizar as situações num ponto exato de um intervalo, não apresentando duração. Convém salientar que, neste exemplo, não é o adjetivo que faz propriamente a localização, mas o nome; o adjetivo tem apenas a função de estabelecer relação com o momento de enunciação. Por outro lado, de uma forma geral, parece que todos os adjetivos têm duração, sobretudo aqueles que localizam de forma vaga e indeterminada.

A sua colocação no eixo temporal é enganadora, pois, como o tempo é constituído por intervalos subdivididos em pontos, parece que cada situação ocupa um intervalo com duração. Veja-se de novo a representação do eixo temporal:



Embora ocupem um grande intervalo e pareça que fazem duração, *passado* e *futuro* não a fazem diretamente, localizam apenas.

Referimos já que, em determinadas circunstâncias, são os nomes que fazem a localização; nesta questão da duração também, por vezes, são os nomes que contribuem para a determinação da duração. Veja-se um exemplo:

- (9) a. O João é um amigo recente da Sara (*ontem/desde o ano passado).
 b. Li uma crónica recente do Lobo Antunes (ontem/durante a tarde/*desde o ano passado)

Em (9 a.), o adjetivo parece ter duração, mas o que a indica é o nome “amigo”, pois a amizade é um nome que denota uma certa duração. Se excluirmos o adjetivo, o adverbial de medição temporal “desde o ano passado” adapta-se perfeitamente à frase sem necessitar dele. A outra frase, com o mesmo adjetivo, também parece ter duração, mas, neste caso, trata-se de um processo culminado, por ação de “ler uma crónica”, que influencia a predicação, permitindo o adverbial “durante x tempo”.

Uma questão se coloca: quais serão então os adjetivos temporais que apresentam também duração?

Veja-se um exemplo de um adjetivo que ilustra a bivalência que pretendemos demonstrar:

- (10) O atual papa é adepto das novas tecnologias.

Nesta frase, o momento de enunciação está incluído no intervalo da situação denotada pelo adjetivo *atual*, referindo este adjetivo uma situação que se localiza antes e

depois desse momento. Simultaneamente, o adjetivo indica que a situação é durativa, não tendo explícitas, neste caso, nem a fronteira inicial nem final. No entanto, é possível, de acordo com o conhecimento do mundo, recuperar a fronteira inicial, assemelhando-se, por isso, aos adjetivos de duração delimitável. Convém salientar que o nome só indiretamente é que intervém na determinação da duração porque não se trata aqui da duração do indivíduo que é papa, mas da duração do seu mandato como papa.

Não se pense, porém, que é o facto de o momento de enunciação estar incluído na situação que determina se um adjetivo tem duração. O exemplo seguinte apresenta um adjetivo que não inclui esse momento e, no entanto, tem duração:

(10) Camões foi contemporâneo do rei D. Sebastião.

Também neste caso, não são os nomes que marcam a duração, mas o período, definido por *contemporâneo*, que a determina e que, tal como os adjetivos de duração contínua delimitável, pode ter fronteira temporal inicial e final. Este exemplo revela-se, aliás, muito relevante para a proposta que temos vindo a defender, pois, neste caso, o adjetivo apresenta apenas a propriedade da duração porque na predicação, na verdade, o elemento que faz a localização temporal é o verbo.

5. Perspetivas para trabalhos a desenvolver

Consideramos que os adjetivos temporais e aspetuais constituem um tema muito vasto de que este trabalho constitui apenas a sua fase inicial. Temos consciência de que alguns aspetos merecem ser aprofundados entre os quais se destacam:

- **Localização temporal** – alguns adjetivos temporais não fazem localização, apenas reforçam o carácter temporal do nome ao qual se associam (“casar no domingo” vs. “casar no próximo domingo”), tornando-se, pois, necessário investigar os tipos de nomes modificados e ainda a articulação entre o nome e o determinante seleccionado.
- **Caracterização aspetual** – na análise do comportamento dos adjetivos aspetuais, verificou-se que os critérios que presidem à determinação dos

predicados estativos precisam de ser revistos, pois estes adjetivos, na sua quase totalidade, constituem-se como predicados de estágio e, no entanto, admitem o verbo “ser” nas predicções.

BIBLIOGRAFIA

- Abeillé & Godard (1999), “La place de l'adjectif épithète en français: le poids des mots”, *Recherches Linguistiques*, 28, pp. 9-31.
- Balogh, Péter (2001), “La manifestation du temps dans les catégories grammaticales du français et les adjectifs temporels” in *Revue d'Études Françaises*, n° 6, pp. 30 – 35.
- Balogh, Péter (2006), “Vers une typologie des adjectifs temporels” in *Linguisticae Investigaciones*, vol. 29, n° 2.
- Basílio, Margarida e Léa Gamarski (1999), “Adjetivos denominais no português falado”, in M. H. M. Neves (org.), *Gramática do Português Falado*, S. Paulo: Unicamp, vol.VII.
- Bennet, M. & Partee, B. (1978), *Toward the Logico f Tense and Aspect in English*, Bloomington: Indiana University Club.
- Binnick, R.I. (1989), *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect*, New York: Oxford University Press.
- Bolinger, Dwight (1967), “Adjectives in English: Attribution and Predication” in *Lingua*, 18, 1-34.
- Borilo, Andrée (2001), “Quelques adjectifs de référence temporelle du français” in *Cahiers de Grammaire 26, Sémantique et Discours*, pp. 37-53.
- Bosque, I. (1993), “Sobre las diferencias entre los adjetivos relacionales y los calificativos”, in *Revista Argentina de Lingüística*, 9, 9-48.
- Bosque, I. y C. Picallo (1996), “Postnominal Adjectives in Spanish DPs”, in *Journal of Linguistics*, 32, 349-385.
- Bosque, I. (1999), “El Sintagma Adjetival. Modificadores y Complementos” in Bosque, I. & Violeta Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa Calpe, pp. 217-310.
- Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (orgs.) (1999), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Real Academia Española.
- Bosque, Ignacio (2002), *Las Categorías Gramaticales*, Madrid: Editorial Síntesis, 6ª ed.
- Bosque, Ignacio (2010), *Nueva gramática de la lengua española*, Real Academia Española, Espasa Libros, 2ª ed.
- Bouchard, Denis (2002), *Adjectives, Number and Interfaces – Why Languages Vary*, Amsterdam: North-Holland.
- Brito, Ana Maria & Fátima Oliveira (1997), “Nominalization, Aspect and Argument

- Structure” in Matos, Gabriela *et al* (eds.), in *Interfaces in Linguistic Theory*, Porto: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri.
- Brito, Ana Maria (2003), “O sintagma adjectival” in Mateus, M. H. *et alia*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 5ª ed., revista e aumentada, pp. 370 – 390.
- Bunt, H. (1985), *Mass Terms and Model-Theoretic Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Carlson, Greg (1977), *Reference to kinds in English*, PhD dissertation, University of Massachusetts-Amherst.
- Carlson, Greg & Pelletier, Francis J. (1995), *The Generic Book*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Casteleiro, João Malaca (1981), *Sintaxe Transformacional do Adjetivo – Regência das Construções Completivas*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Castells, Sergi Torner (2009), *De los Adjetivos Calificativos a los Adverbios en –mente: semántica y gramática*, Madrid: Visor Libros.
- CETEMPúblico, consultado em <http://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pt>
- Chierchia, Gennaro and Sally McConnell-Ginet (1990), *Meaning and Grammar : An Introduction to Semantics*, Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chierchia, G. (1995), “Individual-Level Predicates as Inherent Generics” in *The Generic Book*, G. Carlson F. Pelletier (eds.), Chicago: The Chicago University Press.
- Corpus Vercial, consultado em www.linguateca.pt/acesso/desc_corpus.php?corpus=VERCIAL
- Costa, Ana & João Costa (2001), *O que é um advérbio?*, Lisboa: Colibri.
- Costa, João (2008), *O Advérbio em Português Europeu*, Lisboa: Edições Colibri.
- Cunha, Celso e Lindley Cintra (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Cunha, L. F. (1998) *As Construções com Progressivo no Português: Uma Abordagem Semântica*, Dissertação de Mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Cunha, Luís Filipe & Idalina Ferreira (2003), “Tipologia de Adjetivos e Construções Predicativas com *Ser* e *Estar* em Português Europeu” in *Atas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 421-432. da Universidade do Porto.

- Cunha, L. F. (2006), “Frequência Vs Habitualidade: distinções e Convergências” in *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*, Milka Villayande Llamazares (ed.), León, publicação eletrónica em <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas.htm>.
- Cunha, L. F. (2006), “Iteração, Frequência e Habitualidade: Algumas Reflexões” in *Actas del VII Congr s de Lingüística General, Barcelona*, Departament de Lingüística General, Universidade de Barcelona.
- Cunha, L. F. (2007), “Algumas propriedades semânticas da classe aspetual dos pontos” in *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, 5, nº 8.~
- Cunha, L. F. (2007), *Semântica das Predicações Estativas para uma Caracterização Aspetual dos Estados*, Munique, Lincom Gmbtt.
- Cunha, Luís Filipe, Idalina Ferreira & António Leal (2010), “A distinção massivo/contável no domínio adjetival: o caso das construções predicativas com adjetivos” in *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística Textos Seleccionados*, Porto, pp. 385-408.
- De Miguel, E. (1999), “El Aspetto Léxico” in I. Bosque & V. Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa Calpe, pp. 2971-3060.
- Demonte, V. (1982), “El falso problema de la posición del adjetivo: Dos análisis semánticos”. *Boletín de la Real Academia Española*, Tomo LXII; 453-485.
- Demonte, V. (1999), “El adjetivo: Classes y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal” in I. Bosque & V. Demonte (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid: Espasa Calpe, 129-215.
- Demonte, V. (2008), “Meaning-form correlations and adjective position in Spanish” in McNally, Louise & C. Kennedy (eds.), *Adjectives and Adverbs*, Oxford: OUP, 71-100.
- Dicionário Terminológico*, consultado em <http://dt.dgidec.min-edu.pt/>
- Dixon, R. M. W. (1977), “Where Have All the Adjectives Gone?” in *Studies in Language* 1:1. Amsterdam: John Benjamins, pp. 19-80.
- Dixon, R. M. W. & Alexandra Y. Aikhenvald (eds.) (2006), *Adjective Classes A Cross-linguistic Typology*, Oxford: OUP.
- Dowty, David (1979), *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht: Reidel.
- Dowty, David (1986), “The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics”, in *Linguistics and Philosophy*, Volume 9, 1,

- D. Reidel Publishing Company, 17-62.
- Duarte, I. & Fátima Oliveira (2010), “Participios resultativos” in *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, pp. 397-408.
- Eguren Luis & Antonio Fábregas (2006), “El Orden de los Ordinales” in Milka Villayandre Llamazares (ed.), *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*, León: Universidad de León, pp. 448-463.
- Embick, D. (2004), “On the Structure of Resultative Predicates in English”, in *Linguistic Inquiry*, 35 (3), pp. 355-392.
- Escandell-Vidal, M. Victoria & Manuel Leonetti (2002), “Coercion and the Stage/Individual distinction” in *From Words to Discourse*, New York/Amsterdam Elsevier, pp. 159-179.
- Escandell-Vidal, M. Victoria (2004), *Fundamentos de Semántica Composicional*, Barcelona: Ariel.
- Ferreira, Aurélio B. de Holanda (1986), *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ª ed., revista e aumentada.
- Ferreira, Idalina (1996), *O Tempo nas Construções Condicionais*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fiorin, José Luiz (2003), “Adjetivos Temporais e Espaciais” in *Gramática do Português Falado Vol. VIII: Novos estudos descritivos*, Abaurre M. B. M. e Ângela C. S. Rodrigues (orgs.), Editora Unicamp, pp. 59-81.
- Foltran, Maria José (2010), “A Alternância entre Adjetivos e Advérbios como Modificadores de Indivíduos e de Eventos”, in *Letras*, vol. 81, pp. 157-176.
- Fonseca, Joaquim (1994), *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto: Porto Editora.
- François, J. (2005), *L'Adjectif en Français et à Travers les Langues*, Caen: PUC.
- Galvéz, Rafael Marín (2000), *El Componente Aspectual de la predication*, Barcelona: tese de doutoramento.
- Giry-Schneider, Jacqueline (1997), “Sur quoi peut porter un adjectif épithète? L'expression du temps et de l'aspect dans les groupes nominaux” in *Langages*, vol. 31, n° 126, pp. 11-38.
- Giry-Schneider, Jacqueline (2005), “Les adjectifs intensifs: syntaxe et sémantique” in *Cahiers de lexicologie*, 86, 163-178.
- Gramática do Português Falado, vol. VIII: Novos estudos descritivos* (2003), Abaurre,

- M. B. M. e Ângela C. S. Rodrigues (orgs.), Editora Unicamp.
- Gross, G. (1996), “Prédicats nominaux et compabilité aspectuelle” in *Langages* 121.
- Hofherr; Patricia Cabredo & Ora Matushansky (eds.) (2005), *L’Adjectif*, Vincennes: PUV.
- Huddleston, Rodney (1984) *Introduction to the Grammar of English*, Cambridge Textbooks in English, Cambridge University Press.
- Kamp, Hans (1975) “Two theories about adjectives” in Keenan, Edward, *Formal Semantics of Natural Language*, Cambridge University Press.
- Kamp, H. and U. Reyle (1993), *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Keenan, E. L. and L.M.Faltz (1980), “A New Approach to Quantification in Natural Language”, in C. Rohrer (org.), *Time, Tense and Quantifiers. Proceedings of the Stuttgart Conference on the Logic of tense and Quantification*, Niemeyer, Tubingen.
- Kennedy, Ch. and L. McNally (2005), “Scale Structure, Degree Modification and the Semantics of Gradable Predicates” in *Language* 81:2, pp. 345-381.
- Kennedy, C. & B. Levin (2008), “Measure of change: The adjectival core of degree achievements” in *Adjectives and Adverbs*, Oxford University Press, pp. 156-182.
- Kleiber, Georges (1994), “L’opposition *Massif/Comptable* et les adjectifs” in *Nominales. Essais de Sémantique Référentielle*, Paris: Armand Colin éditeur, pp. 29-47.
- König, Ekkehard (1971), *Adjectival Constructions in English and German A Contrastive Analysis*, Heidelberg: J. G. Verlag.
- Kratzer, Angelika (1995), “Stage-Level and Individual-Level Predicates” in Carlson & Pelletier, eds. (1995), 125-215.
- L’adjectif en français et à travers les langues* (2004), François, J. (dir.), Presses Universitaires de Caen.
- Langue Française* “L’adjectif sans qualité(s)” (2002), Schnedecker, C. (org.), Larousse.
- Larson, Richard K. (1998), “Events and modification in nominals” in *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory (SALT) VIII*. CLC Publications, Devon Strolovitch and Aaron Lawson, eds, Ithaca, NY, 145-168.
- Larson, Richard K. (1999), *Semantics of adjectival modification*, Lectures presented at the Dutch National Graduate School (LOT Winter School), Amsterdam.
- Leal, António & Fátima Oliveira (2008), “Subtipos de verbos de movimento e classes

- aspetuais” in *Textos Seleccionados, XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 287-298.
- Leal, António (2009), *Semântica aspetual e nominal Contributo das expressões nominais para a construção aspetual das frases*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Leal, António, Idalina Ferreira & Luís Filipe Cunha “Algumas Reflexões sobre Escalaridade e *Degree Achievements* em Português Europeu”, in Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (orgs.), *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, Outubro de 2011: pp. 316-324.
- Lefeuve, F. & Nicolas, D (2003), “La phrase nominale existentielle et la distinction telique/atelique”, in *Revue de Sémantique et Pragmatique*, 14.
- Levi, Judith N. (1978), *The Syntax and Semantics of complex nominals*, New York: Academic Press.
- L’information grammatical* 58, (1993), Paris.
- L’Information Grammaticale* 88, (2001), Paris.
- Lopes, A. C. Macário (1995), “Tempo, Aspeto e Coesão Discursiva”, in *Atas do XI Encontro da APL*, vol. III, Lisboa, pp. 351-371.
- Marengo, Sébastien (2005), *Les adjectives intensifs et la fonction attributive*, consultado em www.scribd.com/doc/36103821/28-Marengo.
- Marengo, Sébastien & Jean-Marcel Léard (2005), “Ni qualificatifs ni relationnels: la place des adjectives référentiels au sein d’une classification sémantique globale” in *Cahiers de lexicologie*, 86, 227-238.
- Mateus, M. H. *et alia* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 5ª ed., revista e aumentada.
- Matos, Sérgio (1999), *Adverbiais de Tempo em Português Contemporâneo: Forma e Significação*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- McNally, L. & Gemma Boleda (2004), “Relational adjectives as properties of kinds” in *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics* 5, O. Bonami & Cabredo Hofherr (eds.), pp. 179-196.
- McNally, Louise & C. Kennedy(eds.) (2008), *Adjectives and Adverbs*, Oxford: OUP.
- McNally, Louise, to appear. [Modification](#). M. Aloni & P. Dekker (eds.) Cambridge Handbook of Semantics. Cambridge: Cambridge University Press.

- Mendes, Sara (2009), *Syntax and Semantics of Adjectives in Portuguese – Analysis and Modelling*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Mérillou, Catherine (org.) (2005), *Intensité, Comparaison, Degré – 2*, Rennes: PUR.
- Miguel, Matilde (2004), *O Sintagma Nominal em Português Europeu: Posições de Sujeito*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Milner, J.-C. (1967), “Esquisse à propos d’une classe limitée d’adjectifs en français moderne”, in *MIT Quarterly Progress Report* 84, pp. 275-285.
- Moens, Marc (1987), *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Dissertação de Doutoramento, Edimburgo.
- Moens, M. & Steedman, M. (1988), “Temporal Ontology and Temporal Reference” in *Computational Linguistics*, vol. 14, nº 2, p. 15-28.
- Móia, Telmo (1992), *Sobre Classes Semânticas de Adjectivos*, Cadernos de Semântica 7, FLUL.
- Móia, Telmo (1999), *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Noailly, Michèle (1999), *L’Adjectif en Français*, Gap, Ophrys.
- Nouveau Petit Le Robert* 1 (1993), Paris, nova edição revista e aumentada.
- Oliveira, F. (1985), “O Futuro em Português: alguns aspetos temporais e / ou modais”, in *Atas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 353-374.
- Oliveira, F. (1986), “Algumas considerações acerca do Pretérito Imperfeito”, in *Atas do 1.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 78-96.
- Oliveira, Fátima (1992), “Algumas Questões sobre Tempo e Aspeto” in *Cadernos de Semântica*, nº 9.
- Oliveira, Fátima (1994), “Algumas Peculiaridades do Aspeto em Português” in *Atas do Congresso Internacional sobre o Português*, Volume II, Lisboa: APLL/Colibri, 151-190.
- Oliveira, F. (1998), “Algumas Questões Semânticas acerca da Sequência de Tempos em Português”, in *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas Modernas*, XV, Porto, 421-436.
- Oliveira, F. (2003), “Tempo e Aspecto”, in Mateus, M. H.; A. Brito; I. Duarte and I. Faria (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho, 5ª edição,

- revista e aumentada, cap. 6, 127-178.
- Oliveira, F. (2004), “O Imperfeito e o Tempo dos Indivíduos”, in Oliveira, F. and I. M. Duarte (orgs) *Da Língua e do Discurso*, Campo das Letras, col. Campo da Linguística, 505 – 528.
- Oliveira, F. and A. C. M. Lopes (1995), “Tense and Aspect in Portuguese”, in Thieroff, R. (ed). *Tense Systems in European Languages II*, Tübinga: Max Niemeyer Verlag, 95-115.
- Oliveira, Fátima & L. F. Cunha (2010), “Tipos de genéricas” in *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados 2010*, Porto.
- Partee, Barbara (1995), “Lexical semantics and compositionality” in *An Invitation to Cognitive Science (Second Edition). Volume 1: Language, Studies in presupposition*, Lila Gleitman and Mark Liberman (eds.), Cambridge: MIT Press, pp 311-360.
- Partee, Barbara H. (2001), “Privative adjectives: subsective plus coercion”, in *Presuppositions and Discourse: Essays offered to Hans Kamp*, Bauerle, R. et al (eds.), Bingley, UK: Emerald Group Publishing, pp. 273-285.
- Partee, Barbara H. (2003) “Are there privative adjectives?” (2003), *Conference on Philosophy of Terry Parson*, consultado em www.semanticsarchive.net/Archive/TFINWizO/AreTherePrivarives.pdf
- Partee, Barbara H. (2007), “Compositionality and coercion in semantics: The dynamics of adjective meaning” in *Cognitive Foundations of Interpretation Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences*, pp. 145-161.
- Picallo, Carme (2002). L'adjectiu i el sintagma adjectival. In Joan Solà, ed., *Gramàtica del català*.
- Porroche, M. (1988), *Ser, estar y verbos de cambio*, Madrid: Arco/Libros.
- Pullum, Geoffrey & Rodney Huddleston (2002), “Adjectives and Adverbs” in Huddleston, Rodney & Geoffrey Pullum (eds.), *The Cambridge grammar of the English Language*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 525-595.
- Quirk, R., Greenbaum, S., Leech, G., & Svartvik, J. (1985), *A Comprehensive Grammar of the English Language*, London: Longman.
- Reichenbach, H. (1947), *Elements of Symbolic Logic*, London: Macmillan.
- Riegel, M. (2005), “Une ancienne chapelle, un pur mensonge, un vague diplôme: ou quand un simple adjective modalise le rapport de la designation nominale” in *Cahiers de Lexicologie*, 1, pp. 105-129.
- Rio-Torto, Graça (2006), “Para uma gramática do adjetivo” in *Alfa*, 50 (2), pp. 103-129,

São Paulo.

- Romero, Clara (2005), “Les adjectifs intensifs” in Jacques François (ed.), *L’adjectif en français et à travers les langues. Actes du colloque international de Caen (28-30 juin 2001)*, Caen, Presses Universitaires de Caen, 449-462.
- Rothstein, Susane (1999), “Fine-Grained Structure in the Eventuality Domain: the Semantics of Predicative Adjective Phrases and Be”. In *Natural Language Semantics*, Vol. 7, N° 4: pp. 347-420.
- Rothstein, Susan (2004), *Structuring Events: a Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Oxford, Blackwell Publishing Ltd.
- Salles, Mathilde (2001), “Hypothèse d’un continuum entre les adjectives «modaux» et les adjectives qualificatifs”, in *L’Information Grammaticale*, 88, Paris, pp. 23-27.
- Salles, Mathilde (2004), “Adjectifs «modaux» et adjectives qualificatifs in *L’adjectif en français et à travers les langues*, François, J. (dir.), Presses Universitaires de Caen, pp. 463-473.
- Schäfer, Roland (2007), “On frequency adjectives” in *Proceedings of Sinn und Bedeutung 11*, Waldmüller, Estela Puig (ed.), Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, pp. 555-567.
- Schmidt, Reinhard (1972), *L’adjectif de relation en français, italien, anglais et allemand*, Göppingen: Verlag.
- Schnedecker, Catherine (2002), “Présentation: les adjectives “inclassables”, des adjectives du troisième type?” in *Langue Française* “L’adjectif sans qualité(s), Schnedecker, C. (org.), Larousse, pp 3-19.
- Siegel, Muffy E.A. (1976 b.), *Capturing the Adjective*, University of Massachusetts: Ph.D. dissertation.
- Silva, F. & I. Ferreira (2008), “Modificação adjetival em diversos tipos de anáfora” in *Actas del XXXVII Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL)*, Pamplona, pp. 785-796.
- Silvano, Purificação (2002), *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas*, Dissertação de Mestrado, Braga, Universidade do Minho
- Silvano, Purificação (2010), *Temporal and Rhetorical Relations: the Semantics of Sentences with Adverbial Subordination in European Portuguese*, Dissertação Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Stump, Gregory (1981), “The interpretation of frequency adjectives” in *Linguistics an*

Philosophy, 5, pp. 221-25.

Truswell, Robert (2005), “Non-restrictive Adjective Interpretation and Association with Focus” in Richard Ashdowne and Thomas Finbow (eds.), *Oxford Working Papers in Linguistics, Phonetics and Philology*, vol. 9:133-154.

Vendler, Z. (1967), “Verbs and Times”, in *Linguistics in Philosophy*, 4, Cornell University Press: Ithaca, New York, 97-121.

Vidal, M. Victoria Escandell (2004), *Fundamentos de Semántica Composicional*, Barcelona: Ariel.

Wachowicz, Teresa Cristina (2006), “Marcas Lingüísticas de Iteratividade em PB, in *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*.

Waugh, Linda (1976), “The semantics and paradigmatics of word order”, in *Language*, 52, nº1, pp. 82-107.

Zierer, Ernesto (1974), *The Qualifying Adjective in Spanish*, Paris: Mouton.